

**FUNDAÇÃO GETULIO VARGAS
ESCOLA BRASILEIRA DE ADMINISTRAÇÃO PÚBLICA E DE EMPRESAS
CENTRO DE FORMAÇÃO ACADÊMICA E PESQUISA
CURSO DE MESTRADO EM ADMINISTRAÇÃO PÚBLICA**

**INCLUSÃO SOCIAL E ATIVIDADES
CULTURAIS: O CENTRO CULTURAL
BANCO DO BRASIL NO RIO DE JANEIRO .**

DISSERTAÇÃO APRESENTADA À ESCOLA BRASILEIRA DE ADMINISTRAÇÃO
PÚBLICA E DE EMPRESAS PARA OBTENÇÃO DO GRAU DE MESTRE

RODOLFO MUANIS FERNANDES DE CASTRO
Rio de Janeiro - 2008

Ficha catalográfica elaborada pela Biblioteca Mario Henrique Simonsen/FGV

Castro, Rodolfo Muanis Fernandes de
Inclusão social e atividades culturais: o Centro Cultural Banco do Brasil no Rio de Janeiro / Rodolfo Muanis Fernandes de Castro
. – 2008.
205 f.

Dissertação (mestrado) – Escola Brasileira de Administração Pública e de Empresas, Centro de Formação Acadêmica e Pesquisa.

Orientador: Paulo Emílio Matos Martins.

Inclui bibliografia.

1. Inclusão social. 2. Isolamento social. 3. Política cultural. 4. Marketing cultural. 5. Centro Cultural Banco do Brasil. I. Martins, Paulo Emílio Matos. II. Escola Brasileira de Administração Pública e de Empresas. Centro de Formação Acadêmica e Pesquisa. III. Título.

CDD – 301.2

**FUNDAÇÃO GETULIO VARGAS
ESCOLA BRASILEIRA DE ADMINISTRAÇÃO PÚBLICA E DE EMPRESAS
CENTRO DE FORMAÇÃO ACADÊMICA E PESQUISA
CURSO DE MESTRADO EM ADMINISTRAÇÃO PÚBLICA**


TÍTULO

**INCLUSÃO SOCIAL E ATIVIDADES CULTURAIS: O CENTRO CULTURAL BANCO DO
BRASIL NORIO DE JANEIRO**

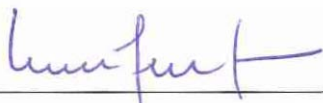
**DISSERTAÇÃO DE MESTRADO APRESENTADA POR:
RODOLFO MUANIS FERNANDES DE CASTRO**

E

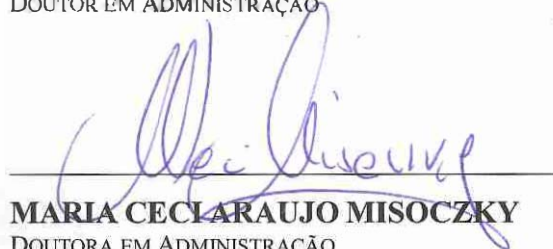
APROVADO EM 16/06/08
PELA COMISSÃO EXAMINADORA



PAULO EMÍLIO MATOS MARTINS
DOUTOR EM ADMINISTRAÇÃO



MARCELO MILANO FALCÃO VIEIRA
DOUTOR EM ADMINISTRAÇÃO



MARIA CECLARAUJO MISOCZKY
DOUTORA EM ADMINISTRAÇÃO

FUNDAÇÃO GETULIO VARGAS
ESCOLA BRASILEIRA DE ADMINISTRAÇÃO PÚBLICA E DE EMPRESAS
CENTRO DE FORMAÇÃO ACADÊMICA E PESQUISA
CURSO DE MESTRADO EM ADMINISTRAÇÃO PÚBLICA

INCLUSÃO SOCIAL E ATIVIDADES CULTURAIS:
O CENTRO CULTURAL BANCO DO BRASIL NO RIO DE JANEIRO

Dissertação apresentada à Escola
Brasileira de Administração Pública
para a obtenção do grau de Mestre
em Administração Pública

RODOLFO MUANIS FERNANDES DE CASTRO

Rio de Janeiro, 2008

RESUMO

Este estudo possui como objetivo investigar os benefícios promovidos à Inclusão Social por meio das atividades culturais realizadas num espaço cultural de grande relevância para a cidade do Rio de Janeiro. Para isto, o autor procurou aprofundar o entendimento sobre o conceito de exclusão/inclusão social no contexto urbano brasileiro, destacando ainda a realidade histórica do processo de urbanização da cidade. Posteriormente, por meio de uma pesquisa qualitativa foram consultados os arquivos documentais do espaço cultural objeto da pesquisa e investigados as visões de seus freqüentadores, curadores e gestores. Aos primeiros foram aplicados questionários com perguntas abertas e fechadas, e com os segundos e terceiros foram realizadas entrevistas, complementadas por uma pesquisa documental de suas opiniões disponíveis na mídia impressa. Este trabalho enquadra-se nas áreas de políticas públicas, marketing cultural e institucional, por apresentar exemplos de como as atividades culturais são ferramentas vitais no processo de inclusão social plena dos indivíduos na sociedade, demonstrando que muitas vezes iniciativas de marketing na área da cultura, podem resultar em benefícios para a sociedade, mesmo não sendo estes seus objetivos principais.

ABSTRACT

The aim of this study is to look into the benefits provided to social inclusion by cultural activities carried out in a cultural place with great seriousness at Rio de Janeiro. To accomplish that, the author attempt to deepen into the social exclusion/inclusion in brazilian urban context, spotlighting the historic reality of the urban process of the city. Afterwards, by means of a quality research, document files from the cultural spot were consulted and looked into the view of customers, trustees and managers. For customers were applied questionnaires with open and close questions, with trustees and managers were made interviews, and also a documentary research with opinions available in mass media. This study fits into public politics, cultural and institutional marketing, for presenting examples of how cultural activities are essential tools for completely social inclusion of people in community, demonstrating that often marketing enterprises in culture area can result in benefits for society, even no being these their main purposes.

AGRADECIMENTOS

À minha querida mãe *in memorian*, a qual tenho certeza que na eternidade ilumina meus
passos.

Ao meu querido Pai, que além do apoio filosófico, forneceu junto com a Capes a segurança
para que eu pudesse me dedicar com exclusividade ao desenvolvimento deste estudo.

Aos meus irmãos e suas famílias pelo constante apoio.

Aos meus amigos da turma do Mestrado em Administração Pública 2006 da FGV/EBAPE,
responsáveis pela rica e constante troca de conhecimentos.

À EBAPE/FGV e todo o seu corpo funcional e docente por ter-me proporcionado um
ambiente de excelência acadêmica.

Ao CCBB-RJ pela receptividade e abertura de seus arquivos para que eu pudesse realizar uma
rica pesquisa documental.

Carinhosamente para Camila Oliveira, que proporcionou inéditos momentos de felicidade,
quando caminhava para a conclusão de toda a pesquisa.

E a todos aqueles que direta, ou indiretamente, contribuíram para a realização desta
dissertação.

SUMÁRIO

LISTA DE QUADROS E FIGURAS:	7
1. O PROBLEMA	10
1.1. INTRODUÇÃO.....	10
1.2. OBJETIVOS.....	12
1.2.1. OBJETIVO FINAL.....	12
1.2.2. OBJETIVOS INTERMEDIÁRIOS.....	12
1.3. SUPOSIÇÕES.....	13
1.4. DELIMITAÇÃO DO ESTUDO.....	13
1.5. RELEVÂNCIA DO ESTUDO.....	15
2. REFERENCIAL TEÓRICO	17
2.1. COMPREENDENDO O CONCEITO DE INCLUSÃO SOCIAL.....	18
2.1.1. EXCLUSÃO SOCIAL.....	19
2.1.2. SUBJETIVIDADE E EXCLUSÃO.....	22
2.1.3. O ENFRENTAMENTO DA EXCLUSÃO.....	24
2.1.4. RECONCEITUANDO A EXCLUSÃO SOCIAL NO CONTEXTO URBANO BRASILEIRO.....	29
2.1.5. A EXCLUSÃO SOCIAL URBANA E SUA ORIGEM NA CIDADE DO RIO DE JANEIRO.....	39
2.2. CULTURA, POLÍTICA CULTURAL, CIDADANIA E IDENTIDADE.....	43
2.2.1. TEORIAS CONTEMPORÂNEAS SOBRE CULTURA.....	43
2.2.2. MULTICULTURALIDADE E INTERCULTURALIDADE.....	44
2.2.3. POLÍTICA CULTURAL E DESENVOLVIMENTO NO COMBATE À EXCLUSÃO.....	48
2.2.4. POLÍTICA CULTURAL, IDENTIDADE E DIVERSIDADE.....	52
2.2.5. LEI ROUANET E A POLÍTICA CULTURAL BRASILEIRA.....	54
2.3. INCLUSÃO SOCIAL POR MEIO DAS ARTES E DAS ATIVIDADES CULTURAIS E OS MECANISMOS DE ARTE-EDUCAÇÃO.....	64
2.4. AS ESTRATÉGIAS DE MARKETING CULTURAL E INSTITUCIONAL.....	68
2.4.1. ESTRATÉGIA.....	71
2.4.2. MARKETING INSTITUCIONAL E MARKETING CULTURAL.....	76
3. METODOLOGIA	79
3.1. TIPO DE PESQUISA.....	79
3.1.1. QUANTO AOS FINS.....	79
3.1.2. QUANTO AOS MEIOS.....	79

3.2.	UNIVERSO E AMOSTRA	80
3.3.	COLETA DE DADOS	81
3.4.	TRATAMENTO DOS DADOS	82
4.	RESULTADOS DA PESQUISA	86
4.1.	DADOS DOCUMENTAIS	86
4.1.1.	A HISTÓRIA E A ESTRUTURA DO CCBB	86
4.1.2.	A EVOLUÇÃO DAS ATIVIDADES CULTURAIS.....	97
4.1.3.	ANÁLISE MINUCIOSA DAS ATIVIDADES CULTURAIS SELECIONADAS	100
4.2.	A VISÃO DO PÚBLICO	131
4.3.	A VISÃO DOS CURADORES.....	149
4.4.	A VISÃO DOS GESTORES.....	151
4.5.	NÚMEROS IMPORTANTES.....	166
5.	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	168
6.	SUGESTÕES PARA NOVAS PESQUISAS	174
7.	REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	175
	ANEXO I – QUADROS DAS ATIVIDADES CULTURAIS REALIZADAS DE 2001 A 2007 NO CCBB-RJ (PERÍODO DESTA INVESTIGAÇÃO).....	184
	ANEXO II – QUESTIONÁRIO PÚBLICO	205

LISTA DE QUADROS E FIGURAS:

Quadro I – Níveis de Exclusão Social.....	31
Quadro II – Depurando os Níveis de Exclusão Social.....	35
Quadro III – O Conceito de Inclusão Social Plena.....	39 e 172
Quadro IV – Atividades Culturais Realizadas no Período 2001-2007 Por Segmento.....	97
Quadro V – Atividades Culturais Seleccionadas Para Análise Minuciosa.....	99
Quadro VI – Faixa Etária do Público Pesquisado.....	132
Quadro VII – Ocupação/Profissão do Público Pesquisado.....	133
Quadro VIII – Bairro/Cidade em que Reside o Público Pesquisado.....	134
Quadro IX – Questão 1: Com que frequência visita o CCBB?.....	135
Quadro X – Questão 2: O que mais motiva você a visitar o CCBB?.....	135
Quadro XI – Questão 3: O que você viu de mais marcante nos últimos 5 anos?.....	136
Quadro XII – Questão 4: Exposições sobre a identidade brasileira visitadas.....	137
Quadro XIII – Questão 5: Considera importante o espaço trabalhar a questão da identidade?.....	137
Quadro XIV – Questão 6: Alguma exposição mudou sua forma de se relacionar com o mundo?.....	139
Quadro XV – Questão 7: Atividades que expõem a exclusão melhora a relação entre as pessoas?.....	140
Quadro XVI – Questão 8: Você se interessa por este tipo de atividade cultural?.....	143
Quadro XVII – Questão 9: As atividades promovidas no CCBB promovem a inclusão social.....	143
Quadro XVIII – Questão 10: Você se considera excluído no Brasil?.....	146
Quadro XIX – Total de Visitas ao CCBB-RJ 2001-2007.....	166
Quadro XX – Total de Visitas à Biblioteca do CCBB-RJ 2001-2007.....	166

Quadro XXI – Total de Atendimentos do CCBB Educativo-RJ 2001-2007.....	167
Quadro XXII – Total de Visitantes nas Exposições Sobre Identidade.....	167
Figura 1 – Centro do Rio de Janeiro e arredores.....	40
Figura 2 – Arredores do centro do Rio de Janeiro.....	41
Figura 3 – O Corredor Cultural do Centro Rio de Janeiro.....	42
Figura 4 – A Estrutura Organizacional do Banco do Brasil.....	89
Figura 5 – Visita mediada pelo CCBB Educativo.....	93
Figura 6 – Visita mediada pelo CCBB Educativo.....	94
Figura 7 – Laboratório de artes do CCBB Educativo.....	94
Figura 8 – Evento de contação de histórias do CCBB Educativo.....	95
Figura 9 – Laboratório de artes do CCBB Educativo.....	95
Figura 10 – Laboratório de artes do CCBB Educativo.....	96
Figura 11 – Semana da Criança no CCBB Educativo.....	96

Acho que a literatura, tal como as artes plásticas e a música, é uma das grandes consolações da vida, e um dos modos de elevação do ser humano sobre a precariedade da sua condição.

(Carlos Drummond de Andrade)

1. O PROBLEMA

Apresentarei neste capítulo uma introdução ao problema pesquisado nesta dissertação, o objetivo final que pretendo esclarecer com esta pesquisa, os objetivos intermediários que permitirão este esclarecimento, as suposições a respeito do tema estudado, a delimitação deste estudo e a relevância da sua realização para a administração pública e de empresas.

1.1. INTRODUÇÃO

Seis dos sete maiores bancos brasileiros¹: Banco do Brasil, Caixa Econômica Federal, Itaú, Santander Banespa, Unibanco e Real ABN AMRO possuem uma característica peculiar em suas estratégias organizacionais, que é o patrocínio a atividades culturais por meio de seus centros culturais ou de instituições culturais das quais são patrocinadores institucionais. Dos sete maiores bancos brasileiros o único que neste aspecto apresenta uma estratégia diferenciada de ação é o Bradesco, que ao invés de manter um espaço cultural, possui uma Fundação com 40 escolas em 26 estados brasileiros e no Distrito Federal.

Dentre todos estes espaços culturais: Conjunto Cultural da CAIXA, Itaú Cultural, Instituto Moreira Salles que tem o Unibanco como patrocinador institucional, Santander Cultural e a Casa do Saber que possui como patrocinador institucional o Banco Real ABN AMRO; um dos espaços culturais de maior destaque no cenário artístico-cultural nacional é o Centro Cultural do Banco do Brasil (CCBB) no Rio de Janeiro, o primeiro a ser fundado, dentre os outros dois centros culturais mantidos pelo banco em São Paulo e Brasília.

A criação do primeiro CCBB, no Rio de Janeiro, data de 1989 e foi motivada pelo desejo do presidente do banco na época de dar um destino nobre ao prédio histórico da Rua Primeiro de Março no centro da cidade, onde já funcionavam o arquivo histórico e a biblioteca do banco. A constatação de que várias empresas e bancos privados investiam no

¹ Segundo a classificação do Banco Central do Brasil. Disponível em: <<http://www.bcb.gov.br/fis/TOP50/port/Top502006030P.asp>>. Acesso em: 30 de jun. 2006.

setor de cultura como parte da estratégia de marketing, contribuiu para que os gestores do banco desenvolvessem a idéia de que a cultura constituía um bom veículo de marketing institucional, reforçando propostas de criação do espaço cultural no famoso prédio (LEMOS , 1997).

Os gestores do banco acreditavam que essa idéia poderia promover a imagem da instituição e intensificar sua estratégia de marketing, o que resultaria numa maior visibilidade e aceitação no mercado. No fim da década de 80, os gestores já consideravam a cultura como um bom investimento, capaz de trazer retorno em termos de aumento do volume de negócios, na medida em que, ao amenizar e tornar mais simpática a imagem do banco, facilitava a aproximação deste com o cliente e, conseqüentemente, a venda dos produtos.

Passados 19 anos da criação do CCBB no Rio de Janeiro, o espaço é hoje referência nacional ao realizar exposições de artes gratuitas, debates sobre temas da atualidade, seminários, peças de teatro, exibição de filmes e atividades multiculturais abertas a todo perfil de público. Sua estratégia original de realização de marketing institucional hoje se amplia em virtude da dinâmica do mundo atual que exige das empresas a cada dia mais responsabilidade perante a sociedade. Responsabilidade social e inclusão social passam a ser temas freqüentes no dia-a-dia das empresas e, novamente, o CCBB pode se posicionar como parte da resposta a estes anseios. A própria criação dentro do espaço de um setor intitulado CCBB Educativo reforça esta posição. Este setor é responsável pelo desenvolvimento de diversas atividades de arte-educação que vão desde visitas mediadas as exposições em cartaz, como também realiza encontros especiais adaptados a grupos com necessidades especiais, atividades de contação de histórias para crianças e adultos, oficinas de arte e também palestras com educadores interessados no ensino da arte, com o objetivo de propor reflexões entre estes sobre a programação do CCBB. Logo, podemos imaginar que o desenvolvimento de atividades

culturais, embora seja uma ferramenta de marketing cultural da organização Banco do Brasil, pode ser também um mecanismo de inclusão social na sociedade brasileira.

Um pressuposto básico deste trabalho é acreditar que o mercado, no caso do estudo representado pelo Banco do Brasil, é capaz de promover ações que sejam de grande benefício para a sociedade dentro de suas atividades de marketing cultural, num processo de inclusão social plena. A arte, representada aqui pelas atividades culturais, quando acessível a todos, está acima de uma visão ideológica de direita ou de esquerda, de mercado ou não-mercado, e é na concepção deste estudo algo fundamental, capaz de proporcionar benefícios às pessoas em suas diversas camadas sociais.

Quais então, seriam os benefícios promovidos à Inclusão Social por meio das atividades culturais desenvolvidas no Centro Cultural do Banco do Brasil no Rio de Janeiro?

É esta a pergunta que este estudo se propõe a responder.

1.2. OBJETIVOS

1.2.1. OBJETIVO FINAL

Analisar os benefícios visando à Inclusão Social por meio das atividades culturais desenvolvidas no Centro Cultural do Banco do Brasil no Rio de Janeiro.

1.2.2. OBJETIVOS INTERMEDIÁRIOS

- Compreender os diversos aspectos inseridos no tema da exclusão/inclusão social;
- Levantar o perfil do público participante das atividades culturais realizadas no CCBB no Rio de Janeiro;

- Levantar as formas de divulgação das atividades culturais do CCBB no Rio de Janeiro;
- Analisar o aproveitamento do público participante das atividades culturais do CCBB no Rio de Janeiro e que influência estas são capazes de promover em suas vidas;
- Analisar se as atividades culturais do CCBB no Rio de Janeiro podem ser definidas como atividades de arte-educação ou são apenas realizações de marketing institucional e cultural;
- Investigar os objetivos estratégicos dos gestores e curadores das atividades culturais gratuitas do CCBB Rio de Janeiro.

1.3. SUPOSIÇÕES

A suposição inicial deste trabalho é a de que, por meio do desenvolvimento de atividades culturais, o Banco do Brasil promove a inclusão social e não apenas realiza marketing institucional e ou cultural, conforme o objetivo inicial de criação do CCBB. É necessário, porém, investigar o caráter das atividades desenvolvidas, a reação do público a estas e o intuito dos curadores e gestores do espaço para poder comprovar esta suposição. É de se questionar, também, se o público periférico, os excluídos, têm o seu interesse despertado para participar das atividades promovidas e até que ponto elas desenvolvem a capacidade crítica e de inclusão social destes indivíduos na sociedade.

1.4. DELIMITAÇÃO DO ESTUDO

Diversas atividades culturais são desenvolvidas no CCBB do Rio de Janeiro, umas gratuitas e outras com a cobrança de ingressos, desde a sua criação em 1989. O presente estudo irá se limitar a pesquisar a capacidade de inclusão social do público participante das

atividades culturais realizadas a partir do ano de 2001. Em levantamento inicial realizado em junho de 2007 foram identificadas mais de 2000 atividades culturais realizadas no espaço desde a data de inauguração do mesmo. Dentre estas foram selecionadas para uma pesquisa mais profunda 32 atividades que ocorreram entre 2001 e 2007 capazes de traçar um panorama da atuação do espaço em diversas áreas culturais envolvendo diferentes níveis sociais.

O conceito de inclusão social desenvolvido neste estudo está diretamente relacionado com algo que se inicia no desenvolvimento, por meio da arte (estando esta disponível nas atividades culturais gratuitas), de uma capacidade crítica do indivíduo para uma tomada de consciência de sua situação social, e posteriormente, tendo a arte como um fator motivador que o leve a realizar ações que desenvolvam condições para que este possa se incluir na sociedade de forma plena. A atividade cultural desenvolvida dentro do espaço é com certeza algo capaz de promover também vínculos globais e locais como observaremos mais adiante. É importante destacar também que não procurarei discutir aqui o que é ou não é arte, visto que a presente discussão não parece ter fim na atualidade. Utilizarei o termo atividade cultural por considerá-lo mais abrangente, embora muitas vezes em meu referencial teórico utilize pensadores que adotam o termo arte. Não podemos negar que a arte, apresentada na forma de atividade ou manifestação artística, é um subconjunto da atividade cultural, termo mais abrangente e que por isto é utilizado neste estudo. Podemos observar, por exemplo, que uma exposição de quadros de um pintor famoso é inegavelmente uma atividade cultural, e é também uma atividade artística. Já um debate desenvolvido sobre a obra do pintor é ainda uma atividade cultural, podendo, no entanto, não ser considerada por muitos como uma atividade artística.

Este estudo, também, estará restrito as atividades culturais realizadas no CCBB do Rio de Janeiro, embora muitas delas sejam reeditadas nos CCBB's de São Paulo e Brasília.

Destaco, também, que a política cultural, o desenvolvimento de atividades culturais gratuitas, os mecanismos de arte-educação, as leis de incentivo à cultura e as diversas políticas públicas que objetivam a inclusão social compõem um tema extremamente amplo que, certamente, não poderia ser abordado com profundidade em todos os seus aspectos neste trabalho que utilizará uma metodologia circunscrita a um espaço físico e temporal.

1.5. RELEVÂNCIA DO ESTUDO

Muito se fala nos dias de hoje sobre a ética e a responsabilidade social das empresas (BROWN 1993, SÁ, 1998, MOREIRA 1999 e SROUR 2000). Em um mundo onde a diferença entre ricos e miseráveis aumenta a cada dia, as empresas não podem mais ter como objetivo único o lucro. Uma série de outros fatores são também importantes e têm sido levados em consideração pelos clientes ao optarem pelo consumo de determinado produto ou serviço. No caso brasileiro, os bancos são identificados pela população como os grandes vilões, detentores de capital, acumuladores de riqueza e, de certa forma, responsáveis pela má distribuição de renda no país, o que desperta nestas organizações a necessidade de se assumirem como socialmente responsáveis, com o objetivo de responder a estas críticas da sociedade e até mesmo desenvolverem uma imagem positiva perante ela.

Vieira (2004, p. 136) destaca que “o sistema bancário privado não é grande fonte de recursos tributários, não distribui parte significativa dos resultados entre os funcionários e não promove ações sociais”. Afirma que este é, na verdade, “um reduto de alta concentração de renda, criada, principalmente, pelas abusivas taxas de juros e de serviços”. É com certeza, em resposta a estas críticas, que irão se inserir as atividades culturais promovidas pelos bancos, em especial, no caso, as realizadas pelo Banco Brasil que, por ser um banco estatal, tem ainda mais explícito o seu compromisso com a responsabilidade social e, conseqüentemente, com a inclusão social.

Levantar se as atividades culturais gratuitas desenvolvidas pelo CCBB são mecanismos de inclusão social é com certeza um estudo relevante para a administração pública e de empresas no Brasil, e numa visão mais ampla, relevante, também, para as ciências humanas e sociais, visto que encontrar os benefícios trazidos à inclusão social por meio das atividades culturais desenvolvidas pelo Banco do Brasil, via CCBB-RJ, pode incentivar e aprimorar estas iniciativas que poderão colaborar para a transformação da sociedade brasileira, e também planejar políticas públicas de inclusão social que considerem a atividade cultural como uma ferramenta fundamental.

Deve-se destacar ainda a relação deste estudo com os aspectos da política pública, principalmente cultural, e a capacidade deste colaborar na visão do grau de democracia em que se encontra o Brasil. Robert Dahl (2001) destaca 6 conjuntos de instituições políticas necessários para se construir uma democracia em grande escala: 1) funcionários eleitos; 2) eleições livres, justas e frequentes; 3) liberdade de expressão; 4) fontes de informação diversificada, 5) autonomia para associações e 6) cidadania inclusiva. A descoberta dos benefícios promovidos à inclusão social por meio de atividades culturais gratuitas irão também fortalecer o conceito de democracia no Brasil, visto que a cidadania inclusiva, a capacidade de inclusão do cidadão, é algo que estará sempre presente ao longo deste estudo.

Neste capítulo foi introduzido o problema da pesquisa, apresentado os objetivos finais e intermediários, foram levantadas as suposições iniciais que guiaram este estudo, bem como, a delimitação e a relevância do mesmo no campo da administração e das ciências humanas e sociais.

2. REFERENCIAL TEÓRICO

Apresentarei neste capítulo o referencial teórico que deverá guiar este estudo. Num primeiro momento o objetivo será compreender o conceito de inclusão social e do seu oposto a exclusão social. Num segundo momento analisaremos a cultura, manifestada por meio das atividades culturais, e a sua capacidade de transformação da sociedade. A seguir serão abordados temas como a cidadania, democracia e exclusão/inclusão, conceitos fundamentais e que se complementam neste estudo. Por último, falarei da inclusão social por meio das artes e de como podem as atividades culturais atuarem como mecanismos de arte-educação e conseqüentemente de inclusão social.

2.1. COMPREENDENDO OS CONCEITOS DE EXCLUSÃO E INCLUSÃO SOCIAL

Antes de tudo, é importante destacar que a inclusão social por meio das atividades culturais dificilmente poderá ocorrer com indivíduos que se encontrem numa realidade de “exclusão social quase absoluta” (ANANIAS, 2004, p. 529), ou seja, famílias e comunidades em situação de risco, pessoas empobrecidas que vivem no limiar da indigência, da mendicância, correndo sérios riscos mesmo de perder o sentido maior da vida, da dignidade humana, da esperança e da auto-estima, visto que a participação destes indivíduos num espaço cultural como o CCBB é algo muito improvável. A estes indivíduos é fundamental o apoio às necessidades mais básicas de sobrevivência, para que posteriormente, possam ter acesso à cultura, para então, por meio das atividades culturais obterem uma inclusão social plena. Não podemos negar também que indivíduos já parcialmente incluídos podem por meio destas adquirir a consciência da gravidade da situação de muitos de seus semelhantes, passando assim a atuar de forma incisiva para a inclusão dos excluídos quase absolutos.

Tratarei aqui de indivíduos que no mínimo começam a participar da sociedade, mesmo que timidamente, indivíduos que ainda não participam em plenitude e indivíduos que, mesmo participando ativamente da sociedade, não se encontram incluídos totalmente nela. Para estes grupos de excluídos a atividade cultural pode realmente se apresentar como uma ferramenta de inclusão social.

Acredito que o conceito de inclusão social é composto de vários níveis que serão investigados ao longo deste estudo. Ao falarmos em inclusão social devemos pensar no seu oposto que é a exclusão social, também composta de diversos níveis. Podemos pensar em indivíduos que vivem abaixo da linha de pobreza e completamente ausente de todas as instituições sociais; indivíduos marginalizados em guetos ou favelas em condições sociais precárias de saúde e habitação; indivíduos já em condições razoáveis de saúde e habitação, sofrendo, porém, com a precariedade do ensino e a marginalização das comunidades onde

vivem; indivíduos de classe média, mas alienados com relação ao seu poder de intervenção na sociedade; e até mesmo indivíduos de alta classe social reféns da violência urbana, incapazes de exercer com segurança sua capacidade de ir e vir dentro da sociedade.

Para compreendermos a inclusão olharemos atentamente para o seu oposto, a exclusão, para posteriormente pensarmos de qual forma as atividades culturais podem ser utilizadas de forma eficaz num processo de inclusão social.

2.1.1. EXCLUSÃO SOCIAL

O conceito de exclusão social é um termo relativamente novo (HARBITZ, 2005a; 2005b). Sua introdução é creditada a René Lenoir, secretário de ação social na França na década de 1970. Inicialmente foi usado para descrever a situação de marginalidade e pobreza experimentada por certos grupos sociais na França, país desenvolvido e próspero. Na atualidade o conceito é aplicado também aos países em desenvolvimento em temas relativos a pobreza, privações e desigualdades. A ampliação do conceito engloba não somente privações de necessidades básicas, mas também de fatores psicológicos, de representação em organizações políticas, de tomada de decisões e do direito de manifestações culturais, ou seja, a exclusão refere-se aos impedimentos existentes para que estes indivíduos possam alcançar seu pleno potencial humano (MELO, 2006).

A exclusão não pode ser compreendida apenas em termos de precariedade de renda ou da não-satisfação de necessidades básicas, porém deve agregar a essa dimensão aspectos relacionais e de natureza psico-social (BRONZO, 2006). Os processos de separação e segregação entre os homens comportam dimensões quantitativas e também qualitativas (GUÉNON, 1970). Para Fleury (2005, p. 454), a exclusão social

se refere à não-incorporação de uma parte significativa da população à comunidade social e política, negando sistematicamente seus direitos de cidadania – envolvendo igualdade de tratamento ante a lei e as instituições públicas – e impedindo seu acesso

à riqueza produzida no país. (...) De uma forma mais profunda, a exclusão implica a construção de uma normatividade que separa os indivíduos, impedindo sua participação na esfera pública. Trata-se de um processo relacional e cultural que regula a diferença como condição de não inclusão, apresentando também uma manifestação territorial, seja como gueto ou favela.

Uma outra definição para a exclusão social é adotada por Escorel (1999), a partir dos trabalhos de Arendt (1991), que estuda a condição humana na *vita activa* por meio de três atividades ordenadas axiologicamente: (1) *animal laborans*, em que se encontram as necessidades inexoráveis e irremediáveis e cujo produto é a própria vida; (2) *homo faber*, que por meio do trabalho desenvolve a capacidade de fazer, fabricar e produzir, construindo o mundo em que vivemos e que acabam constituindo o (3) *bios politikós*, que traz consigo a condição de interação entre homens, de ação que distingue o ser humano, construindo assim um mundo em comum, a esfera pública. A exclusão trataria, exatamente, de um processo no qual o indivíduo é reduzido à condição de *animal laborans*, na qual a única atividade seria sua preservação biológica, estando impossibilitado do exercício das potencialidades da condição humana. Pela valorização de tais dimensões, este conceito encontra-se intimamente ligado aos preceitos marxistas, uma vez que “a suposição de que a identidade de uma pessoa transcende, em grandeza e importância, tudo o que ela possa fazer ou produzir é elemento indispensável da dignidade humana” (ARENDR, 1991, p. 223).

De acordo com Escorel (op. cit.), a exclusão pode ser visível e materializada por meio de comportamentos e atitudes de ‘evitação’, desconfiança, rejeição ou ódio, mas também pode assumir formas mais dissimuladas de ruptura do vínculo simbólico, ou seja, englobando dimensões de subjetividade. No plano das interações, a exclusão social abrange os vínculos sociais em três níveis diferentes de interações: (a) entre indivíduos e grupos sociais, (b) entre grupos intermediários, e (c) entre os grupos e a sociedade global. Os vínculos nas diversas

dimensões ou esferas da vida social são, simultaneamente, materiais e simbólicos; por meio destes vínculos o indivíduo vai encontrar um lugar social, uma identidade social positiva.

Outra forma de exclusão seria a perda dos vínculos sociais orgânicos, por meio dos quais os indivíduos manteriam os vínculos com seus grupos, mas sem que os grupos mantenham vínculos entre si e com a sociedade global (XIBERRAS, 1993, apud ESCOREL, 1999). Na contemporaneidade, esta perspectiva apresenta-se em consonância com a idéia de que “o que distingue a era moderna é a alienação em relação ao mundo” (ARENDT, 1991, p. 266). Dependendo do ponto de vista, esses grupos sociais poderiam ser considerados como excluídos precários ou aparentemente inseridos, mas a ausência de integração social é inquestionável. Nas sociedades de hoje, as multiplicidades de grupos e os novos laços relacionais (cf. BAUMAN, 1998; LIPOVETSKY, 2005) permitem aos indivíduos transitar por estes meios sem gerar qualquer nível de vínculo societário e muito menos de interação.

A formação de grupos sociais, os vínculos estabelecidos entre seus membros e a exclusão de componentes encontram-se obviamente relacionados à estrutura do sistema produtor. O processo da economia capitalista gera desigualdades sociais, e por isso a produção não satisfaz as necessidades de todos; cada indivíduo toma consciência de uma realidade exterior caracterizada pela escassez e vê seu semelhante como inimigo apto a consumir aquilo de que ele necessita, sendo visto do mesmo modo pelos outros (PERDIGÃO, 1995). Em um sistema cuja tessitura encontra-se esgarçada pelos conflitos advindos da tensão sócio-econômica e da desestabilização características da herança moderna (DOMINGUES, 1999), bem como da incerteza anunciada pela condição pós-moderna (BAUMAN, 1998), a exclusão passa a comportar aspectos mais complexos, derivados do materialismo ou construídos de forma subjetiva.

Assim, a atual conjuntura de vida social, e a essência subjetiva que assimila as mudanças resultantes da velocidade das transformações sócio-econômicas e culturais,

caracterizam diferentes lugares de estar no mundo e trazem uma idéia de ressignificação dos diferentes sujeitos, de transformação do lugar que permitem dizer sobre si mesmos. Uma tal experiência resulta de um processo de desestabilização, do embaralhamento subjetivo num mundo de transformações (ROLNIK, 2001). Em última instância, a capacidade de manutenção de vínculos sociais globais e locais são fatores determinantes na amplitude da inclusão social do indivíduo, sendo o isolamento completo caracterizado como o nível máximo de exclusão.

2.1.2. SUBJETIVIDADE E EXCLUSÃO

Em países nos quais uma parcela considerável das necessidades das pessoas é atendida por meio de trocas mercantis, as noções de pobreza e de exclusão encontram-se naturalmente atreladas à incapacidade de um indivíduo ou de um núcleo familiar atingir um determinado patamar associado ao atendimento das necessidades sociais mínimas (VINHAIS e SOUZA, 2006). Critérios objetivos não são, contudo, os únicos fatores determinantes para categorizar os níveis de exclusão a que pessoas e grupos estão submetidos. Num contexto social caracterizado pela ausência de recursos necessários à existência, a experiência de ser e estar no mundo exige novas configurações, as quais impõem novos desafios e mudanças nas relações sociais, remetendo a uma idéia de movimento, de processualidade.

Os elevados níveis de pobreza resultantes de condições históricas de colonização e dominação, bem como a pequena quantidade de políticas públicas voltadas para a área social no Brasil, embora em ascensão nos últimos anos, não asseguram direitos nem condições mínimas de igualdade para propiciar a inclusão dos grupos desfavorecidos (VALENTIM, 2005). Famílias de baixa renda são privadas de exercer sua cidadania e dignidade sem possuir condições favoráveis para a existência, prevalecendo a privação, a instabilidade e o

esgarçamento dos laços afetivos e de solidariedade (GOMES e PEREIRA, 2005; MELO, 2006).

Neste contexto, os vínculos afetivos ganham contornos mais fluidos (BAUMAN, 2004). No mundo do hiperconsumo, grupos, famílias e indivíduos podem ser descartados ou reciclados (LIPOVETSKY, 2004); entretanto, não se pode confundir esta realidade com a nova cartografia de rumos possíveis, para a existência não perder seu corpo, sua consistência. Para além da aceitação por um indivíduo de sua condição de excluído, prevalece o entendimento desta representação, de sua superação, de novas possibilidades de existência a partir de uma “tomada de consciência de uma nova configuração de si, um novo ‘em casa’, um novo mundo” (ROLNIK, 2001, p.17). Em outras palavras, o sentido da exclusão também depende de fatores subjetivos, isto é, as condições materiais podem ser cruciais para colocar uma pessoa em posição de exclusão, porém a superação desta situação não pode depender apenas da obtenção de recursos materiais, dado que o sistema impede esse fluxo livre de recursos, a despeito dos discursos ideológicos em contrário (cf. MOLNAR, 1972).

Com o crescimento da complexidade relativa às redes de causalidades decorrentes das conseqüências dos atos humanos, o qual não se mostra acompanhado de uma expansão semelhante da capacidade moral (BAUMAN, 1998, p. 70), o princípio de justiça – respeito pela liberdade e pela dignidade – incita a se questionar acerca de uma nova ética em relação à condição humana, e isso só pode ser feito em função de paradigmas que considerem o valor da experiência simbólica.

A subjetividade pode ser entendida como produto das redes da história, sendo produzida “nos registros coletivos da sociedade e da cultura (...), forjando modos de existência (...) que modelam as maneiras de sentir e de pensar dos indivíduos” (TORRE e AMARANTE, 2001, p. 76). Há que se dissociar, portanto, os conceitos de indivíduo e de subjetividade: um aspecto trata da individuação do corpo, o outro comporta a multiplicidade

dos agenciamentos da subjetivação, por meio dos quais a subjetividade é fabricada e modelada nos registros do social (GUATTARI, 1986). Para Dimenstein (2002, p. 16), subjetividade diz respeito a

uma forma particular de se colocar no mundo, de ver e estar no mundo que não se reduz a uma dimensão individual. A subjetividade é um fato social construído a partir de processos de subjetivação, o qual é engendrado por determinantes sociais-históricos, econômicos, políticos, ideológicos, de gênero, de religião, conscientes ou não.

O modo pelo qual os mecanismos de subjetivação se (re)configuram na lógica anteriormente descrita também pode ser justificado pela maneira como os processos de aceleração e mudanças hoje se insinuam. Com a experiência marcada pelas contradições do capitalismo pós-industrial (BAUMAN, 1998; LIPOVETSKY, 2004), o individualismo pode se traduzir em destino comum. A existência da realidade dos novos tempos de mudanças significativas no âmbito da contemporaneidade é afirmada pela lógica que determina tais condições. Com a desarticulação das bases de vínculos sociais, os microprocessos no âmbito das relações interpessoais, por consequência, são prejudicados de forma mais ampla em todos os excluídos sociais, dificultando as possibilidades de resgate daqueles que permanecem à margem do sistema.

2.1.3. O ENFRENTAMENTO DA EXCLUSÃO

A superação da exclusão requer uma combinação de elementos que considerem a multidimensionalidade das privações, a presença de variáveis menos tangíveis e “a heterogeneidade que advém das interações e das combinações específicas entre os diversos vetores da destituição” (BRONZO, 2006, p. 1).

Fleury (2005a) constata que o enfrentamento da exclusão social só se dará em um novo formato de democracia, capaz de reconhecer os excluídos como cidadãos, gerar espaços

públicos de participação, controle social e acordos, além da implementação de políticas públicas de efetiva redistribuição de renda. Nas palavras de Ribeiro (2006, p. 63), “o clube da democracia continua aprisionado pela desigualdade social, que deriva de uma desigualdade econômica”. Tratar a inclusão social consiste, portanto, em desenvolver projetos de políticas públicas capazes de garantir gradativamente aos indivíduos sua transferência do grupo dos excluídos para o de incluídos (RABIA et al., 2006). Novamente aqui, coloco que o espaço cultural que desenvolve uma atividade cultural gratuita reconhece o indivíduo como cidadão e se torna assim um lugar público para que este realize sua participação na sociedade, interagindo com a arte, modificando e sendo modificado por ela.

A exclusão social agrupa os indivíduos que vivem à margem da sociedade e os que dela participam de forma incompleta. Suas realidades sociais, políticas, econômicas, culturais diferem completamente do padrão socialmente estabelecido e considerado digno. Os indivíduos podem até transitar pelos meios dos quais são excluídos, mas sem neles se inserir (HARBITZ, 2005a; RIBEIRO, 2006). Ineri-los nos sistemas, instituições e organizações é um dos desafios das políticas públicas atuais e das práticas de gestão social. É neste aspecto que considero a atividade cultural um fator capacitador da inclusão social. Ao trabalhar o lado lúdico do indivíduo, ao trazê-lo para uma realidade criativa e inspiradora, ele pode passar a modificar a sua própria realidade, almejando fazer parte e tendo incentivo para isto.

Um fato que destaca a importância do tema da inclusão social no Brasil de hoje foi a criação, pelo Governo do Presidente Luiz Inácio Lula da Silva, do Ministério do Desenvolvimento Social e Combate à Fome, com o objetivo de unificar as políticas sociais do Estado. Embora esta unificação não tenha sido total, visto que outros Ministérios fundamentais para a implementação de políticas sociais continuam com suas atividades de forma independente, parece haver a indicação de futuras e prováveis parcerias com os Ministérios da Saúde, do Trabalho, da Previdência Social, da Educação e da Cultura. No

discurso oficial do atual Governo a inclusão social é um tema amplamente debatido, como mostra o discurso de abertura do Presidente Lula no Fórum Nacional Economia do Conhecimento, Crescimento e Inclusão Social (SILVA, 2004, p. 67-75):

Nosso objetivo, desde o primeiro dia de governo, tem sido o de proporcionar ao país um novo ciclo histórico de crescimento sustentado, do qual a inclusão social seja ao mesmo tempo motor e resultado. A esse objetivo temos nos dedicado de corpo e alma. Por ele temos trabalhado incansavelmente. Esta é a causa do Brasil e é a nossa causa. E dela jamais abriremos mão. Sabemos que o crescimento sustentado e o bem-estar social não nos serão dados de presente. (...) Estou absolutamente convencido de que na melhoria do ensino, desde a base, reside o grande fator de inclusão social e desenvolvimento.

Destaco que as atividades culturais gratuitas desenvolvidas pelo CCBB vão exatamente servir de instrumento às políticas públicas educacionais e culturais dos dois últimos Ministérios citados, possivelmente aliados a iniciativas do Ministério do Desenvolvimento Social e Combate à Fome.

Ananias (2004, p. 530) relata que houve uma unificação das políticas sociais que poderiam ser chamadas de essenciais, mas que o objetivo do governo é cada vez mais integrar estas com as políticas estruturantes, políticas emancipatórias, possibilitadoras do exercício pleno dos direitos e deveres da nacionalidade e da cidadania, políticas estas que certamente precisam contar com o apoio da arte, subconjunto presente nas atividades culturais.

O diretor executivo do Viva Rio, Rubem César Fernandes, ONG do Rio de Janeiro envolvida em políticas de inclusão social, relata que “urge uma política de inclusão educacional para jovens que abandonaram a escola antes de terminar o Ensino Fundamental, e sobretudo na faixa de 5ª à 7ª série” (Fernandes, 2004, p. 645). Fernandes acredita que seja necessário uma revisão das metodologias de ensino utilizadas, com uma possível aceleração do processo educacional, utilizando novas ferramentas para o aprendizado dos alunos. A arte,

as atividades culturais gratuitas desenvolvidas em espaços culturais, desde que integradas com o ensino dado nas escolas pode no meu entender se apresentar como um fator motivador para que os alunos continuem seus estudos e, também, desenvolvam uma capacidade de melhoria no aprendizado.

Outros participantes do mesmo fórum reforçam o discurso do atual Governo, e demonstram que a inclusão social está diretamente relacionada com significativas mudanças na forma de educar os cidadãos brasileiros.

O investimento no capital humano, se bem distribuído e direcionado para os pobres, pode facilitar a inclusão social auxiliando os grupos mais vulneráveis a transpor obstáculos sociais e aumentar sua produtividade. A educação básica capacita os pobres para aprender sobre seus direitos civis e políticos, a exercer estes direitos pelo voto e a corrida aos cargos públicos, e a procurar encaminhamentos legais e exercer a visão pública. Isso propicia o fortalecimento das instituições, melhorando o governo e combatendo a corrupção. (THOMAS, 2004, p. 555)

Vivemos numa sociedade que já possui uma nova racionalidade cognitiva expressa num modo de aprendizado difuso, descentrado e contínuo para se manter incluído socialmente. Já não vale mais, apenas, o aprendizado seqüencial e linear do sistema escolar. (VÂNIA, 2004, p. 633)

É exatamente neste contexto que observo a arte, acionada no desenvolvimento das atividades culturais, como algo capaz de beneficiar a inclusão social e conseqüentemente reduzir a exclusão social. A atividade cultural é com certeza uma das ferramentas deste processo que envolve evidentemente diversas outras, mas acredito que pode ser ela um fator diferencial na formação de uma nova sociedade mais justa e igualitária.

Como exemplos de políticas públicas orientadas para a inclusão social temos o aumento de vagas nas instituições de ensino superior públicas e privadas (SILVA e OLIVA,

2006), e as ações de inclusão digital (FERNANDES e DUTT-ROSS, 2006; RABIA et al., 2006). Os dois projetos enfocam não a renda, porém o conhecimento como fator determinante para a inclusão. Por outro lado, deve-se notar que a inclusão não é garantida pelo acesso ao computador ou à faculdade: favorecer apenas o acesso pode significar tão somente o adiamento da exclusão, pois “estar dentro não significa estar incluído” (SILVA e OLIVA, op. cit., p. 13), quando não existe integração social.

Em seu Atlas da Exclusão Social no Brasil, Pochmann (2005) traça uma série de metas para inclusão e traz indicadores da situação de exclusão social brasileira, levando em consideração as variáveis de educação, saúde, habitação, cultura, informática, pobreza relativa, trabalho decente e previdência social. Estranhamente, sua classificação de excluídos e busca por inclusão não aponta para o fato de que, muitas vezes, mesmo conquistadas cada uma das variáveis apontadas, alguma coisa ainda impede uma plena inclusão dos indivíduos na sociedade. Acredito que algumas das variáveis determinantes para esta inclusão efetiva dizem respeito à dimensão da subjetividade – particularmente fatores capazes de potencializar processos de emancipação com ênfase nos mecanismos de subjetivação – tais como a cultura, por exemplo.

Políticas públicas que potencializem a expressão e democratização de oportunidades culturais são absolutamente imprescindíveis para que se possa vencer o desafio da inclusão social, pois tais oportunidades são instrumentos estimulantes de uma transformação intrínseca na população (POCHMANN, op. cit.). A exclusão social é também cultural para muitos indivíduos que não têm acesso a boa parte dos bens culturais produzidos no Brasil e no exterior. Tem-se, neste caso, um aspecto limitador ao desenvolvimento da capacidade crítica dos indivíduos dentro da sociedade, aspecto fundamental para uma inclusão social efetiva.

A consciência crítica é outro elemento crucial para uma inclusão social plena. De acordo com Guerreiros Ramos (1996), ela surge quando o ser humano ou grupo social é capaz

de refletir sobre fatores determinantes de sua vida e diante deles portar-se como sujeito. O autor faz a distinção entre consciência crítica e consciência ingênua, que é puro objeto de determinações anteriores, destacando que esta segunda transforma o ser humano em coisa, em matéria bruta do acontecer, e que a primeira é capaz de distinguir a pessoa da coisa, resultando não só numa conduta desperta e vigilante, mas também numa atitude de domínio de si mesmo e do exterior.

2.1.4. RECONCEITUANDO A EXCLUSÃO SOCIAL NO CONTEXTO URBANO BRASILEIRO

Certos atributos são indispensáveis para que se possa adquirir um nível digno de inclusão social. Acesso à moradia (que comporta o saneamento básico), alimentação, saúde, educação, transporte e renda (integrando as questões de trabalho e emprego) são fundamentais para a formação de um cidadão ao menos parcialmente incluído. Posteriormente outros atributos tais como a inclusão digital, a capacidade de emissão de documentos, o acesso às organizações e instituições públicas, o direito ao voto e o desenvolvimento da consciência crítica dos indivíduos poderão complementar a inclusão até que seja possível atingir um nível de inclusão social pleno ou próximo ao ideal. Observa-se que também constitui um fator de inclusão social a capacidade dos indivíduos estabelecerem e manterem vínculos sociais globais e locais, permitindo relações de interação com todas as camadas sociais. A violência presente em todas as esferas sociais e o tempo, fator altamente excludente (o tempo gasto em transporte urbano para a periferia, por exemplo, deixa de ser investido em atividades culturais), completam os atributos que, em maior ou menor grau, seriam capazes de indicar o nível de inclusão do indivíduo na sociedade.

Tendo como referência um artigo desenvolvido por Castro e Carvalho (2007), onde estes sugerem uma reconceituação para a exclusão social no contexto urbano brasileiro por meio de

uma taxionomia fundamentada em aspectos objetivos e subjetivos inerentes ao constructo, iremos observar com maior clareza como pode se apresentar a exclusão social na cidade do Rio de Janeiro, onde se encontra o CCBB, objeto de estudo desta pesquisa, e então poderemos começar a refletir como este espaço cultural pode contribuir para a reversão deste quadro.

No Quadro I, que aparece em seguida, são apresentados dez níveis de exclusão social, aos quais se atribui uma denominação própria, bem como se listam as características de cada nível e são oferecidos exemplos para cada um deles. Neste Quadro ainda estão ausentes da análise alguns atributos e questões que serão examinados mais adiante – emissão de documentos, direito ao voto, acesso a instituições e organizações públicas, consciência crítica, capacidade de inclusão digital, tempo e violência.

Quadro I – Níveis de Exclusão Social

Nível	Denominação	Características	Exemplos
nível 1	Incluído social pleno	recuperação total dos vínculos sociais globais e locais, com acesso de alto nível a moradia, saúde, alimentação, educação, transporte e renda, e possuindo ainda consciência crítica apurada	Raros
nível 2	Incluído Aparente I	perda total dos vínculos sociais globais e pequena amplitude dos locais, com acesso de alto nível a moradia, saúde, alimentação, educação, transporte e renda	classe alta
nível 3	Incluído aparente II	perda quase total dos vínculos sociais globais e pequena amplitude dos locais, com acesso de alto nível a moradia, saúde, alimentação, educação, transporte e renda	classe média-alta
nível 4	Incluído Aparente III	perda parcial dos vínculos sociais globais e média amplitude dos locais, com acesso de bom nível a moradia, saúde, alimentação, educação, transporte e renda	classe média-média
nível 5	Incluído Aparente IV	recuperação total dos vínculos sociais locais e grande amplitude nos globais, com acesso razoável a moradia, saúde, alimentação, educação, transporte e renda	classe média-baixa
nível 6	Incluído Precário I	recuperação total dos vínculos sociais locais e grande amplitude nos globais, porém marginalizados pelas camadas superiores da sociedade, com acesso semiprecário a moradia, alimentação, saúde, educação, transporte e renda	moradores de comunidades carentes urbanizadas
nível 7	Incluído Precário II	alta recuperação dos vínculos sociais locais e pequena nos globais com acesso ainda precário a moradia (casas de alvenaria), saúde, educação, transporte e renda	moradores de comunidades carentes semi-urbanizadas
nível 8	Incluído Precário III	média recuperação dos vínculos sociais locais e muito pequena nos globais com acesso ainda precário a moradia (casas de semi-alvenaria), alimentação, saúde, educação e renda	moradores de comunidades carentes não urbanizadas
nível 9	Incluído Precário IV	baixa recuperação dos vínculos sociais locais e quase nenhuma nos globais com acesso precário à moradia (casas rústicas de papelão em invasão de espaços urbanos) alimentação, saúde, educação e renda	moradores de comunidades extremamente carentes
nível 10	Excluído Total	perda de todos os vínculos sociais locais e globais sem acesso a nenhum dos 9 atributos básicos de inclusão na sociedade, reduzido à condição de <i>animal laborans</i> , com renda baseada em esmolas	moradores de rua

(Fonte: CASTRO e CARVALHO, 2007)

No nível 10 do Quadro I encontram-se os excluídos sociais totais. São aqueles indivíduos que perderam todos os vínculos sociais locais e globais e já não possuem acesso a nenhum dos nove atributos básicos relacionados por Pochmann (2005), quais sejam:

saneamento, habitação, alimentação, saúde, educação, transporte, renda, meios digitais e voto. Estes indivíduos teriam suas rendas baseadas na caridade e na obtenção de esmolas. São pessoas reduzidas à condição de *animal laborans* segundo Escorel (1999) a partir da obra de Arendt (1991). Exemplos seriam os moradores de rua dos grandes centros urbanos, indivíduos que subsistem como podem numa luta constante pela alimentação e pelo abrigo que lhes permitirá obter um pouco mais de sobrevivência.

Dos níveis 9 a 6, tem-se os incluídos sociais precários classificados em subdivisões de I a IV. No nível 9 (incluído precário IV), encontram-se os indivíduos com poucos vínculos sociais locais e quase nenhum nos globais com acesso precário a moradia e renda. Estes indivíduos habitam casas de papelão situadas em locais de invasão de espaços públicos ou privados, tais como viadutos e margens de vias expressas.

No nível 8, tem-se o incluído precário III, já com mediana recuperação dos vínculos sociais locais e muito pequena nos globais, ainda com acesso precário a moradia e renda. Estas pessoas já possuem casas de semi-alvenaria, melhoraram um pouco suas vidas perante a categoria anterior, porém, assim como os primeiros, não possuem acesso considerável a saúde, alimentação, educação e transporte, margeando as grandes comunidades carentes sem nelas se incluírem totalmente.

No nível 7, aparece o incluído precário II, já com alta recuperação dos vínculos sociais locais e ainda pequena nos globais, porém com acesso ainda precário à moradia, ainda que um pouco melhor que o nível anterior (casas de semi-alvenaria), e com acesso, mesmo que ainda deficiente, a saúde, alimentação, educação, transporte e renda. Seriam estes os habitantes mais pobres das comunidades carentes, que vivem em condições semi-urbanizadas.

Bem próximo ao incluído precário II, estaria o incluído precário I, que possui recuperação total dos vínculos sociais locais e grande amplitude nos globais, com acesso ainda precário a moradia, alimentação, saúde, educação, transporte e renda. Aqui são

classificados os moradores das comunidades carentes urbanizadas, que formariam uma elite em suas comunidades e que se relacionam com as camadas superiores da sociedade, embora marginalizados por estas, sem perder os vínculos com as camadas mais baixas.

Passando a um novo patamar, dos níveis 5 a 2 tem-se um grupo de indivíduos que, em consonância com os conceitos de inclusão social atualmente adotados pelas correntes hegemônicas, poderiam ser considerados como incluídos sociais plenos. Ao se analisar os diversos fatores de exclusão social apontados por este estudo, entretanto, pode-se observar que esta classificação não corresponde à realidade.

Assim, no nível 5, surge o incluído aparente IV, com recuperação total dos vínculos sociais locais, acesso razoável a moradia, alimentação, saúde, educação, transporte e renda, e também grande amplitude nos vínculos sociais globais. Este indivíduo – assim como o incluído precário I – consegue se relacionar numa escala mais ampla com os níveis abaixo e acima relacionados no Quadro I. Como exemplo, tem-se a classe-média baixa.

No nível 4, apresenta-se o incluído aparente III, que já apresenta uma perda parcial dos vínculos sociais globais e uma média amplitude dos locais, embora ainda mantenha os vínculos sociais locais. Esse indivíduo possui acesso de bom nível a moradia, alimentação, saúde, educação, transporte e renda. O exemplo seria a classe média-média.

No nível 3, tem-se o incluído aparente II, que apresenta uma perda quase total dos vínculos sociais globais e pequena amplitude nos locais, e tem como quase inexistente a capacidade de relacionamento com os níveis abaixo dele no Quadro I, principalmente no que tange aos níveis 8 a 10. Seu relacionamento fica restrito aos vínculos sociais locais e com uma pequena parcela dos níveis acima e abaixo. O acesso destas pessoas a moradia, alimentação, saúde, educação, transporte e renda é de alto nível. Aqui o exemplo seria a classe-média alta.

No nível 2, faz-se notar o incluído aparente I, que apresenta a perda total dos vínculos sociais globais e pequena amplitude nos locais, mantendo o acesso de alto nível à moradia,

alimentação, saúde, educação, transporte e renda. Seu campo de relacionamento social é extremamente restrito, e este acaba sendo refém do convívio com uma minoria de pessoas capazes de atingir este nível na sociedade.

Por fim, no nível 1, apresenta-se o incluído social pleno, indivíduo que foi capaz de recuperar totalmente os seus vínculos sociais globais e locais, mantendo acesso de alto nível a moradia, alimentação, saúde, educação, transporte e renda, possuindo ainda, um nível apurado de consciência crítica, sem ser refém da violência fruto das desigualdades, que permite a ele relacionar-se com todos os níveis existentes abaixo dele. Exemplos de tais pessoas na sociedade brasileira podem ser considerados extremamente raros. Indivíduos de alto padrão de vida que conseguem um envolvimento com comunidades carentes, realizando atividades de inclusão social estariam nesta categoria.

É interessante observar que ao tratarmos a exclusão não só com fatores objetivos, mas também subjetivos, não será a renda o fator determinante do nível de exclusão de um indivíduo na sociedade e sim a sua capacidade de interação social, que estará explicitada de acordo com a amplitude de sua capacidade de relacionamento social com os diversos níveis apresentados no Quadro I.

Entretanto, no Quadro I, estiveram ausentes da análise algumas características importantes para se medir o nível de inclusão de um indivíduo na sociedade: (1) a capacidade de acesso à emissão de documentos, (2) o acesso ao voto, (3) o acesso às instituições e organizações públicas que podem fazer valer seus direitos, (4) a inclusão digital – haja vista que a tecnologia constitui fator fundamental nos estudos de inclusão/exclusão –, e (5) a consciência crítica, que pode ser adquirida pelos indivíduos ao longo do tempo. No Quadro II, que se apresenta nas próximas linhas, busca-se um complemento ao Quadro I.

Quadro II – Depurando os Níveis de Exclusão Social

Nível	Denominação	Acesso a documentos	Acesso ao voto	Acesso aos poderes públicos	Consciência crítica	Inclusão digital
nível 1	incluído social pleno	Sim	Sim	Sim	Pleno	total
nível 2	incluído aparente I	Sim	Sim	Sim	Parcial	total
nível 3	incluído aparente II	Sim	Sim	Sim	Parcial	total
nível 4	incluído aparente III	Sim	Sim	sim	Parcial	total
nível 5	incluído aparente IV	Sim	Sim	sim	Parcial	parcial
nível 6	incluído precário I	Sim	Sim	ainda precário	Raro	parcial
nível 7	incluído precário II	Sim	Sim	precário	Raro	parcial
nível 8	incluído precário III	Alguns	Alguns	extremamente precário	Raro	não
nível 9	incluído precário IV	Não	Não	inexistente	Raro	não
nível 10	excluído total	Não	Não	inexistente	Raro	não

(Fonte: CASTRO e CARVALHO, 2007)

O Quadro 2 relaciona os 10 níveis de exclusão descritos no Quadro I com as cinco características citadas previamente, com o objetivo de complementar os níveis de exclusão previamente apontados. Como se pode observar no Quadro II, a partir do momento em que os indivíduos pertencentes aos níveis 9 e 10 não possuem acesso à emissão de documentos, acabam sendo impedidos de ter acesso ao voto, e sua capacidade de utilizar as instituições e organizações públicas torna-se praticamente inexistente. Embora a Constituição brasileira garanta a emissão da certidão de nascimento de forma gratuita, estes indivíduos são praticamente invisíveis para a sociedade, e mesmo tendo direitos constitucionalmente garantidos, não conseguem utilizá-los. Em países nos quais estas garantias não são determinadas por lei, isto se torna ainda mais grave.

A partir do nível 8, com a emissão dos documentos, os indivíduos começam a ter acesso ao voto e às instituições e organizações públicas, sendo a falta de informações e o despreparo instrumental fatores que limitam o acesso aos níveis imediatamente superiores.

A consciência crítica parece ser rara nos indivíduos dos níveis 6 a 10. Provavelmente, caso estas pessoas fossem conscientemente críticas, os conflitos sociais de ordem ideológica seriam frequentes, pois teriam plena consciência da condição de explorados em que se encontram e da imensa dificuldade de se obter justiça e igualdade social por meio dos poderes legalmente instituídos (ARON, 1975; CASTORIADIS, 1974). No modelo aqui sugerido, esta consciência crítica começa a se desenvolver a partir do nível 5, principalmente em virtude do acesso à educação, adquirindo seu ápice no nível 1. Não se pode desprezar aqui o alerta para o fato de que muitas vezes a educação se constitui de uma ferramenta doutrinadora de determinada ideologia, quando deveria ser na verdade uma ferramenta libertadora do indivíduo (FREIRE, 2006).

É importante destacar que Castro e Carvalho (2007) acreditam ser extremamente difícil que um indivíduo possa adquirir maior poder social sem ficar contaminado pelo discurso das elites dominantes. A sociedade brasileira reúne diversos exemplos de que, no momento em que alguém faz parte de uma elite, parece não mais querer conviver com as esferas mais baixas, muitas vezes por medo do retorno à privação ou mesmo por desdém a padrões culturais considerados inferiores. Isto é um ponto vital neste estudo, a cultura, no seu sentido mais amplo acaba sendo um fator determinante da exclusão social. Esta característica já havia sido identificada por Holanda (2003, p. 112) no clássico *Raízes do Brasil*: “À medida que subiam na escala social, as camadas populares deixavam de ser portadoras de sua primitiva mentalidade de classe para aderirem à dos antigos grupos dominantes”. Esta barreira parece ser um dos fatores primordiais que colaboram para o crescimento da desigualdade e, por conseguinte, da exclusão social.

Ao se considerar o fator da inclusão digital, pode-se observar que ela está presente nos níveis mais altos e ausente nos níveis mais baixos. Nas camadas intermediárias, o acesso aos bens materiais tecnológicos começam a ocorrer já no nível 7, atingindo totalidade no nível 4.

Esta parece ser outra distorção que tem lugar no Brasil contemporâneo. Aos indivíduos precariamente incluídos, promove-se o acesso aos meios digitais e tecnológicos sem que as condições básicas de saúde, moradia, alimentação, transporte, renda e educação tenham sido providas. Sem a educação, fator primordial na formação do ser humano, a inclusão digital do indivíduo será sempre incompleta e deficiente.

Deve-se destacar ainda outros dois fatores capazes de relacionar-se com todos aqueles elementos apresentados nos Quadros I e II: a violência e o tempo. A violência é a principal responsável pela quebra dos vínculos sociais locais e globais (CAMARGO e BURALLI, 1998; FÉRES-CARNEIRO, 2005; NOLASCO, 1994). Quanto mais alto o nível de inclusão social adquirido, maior é o medo de camadas inferiores da escala social. Os mais abastados se trancam em suas casas, em seus carros blindados, e vivem reféns da sociedade excludente que ajudaram a criar.

Por fim, o tempo é outro fator que impossibilita a inclusão total dos indivíduos na sociedade (GUÉNON, 1970). Em uma sociedade de classes, a classificação social do tempo – e obviamente o controle do tempo – jamais está separada da própria substância das atividades sociais (GIDDENS, 1995). Assim, o indivíduo excluído total, pertencente ao nível 10 da taxionomia aqui sugerida, possui todo o tempo do mundo, e o utiliza como um todo para a obtenção de sua sobrevivência. Na medida em que os indivíduos vão galgando níveis melhores de inclusão na sociedade, vão perdendo o tempo em virtude das diversas responsabilidades que vão assumindo. A necessidade de estar plenamente atualizado com as diversas informações disponíveis no mundo global, as perdas de tempo em locomoções no espaço físico em que habitam e outros fatores relacionados ao tempo gasto em atividades inclusivas impedem que os indivíduos exerçam plenamente sua cidadania como, por exemplo, participar de audiências públicas, votações de orçamentos participativos, ou mesmo se informar conscientemente sobre os candidatos elegíveis para exercer em plenitude seu direito

de voto e até desenvolver a sua consciência crítica, que muitas vezes pode ganhar força quando o indivíduo participa ou desenvolve atividades culturais.

Vale ainda ressaltar que, dentro de cada um dos níveis apresentados nos Quadros, ainda existiria uma exclusão dentro dos grupos locais, oriunda de diversos preconceitos presentes na sociedade, tais como ideologias, raça, crença, idade, gênero e orientação sexual, capazes de isolar os indivíduos, reduzindo ainda mais suas possibilidades de criar e manter vínculos sociais. Outro ponto importante também se refere aos portadores de necessidades especiais. Quanto mais baixo o seu nível dentro da taxionomia sugerida, mais difícil se dará o seu acesso aos mecanismos de inclusão existentes para estes indivíduos na sociedade. Além disso, não se pode negar que dentro de cada nível existem as exceções, como indivíduos que desenvolvem uma consciência crítica plena, mas não possuem outros atributos inclusivos.

Logo, após dissertar sobre o conceito de exclusão social, podemos definir um conceito amplo para uma inclusão social plena dos indivíduos na sociedade, capaz de abranger tanto aspectos objetivos como subjetivos. A inclusão social plena dos indivíduos na sociedade se dá quando estes conquistam os aspectos objetivos, geralmente materiais, disponíveis na sociedade e também aspectos subjetivos, geralmente simbólicos e sociais. O grupo detentor apenas de aspectos objetivos, podemos denominar de incluídos aparentes, e um grupo detentor apenas de aspectos subjetivos, podemos denominar de incluídos precários. A inclusão plena só acontecerá quando aspectos objetivos e subjetivos forem satisfeitos. No quadro a seguir observamos como se dá o conceito de inclusão social plena.

Quadro III – O Conceito de Inclusão Social Plena

ASPECTOS OBJETIVOS (MATERIAIS)	ASPECTOS SUBJETIVOS (SIMBÓLICOS E SOCIAIS)
Educação (escola, universidade)	Cultura
Saúde (hospital, remédios)	Consciência Crítica
Habitação (moradia e saneamento)	Vínculos Sociais Locais
Informática (acesso e conhecimento da tecnologia da informação)	Vínculos Sociais Globais
Renda e Trabalho	Segurança
Acesso às instituições públicas	Tempo
Direito ao Voto	
INCLUÍDO APARENTE	INCLUÍDO PRECÁRIO
INCLUÍDO SOCIAL PLENO	

Fonte: Elaborado pelo Autor

2.1.5. A EXCLUSÃO SOCIAL URBANA E SUA ORIGEM NA CIDADE DO RIO DE JANEIRO

Segundo Martins (2006) já no final do II Império, 1889, inicia-se o aparecimento das primeiras favelas e cortiços com a ocupação dos morros ao redor do centro da cidade do Rio de Janeiro. Ocorre então uma expansão urbana saindo do centro em direção a zona sul, movida por uma infra-estrutura de transportes, impulsionada pelos bondes, e de uma classe operária em direção a zona norte que vivia um processo incipiente de industrialização. Em 1892, por exemplo, havia incentivos fiscais para as indústrias que construíssem casas populares e vilas operárias. Nesta época a concentração habitacional da população de menor renda se dá em cortiços e nas encostas dos morros, motivadas principalmente pela proximidade dos locais de trabalho.

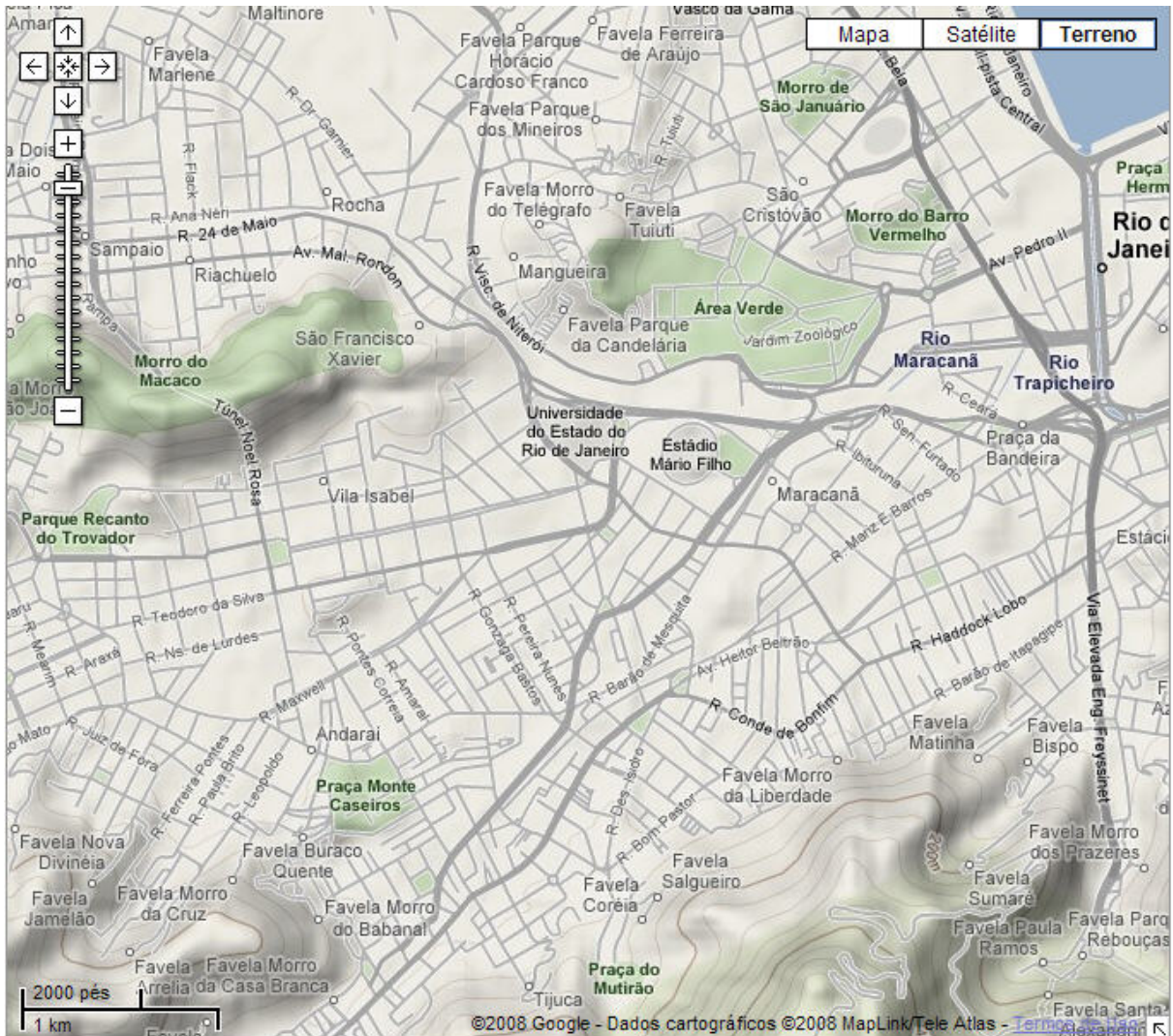
Com a chegada da República, a área central da cidade era considerada pelas elites como insalubre, colonial e um resquício da monarquia, incapazes de obedecer a uma racionalidade geométrica. Essa área central da cidade possuía ruas estreitas de traçado irregular, becos e casarios baixos entremeados de sobrados que iam de encontro às idéias higienistas e modernistas de Pereira Passos, prefeito da cidade à época (1902-1906), responsável pela primeira grande intervenção urbana na cidade. A intervenção de Passos com ações como o saneamento da cidade, a modernização do porto e a demolição de muitos casarões na região central contribuiu, segundo Martins (op. cit.), para acelerar o processo de favelização na região metropolitana do Rio de Janeiro, devido a ausência de uma política habitacional. A cidade havia sido embelezada com uma arquitetura nos moldes franceses, mas havia excluído os trabalhadores de residirem no centro da cidade. Nas figuras 1, 2 a seguir podemos observar um pouco deste processo, observando as diversas favelas nos arredores do centro do Rio de Janeiro.

Figura 1 – Centro do Rio de Janeiro e arredores



Fonte: Google Mapas (2008)

Figura 2- Arredores do centro do Rio de Janeiro



Fonte: Google Maps (2008)

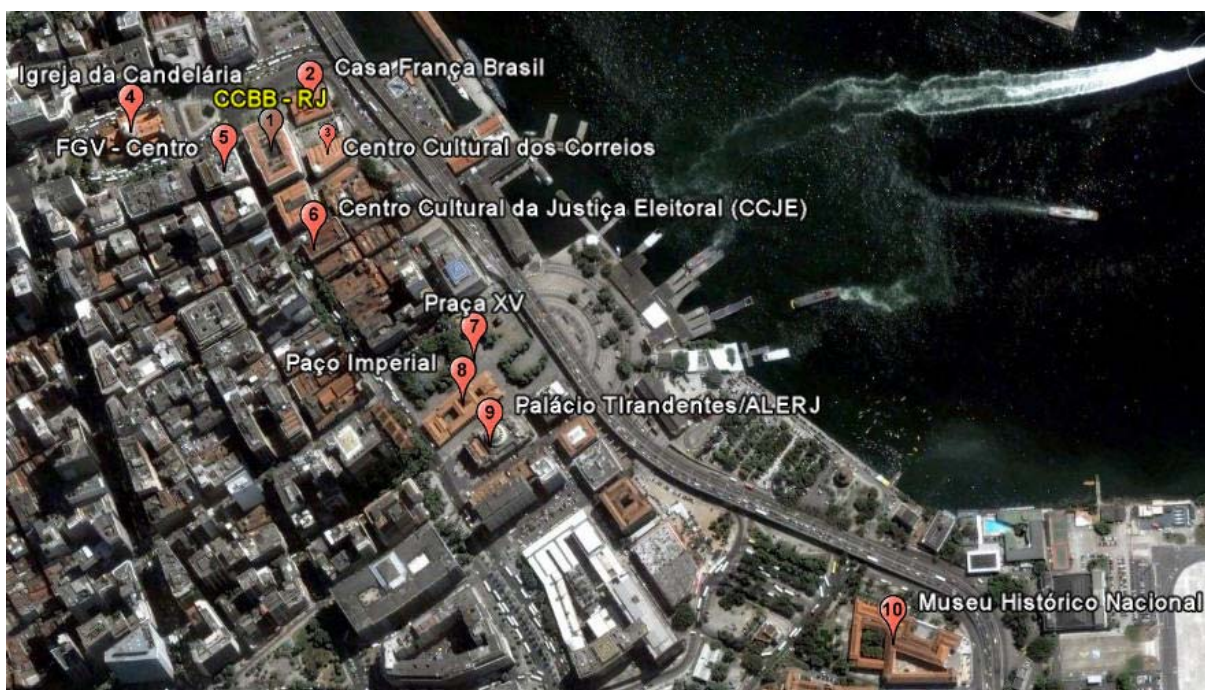
Posteriormente outras intervenções urbanas como a de Agache em 1927, a Construção do Viaduto da Perimetral e a Demolição do Mercado Municipal em 1956 e o Plano Lúcio Costa em 1970, contribuíram para sedimentar a modernização do Centro do Rio e por último até a negação deste, trazendo como conseqüências para a cidade a segregação social/espacial, a intensificação do esvaziamento habitacional do Centro e a favelização.

O Plano de Lúcio Costa, responsável hoje pelo grande crescimento da Barra da Tijuca e região periférica da zona oeste, ao propor a nuclearização das zonas residenciais, caracterizando a rua com a função exclusiva de circulação, acirrou ainda mais os processo de exclusão social na cidade do Rio de Janeiro, principalmente ao negar a dinâmica social da rua

como espaço público, dificultando o contato entre as pessoas e entre as diferentes áreas da cidade. Ao criar grandes distâncias e grandes vazios no espaço urbano ele contribuiu com o fator tempo para excluir os indivíduos e dificultou ainda mais a criação dos vínculos globais e locais na cidade.

Em 1983, finalmente, se começa a pensar num processo de revitalização da área central do Rio de Janeiro, com o projeto de criação de um corredor cultural que vai desde o CCBB na Rua Primeiro de Março, passando pelo Passo Imperial e indo até o Museu Histórico Nacional (Figura 3). Em 1992, o Plano Diretor Decenal da Prefeitura, somado a Lei Municipal 2.236/94, vão contribuir para o restabelecimento do uso residencial na área central da cidade, que já se inicia numa periferia imediata de bairros como o Santo Cristo, a Gamboa, a Saúde e Santa Teresa.

Figura 3 – O Corredor Cultural do Centro do Rio de Janeiro



Fonte: Google Mapas (2008)

Baseado no conceito de Glocal, que visa a valorização dos valores locais e globais, com equilíbrio e interlocução, o Centro do Rio volta aos poucos a ser habitado impulsionado

pelas atividades culturais, as pessoas voltam a preencher os espaços antes vazios e começam a promover vínculos globais e locais entre elas nestes espaços.

2.2. CULTURA, POLÍTICA CULTURAL, CIDADANIA E IDENTIDADE

Neste tópico, apresentarei algumas teorias contemporâneas sobre o conceito de cultura, sua relação com a formulação de políticas culturais que encontrarão na atividade cultural sua principal forma de ação e ainda abordarei às questões de cidadania e identidade que possuem latente relação à idéia de inclusão social por meio das atividades culturais.

2.2.1. TEORIAS CONTEMPORÂNEAS SOBRE CULTURA

Segundo Samper, Trujillo e Tabares (1998), na década de 80 inicia-se uma profunda discussão no pensamento ocidental sobre a dimensão cultural, que para Robert Wulthnow se expressará em quatro enfoques: o fenomenológico-hermenêutico (P. Berger, C. Geertz), o antropológico cultural (M. Douglas), o neoestruturalismo (M. Foucault, J. Derrida) e o neomarxismo (J. Habermas, C. Offe, N. García).

Estes quatro enfoques irão compartilhar algumas características e se diferenciar em alguns aspectos. Nenhum deles aceita a separação entre o econômico-social e o cultural como se fossem esferas independentes. Destacam sempre no cultural elementos alusivos a linguagem, a comunicação, aos sistemas de classificação e o simbólico-expressivo. Reconhecem que a linguagem verbal não é a única forma nem de linguagem e nem de comunicação, sendo tampouco a forma exclusiva de comunicação.

O enfoque fenomenológico-hermenêutico orienta sua atenção ao reino dos significados e interpretações, a antropologia cultural e ao simbolismo, o neoestruturalismo ao discurso, o neomarxismo aos processos de comunicação, buscando cada corrente a

especificidade do cultural nos reinos do significado, do simbolismo, do discurso e da comunicação.

Podemos, a partir disto, sustentar, que o conceito de cultura nas últimas décadas, tem forte relação com este giro semiótico que experimenta. Giro que acaba introduzindo complexos problemas em sua definição como as semelhanças e diferenças entre signo e símbolo, nexos e relações entre símbolo e significado, diferenças entre as palavras e seus signos, o significado e o significante, o simbólico e o imaginário. Garcia-Canclini (2000), expressando certamente este giro, acaba definindo cultura como a produção, circulação e consumo de significados.

Como este estudo trabalha com o conceito de atividade cultural, estaremos exatamente avaliando nestas, a produção, a circulação e o consumo de significados na cidade do Rio de Janeiro pelos freqüentadores do CCBB, procurando observar se estas contribuem para inclusão social destes na sociedade brasileira.

2.2.2. MULTICULTURALIDADE E INTERCULTURALIDADE

O pesquisador francês Alain Touraine (1995 apud SAMPER et. al.) em seu artigo *O que é o multiculturalismo?* defende que foram divulgados pela opinião pública quatro acepções que estão muito distantes de compreender o fenômeno do multiculturalismo, e que estas acabam se aproximando da defesa de uma monocultura e de um xenofobismo, o que torna necessário que se chegue a um acordo sobre o que significa realmente este termo.

A primeira visão equivocada de multiculturalidade identifica esta com a defesa das minorias e seus direitos. A defesa das culturas minoritárias pode parecer num primeiro momento uma manifestação de multiculturalismo, mas em geral, esta acaba levando a uma espécie de fragmentação autista e a hostilidades perante a coexistência de culturas diversas.

Esta simples defesa de culturas minoritárias ou subjugadas não constitui uma manifestação ou condição multicultural.

Uma segunda visão distorcida concebe o multicultural como um inalienável direito ao respeito da diferença, a sociedade multicultural nesta perspectiva seria aquela em que não se mesclam diferenças culturais e as preservam intactas. Para Touraine (op. cit.) esta postura termina em um individualismo sem concessões e a um gregarismo social intocável. Este segundo conceito acaba defendendo a perpetuação da diferença cultural, mas não a multiculturalidade.

Uma terceira visão distorcida concebe a multiculturalidade como a simples coexistência indiferente entre distintas culturas, desde uma tolerância incorretamente compreendida, que considera que a sociedade multicultural é aquela na qual subsiste uma certa indiferença pluralista de várias culturas. Não existe neste caso interação entre elas, e sim uma mera subsistência irrelevante. Ser multicultural nesta visão seria não se preocupar com o destino das outras culturas em seu entorno.

A última visão inadequada dos fenômenos multiculturais, segundo Touraine (op. cit.), é aquela que assimila com resistência a cultura ocidental e que atua na busca de culturas anti-ocidentais. Ao final deste século parece estar em voga em diversos cantos do planeta atores sociais com chamadas anti-modernas e anti-ocidentais para refugiarem-se aparentemente em outras culturas. Estas quatro visões seriam para Touraine os chamados falsos multiculturalismos presentes nos dias de hoje.

Samper, Trujillo e Tabares (1998) acreditam ser possível, a partir destas considerações sobre os falsos multiculturalismos construir um conceito mais maduro de sociedade multicultural com base nos itens que apresento a seguir:

a) Existe uma fronteira que separa o reconhecimento do outro e a obsessão por minha própria identidade. A abertura à mudanças é um requisito da multiculturalidade;

- b) Quem não é capaz de reconhecer em cada cultura seus valores e suas pretensões de universalidade não está preparado para assumir a multiculturalidade;
- c) O multiculturalismo só tem sentido como a combinação de uma pluralidade de culturas que mantém permanentes intercâmbios e comunicações entre atores que utilizam diferentes sentidos de vida;
- d) A existência multicultural está modificando radicalmente conceitos centrais como igualdade, dignidade, diferença e liberdade. Necessitamos de um princípio de igualdade humana aberto às diferenças e uma noção de liberdade que não esteja reduzida a simples autonomia do indivíduo, e sim como a necessidade de reconhecimento no interior das comunidade e de suas tradições concretas. A igualdade aberta às diferenças pressupõe a aceitação da igualdade de valor entre diferentes culturas e o abandono de noções como culturas superiores, avançadas, primitivas ou subdesenvolvidas;
- e) Ao converter-se as sociedades e os indivíduos em expressões multiculturais exige-se agora não apenas a preservação cultural, mas também o reconhecimento universal e a equiparação das mais diversas culturas existentes.

Para Sachs (2005, p. 161)

É claro que a palavra cultura deve ser usada no plural e analisada na sua evolução contínua. Várias culturas e contraculturas coexistem na cultura nacional, dando lugar à mestiçagem (...), mas gerando também conflitos, atritos e até exclusões, que as sociedades multiculturais, freqüentemente, enfrentam. (...) O multiculturalismo baseado na liberdade cultural, que nada tem a ver com o apego à tradição petrificada, leva a uma perspectiva diametralmente oposta.

Outra noção importante neste contexto é o conceito de interculturalidade que segundo Samper, Trujillo e Tabares (1998) parte do pressuposto de que as culturas não se encontram isoladas nem se produzem por geração espontânea. Estas em seu acontecer diário tendem a

abarcam espaços que as conduzem a entrar em relação com outras culturas. A estas relações estabelecidas entre as diversas culturas dá-se o nome de interculturalidade.

A interculturalidade segundo estes autores pode se dar predominantemente de três formas. A primeira quando o contato entre diferentes culturas faz com que uma tenda a fazer a outra desaparecer estabelecendo relações de dominação e não reconhecimento. A segunda se dá quando ao se encontrarem duas ou mais culturas, estas partem para um reconhecimento de cada contexto e de suas particularidades, estabelecendo uma relação de diálogo e respeito que vai produzindo modificações significativas no cenário simbólico de ambas as culturas que entraram em interação. E um terceiro caso, é quando ao se estabelecerem relações de contato entre duas ou mais culturas, e mesmo existindo relações de reconhecimento entre elas, as culturas não se resultam afetadas ou modificadas por este encontro e diálogo.

É válido ressaltar que nem toda relação do tipo intercultural é necessariamente multicultural, porém toda relação multicultural é obrigatoriamente intercultural. A primeira e a terceira formas citadas no parágrafo anterior são interculturais, mas não necessariamente multiculturais, já a segunda relação é tanto intercultural quanto multicultural.

Neste estudo podemos observar que a multiculturalidade é um fator importante na inclusão social por atividades culturais, pois isto permitirá a ampliação dos vínculos globais e locais e da consciência crítica de cada indivíduo. Já a interculturalidade que não é multicultural, pode ser maléfica para um processo de inclusão social por meio da cultura. Em se tratando de Brasil, país que possui uma diversidade cultural bastante abrangente estes aspectos ganham ainda mais importância. Vale observar também que a multiculturalidade e a interculturalidade são capazes também de trazer um empoderamento cultural ao indivíduo vital para a sua inclusão social.

2.2.3. POLÍTICA CULTURAL E DESENVOLVIMENTO NO COMBATE À EXCLUSÃO

Entendo que a cultura, num sentido definindo entre o seu significado “romântico e vago genérico” (THIRY-CHERQUES, 2001, p. 12), é o conjunto maior no qual estarão inseridas as atividades culturais e onde irão se originar as políticas públicas responsáveis pela elaboração destas, com um objetivo não só de preservação social como também de desenvolvimento.

Para Miranda (2004, p. 10)

a cultura é considerada como uma poderosa ferramenta de transformação por sua própria natureza exigindo e possibilitando o desenvolvimento do pensamento crítico e complexo, da criatividade, das relações interpessoais. É imprescindível, também, por ela significar o exercício dos sonhos e das utopias, além de possibilitar o auto-reconhecimento seja como indivíduo, ou parte de uma comunidade.

Este destaca ainda que as políticas culturais ainda estão deslocadas para um patamar secundário, quase acessório, identificando as artes e expressões do simbólico com o mero deleite, o culto a valores e tradições ou à preservação da memória histórica. Uma ainda tímida e promissora reversão dessa tendência aponta para a necessidade das políticas culturais serem deslocadas cada vez mais para o centro das estratégias de desenvolvimento. As ações que promovem o aprimoramento cultural desdobram-se em duas frentes de interesse. Primeiro, porque engrandecem as pessoas, tornando-as críticas, criativas e conhecedoras. Elevam a condição humana e sublinham as capacidades do corpo, da mente e do espírito. Depois, porque representam em si mesmas ações econômicas, capazes de gerar renda e criar novas possibilidades de mercado.

Sachs (2005, p. 160) observa que

o potencial de desenvolvimento humano de um país depende, em primeira instância da sua capacidade de se pensar; em segunda, da sua habilidade de colocar em obra o projeto; e, só em última instância, do grau de desenvolvimento do seu aparelho

produtivo. Mia Couto tem razão ao dizer que ‘o maior empobrecimento provém da falta de idéias, da erosão da criatividade e da ausência interna do debate. Mais do que pobres, tornamo-nos inférteis’, lamentando a falta, em Moçambique, da capacidade de gerar um pensamento original e soberano, que não ande a reboque daquilo que outros já pensaram.

Segundo Chauí (2006), existem três concepções de política cultural, as quais em diferentes conjunturas, se consolidaram ao longo do tempo nos órgãos públicos: a da cultura oficial produzida pelo Estado, a populista e a neoliberal.

A cultura oficial coloca o poder público na qualidade de sujeito cultural, produzindo cultura e determinando para a sociedade as formas e conteúdos culturais definidos pelo grupo dirigente, muitas vezes com a finalidade de reforçar a sua própria ideologia, e legitimando-a pro meio das atividades culturais que promove.

Já a concepção da cultura populista pretende que o órgão público de cultura tenha um papel pedagógico sobre as massas populares, apropriando-se da cultura popular para, depois de transformá-la, devolvê-la em sua ‘verdade verdadeira’ ao ‘povo’. O centro desta operação vai estar exatamente na divisão entre cultura de elite (ou elitista) e cultura popular, a primeira considerada diretamente vinculada à classe dominante, enquanto a segunda seria a expressão autêntica da classe dominante e oprimida.

Por fim, a posição neoliberal minimiza o papel do Estado, deixando para este apenas encargos relativos ao patrimônio histórico enquanto monumentalidade celebrativa do próprio Estado, deixando os órgãos públicos de cultura a serviço de conteúdos e padrões definidos pela indústria cultural e seu mercado. Por ser ideologia em estado puro, acredita na capacidade quase mágica da iniciativa privada não só como parceira principal das atividades culturais, mas principalmente como modelo de gestão, onde as empresas administram a cultura a partir dos critérios de mercado, o que acaba alimentando privilégios e exclusões.

Neste ponto discordo de Chauí. O fato das empresas administrarem a cultura com critérios de mercado, nem sempre irá alimentar privilégios e exclusões. Atualmente existem diversas organizações que nos seus projetos de marketing cultural abrem editais, seleções públicas ou buscam outros mecanismos capazes de possibilitar a ampla participação dos diversos grupos da sociedade em suas atividades. Isto demonstra que algumas delas estão sim abertas ao diálogo, a novas visões de mundo, possibilitando ao público o conhecimento de diferentes gostos culturais e colaborando com a democratização do setor.

Para fugir destas três armadilhas da política cultural Chauí (2006) propõe um conceito de Cidadania Cultural onde a cultura é vista como um direito dos cidadãos, sem confundi-los com as figuras de consumidor e contribuinte. Para ela isto significa tomar a cultura como um direito do cidadão, dando a ele o direito à criação, principalmente para aqueles criadores cujo trabalho experimental nas artes, nas técnicas, nas ciências e nas práticas socioculturais tem sido bloqueado impedido, censurado e não reconhecido pelos poderes estabelecidos. Para isto ela estabelece quatro perspectivas determinantes que compõe a proposta da Cidadania Cultural: (1) uma definição alargada da cultura que não a identifique apenas com as belas-artes, mas que apanhe em seu miolo antropológico de elaboração coletiva e socialmente diferenciada de símbolos, valores idéias, objetos, práticas e comportamentos pelos quais uma sociedade, internamente dividida e sob hegemonia de uma classe social, define para si mesma as relações com o espaço, o tempo, a natureza e os humanos; (2) uma definição de política cultural pelo prisma democrático, ou seja, como direito de todos os cidadãos, sem privilégios e sem exclusões; (3) uma definição conceitual de cultura como trabalho de criação: trabalho da sensibilidade, da imaginação e da inteligência na criação das obras de arte; trabalho de reflexão, da memória e da crítica na criação de obras de pensamento. Trabalho no sentido dialético de negação das condições e dos significados imediatos da experiência por meio de práticas e descobertas de novas significações e da abertura do tempo para o novo, cuja

primeira expressão é a obra de arte ou a obra de pensamento enraizada na mudança do que está dado e cristalizado e (4) uma definição dos sujeitos sociais como sujeitos históricos, articulando o trabalho cultural e o trabalho da memória social, particularmente como combate à memória social una, indivisa, linear e contínua, e como afirmação das contradições, das lutas e dos conflitos que constituem a história de uma sociedade. Em resumo, para Chauí (2006, p. 78) “um órgão público de cultura não produz cultura, mas cria condições para que os projetos culturais da sociedade sejam realizados”.

Neste ponto eu acredito que está claro que a cidadania cultural pode existir independente de quem a administra. O importante neste caso é como ela é administrada, se impondo uma forma de fazer cultura, ou com abertura para diferentes formas de se fazer cultura, criando espaço para os diversos atores sociais.

Olivieri (2004) e Certeau (1996) irão também reforçar idéias presentes no conceito de Cidadania Cultural, pois acreditam que a política cultural para uma sociedade deve ser pensada considerando-se a idéia do flexível, com a inclusão das mais diversas formas de manifestação, de públicos e de produtores. A política deve permitir a viabilização não somente do produto cultural, mas também do processo criativo e do fomento de idéias.

Admitindo que a produção cultural seja um processo que envolve todo o fazer humano, que inclui a criação, divulgação, elaboração e consumo do simbólico, o público não pode ser entendido como ‘passivo’. Ao contrário, a cultura requer a apropriação e a transformação pessoais, pressupõe uma ação de cada um dos envolvidos no fazer artístico direto e na participação ativa do público. (OLIVIERI, 2004, p. 52-53)

Por fim, é importante observar que no mundo de hoje os meios de legitimação de determinada atividade cultural muitas vezes estão no poder de determinados grupos e uma política cultural inclusiva deve pensar na possibilidade de disseminar e dar acesso a estes meios. Se o espaço cultural em estudo criar esta possibilidade, sendo um centro legitimador e

aberto à propostas culturais dos diversos grupos presentes na cidade, ele não apenas estará promovendo a ampliação dos vínculos globais e locais, como estará também abraçando o conceito de Cidadania Cultural.

2.2.4. POLÍTICA CULTURAL, IDENTIDADE E DIVERSIDADE

Um outro aspecto importante sobre políticas culturais inclusivas diz respeito à questão da identidade. A formação da identidade de uma sociedade se dá exatamente por meio da cultura.

Uma nação é uma alma, um princípio espiritual. Duas coisas, que na verdade fazem uma, constituem esta alma e este princípio espiritual. Uma está no passado, outra no presente. Uma, é a posse em comum de um rico legado de lembranças; o outro é o consentimento atual, o desejo de viver juntos, a vontade de validar a herança que recebemos como indivíduo. A nação, como o indivíduo, é resultado de um longo passado de esforços, de sacrifícios, e de devotamento. O culto dos antepassados é, de todos, o mais legítimo; os antepassados fizeram o que nós somos”. (RENAM APUD ORTIZ, 1994, p.138)

Logo, podemos observar que é de suma importância dentro de uma política cultural inclusiva o culto ao passado e ao presente por meio das atividades culturais desenvolvidas. O culto ao passado permitirá aos indivíduos não só conhecerem a sua história e assim melhor posicionarem-se em suas relações com a sociedade. Já com o cultivo do presente, no acesso as atividades culturais como agente e não apenas como mero espectador, o indivíduo tem a possibilidade não apenas de conhecer sua origem passada, mas também construir a sua identidade presente, e ao se afirmar, ao participar, ele se inclui na sociedade de forma efetiva.

A questão da diversidade é outro aspecto muito importante neste processo, e tanto é que a Diversidade Cultural como Patrimônio da Humanidade, foi incluída na Declaração Universal sobre Diversidade Cultural da UNESCO em 2001.

A cultura adquire formas diversas através do tempo e do espaço. Essa diversidade se manifesta na originalidade e na pluralidade de identidades que caracterizam os grupos e as sociedades que compõem a humanidade. Fonte de intercâmbios, de inovação e de criatividade, a diversidade cultural é, para o gênero humano, tão necessária como a diversidade biológica para a natureza. Nesse sentido, constitui o patrimônio comum da humanidade e deve ser reconhecida e consolidada em benefício das gerações presentes e futuras.

Artigo 2 – Da diversidade cultural ao pluralismo cultural

Em nossas sociedades cada vez mais diversificadas, torna-se indispensável garantir uma interação harmoniosa entre pessoas e grupos com identidades culturais a um só tempo plurais, variadas e dinâmicas, assim como sua vontade de conviver. As políticas que favoreçam a inclusão e a participação de todos os cidadãos garantem a coesão social, a vitalidade da sociedade civil e a paz. Definido desta maneira, o pluralismo cultural constitui a resposta política à realidade da diversidade cultural. Inseparável de um contexto democrático, o pluralismo cultural é propício aos intercâmbios culturais e ao desenvolvimento das capacidades criadoras que alimentam a vida pública.

Artigo 3 – A diversidade cultural, fator de desenvolvimento

A diversidade cultural amplia as possibilidades de escolha que se oferecem a todos; é uma das fontes do desenvolvimento, entendido não somente em termos de crescimento econômico, mas também como meio de acesso a uma existência intelectual, afetiva, moral e espiritual satisfatória. (UNESCO, 2001)

Baseado nestes pressupostos o presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, promulgou a Convenção sobre a Proteção e Promoção da Diversidade das Expressões Culturais, por meio do Decreto nº 6.177, de 1º de agosto de 2007. Este tratado que foi celebrado em outubro de 2005, no âmbito da Conferência Geral da Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (Unesco) - entrou em vigor em 18 de março de 2007, depois de ratificado por mais de 50 países, entre eles o Brasil.

O texto reafirma a soberania dos Estados para elaborar políticas destinadas a ‘proteger e promover a diversidade das expressões culturais’. A Convenção é resultado de um longo processo de amadurecimento e intensas negociações entre especialistas e representantes de governos. Reforça o conceito de Diversidade Cultural como Patrimônio da Humanidade, incluído na Declaração Universal sobre Diversidade Cultural, em 2001, supracitada.

Dentre alguns dos objetivos desse tratado internacional destacam-se o incentivo ao diálogo entre culturas; o reconhecimento da cultura para o desenvolvimento de todos os países; a promoção do respeito da diversidade das expressões culturais; e a reafirmação do direito soberano dos Estados de conservarem, adotarem e implementarem as políticas e as medidas que considerem necessárias para a promoção e proteção da diversidade cultural.

Para impulsionar a cooperação cultural internacional, a Convenção considera a solidariedade internacional um princípio fundamental de suas disposições e prevê, ainda, a criação de um Fundo Internacional para a Diversidade Cultural, alimentado com contribuições voluntárias. Se observarmos as linhas de atuação das políticas públicas culturais no Brasil, poderemos observar que em tese o Brasil vem atuando ativamente para colocar em prática estas ações afirmativas.

2.2.5. LEI ROUANET E A POLÍTICA CULTURAL BRASILEIRA

A Lei Rouanet, a mais conhecida e utilizada lei de incentivo a cultura no país, tem sua origem no ano de 1991 no governo Collor e desde então tem se mostrado como o principal mecanismo de financiamento de diversas atividades culturais no Brasil.

Em seu artigo primeiro esta estabelece que sua finalidade é a captação e canalização de recursos para:

- (I) contribuir para facilitar, a todos, os meios para o livre acesso às fontes da cultura e o pleno exercício dos direitos culturais; (II) promover e estimular a regionalização da produção cultural e artística brasileira, com valorização de

recursos humanos e conteúdos locais; (III) apoiar, valorizar e difundir o conjunto das manifestações culturais e seus respectivos criadores; (IV) proteger as expressões culturais dos grupos formadores da sociedade brasileira e responsáveis pelo pluralismo da cultura nacional; (V) salvaguardar a sobrevivência e o florescimento dos modos de criar, fazer e viver da sociedade brasileira; (VI) preservar os bens materiais e imateriais do patrimônio cultural e histórico brasileiro; (VII) desenvolver a consciência internacional e o respeito aos valores culturais de outros povos ou nações; (VIII) estimular a produção e difusão de bens culturais de valor universal formadores e informadores de conhecimento, cultura e memória; (IX) priorizar o produto cultural originário do País (MINISTÉRIO DA CULTURA, 2006).

Para cumprir estas finalidades a Lei Rouanet, disponibiliza mecanismos de captação de recursos por meio de isenção fiscal a empresas interessadas a apoiar financeiramente atividades culturais de:

(I) Incentivo à formação artística e cultural, mediante: a) concessão de bolsas de estudo, pesquisa e trabalho, no Brasil ou no exterior, a autores, artistas e técnicos brasileiros ou estrangeiros residentes no Brasil; b) concessão de prêmios a criadores, autores, artistas, técnicos e suas obras, filmes, espetáculos musicais e de artes cênicas em concursos e festivais realizados no Brasil; c) instalação e manutenção de cursos de caráter cultural ou artístico, destinados à formação, especialização e aperfeiçoamento de pessoal da área da cultura, em estabelecimentos de ensino sem fins lucrativos. (II) fomento à produção cultural e artística, mediante: a) produção de discos, vídeos, filmes e outras formas de reprodução fonovideográfica de caráter cultural; b) edição de obras relativas às ciências humanas, às letras e às artes; c) realização de exposições, festivais de arte, espetáculos de artes cênicas, de música e de folclore; d) cobertura de despesas com transporte e seguro de objetos de valor cultural destinados a exposições públicas no País e no exterior; e) realização de exposições, festivais de arte e espetáculos de artes cênicas ou congêneres. (III) preservação e difusão do

patrimônio artístico, cultural e histórico, mediante: a) construção, formação, organização, manutenção, ampliação e equipamento de museus, bibliotecas, arquivos e outras organizações culturais, bem como de suas coleções e acervos; b) conservação e restauração de prédios, monumentos, logradouros, sítios e demais espaços, inclusive naturais, tombados pelos Poderes Públicos; c) restauração de obras de arte e bens móveis e imóveis de reconhecido valor cultural; d) proteção do folclore, do artesanato e das tradições populares nacionais. (IV) estímulo ao conhecimento dos bens e valores culturais, mediante: a) distribuição gratuita e pública de ingressos para espetáculos culturais e artísticos; b) levantamentos, estudos e pesquisas na área da cultura e da arte e de seus vários segmentos; c) fornecimento de recursos para o FNC e para as fundações culturais com fins específicos ou para museus, bibliotecas, arquivos ou outras entidades de caráter cultural. (V) apoio a outras atividades culturais e artísticas, mediante: a) realização de missões culturais no País e no exterior, inclusive através do fornecimento de passagens; b) contratação de serviços para elaboração de projetos culturais; c) ações não previstas nos incisos anteriores e consideradas relevantes pelo Ministro de Estado da Cultura, consultada a Comissão Nacional de Apoio à Cultura (MINISTÉRIO DA CULTURA, 2006).

A captação dos recursos pela Lei Rouanet pode ser feita por meio do Fundo Nacional de Cultura (artigo 4), por meio dos fundos de investimento cultural e artístico (artigo 8 ao 17) e por meio de doações e patrocínios ao incentivo cultural (artigo 18 ao 30). É interessante destacar aqui a redação ao artigo 25.

Os projetos a serem apresentados por pessoas físicas ou pessoas jurídicas, de natureza cultural para fins de incentivo, objetivarão desenvolver as formas de expressão, os modos de criar e fazer, os processos de preservação e proteção do patrimônio cultural brasileiro, e os estudos e métodos de interpretação da realidade cultural, bem como contribuir para propiciar meios, à população em geral, que permitam o conhecimento dos bens e valores artísticos e culturais, compreendendo entre outros, os seguintes segmentos: I - teatro, dança, circo, ópera, mímica e congêneres; II - produção

cinematográfica, videográfica, fotográfica, discográfica e congêneres; III - literatura, inclusive obras de referência; IV - música; V - artes plásticas, artes gráficas, gravuras, cartazes, filatelia e outras congêneres; VI - folclore e artesanato; VII - patrimônio cultural, inclusive histórico, arquitetônico, arqueológico, bibliotecas, museus, arquivos e demais acervos; VIII - humanidades; e IX - rádio e televisão, educativas e culturais, de caráter não-comercial. Parágrafo Único. Os projetos culturais relacionados com os segmentos do inciso II deste artigo deverão beneficiar exclusivamente as produções independentes, bem como as produções culturais-educativas de caráter não-comercial, realizadas por empresas de rádio e televisão. (MINISTÉRIO DA CULTURA, 2006).

Podemos observar que o conceito de ‘produções independentes’ destacado pela lei parece diferir do conceito considerado pelos produtores culturais que comumente atacam a Lei Rouanet, afirmando que ela acaba sendo um instrumento que muitas vezes irá dar incentivo para uma arte não independente, que funciona e poderia sobreviver numa lógica de mercado.

Por outro lado, podemos observar que na sua essência a Lei Rouanet, buscou a democratização da cultura se aproximando bastante do direito à cultura proposto por Chauí (1993), para a qual o direito à cultura seria composto dos seguintes direitos: a produzir cultura, a participar das decisões quanto ao fazer cultura, a usufruir os bens da cultura, a estar informado sobre os serviços culturais, à formação cultural e artística pública, à experimentação e à invenção do novo, a espaços para reflexão, debate e crítica, à informação e comunicação. Ou seja, o direito à cultura abrangeria o apoio ao fomento, à criação, produção, distribuição e ao acesso. Tudo isto parece estar explícito nos objetivos da Lei Rouanet. A questão que se levanta é se na prática estes objetivos são atingidos.

Por fim, é importante observarmos que a política cultural brasileira está explicitada na Constituição Federal, que em seu Artigo 215, com recente redação publicada

em 10 de agosto de 2005, estabelece o Plano Nacional de Cultura que possui na Lei Rouanet atualmente o seu grande instrumento de ação.

Art. 215. O Estado garantirá a todos o pleno exercício dos direitos culturais e acesso às fontes da cultura nacional, e apoiará e incentivará a valorização e a difusão das manifestações culturais. § 1º - O Estado protegerá as manifestações das culturas populares, indígenas e afro-brasileiras, e das de outros grupos participantes do processo civilizatório nacional. § 2º - A lei disporá sobre a fixação de datas comemorativas de alta significação para os diferentes segmentos étnicos nacionais. § 3º - A lei estabelecerá o Plano Nacional de Cultura, de duração plurianual, visando ao desenvolvimento cultural do país e à integração das ações do Poder Público: I- defesa e valorização do patrimônio cultural brasileiro; II- produção, promoção e difusão de bens culturais; III formação de pessoal qualificado para a gestão da cultura em suas múltiplas dimensões; IV- democratização do acesso aos bens de cultura; e V- Valorização da diversidade étnica regional (BRASIL, 2006).

Para analisarmos a direção que tomou nos últimos anos a Política Cultural realizei um levantamento, com base nas avaliações dos PPA's disponibilizadas pelo Ministério do Planejamento Orçamento e Gestão – MPOG. Conforme informado pela Coordenadora Geral da Secretaria de Planejamento e Investimentos Estratégicos do MPOG, Beatrice Valle, a melhoria das informações contidas nos relatórios de avaliação dos programas do PPA é um esforço que envolve o MPOG e as equipes gerenciais de cada um dos Ministérios e entidades da Administração Pública Federal. A metodologia de avaliação anual utilizada é a auto-avaliação e que como todos os métodos contém vantagens e desvantagens. No roteiro disponibilizado e nas orientações e sensibilizações que o MPOG tem feito, os demais órgãos são alertados para alguns cuidados que devem ser tomados na produção dos relatórios de avaliação: (1) a auto-avaliação deve ser pautada por evidências (dados das execuções das metas físicas e financeiras do conjunto das ações dos programas; cálculo dos

indicadores, identificação de resultados quantificáveis, etc); (2) a auto-avaliação está associada à meta avaliação por parte do MPOG, uma análise crítica das informações registradas no sistema e solicitação de esclarecimentos ou de novas informações muitas vezes solicitadas e raramente atendidas; e (3) resultados da avaliação do programa pelo seu público-alvo (por meio de pesquisas de campo ou questionários/consultas simples que podem ser endereçadas por meio eletrônico).

Ao longo dos anos 2000 a 2005 podemos observar que alguns avanços foram alcançados no que diz respeito à avaliação dos programas, isto fortemente focado no entendimento da importância desta ferramenta para a melhoria da gestão e da qualidade do gasto público. A tendência parecer ser de que este processo vá se aprofundando gradativamente, visto que é por meio da avaliação que a sociedade é informada sobre os bens e serviços produzidos com os impostos arrecadados. Atualmente estão disponíveis no site do MPOG as avaliações de 2000 até 2005 de todas as ações estabelecidas nos PPA's .

Ao analisarmos as avaliações disponíveis sobre o Ministério da Cultura, e seus programas e ações, podemos observar que elas ainda não estão muito bem quantificadas e não é respeitado um padrão na forma de divulgação das mesmas. Por vezes temos informações muito genéricas e por outras informações muito específicas o que dificulta um tabulamento exato do percentual de investimento em cada atividade ou setor da cultura.

Apesar da dificuldade acima descrita, procurei estabelecer o rumo da política cultural brasileira nos últimos anos. Podemos observar que nos anos de 2000 até 2003 as ações realizadas pelo MINC estiveram organizadas dentro de 9 grandes grupos: (I) Brasil Patrimônio Cultural; (II) Cinema, Som e Vídeo, (III) Cultura-Afro-Brasileira, (IV) Gestão da Política Cultural, (V) Livro Aberto, (VI) Monumenta: Preservação do Patrimônio Histórico, (VII) Museu Memória e Futuro, (VIII) Música e Artes Cênicas e (IX) Produção e Difusão Cultural. Nos anos de 2004 e 2005 os 9 grandes grupos anteriores foram transformados em

11, alguns se integrando a outros grupos e outros reafirmando a importância da cultura como um mecanismo de inclusão e educação da sociedade brasileira.

No ano de 2007 a política cultural brasileira era composta por 11 grupos de ações assim subdivididos: (I) Brasil Patrimônio Cultural, (II) Brasil, Som e Imagem, (III) Cultura Afro-Brasileira, (IV) Cultura e Tradições Memória Viva, (V) Cultura, Identidade e Cidadania, (VI) Engenho das Artes (música, artes cênicas e visuais), (VII) Gestão da Política Cultural, (VIII) Livro Aberto, (IX) Monumenta: Preservação do Patrimônio Histórico, (X) Museu, Memória e Cidadania.

Ao observarmos as realizações principais destacadas em cada uma das ações acima descritas, podemos observar que a política cultural busca, de certa forma, abranger toda a diversidade cultural brasileira, e atender, a sua missão constitucional estabelecida no artigo 215 da Constituição Federal, bem como abraçar a Declaração Universal sobre Diversidade Cultural da UNESCO.

A manutenção da maioria dos programas que compõe os grupos de ações das políticas culturais na mudança do Governo FHC para o Governo Lula nos leva a crer que com relação à política cultural existe um certo consenso com relação aos campos em que esta deve atuar. O que aparenta é que o Ministério da Cultura – MINC estabelece as direções, e os produtores e a classe artística apresentam as suas alternativas (projetos) dentro destas direções. Podemos considerar esta uma visão pluralista, que talvez peque pela ingenuidade, ao acreditar que as diversas forças envolvidas no processo de formulação e demandas de políticas públicas se equilibrem. Acaba que determinados setores artísticos são bem representados e captam mais recursos e outros não tão bem representados captam menos recursos.

É inegável que durante o Governo Lula, o Ministério da Cultura, sob o comando do Ministro Gilberto Gil, ganhou uma visibilidade nunca antes vista. Como avanços consideráveis desta nova gestão podemos citar o desenvolvimento de um Plano Nacional de

Cultura e os Pontos de Cultura que buscaram democratizar as atividades culturais em todo o território nacional.

A Lei Rouanet é evidentemente, a grande ferramenta para a realização das atividades realizadas. Entretanto, apesar do grande número de realizações apontadas, ainda podemos observar na mídia uma certa insatisfação da classe artística com a política cultural (O GLOBO, 2007).

A queixa mais comum é a de que no Brasil os governos não concentraram seus planos de gestão na definição e implantação de uma política cultural para o país, que questões de ordem política e econômica, na maior parte das vezes, tomaram conta de toda a atenção dos governantes, da mídia e da nação como um todo. A atuação governamental no setor se deu, via de regra, pela repressão política ou pela distribuição clientelista e conservadora das verbas.

Para muitos, grande parte dos projetos culturais realizados com incentivo fiscal poderiam acontecer sem esse prejuízo para os cofres públicos, já que se trata em geral de manifestações criadas dentro das regras da indústria cultural. Manifestações que independeriam do apoio estatal, ou seja, que poderiam estar fora das ações da política cultural do Estado. Esta crítica é reforçada pelo fato de boa parte das maiores empresas patrocinadoras da cultura serem também empresas estatais.

Para Olivieri

embora a aplicação do conceito abrangente de cultura seja difícil na operacionalização das políticas culturais do Estado em razão das limitações de toda ordem, cabe a consciência e perseguição de um conceito abrangente de inclusão para que se chegue cada vez mais perto de sua concretização. O abandono desse ideal em nome da busca de conceito mais exequível e factível traz em si a essência de uma política limitadora (OLIVIERI, 2004, p. 50).

A concentração dos projetos incentivados no eixo Rio-São Paulo também é um fato evidente visto que a maior parte das grandes empresas do país estão localizadas nesta região. O próprio Tribunal de Contas da União – TCU, já informou ao MINC que é necessário desenvolver mecanismos na lei capazes de corrigir estas distorções. No ano passado (2006) segundo o TCU 79,6 % dos R\$ 824 milhões obtidos pela lei estavam concentrados na região sudeste (O GLOBO, 2007).

Por fim, a burocratização dos procedimentos para o acesso ao incentivo é considerada por muitos artistas um empecilho para as produções de grupos alternativos e de manifestações artísticas mais populares o que acabaria elitizando as ações culturais via lei de incentivo, em virtude da incapacidade de certos artistas operarem e compreenderem o mecanismo processual público para captar fomento às suas atividades. Agentes de cultura do MINC, capazes de operarem para estes artistas a máquina burocrática poderia minimizar este problema.

Ao observarmos as linhas de ação da política cultural brasileira gerida pelo MINC, é possível traçar um panorama das principais realizações ocorridas, podemos observar que existe sim a definição e implantação de uma política cultural para o país, capaz inclusive de abranger os diversos setores e a diversidade cultural brasileira. É claro que é muito difícil mensurar se o clientelismo e o conservadorismo ainda predominam na escolha dos projetos. Mas eu não acredito que o fato de grandes empresas estatais financiarem a cultura empeça as diversas manifestações culturais de se expressarem e conquistarem o seu espaço junto ao público.

Identificar quem estabelece a agenda da cultura, quais as alternativas apresentadas, quem as escolhe e quem as implementa não parece ser uma tarefa fácil nem transparente. Ao observamos as ações do MINC podemos dizer que todos os setores artísticos

estão representados, e que inclusive uma tendência de projetos voltados para a cidadania, a identidade e a inclusão social tem ganhado destaque nos últimos anos.

Podemos destacar, por exemplo, dentro da ação Cultura Identidade e Cidadania realizações como a capacitação de artistas, técnicos e produtores em arte e cultura em áreas habitadas por populações de baixa renda e a promoção e intercâmbio de eventos culturais em áreas habitadas por comunidades em situação de vulnerabilidade social.

Isto com certeza, nos leva a acreditar que a inclusão social é um fator determinante na elaboração das políticas públicas, visto que iniciativas, como a descrita acima, têm merecido destaque nas políticas públicas culturais.

É claro que é importante, saber quem está por trás de tal iniciativa. Seria a comunidade organizada? Os artistas? Organizações Governamentais agindo em parceria com classes artísticas populares? Os relatórios apresentados pelo MPOG ainda não esclarecem estas questões. O fato é que políticas culturais voltadas para questões sociais têm sido implementadas e realizadas.

Vale salientar que estas atividades culturais, em sua essência, e de modo muito subjetivo, interferem nos vínculos das diversas dimensões e esferas da vida social, tanto materiais como simbólicos, permitindo aos indivíduos encontrarem um lugar social no mundo e uma identidade social positiva. Estas podem também combater a alienação social com relação ao mundo destacada por Arendt (1991), somando-se a isso a certeza de ser a cultura, numa política de diversidade, uma eficaz ferramenta na ampliação dos vínculos sociais globais e locais.

Por fim, conforme afirma Saravia (1999, p. 9),

com relação à atividade cultural dos bancos, é bom destacar que não se trata de uma mera atividade de mecenato. Com efeito, o acervo artístico, histórico, antropológico e predial que eles adquirem transformam-se em um sólido ativo da instituição. (...)É original o caso do Banco do Brasil, que atua, desde 1980, como financiador e avalista

das instituições culturais brasileiras que compram documentos e outros objetos históricos em leilões realizados no exterior. Numerosas peças, de grande valor, foram assim recuperadas pelo país.

2.3. INCLUSÃO SOCIAL POR MEIO DAS ARTES E DAS ATIVIDADES CULTURAIS E OS MECANISMOS DE ARTE-EDUCAÇÃO

Callado (2002) observa que à medida que a vida do homem se torna mais complexa e mecanizada, mais dividida em interesses e classes, mais “independente” da vida dos outros homens e portanto esquecida do espírito coletivo que completa os seres humanos, a função da arte é refundir esse homem, torná-lo de novo são e incitá-lo à permanente escalada de si mesmo. Todas as grandes fases da evolução da sociedade tiveram aquele momento de pujança em que sem esforço o artista, integrado no processo, fez do homem do seu tempo um retrato imortal.

Fischer (2002) demonstra que no primeiro período do desenvolvimento humano coletivo, a arte foi a grande arma que serviu de auxílio na luta contra a força misteriosa da natureza. Em sua origem, a arte foi magia: compunha, essencialmente, uma coisa só com a religião e a ciência. No segundo período do desenvolvimento – o período da divisão do trabalho, da separação das classes e do início dos antagonismos sociais – a arte se tornou um dos principais meios de aquisição de compreensão da natureza desses antagonismos, se tornou por meio de indicação daquilo que a realidade podia ser (mostrando a realidade tal como era) e um meio de superação da solidão individual, proporcionando a cada indivíduo uma ponte para aquilo que o unia aos demais, aquilo de que todos participavam. A arte possuía assim na sua natureza esta capacidade de inserir os indivíduos na sociedade retirando-os da solidão.

Para Fischer (op. cit.) estava claro que o homem queria ser mais do que apenas ele mesmo. Queria ser um homem total. Não lhe bastava ser um indivíduo separado; além da parcialidade da sua vida individual, ansiava uma ‘plenitude’ que sentia e tentava alcançar,

uma plenitude de vida que lhe era fraudada pela individualidade e todas as suas limitações; uma plenitude na direção da qual se orientava quando buscava um mundo mais compreensível e mais justo, um mundo que tivesse significação. Rebelava-se contra o ter de se consumir no quadro de sua vida pessoal, dentro de possibilidades transitórias e limitadas da sua exclusiva personalidade. Queria relacionar-se a alguma coisa mais do que o “Eu”, alguma coisa que, sendo exterior a ele mesmo, não deixava de ser-lhe essencial. O homem ansiava por absorver o mundo circundante, integrá-lo a si; ansiava por estender pela ciência e pela tecnologia o seu “Eu” curioso e faminto de mundo, até mesmo as mais remotas constelações e até os mais profundos segredos do átomo; ansiava por unir na arte o seu “Eu” limitado com uma existência humana coletiva e por tornar social a sua individualidade.

Ao pensamento de Fischer podemos somar o argumento de Reader (2001) em seu livro *A Educação Pela Arte* onde este defende que o objetivo da educação, como o da arte, deve ser a preservação do todo orgânico do homem e suas faculdades mentais, de modo que, à medida que ele passa da infância para a condição de adulto, da selvageria para a civilização, retenha, não obstante, a unidade de consciência que é a única fonte de harmonia social e felicidade individual.

Chegamos aqui, então, em um ponto primordial para entendermos o processo de inclusão por meio da arte, das atividades culturais. Ela é um processo de educação libertadora do indivíduo, um processo de arte-educação, numa visão bem próxima da defendida por Freire.

Quando falo em educação como intervenção me refiro tanto a que aspira a mudanças radicais na sociedade, no campo da economia, das relações humanas, da propriedade, do direito ao trabalho, à terra, à educação, à saúde, quanto a que, pelo contrário, reacionariamente pretende imobilizar a História e manter a ordem injusta (FREIRE, 2006, p. 109).

Segundo Fisher, citado por Pinheiro (2005, p. 54) “a arte não é um subproduto do desenvolvimento social, mas um dos elementos essenciais que entram na constituição da sociedade” e “foi, e ainda é, o instrumento essencial para o desenvolvimento da consciência humana”. Pinheiro (op. cit.) destaca que “a convergência do trinômio arte, educação e sociedade pode sustentar a formação individual e social, norteadora da consciência e propulsora da inclusão social”. Ele observa que o reconhecimento da educação como foco central do processo de inclusão social é encontrado no pensamento de Read para o qual “a arte não é conteúdo, é a base da educação e da própria formação”. Pinheiro (op. cit.) mostra que Read (2001) clama pela “educação da sensibilidade”, a qual ele lamentava estar esquecida. Para ele era lenta a evolução da sociedade e, em suas dimensões mais profundas, se comparada à rapidez com que os indivíduos sonhavam. Pinheiro (2005) considera essencial para que a inclusão social seja plenamente alcançada, que idéias inovadoras sejam incorporadas a ações integradas e integradoras que permeiem todo o processo, até que o conhecimento e a consciência possam guiar verdadeiros cidadãos.

O pensamento de Read (2001) se mostra esclarecedor quando observamos sua consciência, na capacidade da arte em transformar o ser humano despertando nele os valores necessários para a construção de uma sociedade mais justa.

No aspecto sociológico mais amplo, sugere-se que um modo de vida baseado no conhecimento das organizações orgânicas (para usar a expressão de Platão) é um guia mais seguro de conduta e uma base mais sólida para a organização social que os sistemas ou ideologias produzidos pelo modo lógico de pensar, que produzem perversões do desenvolvimento natural como as representadas pelas atuais correntes do materialismo histórico, do nacionalismo, do totalitarismo – todas elas, de uma forma ou de outra, negando a verdade fundamental de que uma lei do desenvolvimento é inerente ao universo e manifesta-se no homem natural. (...) O objetivo da educação lógica pode ser descrito como a criação, no indivíduo, de uma capacidade de integrar a experiência dentro de uma concepção lógica do universo,

uma concepção que inclui os conceitos dogmáticos do caráter e da moralidade. (...) O objetivo da educação imaginativa foi adequadamente descrito por Platão: dar ao indivíduo uma concreta consciência sensorial da harmonia e do ritmo que entram na constituição de todos os corpos e plantas existentes, consciência essa que é a base formal de todas as obras de arte, a fim de que a criança, em sua vida e em suas atividades, compartilhe da mesma graça e beleza orgânicas. Por meio dessa educação, tornamos a criança consciente daquele ‘instinto de relação’ que, antes mesmo do advento da razão, capacitará a criança a distinguir o belo do feio, o bem do mal, o padrão correto de comportamento do padrão errôneo, a pessoa nobre da ignóbil (READ, 2001, p. 75).

Desenvolver a capacidade crítica dos indivíduos envolve, também, desenvolver a capacidade lúdica destes, e neste aspecto acredito ser a arte ferramenta fundamental. Um indivíduo capaz de criar necessita, antes de tudo, ser capaz de sonhar, e é, exatamente neste aspecto, que a arte pode ser uma mola propulsora de todo o processo de transformação do indivíduo e da sociedade.

Mota e Filho (2005, p. 50), ambos da Secretaria de Educação a Distância – SED, do Ministério da Educação – MEC, acreditam que as dificuldades para a implementação de políticas inclusivas, se devem ao fato do Brasil apresentar fortes assimetrias sociais, econômicas, culturais e educacionais, que somadas às dimensões continentais, configuram um quadro extremamente desafiador. Ao se pensar num espaço público que realiza atividades culturais gratuitas é importante que estes aspectos também estejam sempre sendo levados em conta na organização destas. De nada adianta desenvolver com dinheiro público exposições fabulosas de artes, se estas forem incapazes de transfigurar estas assimetrias sociais existentes.

Novamente aqui o pensamento de Fischer mostra que é da natureza da arte vencer este desafio.

O poder educacional e social das palavras e das imagens é pacificamente reconhecido. Uma obra de arte é encarada não como um acontecimento efêmero, mas como uma ação cujas conseqüências alcançam muito longe: nascida do real, ela reage sobre a realidade. (...) A função da arte não é a de passar por portas abertas, mas de abrir portas fechadas. Quando o artista descobre novas realidades, porém, ele não o consegue apenas para si mesmo; ele realiza um trabalho que interessa a todos os que querem conhecer o mundo em que vivem, que desejam saber de onde vêm e para onde vão. O artista produz para uma comunidade (FISCHER, 2002, p. 234-238).

Por fim, é importante salientar a capacidade de formação de indivíduos críticos e singulares que serão a grande riqueza da sociedade, seres motivados pelo processo de arte-educação impulsionado pelas atividades culturais.

O objetivo da educação, portanto, só pode ser o de desenvolver, juntamente com a singularidade, a consciência social ou reciprocidade do indivíduo. Como resultado das infinitas permutações da hereditariedade, o indivíduo será inevitavelmente único, e essa singularidade, por ser algo que ninguém mais possui, será de valor pra a comunidade. Ela pode ser uma maneira única de falar ou de sorrir – mas que contribui para a variedade da vida. Mas pode ser uma maneira única de ver, pensar, inventar, expressar a mente ou a emoção – e, neste caso, a individualidade de um homem pode constituir um incalculável benefício para toda a humanidade. Mas singularidade não tem nenhum valor prático quando isolada. Uma das mais acertadas lições da moderna psicologia e das recentes experiências históricas é que a educação deve ser um processo não apenas de individualização, mas também de integração, que é a reconciliação entre a singularidade individual e a unidade social (READ, 2001, p. 6).

2.4. AS ESTRATÉGIAS DE MARKETING CULTURAL E INSTITUCIONAL

Outro referencial que precisa ser abordado, e que se aplica diretamente à organização Banco do Brasil, diz respeito às vantagens obtidas pela prática de atividades culturais e dos

investimentos em cultura, uma tendência mundial conforme relata Freitas (2000) nos estudos de culturas organizacionais.

O imaginário das grandes empresas não pode se expressar sem um simbolismo específico e sem a construção de um discurso que lhe dê firme suporte expressivo. Nesse discurso busca-se dar nova vestimenta às empresas, torná-las mais atraentes, mais legítimas, mais “humanas”, o lugar do novo sagrado. A pretensão dessas organizações é transformar-se na instituição social por excelência, no ator central da sociedade, fornecendo o modelo de referências predominantes para o conjunto dos comportamentos coletivos (FREITAS, 2000, p.59).

Ao patrocinar as atividades culturais por meio do CCBB é exatamente esta esfera social que o Banco do Brasil está buscando reforçar dentro da sociedade brasileira. Rocha (1995) num estudo específico sobre a cultura organizacional do Banco do Brasil observa que a cultura deste e a da sociedade brasileira estarão sempre se sobrepondo, o que vai reforçar ainda mais a sua capacidade de transformação social.

De fato, existem indícios significativos de um processo de realimentação entre a cultura e as subculturas do Banco do Brasil e a cultura brasileira. A cultura e o estilo da organização reagem – no sentido de ter seus valores interpretados – frente aos estímulos oriundos do ambiente da própria cultura brasileira. (...) A cultura de uma instituição como o Banco do Brasil apresentará, com toda certeza, uma gramaticalidade com a cultura brasileira. (...) O Banco do Brasil é provavelmente uma das instituições com maior capacidade de absorver e reproduzir elementos da cultura brasileira. Falar desta relação é especular sobre a história, sobre estruturas de poder, sobre interdependência, sobre as sucessivas ações sociais de troca e sobre as interações simultâneas, constantes e cotidianas que acontecem entre os atores sociais (ROCHA, 1995, p. 28 -22).

Mais um fato que irá reforçar esta ideologia do comprometimento do Banco do Brasil com a sociedade brasileira e, conseqüentemente, com a necessidade de inclusão social desta, está explícita em uma peça publicitária vinculada na mídia que dizia:

“O que os outros chamam de clientes, o Banco do Brasil chama de brasileiros.”

Freitas (2000) salienta que esse discurso de cidadania torna-se patente sobretudo no apoio a projetos culturais ou ecológicos que possam favorecer a imagem da empresa e de seus produtos. A eficácia da publicidade direta tem-se mostrado limitada, dando margem a novas formas de comunicação que valorizam a marca e a empresa como um todo. Ou seja, embora os produtos sejam cada vez mais efêmeros, uma marca consolidada é sempre uma garantia. Os investimentos em atividades culturais e sociais não são aleatórios nem podem ser vistos como o fruto de um altruísmo das empresas, tampouco de políticas desinteressadas.

Observamos então, que é realmente interesse das empresas uma transformação da sociedade e não só a mera valorização de uma marca, e que isto se torna ainda mais evidente, lógico e necessário, quando a empresa em questão é o banco do Estado.

Entretanto é importante não esquecer que

o casamento entre cultura e economia nasceu amaldiçoado. Em 1947, no livro *Dialética da Razão*, os pensadores alemães Theodor Adorno e Max Horkheimer, da Escola de Frankfurt, utilizaram pela primeira vez o conceito de indústria cultural. Na visão deles, essa indústria seria genericamente um conjunto de empresas e instituições ocupadas em tratar a cultura com fins lucrativos e mercantis. Para Adorno e Horkheimer, tal indústria, uma vez dependente do consumo, nasceria para ratificar de forma espúria o sistema capitalista. As conseqüências dessa cultura transformada em produto seriam o rebaixamento do nível da criação humana e a transformação das manifestações mais nobres do espírito em banalidades comercializáveis (SARAVIA, 2007, p. 30).

Inclusive se a banalização e apropriação da cultura pelo mercado, com fins estritamente financeiros acontecer, conforme debatem Adorno e Horkheimer (1985) em sua obra *Dialética do Esclarecimento*, isto em muito irá de encontro à possibilidade de inclusão social por meio da atividade cultural, visto que esta pode se tornar alienante ou até mesmo excludente.

2.4.1. ESTRATÉGIA

A estratégia é com certeza a mais antiga de todas as técnicas desenvolvidas pela humanidade utilizada na Administração contemporânea. Ela está presente já a 500 anos antes de Cristo nos trabalhos de Sun Tzu (2003) em *A Arte da Guerra*; vai se aperfeiçoando na mão dos grandes generais como Alexandre, Aníbal, César e Napoleão; é de fundamental importância na construção do império marítimo português (PINTO, 2001); e hoje é uma ferramenta presente em muitos países seja na esfera da administração pública montando cenário para o futuro de nações, seja na esfera privada, traçando o caminho de grandes e pequenas organizações.

Mintzberg (2006) apresenta em seu clássico *O Processo da Estratégia* cinco definições para a estratégia como plano, pretexto, padrão, posição e perspectiva, e é importante relatar que entre estas todas ainda existem as suas inter-relações.

Na estratégia como plano temos sempre algum tipo de curso de ação que é conscientemente pretendido, ou mesmo um conjunto de diretrizes para lidar com uma determinada situação. Como exemplos temos no campo militar a estratégia relacionada à criação de um plano de guerra, na teoria dos jogos como um plano que especifica as escolhas que cada jogador irá fazer em cada situação possível, em grandes corporações isto pode ser um plano integrado que possa assegurar que os objetivos básicos de determinada empresa sejam atingidos.

Não se pode negar que muitas vezes a estratégia é apenas um pretexto, uma manobra para superar um oponente ou concorrente. Como exemplos temos a ameaça de grandes corporações em expandirem seus negócios ou adentrar em novos ramos para vencer seus concorrentes. Ressalta-se que nestes casos a estratégia real é a ameaça e não exatamente a expansão em si. (PORTER, 2006, SCHELLING, 1964)

Considerando que entender a estratégia como plano ou pretextos específicos é ainda insuficiente, deve-se observar a terceira definição que procura incorporar o comportamento resultante do ato estratégico e encará-la como um padrão. Como exemplos temos Henry Ford quando optou por oferecer o seu modelo T apenas na cor preta, ou mesmo Picasso quando optou por pintar quadros apenas em azul e mais recentemente lojas que optaram por vender apenas produtos naturais.

É importante que já nestas três definições podemos observar que a estratégia na verdade se refere a tudo. Aos produtos e processos, clientes e cidadãos, responsabilidades sociais e interesses próprios, controle e cor. Estratégico será muitas vezes aquilo que é importante em determinado momento.

A estratégia pode ser vista também como uma posição, um meio no qual é possível localizar uma organização em determinado ambiente. Estratégia neste caso seria uma força mediadora entre a organização e o ambiente, entre seus contextos internos e o externo (RUMELT, 1994). Teríamos então neste caso a estratégia transformada em nicho, em termos econômicos um local que gera renda (FAULKNER E BOWMAN, 1995), em termos administrativos o domínio de produtos sobre determinado mercado, caracterizando o local onde os recursos estão concentrados (THOMPSON, 1967).

Por fim a estratégia pode ser vista como uma perspectiva, uma visão de mundo. Neste caso o seu conteúdo consiste não apenas numa posição escolhida, mas também de uma maneira fixa de olhar o mundo, há organizações que favorecem o marketing e constroem toda

uma ideologia ao seu redor, há outras com sua cultura voltada para a engenharia e os processos e outras com a ênfase voltada para a qualidade. Nesta definição a estratégia é para a organização aquilo que a personalidade é para o indivíduo. O caráter de uma organização vai estar baseado nos comprometimentos distintos e integrados, as maneiras de agir e responder que são construídas diretamente ao longo do tempo.

É interessante destacar que estas cinco definições primeiramente apresentadas estarão sempre se inter-relacionando, mas dificilmente se sobrepondo todas juntas. Por exemplo, uma perspectiva pode se tornar tão profundamente arraigada no comportamento de uma organização que as crenças associadas podem se tornar subconscientes na cabeça de seus membros. Neste caso a perspectiva passa a se parecer mais como um padrão do que com um plano, se baseando mais na consistência de comportamentos do que na articulação das intenções. Além disso, vale salientar, que nem todos os planos tornam-se padrões, e que mesmo estes nem sempre se desenvolvem como o planejado; certos pretextos são bem menos do que posições e algumas estratégias são mais do que posições e às vezes menos do que perspectivas. Em resumo, as cinco definições apresentadas por Mitzberg (2006) acrescentam elementos importantes no entendimento da estratégia encorajando administradores a tratarem das questões organizacionais como um todo.

Como plano, a estratégia trata da maneira como os líderes tentam estabelecer direção para as organizações, colocando-as em cursos de ação predeterminados. (...) Como pretexto, a estratégia nos leva à esfera da competição direta, na qual ameaças, estratégias e várias outras manobras são utilizadas para obter vantagem. (...) Como padrão, a estratégia concentra-se em ação, lembrando-nos de que o conceito é vazio se não levar em consideração o comportamento. (...) Como posição, a estratégia nos encoraja a olhar para as organizações em seus ambientes competitivos – como elas encontram suas posições e se protegem para enfrentar a concorrência, evitá-la ou subvertê-la. (...) E, finalmente, como perspectiva a estratégia levanta questões intrigantes sobre intenção e comportamento em um contexto coletivo (...), questões de

como as intenções se difundem por meio de um grupo de pessoas para se tornarem compartilhadas como normas e valores, e como padrões de comportamento se tornam profundamente arraigados no grupo. (MINTZBERG, 2006, p. 28)

Muito comum também é a utilização da palavra estratégia como um sinônimo para tática empresarial. Na verdade, estes conceitos não são sinônimos e sim complementares. Num sentido mais preciso, as táticas ocorrem dentro de todos os níveis da organização. Elas são os realinhamentos de ação-interação de curta duração e adaptáveis, que as forças opostas usam para atingir metas limitadas dentro de seu contato inicial. Já a estratégia define uma base contínua para ordenar essas adaptações em direção a objetivos concebidos de forma mais ampla. (QUINN, 2006)

A estratégia é formada na sua essência por três elementos básicos: (1) as metas ou objetivos mais importantes a serem atingidos; (2) as políticas mais importantes que orientam ou limitam determinada ação, e (3) as principais seqüenciais de ação ou programas que levarão ao cumprimento das metas definidas dentro dos limites estabelecidos. É válido salientar também que estratégias eficazes se desenvolvem ao redor, muitas vezes, de alguns poucos conceitos e forças observadas como principais, que lhe darão coesão e foco. Algumas destas forças são temporais, e desapareceram ao longo da execução da estratégia, e algumas outras permanecerão, e serão mantidas até o fim da estratégia. Um dos grandes desafios está no fato da estratégia muitas vezes na verdade ser composta de várias ‘pequenas’ estratégias. Nas grandes organizações obter coesão entre todas elas pode se tornar uma tarefa sobre-humana para qualquer presidente. Sendo assim, é importante que existam formas sistemáticas para testar cada componente da estratégia e confirmar que esta atende aos princípios mais importantes da estratégia macro formulada. Poderíamos assim estabelecer alguns critérios para o desenvolvimento de estratégias eficazes: clareza nos objetivos decisivos; manutenção da capacidade de iniciativa e flexibilidade dos setores da organização; concentração nos

programas e ações; lideranças coordenadas e comprometidas; a surpresa aos concorrentes e a segurança das informações e base de recursos vitais.

Já Porter (2006) observa que muitas vezes a eficácia operacional acaba se misturando a estratégia da organização, sendo que é de vital importância que estas possam estar bem definidas dentro de cada contexto.

A raiz do problema é a falha em distinguir entre eficácia operacional e estratégia. A busca por produtividade, qualidade e velocidade gerou um grande número de ferramentas e técnicas gerenciais importantes: gerenciamento com qualidade total, avaliação de desempenho, competição baseada no tempo, terceirização, parcerias, reengenharia, mudança gerencial. Embora as melhorias operacionais resultantes tenham sido sempre drásticas, muitas empresas ficaram frustradas com sua incapacidade de traduzir esses ganhos em lucratividade sustentada. E, de grão em grão, quase imperceptivelmente, as ferramentas gerenciais tomaram o lugar da estratégia. À medida que os gerentes pressionam para melhorar em todas as frentes, elas se afastam cada vez mais de posições competitivas viáveis. (...) Eficácia operacional (EO) significa, desempenhar atividades similares melhor do que os rivais. Eficácia operacional inclui, mas não se limita à eficiência. Refere-se a qualquer número de práticas que permitam a uma empresa utilizar melhor seus recursos – por exemplo, reduzindo os defeitos em produtos ou desenvolvendo melhores produtos mais rapidamente. Em contraste, posicionamento estratégico significa desempenhar atividades diferentes dos rivais ou desempenhar atividades similares de maneira diferente.

Para Porter (op. cit.) enquanto a EO objetiva atingir a excelência em atividades individuais ou funções a estratégia irá discorrer sobre como é possível combinar diversas atividades. Estas diversas atividades devem estar ajustadas, este ajuste estratégico é fundamental não apenas para gerar a famosa vantagem competitiva defendida pelo autor, mas também para dar sustentabilidade a esta estratégia.

2.4.2. MARKETING INSTITUCIONAL E MARKETING CULTURAL

O Marketing Institucional (Kotler, 1993) é baseado em atividades que são empreendidas para criar, manter ou alterar as atitudes e comportamentos do público-alvo para com uma organização. Este tipo de marketing exige, por parte da organização, o conhecimento da imagem atual da organização e o desenvolvimento de um plano de marketing capaz de melhorá-la. Este conhecimento é adquirido por meio de pesquisas sobre a imagem da empresa, para saber como indivíduos ou grupos vêem determinada empresa. Esta visão dos indivíduos e dos diversos grupos é o que chamamos de imagem da organização.

As necessidades de obtenção de diversas informações para a formação da imagem corporativa crescem mais e mais a cada dia. Hoje, nenhuma empresa direciona seus esforços de marketing exclusivamente para fins comerciais. O marketing institucional, na sua obsessão pela construção de uma imagem, trabalhará muitas vezes no desenvolvimento de um produto especial, a idéia, e é em torno da qual esta imagem será construída. Assim, é comum nos dias de hoje, observarmos ações mercadológicas como programas de apoio a instituições criadas por segmentos da sociedade, como museus, asilos, clubes, associações culturais e beneficentes, associações de classe, entidades ecológicas e partidos políticos, bem como, organizações que são partes integrantes de grandes corporações que não possuem nenhuma relação de fato com a atividade fim da empresa em questão (VAZ, 2000).

Uma das ferramentas mais utilizadas atualmente para consolidar o marketing institucional é o marketing cultural que consiste numa ação de marketing que usa a cultura como veículo de comunicação para difundir o nome, produto ou fixar imagem de uma empresa patrocinadora. Não existe uma fórmula pronta para se realizar o marketing cultural. Diversas variáveis podem ser combinadas de forma que estas resultem numa excelente ação de marketing cultural. O importante é conseguir atingir o público alvo de forma a atender os

objetivos de comunicação da empresa com os recursos disponíveis. Ao patrocinar uma exposição de artes, por exemplo, a empresa pode não só associar sua marca àquele tipo de arte, como pode também oferecer amostras de produto (promoção); distribuir convites para os seus funcionários (endomarketing); eleger um dia exclusivo para convidados especiais (marketing de relacionamento); enviar mala-direta aos clientes informando que a exposição está acontecendo e é patrocinado pela empresa (marketing direto); levantar informações gerais sobre o consumidor por meio de pesquisas feitas no local (database marketing); fazer uma publicação sobre o evento (marketing editorial); realizar uma campanha específica destacando a importância do patrocínio (publicidade) e muitas outras ações paralelas que tem o poder de ampliar o raio de alcance da ação de marketing cultural.

A prática do marketing cultural vem se tornando uma estratégia muito comum nas organizações, pois apresenta soluções relativamente baratas a três novas exigências do mercado: a) necessidade de diferenciação das marcas; b) diversificação do *mix* de comunicação para melhor atingir seu público; e c) necessidade das empresas se posicionarem como socialmente responsáveis. Ao patrocinar uma atividade cultural a empresa se diferencia das demais a partir do momento em que toma para si determinados valores relativos àquele projeto. Estes valores podem ser a tradição, a modernidade, a competência, a criatividade, a popularidade etc. Ao mesmo tempo é possível também se ampliar a forma como esta se comunica com seu público alvo e com a sociedade, deixando claro que não está apenas obcecada com a lucratividade e de seus negócios.

Neste capítulo objetivei compreender melhor o conceito da exclusão/inclusão social, por meio da visão de alguns autores e da minha própria percepção com relação ao tema abordando ele tanto num contexto urbano brasileiro como também num viés histórico na cidade do Rio de Janeiro. Procurei, também, enxergar a cultura e, conseqüentemente, as

atividades culturais no seu poder de transformação da sociedade chegando ao conceito de Cidadania Cultural formulado por Chauí, destacando também a importância da identidade e da diversidade neste processo, apresentando as características da política pública cultural brasileira e principalmente as diretrizes norteadoras da Lei Rouanet, o principal mecanismo de incentivo à atividade cultural no Brasil, e patrocinadora de grande parte das atividades realizadas no CCBB. Apresentei também a importância da arte e das atividades culturais como mecanismos de inclusão social num processo dialógico de arte-educação, onde a presença destas se afirma como algo fundamental para a sociedade, e finalmente, dissertei sobre questões relativas a estratégia de marketing cultural e institucional vitais para o contexto deste estudo.

3. METODOLOGIA

Neste capítulo apresentarei o tipo de pesquisa que foi realizado e sua classificação quanto aos fins e quanto aos meios; a definição do universo e da amostra, como foi realizada a coleta dos dados, o tratamento dos dados coletados e, finalmente, abordarei também as limitações do método escolhido.

3.1. TIPO DE PESQUISA

3.1.1. QUANTO AOS FINS

A investigação realizada neste projeto de pesquisa quanto aos fins foi de cunho descritivo, por expor características da população atuante no CCBB-RJ, e explicativo, visto que conforme destaca Vergara (2006, p. 47) o objetivo deste tipo de pesquisa é tornar algo inteligível, justificar-lhe os motivos, objetivando, “esclarecer quais fatores contribuem, de alguma forma, para a ocorrência de determinado fenômeno”, neste caso o fenômeno da inclusão social por meio das atividades culturais realizadas no CCBB-RJ.

3.1.2. QUANTO AOS MEIOS

Com relação aos meios de investigação a pesquisa foi de campo, documental, bibliográfica e estudo de caso. De campo, por que foi imprescindível a presença do pesquisador nas atividades culturais gratuitas realizadas no CCBB. Documental, pelo fato de terem sido consultados, documentos de posse dos gestores do CCBB sobre as atividades realizadas, onde o acervo documental do espaço se apresentou como riquíssimo e muito bem organizado. Bibliográfica, pelo fato de que foi construído um referencial teórico relativo ao conceito de inclusão social por meio da arte, encarando esta como um fator de modificação da sociedade, e também sobre políticas culturais e estratégias de marketing cultural e

institucional. Como o estudo se propôs a investigar exclusivamente as atividades culturais desenvolvidas dentro do CCBB do Rio de Janeiro, este foi, também, um estudo de caso, circunscrito a um espaço único, com um “caráter de profundidade e detalhamento” (Vergara, 2006, p. 49).

3.2. UNIVERSO E AMOSTRA

O universo desta pesquisa foi dividido em três grandes grupos. Estes três grandes grupos foram compostos de: 1) participantes das atividades culturais do CCBB; 2) curadores das atividades culturais do CCBB e 3) gestores do CCBB. Todos os três grupos são caracterizados por uma amostra não probabilística.

O primeiro grande grupo, participantes das atividades culturais do CCBB foi identificado por pessoas diversas que estiveram presentes no espaço durante a semana na qual foram aplicados os questionários ao público. O segundo grupo foi composto dos curadores de algumas atividades culturais desenvolvidas no CCBB que foram consideradas de alto poder de inclusão em virtude do conteúdo que apresentam. O terceiro grupo foi composto por um representante da administração do CCBB, com grande conhecimento sobre a gestão das atividades culturais.

Levando em consideração, os recursos físicos, temporais e financeiros do pesquisador o primeiro grupo foi composto de 72 pessoas identificadas durante as atividades culturais realizadas no CCBB que foram submetidas a um questionário com perguntas abertas e fechadas (Anexo II), realizado pelo pesquisador durante duas semanas no mês de fevereiro de 2008. As perguntas deste questionário buscaram levantar alguns aspectos importantes para responder aos objetivos intermediários e final deste estudo. O segundo grupo foi composto dos curadores de atividades culturais consideradas de grande relevância com relação aos objetivos deste trabalho e seus depoimentos foram recortados de reportagens divulgadas na

mídia impressa, documentos disponíveis no CCBB sobre as atividades e entrevistas complementares com dois curadores específicos, sendo um deles responsável por duas das grandes exposições realizadas no CCBB nos últimos anos. O terceiro grupo foi composto por um gestor responsável pelas atividades culturais do espaço, que foi também entrevistado pelo pesquisador.

3.3. COLETA DE DADOS

A coleta dos dados foi feita na rede de bibliotecas do Rio de Janeiro, na Internet e em livros pessoais do pesquisador no que diz respeito à bibliografia. Os dados documentais foram acessados nos arquivos do Banco do Brasil por meio de uma autorização dos seus gestores. Num primeiro momento o pesquisador teve acesso a uma listagem de todas as atividades culturais realizadas no espaço desde a inauguração do mesmo. Posteriormente, foi realizado um corte a partir do ano de 2001, data informada pelo Acervo do CCBB como sendo o ano em que as atividades realizadas passaram a ser melhor documentadas. Por fim, no período de 2001 a 2007 foram identificadas 32 atividades culturais consideradas pelo pesquisador como uma amostra relevante de atividades com alto poder de inclusão em virtude do seu conteúdo, e estas foram mais especificamente estudadas.

A amostra não probabilística do público selecionada foi submetida a questionários previamente elaborados pelo pesquisador com perguntas abertas e fechadas. As questões foram construídas tendo como base o referencial teórico anteriormente apresentado, e buscaram sempre entender a visão do público freqüentador sobre o espaço e sobre o tema da pesquisa. Um dos grandes desafios do referencial teórico foi a ligação da arte e das atividades culturais ao tema da inclusão social que é recente e tem sido freqüentemente debatido nas políticas públicas atuais. Outro desafio foi exatamente confrontar o binômio da exclusão/inclusão social com as polêmicas questões de estratégias de marketing que norteiam

o CCBB, visto que para alguns membros da Academia esta relação é muito difícil de acontecer. A atividade cultural, infelizmente, parece ainda não ter sido encarada como uma variável fundamental para a inclusão social, aparecendo apenas em alguns momentos ligada ao complemento de processos educacionais.

Os questionários e entrevistas foram realizados em três momentos. Num primeiro momento, durante as atividades culturais realizadas no CCBB selecionei 72 pessoas, que espontaneamente se disponibilizaram a respondê-lo. Nesta seleção busquei abranger de forma bem distribuída a diversidade do espaço. Num segundo momento, já de posse de novos saberes obtidos no contato com o público participante das atividades, foram realizadas entrevistas com os curadores de algumas atividades (as mais relevantes), objetivando conhecer as reais intenções das mesmas e a política cultural do CCBB que já ficou bastante aparente na pesquisa documental sobre as 32 atividades escolhidas para uma análise mais minuciosa. Por último, foi entrevistado um gestor do CCBB (Gerente de Patrimônio, Acervo e CCBB Educativo), com o objetivo de elucidar mais algumas questões e complementar informações obtidas anteriormente.

3.4. TRATAMENTO DOS DADOS

Um *mix* de métodos de pesquisa foi utilizado para o tratamento dos dados obtidos. O método guia foi o fenomenológico, visto que é essencial para a compreensão de um fenômeno mergulhar na sua essência, desvendar sua subjetividade e penetrar na experiência vivida pelos sujeitos. Em estudos que envolvem a vida de organizações é importante ter consciência da necessidade de utilizar combinadamente diversos métodos conforme ressalta Vieira.

Dada a complexidade da vida organizacional, assume-se que uma metanarrativa não é capaz de compreendê-la na sua totalidade. Da mesma forma, argumento que a utilização de múltiplos métodos de pesquisa e investigação na análise dos fenômenos

administrativos e organizacionais pode abrir novos horizontes para sua compreensão.
(VIEIRA, 2006, p. 14)

A análise dos dados obtidos nas entrevistas foi feita num primeiro momento por meio da transcrição detalhada destas no caso das entrevistas gravadas, e por meio da cópia dos pontos destacáveis no caso dos questionários semi-estruturados aplicados, ambos seguidos de uma análise do conteúdo das respostas. Neste aspecto o pesquisador precisou estar sempre atento a buscar nas entrelinhas o sentido real de determinado discurso ou colocação. “Essas análises pretendem preparar o leitor para atingir o âmago da questão que se impõe: a oposição entre o explícito e o implícito, entre o dito e o não dito. (BALLALAI, 1989, p. 57)”. A metodologia utilizada também foi de cunho reflexivo. Numa visão antropológica, durante a pesquisa de campo, estando o pesquisador constantemente em contato com público nas atividades culturais desenvolvidas no CCBB, foi inevitável a transmissão de informações por meio de gestos, olhares, reações do público, comportamentos que ao serem interpretados geraram respostas para alguns questionamentos apontados.

A organização CCBB, subgrupo da organização Banco do Brasil foi sempre vista como um fenômeno cultural, onde analisei nos dados coletados o processo de significação (semiose), a práxis e seus traços de diferenciação e identificação, os traços ideológicos, e corredores isotópicos, a percepção cognitiva por meio dos estereótipos e, também, a estrutura burocrática, completando assim, o Tetraedro Semiológico da Administração postulado por Martins.

A contribuição recente dos etnólogos das organizações, vendo a administração como fenômeno cultural e as organizações como subculturas do universo social no qual se inserem, e a teoria semiológica, buscando a decifração dos signos gerados por aquelas subculturas, parece ser de grande valia para a lapidação final do modelo que buscamos. De fato, ao olharmos as organizações e a ação administrativa que as anima como manifestações sociais, portanto culturais, duas circunstâncias ressaltam aos nossos olhos: a constatação da singularidade do evento administrativo, o que quer

dizer sua não-universalidade; e o seu caráter histórico como memória dinâmica das experiências sociais ancestrais. Somos, assim, conduzidos ao universo do simbólico das organizações, uma vez que toda produção cultural é também criadora de signos, e à semiótica, que intenta explicar a sempre desafiadora significação da realidade. (MARTINS, 2005, p. 20)

O tratamento dos dados teve dentre seus objetivos desvendar este universo simbólico, tanto da organização como daqueles que dela participam, sempre tendo como o foco, solucionar os objetivos intermediários e responder a pergunta que guia este estudo.

3.5. LIMITAÇÕES DO MÉTODO

O método fenomenológico de pesquisa jamais estará livre da subjetividade. O papel do pesquisador é de extrema importância neste e, certamente, generalizações dos conceitos desenvolvidos serão algo difícil de ser realizado. O olhar do pesquisador, bem como suas posições com relação ao fenômeno estudado, influenciarão na análise do material levantado durante o processo. Se utilizássemos outro olhar para o mesmo fenômeno as proposições poderiam ser outras. Não há afirmações absolutamente verdadeiras, apenas provisórias num mundo em constante evolução. E é exatamente esta condição que torna necessário um permanente questionar de tudo o que é apresentado para que a humanidade possa evoluir, aprimorando seus conceitos e teorias.

É necessário também deixar claro que esta é uma pesquisa qualitativa em administração e que, sendo assim, com certeza possui uma dimensão subjetiva maior do que se adotado, por exemplo, um modelo de pesquisa quantitativa.

Destaca-se também que o tempo foi também um fator limitador da investigação. Uma maior disponibilidade deste certamente possibilitaria uma abrangência maior dos atores envolvidos no objeto de estudo.

Por fim, por se tratar de um estudo de caso, circunscrito ao espaço físico do CCBB-RJ, certamente este está vinculado à cultura organizacional do Banco do Brasil e suas subculturas, o que dificultará generalizações dos resultados obtidos.

Apresentei neste capítulo a metodologia que foi utilizada neste estudo, o tipo de pesquisa que foi realizado quanto aos fins e quanto aos meios, o universo e amostra da pesquisa, como foi desenvolvida a coleta dos dados, bem como o tratamento destes, as limitações do método que guiou este projeto e o seu cronograma de execução.

4. RESULTADOS DA PESQUISA

4.1. DADOS DOCUMENTAIS

4.1.1. A HISTÓRIA E A ESTRUTURA DO CCBB

O primeiro CCBB foi o do Rio de Janeiro, inaugurado em 1989, num prédio histórico de linhas neoclássicas da Rua Primeiro de Março que esteve ligado às finanças e aos negócios. A pedra fundamental do prédio foi lançada em 1880, materializando projeto de Francisco Joaquim Bethencourt da Silva (1831-1912), arquiteto da Casa Imperial, fundador da Sociedade Propagadora das Belas-Artes e do Liceu de Artes e Ofícios. Inaugurado como sede da Associação Comercial, em 1906, sua rotunda abrigava o pregão da Bolsa de Fundos Públicos. Na década de 20, passou a pertencer ao Banco do Brasil, que o reformou para abertura de sua sede. Esta função tornou o edifício emblemático do mundo financeiro nacional e duraria até 1960, quando cedeu lugar à Agência Centro do Rio de Janeiro e depois à Agência Primeiro de Março, ainda em atividade. No final da década de 80, resgatando o valor simbólico e arquitetônico do prédio, o Banco do Brasil decidiu pela preservação do mesmo ao transformá-lo em um centro cultural. O projeto de adaptação preservou o requinte das colunas, dos ornamentos, do mármore que sobe do foyer pelas escadarias e retrabalhou a cúpula sobre a rotunda.

O segundo CCBB, de Brasília, foi inaugurado em 2000, com o objetivo de inserir a capital do país no roteiro nacional dos melhores eventos e produções culturais. Desde então, consolidou-se como um dos principais protagonistas do cenário artístico brasiliense, desenvolvendo uma programação pautada em valores como diversidade temática, brasilidade, ineditismo e relevância cultural. Além disso, todo trabalho é voltado para possibilitar acesso à cultura aos diversos segmentos da sociedade. No seu sétimo ano de atuação, o CCBB Brasília,

constituiu-se em espaço multidisciplinar, um ambiente de convivência propício à apreciação da arte em suas diferentes formas de expressão. Cada projeto realizado alia conhecimento e entretenimento cultural, abrangendo atividades nas áreas de música, teatro, artes plásticas, cinema, dança, literatura, idéias e arte-educação.

O terceiro CCBB foi o de São Paulo, inaugurado em 2001 ocupando um prédio construído em 1901 na Rua Álvares Penteado, 112, esquina com a Rua da Quitanda. Localizado no coração histórico da cidade paulistana, numa via hoje de pedestres, o edifício foi comprado em 1923 pelo Banco do Brasil. Em 1927, após uma reforma projetada pelo arquiteto Hippolyto Pujol, tornou-se o primeiro prédio próprio do Banco do Brasil na capital paulista. A construção foi inteiramente reformada para abrigar o Centro Cultural Banco do Brasil em 2001. Os elementos originais foram restaurados, mantendo assim as linhas que o tornam um dos mais significativos exemplos da arquitetura do início do século. A construção de cinco andares (mais subsolo e mezanino) foi tombada pelo Conselho de Defesa do Patrimônio Arqueológico e Turístico de São Paulo (Condephaat) e pelo Departamento do Patrimônio Histórico / Conselho Municipal de Preservação do Patrimônio Histórico, Cultural e Ambiental da Cidade de São Paulo (DPH/Conpresp). A escolha do prédio, no centro histórico de São Paulo, reflete a preocupação do Banco do Brasil com a revitalização da área, que abriga um inestimável patrimônio arquitetônico.

A política cultural do BB possui como valor corporativo o compromisso com o desenvolvimento da sociedade brasileira e o apoio à cultura. Entre os valores estratégicos do CCBB destacam-se: a credibilidade (atender com eficiência, pontualidade, segurança, conforto, limpeza); a regularidade (oferecer eventos regulares, de terça a domingo); a diversidade (manter programação diversificada, destinada a vários públicos) e a acessibilidade (proporcionar o acesso à cultura, em três níveis: intelectual, financeiro e físico).

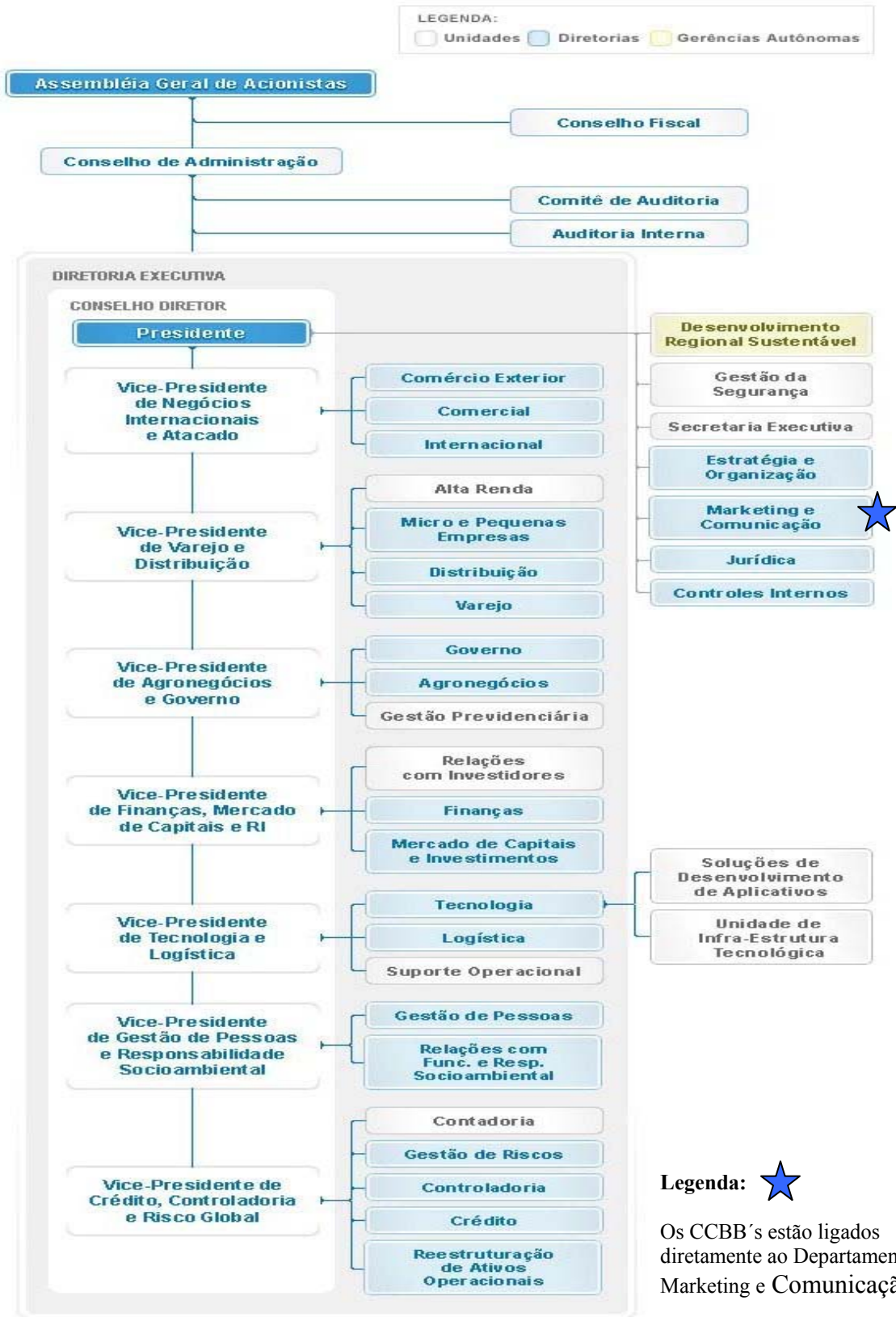
A política de atuação procura realizar nas instalações eventos culturais nas áreas de artes cênicas, artes plásticas, audiovisual, música, idéias e programa educativo. O processo de inscrição de projetos é feito anualmente e a marca Banco do Brasil não se associa às atividades consideradas ilegais ou proibidas; às atividades que evidenciem preconceito ou discriminação de qualquer espécie; às atividades ligadas aos jogos de azar ou especulativos, às atividades com má reputação ou falta de integridade; às atividades que causem impacto negativo à saúde, ao meio ambiente e às atividades de caráter político-partidário.

O processo decisório de criação do primeiro CCBB no Rio de Janeiro está diretamente ligado ao desejo do presidente do banco na época (final da década de 80) em restaurar e dar uma utilização mais adequada ao prédio histórico situado na Rua Primeiro de Março. O então presidente comunicou esta sua decisão a seus assessores imediatos, solicitando a estes sugestões quanto a melhor maneira de realizar isto. Começava ali a parceria entre o Banco do Brasil e o investimento em grandes atividades culturais.

A idéia então surgida, talvez motivado pelo fato de já funcionarem no prédio o arquivo histórico e a biblioteca do banco, foi a de se aproveitar o espaço para promover e incentivar atividades culturais. A constatação de que várias empresas e bancos privados investiam no setor, como parte da estratégia de marketing, contribui para que se criasse no grupo a crença de que a cultura constituía um bom veículo de marketing institucional, reforçando a propostas de criação do espaço cultural. (LE MOS, 1997, p.268)

Podemos observar então que o marketing cultural foi de fato a estratégia adotada para uma nova consolidação da imagem institucional da empresa. No site da instituição, o BB explicita a atuação desta ferramenta dentro da estratégia da empresa.

Figura 4 – A Estrutura Organizacional do Banco do Brasil



Fonte: Banco do Brasil, 2006

A atuação do BB no Marketing Cultural relaciona ações institucionais, de relacionamento, interativas, de merchandising, de prospecção e fidelização dos clientes entre outras que poderão ser desenvolvidas em cada evento com os objetivos de: a) promover a instituição como apoiadora da cultura, comprometida com os anseios da sociedade; b) reforçar o conceito de empresa cidadã e o compromisso com as comunidades e com o país; c) agregar valor à marca BB, por meio de transferência de atributos relacionados à cultura; d) contribuir no processo de prospecção e fidelização dos segmentos de clientes priorizados em todos os mercados atendidos pelo Banco; e) ser instrumento na consolidação da estratégia do Banco junto a mercados priorizados. (Banco do Brasil, 2007)

Ao analisarmos a estrutura organizacional do BB (Figura 1) observamos que o CCBB-RJ não se encontra dentro da atividade fim da organização e sequer está relacionado no organograma da mesma. Em entrevista com o gerente de planejamento e desenvolvimento do CCBB-RJ, este informou que os CCBB's são unidades operacionais ligadas à Diretoria de Marketing e Comunicação do BB (em destaque na figura 1). A estrutura de cada um destes espaços é composta de uma Gerência Geral, uma Gerência de Programação, uma Gerência de Planejamento e Desenvolvimento e uma Gerência de Administração. O CCBB-RJ agrega ainda uma Gerência de Patrimônio e Acervo, pois este abriga o Arquivo Histórico, Museu, Biblioteca e uma Videoteca.

O CCBB-RJ é composto na atualidade pela seguinte estrutura: no andar térreo uma sala de cinema, o teatro I, uma bombonnière, uma Livraria da Travessa e um Restaurante no Mezanino; no primeiro andar se localizam amplas salas para exibição de exposições, uma videoteca com cabines de vídeo e as salas do CCBB educativo que realiza um trabalho pedagógico junto a todas as atividades culturais desenvolvidas no espaço; no segundo andar se localizam os teatros II e III, um salão restaurante denominado Salão de Chá e um novo grupo de amplas salas para a exibição de exposições; no terceiro andar funcionam salas de

treinamento para os funcionários do Banco do Brasil e auditórios onde acontecem palestras e debates do espaço; no quarto andar funciona o Museu do Banco que possui uma exposição permanente sobre o Banco do Brasil e a sua história e também as salas da Administração e Gerência do CCBB; no quinto andar se localiza a Biblioteca e no sexto andar o Arquivo Histórico que possui um amplo acervo sobre a memória do CCBB e do Banco do Brasil, que foi de fundamental importância para o desenvolvimento deste estudo.

Como podemos observar, além de salas de exposição, salas de cinema e teatros o CCBB-RJ apresenta algumas peculiaridades que serão capazes de ampliar a sua capacidade de inclusão dos indivíduos por meio de atividades culturais.

As cabines de vídeo do primeiro andar (quatro cabines cada uma com poltronas para até 3 pessoas) possuem um acervo com mais de 3.000 títulos que podem ser assistidos mediante a aquisição de um *videopasse* válido por 30 dias e que na data deste estudo custava R\$ 8,00 reais. Em contato com as pessoas do setor, foi informado que é grande a procura pelo serviço, e que por telefone as pessoas agendam reservas para assistir seus filmes. Os usuários também se mostraram muito felizes com o serviço, pela disponibilidade de um universo imenso de filmes a um preço acessível, acompanhado ainda, da possibilidade de assisti-los num lugar aconchegante e com ótima estrutura.

A Biblioteca localizada no quinto andar, está aberta de terça a domingo das 10 às 21 horas e permite o empréstimo de livros por meio da rede de bibliotecas conveniadas, da qual fazem parte diversos colégios e universidades, públicas e particulares, que possuem convênio, possibilitando aos seus alunos acesso a um acervo de mais de 125 mil exemplares. A biblioteca do CCBB-RJ conta ainda com uma sala de edições especiais e obras raras, sala de periódicos, sala de literatura infanto-juvenil (onde são realizadas atividades como contação de histórias e oficinas), salão de leitura, terminais de computador para consulta do público e uma

sala de multimídia com jogos eletrônicos que é um verdadeiro chamariz de crianças e jovens para o universo dos livros.

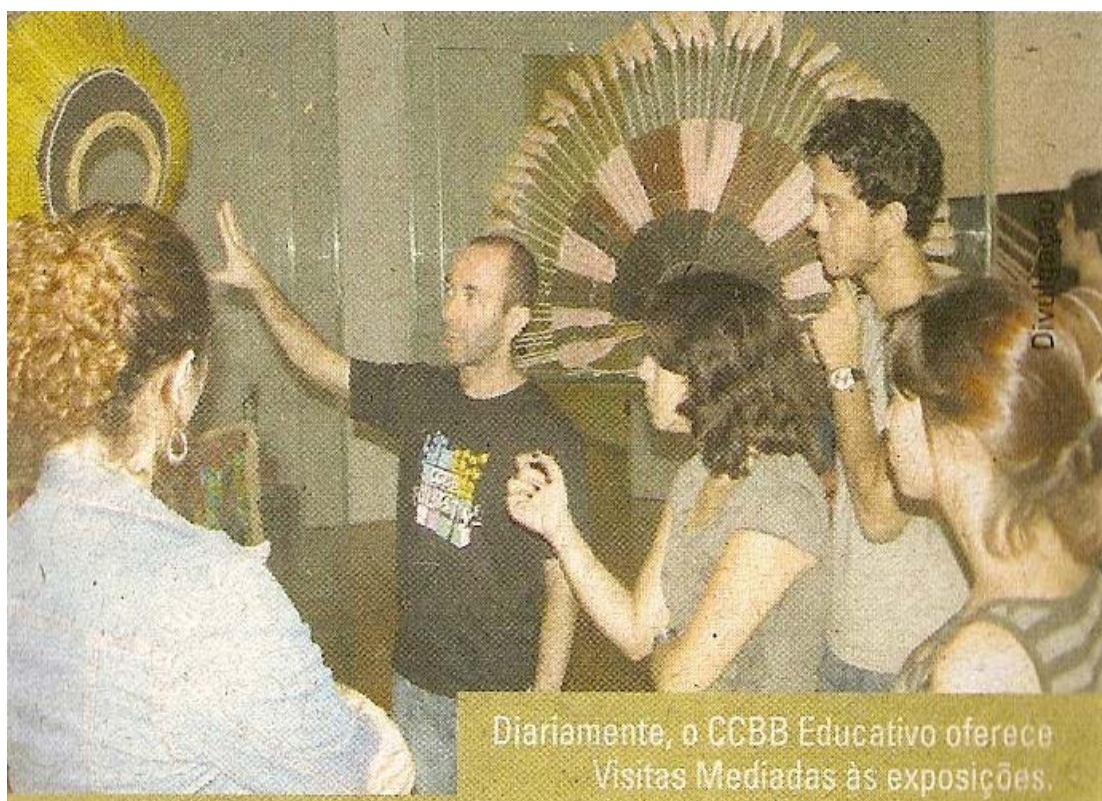
O CCBB Educativo é um outro espaço muito importante no processo de inclusão social por atividades culturais realizado no espaço, principalmente por realizar permanentemente visitas mediadas a todas as exposições, além de promover uma série de atividades como: 1) Bisbilhoteca – experiência de aproximação do público e o espaço da biblioteca, humanizando as relações entre os frequentadores e a literatura, com horários exclusivos para escolas e grupos por meio de agendamento prévio; 2) Em Cantos e Contos – Contação de histórias extraídas dos universos da literatura e da tradição oral, com performances musicais e teatrais com horários diferenciados para famílias e adultos; 3) Laboratório de Ações Criativas – espaço de experimentação e construção que promove novas leituras do mundo e diferentes formas de sentir, propostas a partir da programação em cartaz no CCBB; 4) O Banco do Brasil e Sua História – Visita ao museu, localizado no quarto andar do prédio, onde o público conhecerá um pouco da história do Banco do Brasil e as relações deste com a história do nosso país; 5) Práticas e Reflexões com Educadores – Encontros periódicos com o público multiplicador (educadores, gestores de projetos sociais e afins) a partir da programação em cartaz no CCBB, buscando realizar intercâmbios entre a instituição e as práticas educativas; 6) Reconhecendo o CCBB – Percorso que instiga a percepção do público acerca das transformações ocorridas ao longo do tempo no prédio do CCBB e em seu entorno, relacionando-se a temas atuais, como o impacto ambiental e a vida nas cidades e 7) Sessão Criança – Exibição de filmes para o público infanto-juvenil, falados ou dublados em português, com sorteio de brindes pedagógicos.

Nos anos de 2003/2004 a pesquisadora Cristina Carvalho, da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro – PUC-Rio, desenvolveu a tese de doutorado *Instantâneos da Visita*, acompanhando as visitas mediadas realizadas pelo CCBB Educativo. Este estudo, na

minha opinião, além de datado, jamais refletiu a realidade que encontrei em diversas visitas mediadas que observei durante os anos da minha pesquisa (2006/2007). Na realização deste estudo, ficou evidente o amadurecimento do processo de Arte-Educação no espaço, que muitas vezes é liderado pelo próprio Educativo, com confecção de material próprio distribuído periodicamente para professores, debates e *workshops* antes da realização de cada exposição etc. O instantâneo fotografado por Carvalho (2005) nos anos de 2003-2004 me pareceu fechar os olhos para uma série de iniciativas que começavam a se desenvolver no espaço, as quais nos anos da minha pesquisa encontraram-se consolidadas e em fase de considerável amadurecimento.

A seguir podemos observar algumas fotos das atividades realizadas com a mediação do CCBB Educativo.

Figura 5 – Visita mediada pelo CCBB Educativo



Fonte: CCBB, 2007

Figura 6 – Visita mediada pelo CCBB Educativo



Fonte: CCBB, 2007

Figura 7 – Laboratório de artes do CCBB Educativo



Fonte: CCBB, 2007

Figura 8 – Evento de contação de histórias do CCBB Educativo



Em Cantos e Contos aos sábados e domingos

Fonte: CCBB, 2007.

Figura 9 – Laboratório de artes do CCBB Educativo



Laboratório de Arte é uma das atividades realizadas pelo CCBB Educativo.

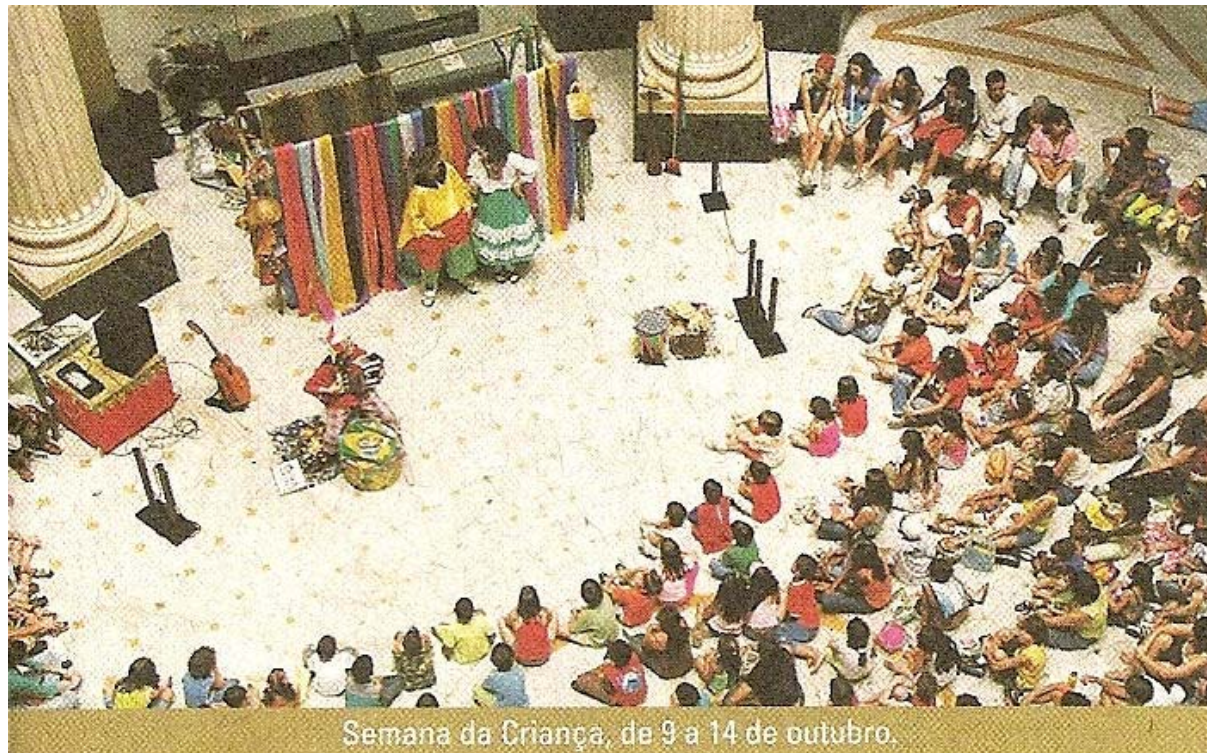
Fonte: CCBB, 2007.

Figura 10 – Laboratório de artes do CCBB Educativo



Fonte: CCBB, 2007

Figura 11 – Semana da Criança no CCBB Educativo



Fonte: CCBB, 2007.

4.1.2. A EVOLUÇÃO DAS ATIVIDADES CULTURAIS

A primeira atividade cultural realizada no CCBB-RJ foi uma exposição sobre a vida e obra do escritor Machado de Assis em 1989, ainda sem o apoio das leis de incentivo à cultura, na época ainda em fase de consolidação. Ao término do ano de 2007 o espaço já contava com mais de 2.000 atividades culturais realizadas em diferentes áreas, a maioria com o apoio das leis de incentivo à cultura.

Conforme explicitado na metodologia deste estudo realizei um corte nas atividades culturais realizadas pelo espaço entre o ano de 2001 e 2007, observando o conteúdo de cada uma delas conforme explicitado nos quadros do Anexo I. No Quadro III a seguir temos um resumo das atividades culturais realizadas de 2001 a 2007 separadas por segmento.

Quadro IV – Atividades Culturais Realizadas no Período 2001-2007 Por Segmento

SEGMENTO	2001	2002	2003	2004	2005	2006	2007	Total
CINEMA/VÍDEO	54	49	48	41	50	31	28	301
DANÇA	1	1	1	1	2	1	1	8
EXPOSIÇÃO	12	11	12	10	15	11	13	84
IDÉIAS	34	33	35	43	28	18	22	213
INFANTO-JUVENIL	7	3	2	2	0	0	0	14
MÚSICA	16	16	17	15	17	17	22	120
TEATRO	8	5	10	12	14	15	18	82
PROGRAMA EDUCATIVO	1	8	1	2	1	1	1	15
EVENTOS	0	0	3	0	0	0	0	3
Total de atividades culturais realizadas no período 2001-2007								840

Fonte: Elaborado pelo autor

Após analisar o conteúdo de cada uma das atividades culturais realizadas no período de 2001 a 2007 dois fatores chamaram bastante atenção: o primeiro foi a presença crescente de atividades que debatem temas da exclusão/inclusão social e o segundo a presença de grandes exposições que trabalham a questão da identidade do povo brasileiro a partir de suas origens históricas. Toda atividade cultural traz embutida em seu escopo a capacidade de empoderamento cultural do indivíduo, fator decisivo num processo de inclusão plena, porém certas atividades, ao trabalharem questões vivas da exclusão/inclusão e da identidade dos

indivíduos tornam o processo de inclusão social por meio delas ainda mais incisivo. No Anexo I e no Quadro IV que o resume, fica evidente a pluralidade do espaço, com maior destaque para as atividades de Idéias, geralmente eventos de debates, seminários etc; Cinema e Vídeo, Teatro e Exposições. É importante observar que o segmento Programa Educativo ao longo do seu processo evolutivo foi deixando de ser um segmento em si e passando a ser um setor de apoio dentro do CCBB, desenvolvendo ações pedagógicas junto a todas as atividades culturais realizadas. O segmento Eventos, presente apenas no ano de 2003, foi criado apenas para enquadrar atividades multi-artísticas que vão além da classificação teatro, cinema/vídeo, exposição. Por fim, os eventos infanto-juvenis também foram sendo substituídos por ações permanentes realizadas principalmente na biblioteca e pela integração das crianças e jovens nas atividades regulares do espaço, muitas vezes com o apoio do trabalho desenvolvido pelo CCBB Educativo.

Recortadas as atividades para uma análise mais detalhada, e atento principalmente aos objetivos do CCBB-RJ e de seus curadores na realização destas, procurei identificar se ocorre realmente no espaço um processo de inclusão social, realizando uma análise mais minuciosa no conteúdo das atividades que seguem no quadro V a seguir.

Quadro V – Atividades Culturais Seleccionadas Para Análise Minuciosa

	Segmento	Título	Data
1	CINEMA/VÍDEO	É TUDO VERDADE 2001 - 6º FESTIVAL INTERNACIONAL DE DOCUMENTÁRIOS	30/03 A 08/04/2001
2	CINEMA/VÍDEO	A FAVELA NO CINEMA	23/9/2001
3	CINEMA/VÍDEO	É TUDO VERDADE 2002 - 7º FESTIVAL INTERNACIONAL DE DOCUMENTÁRIOS	28/4/2002
4	IDÉIAS	A CULTURA DA FAVELA - CICLO DE DEBATES	9/5/2002
5	CINEMA/VÍDEO	ASSIM VIVEMOS 2003 - FESTIVAL INTERNACIONAL DE FILMES SOBRE DEFICIÊNCIA	17/8/2003
6	CINEMA/VÍDEO	É TUDO VERDADE 2003 - 8º FESTIVAL INTERNACIONAL DE DOCUMENTÁRIOS	13/04/2003
7	EXPOSIÇÃO	ARTE DA ÁFRICA	14/10/2003 A 04/01/2004
8	CINEMA/VÍDEO	É TUDO VERDADE - 9º FESTIVAL INTERNACIONAL DE DOCUMENTÁRIOS	23/03 A 04/04/2004
9	CINEMA/VÍDEO	ENCONTRO COM O CINEMA BRASILEIRO - PERIFÉRIAS URBANAS	13 A 18/04/2004
10	EXPOSIÇÃO	ANTES - HISTÓRIAS DA PRÉ-HISTÓRIA	12/10/2004 A 09/01/2005
11	IDÉIAS	SEMINÁRIO HUTÚZ 2004	11/11/2004
12	IDÉIAS	ESCOLA DE FRANKFURT	16 A 19/11/2004
13	IDÉIAS	CULTURA E DESENVOLVIMENTO	23 A 26/11/2004
14	CINEMA/VÍDEO	É TUDO VERDADE 2005 - 10º FESTIVAL INTERNACIONAL DE DOCUMENTÁRIOS	10/4/2005
15	CINEMA/VÍDEO	ASSIM VIVEMOS 2005 - FESTIVAL INTERNACIONAL DE FILMES SOBRE DEFICIÊNCIA	21/8/2005
16	EXPOSIÇÃO	MOSTRA ARTE, DIVERSIDADE E INCLUSÃO SOCIOCULTURAL - EXPOSIÇÃO COLETIVA DE ARTES	29/5/2005
17	EXPOSIÇÃO	HENFIL DO BRASIL	19/04 A 26/06/2005
18	EXPOSIÇÃO	POR TI AMÉRICA	11/10/2005 A 29/01/2006
19	IDÉIAS	III FÓRUM NACIONAL DE DIREITOS HUMANOS	6/12/2005
20	IDÉIAS	SEMINÁRIO HUTÚZ 2005 - HIP HOP: CULTURA EM DISCUSSÃO	16 A 18/11/2005
21	CINEMA/VÍDEO	É TUDO VERDADE 2006 - 11º FESTIVAL INTERNACIONAL DE DOCUMENTÁRIOS	21/03 A 02/04/2006
22	EXPOSIÇÃO	ALEIJADINHO E SEU TEMPO - FÉ, ENGENHO E ARTE	14/10/2006 A 11/02/2007
23	IDÉIAS	O RIO DE JANEIRO E A (RE)CONSTRUÇÃO DE LUGARES	9/11/2006
24	IDÉIAS	SEMINÁRIO HUTÚZ 2006	22 A 24/11/2006
25	CINEMA/VÍDEO	É TUDO VERDADE 2007 - 12º FESTIVAL INTERNACIONAL DE DOCUMENTÁRIOS	23/03 A 01/04/2007
26	CINEMA/VÍDEO	ASSIM VIVEMOS 2007 - FESTIVAL INTERNACIONAL DE FILMES SOBRE DEFICIÊNCIA	19/8/2007
27	CINEMA/VÍDEO	FESTIVAL CINECUFA - O CINEMA NA TELA DA FAVELA	16/9/2007
28	EXPOSIÇÃO	LUSA - A MATRIZ PORTUGUESA	12/10/2007 A 10/02/2008
29	EXPOSIÇÃO	IMAGENS DO POVO: ESPORTE NA FAVELA	21/08 A 16/09/2007
30	EXPOSIÇÃO	RETALHAR	24/07 A 16/09/2007
31	IDÉIAS	PIRATAS DA CULTURA - COMUNICAÇÃO E CIDADANIA	24/4/2007
32	IDÉIAS	SEMINÁRIO HUTÚZ 2007	21/11/2007

Fonte: Elaborado pelo autor

O critério de seleção das atividades culturais que receberiam uma análise minuciosa foi baseado nos fatores de periodicidade (algumas atividades se repetiam anualmente), relação

direta com o tema da exclusão/inclusão social e a importância dentro da programação anual do CCBB-RJ. Podemos observar que os segmentos de cinema/vídeo, idéias e exposição estão entre os selecionados. As atividades de teatro, não foram investigadas minuciosamente, pelo fato da dificuldade de se analisar a fundo o conteúdo das peças apresentadas. Entretanto é inegável o poder de empoderamento cultural e crítica da realidade deste segmento. Inclusive ao disponibilizar a preços acessíveis (R\$ 10,00 em janeiro de 2008) montagens de grandes autores.

4.1.3. ANÁLISE MINUCIOSA DAS ATIVIDADES CULTURAIS SELECIONADAS

Festival Internacional de Documentários É Tudo Verdade (2001 a 2007)

Fundado pelo crítico e diretor de cinema, Amyr Labaki, o *Festival Internacional de Documentários*, também conhecido pelo nome *Its'All True* foi realizado durante os últimos 7 anos com o apoio do CCBB, que exibiu em suas salas de vídeo e cinema boa parte dos documentários disponíveis no festival. O festival é composto tanto por filmes brasileiros, como estrangeiros, chegando a exibir obras raras de diretores africanos, chineses, iranianos, canadenses, de países latino-americanos entre outros. Isto acaba trazendo ao público uma oportunidade ímpar para a revelação de novos talentos, debates e a valorização de uma cinematografia que ao expor nas telas a realidade do mundo, expõe também os indivíduos que precisarão se posicionar frente esta realidade.

Segundo o CCBB,

antes tarde do que nunca, o documentário tem sido reconhecido como a grande confluência do mundo social e do mundo das imagens, da objetividade do pesquisador e da subjetividade do artista. Para isso basta passar os olhos pela programação deste festival [2003], em que representantes de 13 países convivem com uma seleção da mais recente fornada brasileira. A variedade de temas, 'personagens'

e olhares sublinha a fase excepcional por que passa o documentário em todo o mundo. Além disso, vale a pena reparar como o 'eu' criador interfere cada vez mais no discurso objetivista que normalmente se atribui, em atitude redutora, aos chamados filmes de não ficção. (...) Com mais esta realização, o CCBB estimula o diálogo com as questões do nosso tempo e continua a promover o cinema como arte do conhecimento (CCBBa, 2003).

Labaki, curador do festival, ainda destaca

parafrazeando a fórmula certa do poeta americano Robert Frost sobre seu ofício, [que] também o documentário é hoje 'uma pausa momentânea contra a confusão'. São tempos opacos e a produção não ficcional nos ajuda a melhor entendê-los, senti-los, suporta-los. Em períodos assim, a ética reafirma-se como bússola essencial. No reino do documentário, ainda mais do que na ficção. Assim, esta décima-segunda edição do *É Tudo Verdade* coloca a ética em seu centro. Ética é ainda o coração da obra do cineasta polonês Krzysztof Kielowski. A ampla retrospectiva de sua produção documental que antecede e prepara a obra ficcional que maravilhou o mundo, radiografa as relações humanas para além das determinações sociais da Polônia então 'socialista'. Foi o auto-questionamento dos limites éticos da prática de documentarista a partir de dramas do real que o levaram a renunciar e abraçar definitivamente o drama da ficção (LABAKI, 2007).

No Festival de 2007 também podemos observar no discurso do CCBB sobre a sua realização, o interesse do espaço em promover o documentário por ser uma forma de sensibilizar, educar o espectador e também alertar para a defesa de causas relevantes para a humanidade.

Marcando tendências cinematográficas ou denunciando mazelas sociais, os documentários crescem em importância a cada dia. Produções sofisticadas conquistam o circuito comercial com a defesa de causas relevantes e mensagens de alerta para a humanidade. A linguagem poderosa da imagem, aliada aos dados científicos e à emoção dos depoimentos, conscientiza os espectadores e contribui para alterar comportamentos e políticas públicas. Para acompanhar a evolução do interesse

do público, mais e mais realizadores se especializam na área. Nesta edição do Festival, a exibição de mais de uma centena de trabalhos demonstra que os documentários permanecem como uma valiosa fonte de expressão das alegrias e angústias do nosso tempo. Graças ao talento, coragem e sensibilidade dos documentaristas, seu trabalho passa a fazer parte não apenas da história, mas da formação de cada um de seus espectadores (CCBB, 2007a).

O Festival Internacional de Cinema é Tudo Verdade, é realmente um dos grandes eventos de cinema do cenário nacional, e que em seu conteúdo traz sempre à tona diversos aspectos da inclusão/exclusão social, além de apresentar diversas realidades do mundo e também filmes históricos e biográficos, capazes de nutrir os indivíduos de um vasto conteúdo cultural.

Como exemplos podemos destacar filmes como: *Olho da Rua* (2001), que mostra o cotidiano de personagens que fazem das ruas da cidade do Rio de Janeiro seu local de trabalho, transformando o espaço público em atelier, estúdio, palco, oficina, balcão, terreiro ou local de comércio; *À Margem da Imagem* (2002) documentário sobre os moradores de rua da cidade de São Paulo; *Línguas – Vidas em Português* (2002), filmado em seis países (Brasil, Portugal, Moçambique, Índia, França e Japão), o documentário usa a língua portuguesa como veículo para retratar as sociedades multiculturais e o colonialismo de todos os tempos; *Passageiros da Segunda Classe* (2002) que trata de um olhar cinematográfico humanizado no interior de um espaço manicomial, onde os pacientes segregados são submetidos a abandono, isolamento, eletro-choques e miséria absoluta, sendo transformados em verdadeiros lixos humanos; *Silva* (2002) que conta a surpreendente trajetória de Roberto da Silva, ex-integrante da primeira geração de crianças órfãs e abandonadas criadas dentro da FEBEM, na década de 60, durante o regime militar no Brasil; *Gaudí en la Favela* (2002) onde é apresentado ao público Estevão, que vivendo na favela de Paraisópolis, Zona Sul de São Paulo, sem nunca ter ouvido falar de Antônio Gaudí, construiu uma casa que parece uma autêntica obra do

arquiteto Catalão, durante o filme Estevão é convidado a conhecer Barcelona; *Comandante* (2003) filme que vai de encontro à imagem de monstro que os Estados Unidos pintam de Fidel Castro, propondo um retrato mais humano deste personagem fundamental do século 20, o diretor Oliver Stone afirma que é necessário discutir as idéias desse homem; *O Prisioneiro da Grade de Ferro* (2003) filme onde detentos do Carandiru filmam o seu cotidiano dentro do maior presídio da América Latina; *Boi* (2003) onde é apresentado o personagem principal do sertão nordestino brasileiro, o Boi, que puxando as carroças sertanejas pela vida toda proporcionam uma bela reflexão sobre trabalho, convivência e amizade; *Jenin .. Jenin* (2003) que dirigido pelo ator e diretor palestino Mohamed Bakri, apresenta testemunhos de residentes de Jenin depois da operação *'Defensive Wall'* na qual o exército israelense bombardeou o campo durante nove dias, no filme o diretor expõe a opressão, e o terror que abate os habitantes de Jenin, onde muitos perderam pessoas queridas, ou ainda procuravam por vítimas e objetos pessoais nas ruínas; *A Pessoa É Para O Que Nasce* (2004) documentário sobre a vida de três irmãs cegas de Caruaru no sertão nordestino, que sobrevivem cantando e tocando ganzá pelas feiras do nordeste; *Preto e Branco* (2004) documentário sobre as relações raciais entre cidadãos comuns na cidade de São Paulo; *The Corporation* (2004) filme que discute o poder global das grandes corporações que utilizam seu status de 'pessoa' para exigir direitos constitucionais; *Do Luto à Luta* (2005) filme onde a partir de sua experiência como pai de uma criança portadora de Síndrome de Down, o diretor investiga os desdobramentos desse problema genético que atinge 8 milhões de bebês brasileiros a cada ano, sexualidade, diferenças sociais e preconceito são algumas das abordagens que ajudam a compreender as múltiplas implicações familiares e sociais da deficiência mental; *Estamira* (2005) filme que conta a vida de Estamira, 63 anos, esquizofrênica que vive e trabalha a mais de 20 anos no aterro sanitário de Jardim Gramacho no Rio de Janeiro; *Sobreviventes – Os Filhos da Guerra de Canudos* (2005) documentário que resgata a história dos sobreviventes

do massacre de Canudos, conflito ocorrido no interior da Bahia de 1893 a 1897, por meio de depoimentos como o de Seu Antônio de Isabel, hoje com 110 anos ele é o único homem vivo que conheceu Antônio Conselheiro; *China Blue* (2006) que apresenta a vida da jovem chinesa Jasmine, 16 anos, que corta tecido na fábrica Lifeng uma das muitas indústrias de jeans em Shaxim, sul da China, ela é uma dos 130 milhões de chineses filhos do campo que abastecem as cidades com o maior celeiro de mão-de-obra barata do mundo, a moça ganha seis centavos de dólar por hora, trabalha sete dias por semana, não recebe pelas rotineiras horas extras e divide um quarto com doze colegas no dormitório da fábrica, uma verdadeira radiografia do lado escuro do milagre econômico chinês; *Ghost Of Abu Ghraib* (2007) abrangente mergulho no escândalo de abuso e tortura a detentos no presídio iraquiano, proporcionado por uma sólida reunião de depoimentos das próprias vítimas, traçando a origem da escalada da paranóia norte-americana pela segurança interna desde a tragédia do 11 de setembro, o filme proporciona um sólido material para que os Estados Unidos se defrontem com a drástica deterioração de sua própria imagem; *O Longo Amanhecer – Cinebiografia de Celso Furtado* (2007) onde é registrado uma das últimas entrevistas concedidas pelo economista Celso Furtado (1920-2004), este documentário permite um balanço de suas idéias e sua participação em inúmeros projetos desenvolvidos no Brasil, a partir dos anos 40, por meio de depoimentos de intelectuais e com o apoio de imagens históricas, desenvolve-se um panorama da história recente do país e uma reavaliação de inúmeras posturas diante do desenvolvimento e da superação das desigualdades, ainda por atingir; *Lutzenberger: For Ever Gaia* filme que mostra o perfil do cientista e ambientalista gaúcho José Lutzenberger (1926-2002) e de seu trabalho para a criação de alternativas de desenvolvimento sustentável a partir de técnicas de agricultura ecológica, procurando encontrar formas viáveis para um aproveitamento menos predatório e mais equilibrado da natureza.

Como podemos observar ao recortar alguns dos filmes exibidos nos últimos 7 anos no Festival, fica evidente o poder do documentário e desta atividade cultural num processo de inclusão social. O documentário na maioria das vezes é uma forma de dar voz ao excluído e, além disso, é de fundamental importância para trazer consciência ao incluído aparente que abordamos no referencial teórico deste estudo.

É válido destacar também que o festival teve ampla divulgação na mídia impressa, jornais e revistas e contou com o apoio do governo federal, estadual e municipal por meio das leis de incentivo à cultura além de outros apoiadores e patrocinadores.

A Favela no Cinema (2001)

A Favela no Cinema foi uma atividade cultural que procurou investigar como a favela aparece no imaginário audiovisual brasileiro. Da Chanchada aos videoclipes, passando pelo Cinema Novo e pela explosão atual dos documentários e filmes de ficção, esta mostra apresentou no CCBB um painel representativo do novo olhar sobre esse outro território.

Lugar de fronteiras e fraturas sociais, território mítico, carregado de simbologias, as favelas (como os sertões) podem ser vistas hoje não apenas como lugar da exclusão e do Brasil que não deu certo, mas como lugar de produção de uma cultura vital (BENTES, 2001).

A mostra reuniu filmes e vídeos de todos os estilos e escolas (ficção, documentário, videoclipes, longas e curtas-metragens) trazendo um novo mapa da favela feito pelo cinema brasileiro contemporâneo. O evento incluiu ainda uma série de debates com cineastas, antropólogos, líderes comunitários, músicos vindos do funk e do rap, novos sujeitos do discurso e pesquisadores do tema. A atividade acabou se tornando uma oportunidade para olhar com outros olhos um tema que hoje traz consigo importantes significações estéticas e sociais.

Segundo Vetter (2001), curador geral da mostra, o objetivo era fazer com que a cultura produzida nas favelas do Rio saísse do gueto, não se tratando de um projeto assistencialista, mas sim de um estímulo às expressões artísticas desses locais.

Esta atividade também possuiu ampla divulgação na mídia impressa, apoio das leis de incentivo à cultura estaduais, municipais e federais e também do Instituto Goethe do Rio de Janeiro, e o patrocínio da empresa Daimler Chrysler.

A Cultura da Favela – Ciclo de Debates (2002)

No ano de 2001, um projeto experimental realizado fora do CCBB-RJ, idealizado por Klaus Vetter, ex-diretor do Instituto Goethe do Rio de Janeiro, mobilizou arquitetos, urbanistas, artistas, diretores de teatro, atores, coreógrafos, cineastas e pensadores em torno de algo utópico, complexo e não destituído de riscos: a interação entre pessoas vindas de diferentes grupos sociais, diferentes formações e nacionalidades com a realidade das favelas cariocas. A idéia era apontar para a possibilidade de uma relação de colaboração, não predatória, fugindo dos clichês e do folclore e evitando o paternalismo. Seria uma experiência social e estética que pudesse criar não apenas um novo olhar sobre as favelas, mas principalmente produzir uma real parceria. Este projeto foi concretizado por meio de diversas parcerias e os resultados foram apresentados ao público e às comunidades envolvidas por meio de espetáculos de dança, teatro, workshops de moda, design e fotografia, exibição de filmes e vídeos com mesa de debates (A Favela no Cinema - 2001) e uma mostra de artes plásticas.

A idéia do Ciclo de Debates realizados no CCBB-RJ em 2002, foi discutir, por meio da síntese dessas primeiras experiências que serviram como um verdadeiro laboratório social, a riqueza de iniciativas como esta. Para isto, foram convidados ao ciclo de palestras do CCBB-RJ artistas e pesquisadores que fizeram das favelas seu campo de estudo. Esta

atividade foi uma oportunidade ímpar de acompanhar e conhecer uma experiência singular e ousada, descobrindo limites e riscos, mas também segundo Bentes (2002) “a alegria de pensar não sobre as favelas, mas com elas”.

Esta atividade por ser um ciclo de debates já possuiu uma divulgação mais modesta na mídia impressa, embora tenha sido divulgado nos principais jornais, também não recebeu apoio das leis de incentivo à cultura, a realização, produção e organização são creditadas ao CCBB e ao Instituto Goethe do Rio de Janeiro com o apoio da empresa Daimler Chrysler.

Assim Vivemos – Festival Internacional de Filmes Sobre Deficiência (2003, 2005 e 2007)

A idéia de criação do festival partiu dos curadores e produtores Lara Pozzobon e Gustavo Acioli que no ano de 2001 participaram na Alemanha da 3ª edição do Festival *Wie Wir Leben* (Assim Vivemos) representando o curta-metragem por eles produzido intitulado “Cão Guia”. Os dois nunca haviam participado de nenhum evento que tratasse especificamente do tema da deficiência, e nem pensavam em tal possibilidade, mesmo tendo um curta onde o personagem principal era cego. Aquela experiência mudaria definitivamente suas vidas.

Mesmo não querendo cair em chavões, é impossível evitar dizer que essa experiência mudou nossas vidas. Não apenas a nossa relação com a questão da deficiência e o nosso modo de olhar para as pessoas portadoras de deficiência, mas a nossa maneira de encarar a própria vida e a condição humana. Ao tomarmos contato com aquela enorme variedade de filmes, vindo de tantos países e culturas diferentes, apresentando-nos personagens inimagináveis para quem está diante do assunto, histórias de vida inconcebíveis, com tamanha diversidade de abordagens e de construção narrativa, ganhamos algo mais do que a consciência dos direitos das pessoas portadoras de deficiência, dos seu direito à acessibilidade, à inserção social etc., ganhamos a consciência de que as diferentes condições de vida geram diferentes maneiras de pensar a vida, de enfrentar as situações e de entender o mundo. Vimos

que trata-se de algo mais do que de uma fundamental questão de justiça e inclusão social, trata-se do fato de que o conceito de normalidade empobrece a vida em uma sociedade, privando a todos da possibilidade de crescimento através da convivência. Imediatamente passamos a nutrir o desejo de realizar no Brasil um evento nos mesmos moldes do festival alemão com o intuito de dividir com o maior número de pessoas a experiência que tivemos. Felizmente, encontramos no CCBB a sensibilidade e a visão cidadã que o fizeram abraçar a idéia e oferecer todas as condições para a plena realização do evento (POZZOBON e ACCIOLI, 2003).

Os curadores deixam bem claro que visualizaram no espaço e depois encontraram nos gestores do mesmo, sensibilidade e visão cidadã para emplacarem o projeto. No momento em que o mundo discutia questões de acessibilidade, e que os próprios bancos adaptavam suas agências aos portadores de deficiências, observava-se por meio desta atividade cultural um real engajamento da instituição na causa de inclusão dos deficientes.

Através do patrocínio da mostra Assim Vivemos, o Banco do Brasil afirma seu engajamento numa nova consciência que está se instalando no nosso país no que diz respeito às pessoas com necessidades especiais. É como sinal de progresso e amadurecimento que vemos caírem por terra velhos preconceitos segundo os quais os portadores de deficiência físicas ou mentais seriam meras vítimas do destino, a merecerem um lugar à parte na sociedade e, quando muito, um olhar de compaixão. Os filmes e vídeos que integram esta programação informam claramente o contrário. No Brasil e no resto do mundo, proliferam os exemplos de superação, inserção social plena e redefinição de paradigmas nos conceitos de normalidade, diferença, capacidade etc. O entendimento de que limitações são inerentes ao ser humano – e é isso o que, paradoxalmente, faz nossa grandeza – conduz, inevitavelmente, a uma percepção mais justa do lugar da pessoa portadora de deficiência dentro da coletividade. Ainda estamos no início de um caminho longo rumo a esse ideal. Muitas campanhas, eventos e uma atuação cotidiana no plano da cidadania serão necessários para trocarmos o estigma e a exclusão penalizada por uma atitude integradora, e ao mesmo tempo, atenta as demandas particulares de cada pessoa. O mundo gira nesse

sentido. Não há por quê resistir. De nossa parte, o CCBB vem buscando aperfeiçoar seu atendimento a essa parcela de nosso público, mediante a instalação de rampas e equipamentos, bem como a atenção de nosso pessoal para as necessidades dos frequentadores. No caso desta mostra, compreendemos que não se trata apenas de levar o tema a uma platéia indiferenciada. Assim, optamos por fornecer dublagem para portadores de deficiência visual, legendas e tradução de palestras para espectadores portadores de deficiência auditiva. Estamos seguros de que todas as conquistas nessa área começam pela possibilidade de acesso. É por aí que todos nós começamos a viver (CCBB, 2003b).

É interessante observar que esta atividade quando se iniciou no ano de 2003 tem o patrocínio e a realização do CCBB, sem o apoio das leis de incentivo, o que só vai ocorrer posteriormente nos anos de 2005 e 2007, quando a Mostra Internacional de Filmes Sobre Deficiência recebe o apoio das leis de incentivo à cultura e o patrocínio da Petrobrás. Em todos os anos o evento teve uma ampla divulgação na mídia impressa, inclusive com capas em cadernos de cultura destacando a nobreza da causa que motiva esta atividade cultural.

Arte da África (2003)

A exposição Arte da África foi um verdadeiro marco na história do CCBB. Esta atividade cultural apresentou mais de 300 obras-primas da coleção do Museu Etnológico de Berlim que constituem um dos mais importantes acervos sobre a África do mundo com 75 mil objetos. É notório que a arte africana influenciou diversos artistas modernos entre os quais podemos destacar Picasso. Entretanto, nesta mostra, ao contrário de muitas sobre a arte africana, não se restringia a esculturas figurativas e a máscaras. Obras importantes da cultura cotidiana mostravam que as fronteiras, entre a elaboração artística da figura comemorativa de um rei, da representação de um antepassado, de uma máscara, e de um objeto da vida cotidiana, como um apoio para a nuca ou um pente ornamental dos *Chokwe*, podem ser determinados a partir da função do objeto. Por outro lado a exposição destaca que a

criatividade dos artistas africanos não se ateve apenas a esses limites. O evento acabou se desdobrando em outras atividades culturais realizadas no CCBB, como rodas de leitura sobre a literatura africana, curso de introdução à história da África e da cultura afro-brasileira, mostra de filmes, debates e peças de teatro que tinham a África como tema, conforme podemos observar no anexo I deste estudo.

A exposição bateu recorde de público e fez com que diversas pessoas que jamais haviam visitado o CCBB-RJ o descobrissem e passassem a freqüentá-lo, afirmou o curador Marcello Dantas, em entrevista para esta dissertação. Segundo ele, as pessoas ligavam para o CCBB para saber quanto custava o ingresso, e se espantavam ao saber que era gratuito. Para ele projetos dessa natureza, que levam as pessoas que nunca tinham estado ali ao espaço, são fundamentais para promover a inclusão. Dantas afirma ainda ter visto várias famílias de negros se arrumarem para ir ao CCBB-RJ e reverenciarem suas origens. A mostra Arte da África certamente despertou o olhar do espaço para o interesse das pessoas por suas raízes étnicas e culturais. Posteriormente, Dantas, por meio de projetos apresentados ao CCBB, promoveria outras três grandes exposições que trabalhariam a questão da identidade do povo brasileiro como veremos mais adiante.

Durante esta exposição o CCBB Educativo organizou diversas atividades e inclusive elaborou uma série de cadernos (livretos informativos), onde ligados à exposição Arte da África trabalhavam o tema da arte, cultura e cidadania.

Queremos contribuir para a discussão, a partir deste evento, acerca do papel de nossa cultura e para o Brasil atualmente. Redescobrir as rotas africanas no interior das complexas relações culturais que nos compõem não apenas levará a uma redescoberta da história do continente, mas, principalmente, colaborará para o fortalecimento da cidadania afro-descendente no Brasil (VERGARA e LIMA, 2003).

Por meio do trabalho desenvolvido durante a exposição Arte da África o CCBB educativo se afirmava como um setor fundamental dentro do espaço capaz de promover um processo permanente de arte-educação aliado às atividades culturais que eram realizadas.

O trabalho das mediações culturais que realizamos no Arte, Cultura e Cidadania através da promoção de experiências estéticas é o de, a partir do encontro com manifestações artísticas, colocar em xeque a típica divisão da cultura ocidental entre o sensível e o inteligível, o particular e o universal. Na prática, estamos sempre, inevitavelmente, tentando aplicar critérios de ordenação objetiva e, concomitantemente, engajados no embate sensível com as obras. Nosso interesse está na conquista de um espaço em que não haja diferença entre os critérios objetivos e subjetivos – que promova interseção entre as experiências de cada um e os valores simbólicos (LIMA, 2003).

Assim, mais uma vez a instituição Banco do Brasil afirmava o seu interesse por questões capazes de promover a inclusão social entre as pessoas que freqüentavam o espaço. Afinal, só é possível incluir por meio da convivência, e a exposição Arte da África, definitivamente, trouxe ao espaço os diferentes que passaram não só a conviver, mas que poderiam agora de uma forma mais viva compreender e debater sobre as suas origens.

Este é apenas um dos braços da grande árvore que o Banco do Brasil plantou para celebrar, entre nós, a Arte da África. Uma árvore frondosa, em cuja sombra acolhedora cabemos todos, como filhos ao redor do corpo quente da mãe. (...) O CCBB promove a convergência de todas as suas atividades para um mesmo universo, ainda que vasto e diversificado. Ambicionamos com isso, buscar as ressonâncias entre áreas distintas e valorizar a inter-relação entre as práticas artísticas e as formulações de pensamento (CCBB, 2003c).

A exposição Arte da África teve ampla divulgação na mídia impressa, apoio da lei federal de incentivo à cultura e teve o apoio e patrocínio de empresas ligadas ao Banco do Brasil como a Brasil Seguros e a Ourocap.

Encontro com o Cinema Brasileiro – Periferias Urbanas (2003)

Esta atividade cultural mais uma vez trazia ao espaço o debate sobre as periferias urbanas brasileiras do ponto de vista do olhar do cinema nacional. Os filmes selecionados para a semana do encontro eram todos produtos unilaterais, ou seja, traziam uma visão de fora para dentro, onde as periferias são tratadas mais como objeto do que como agente do discurso. Emblemático dessa visão é o filme escolhido para o debate com o público: Cidade de Deus, que até o ano de 2003 era o mais bem sucedido cartão postal cinematográfico contemporâneo. Entre ele e outro clássico exibido no evento, Orfeu Negro de 1958, muita coisa mudou, principalmente os níveis gerais de agressão-econômica, ecológica e social de um país degradado por um dos piores índices de distribuição de renda do planeta. Os filmes exibidos na mostra ficcionavam com base em histórias reais a realidade das periferias urbanas brasileiras. Mais uma vez o CCBB se tornava palco para a exibição e a discussão de questões vivas relativas à dialética exclusão/inclusão.

Esta atividade cultural teve patrocínio e realização do próprio CCBB com o apoio da Rio Culturas – Secretaria Municipal de Cultura e possuiu ampla divulgação na mídia impressa.

Antes – Histórias da Pré-História (2004)

Conforme citado anteriormente, a exposição África havia despertado em curadores e gestores do CCBB o interesse do público por atividades culturais que trabalhassem a questão da identidade e origens culturais. Baseado nisso, o curador da exposição África, Marcello Dantas, em parceria com as curadoras Niéde Guidon, Anne-Marie Pessis e Gabriela Martin, responsáveis pela Fundação Museu do Homem Americano e pelo Parque Nacional da Serra da Capivara em São Raimundo Nonato (PI), resolveram organizar a exposição Antes – Histórias da Pré-História como forma de contribuir ao estudo da arte e da cultura, e também

como uma maneira de celebrar o Brasil em sua identidade primitiva, revelando aos visitantes parte da nossa história ainda não contada.

Segundo afirma o próprio CCBB a exposição foi inspirada no movimento

de investigação e imersão do patrimônio e dos valores matriciais da formação cultural brasileira – marcada pelo evento Arte da África, realizado em seus centros culturais. (...) Conhecer a pré-história é uma forma de descobrir um Brasil único, que existiu antes do primeiro contato com os europeus e sobre o qual pouco sabemos. (...) O evento é o carro-chefe do aniversário de 15 anos do CCBB-Rio que não mediu esforços para conseguir juntar tantas preciosidades. Segundo Yole Mendonça, diretora da instituição, assim como na exposição Arte da África, onde foi realizada uma inédita aproximação com a arte de um universo praticamente desconhecido do grande público, o evento quer trazer à luz algo primordial para a compreensão de nós mesmos como brasileiros e reduzir lacunas em relação às nossas origens, de maneira a contribuir para aumentar a nossa auto-estima e valorizar nossa cidadania. Sem contar que esta é realmente uma chance rara para ver num mesmo espaço peças e obras que muito dificilmente estariam reunidas (CCBB, 2004a).

A exposição trazia como grande chamariz uma réplica de um esqueleto de uma preguiça gigante que ocupava o salão da rotunda do CCBB-RJ, e assim como a exposição África de 2003 bateu recordes de público, com uma média de 8.725 visitas diárias, sendo visitada por mais de 620 mil pessoas em 70 dias, e trazendo ao espaço novamente um público inédito que ainda não conhecia a possibilidade do acesso a diversas atividades culturais, muitas delas gratuitamente.

O evento possuía patrocínio e realização do próprio CCBB com o apoio de empresas ligadas ao Banco do Brasil como a Ourocap e a Brasil Saúde e também contava com o incentivo da Lei Rouanet. Esta atividade possuiu ainda, ampla divulgação na mídia impressa, sendo inclusive, considerada pelo Jornal do Comércio do Rio de Janeiro um dos destaques culturais do ano de 2004.

Seminário Hutúz (2004, 2005, 2006, 2007)

A realização do Seminário Hutuz, no CCBB-RJ é um marco interessante no processo de inclusão social por meio da cultura realizado no espaço. Isto pelo fato do Seminário Hutúz ser uma realização da Central Única de Favelas – CUFA, uma organização que foi fundada pela união de jovens oriundos de comunidades no Rio de Janeiro que tinham em comum o sonho de que era possível realizar uma transformação social por meio do hip-hop, por entender este como uma expressão cultural, social e política que atingia o foco da realidade que queriam transformar: a falta de perspectivas para o futuro e o presente de jovens que como eles viviam em situação de risco (ATHAYDE, 2004).

Esta atividade é complementar ao Festival Hutúz, um evento cultural que ocorre todo ano em diversos pontos da cidade promovendo oficinas de artes, shows de músicas, danças, grafites, campeonatos de basquete de rua etc. Realizado no CCBB-RJ todo ano o Seminário Hutúz é onde os diversos temas relativos a cultura *hip hop* são debatidos.

No ano de 2004 a programação conteve três grandes debates. O primeiro discutia questões estéticas confrontando conceito e consumo, o segundo discutia a política e como o *hip hop* poderia atuar como ferramenta de transformação e o terceiro discutia a mídia e a cilada proporcionada por seus modismos. No ano de 2005 novamente com três dias de evento, os temas do debate foram: o movimento social, as mulheres dentro do movimento e as questões do movimento de resistência do *hip hop*. Já em 2006, discutiu-se o esporte e as suas possibilidade de inclusão, política e etnia e a periferia nas telas. Em 2007, ocorreu um debate sobre as expectativas e reflexões sobre carreira e mercado, outro sobre a palavra como instrumento de trabalho e por fim uma abordagem sobre o polêmico tema do preconceito dentro do movimento *hip hop*.

Todos os debates do seminário Hutúz contavam com a participação de representantes dos órgãos públicos de cultura, pesquisadores e representantes do movimento *hip hop*, promovendo assim um debate aberto entre estes diversos atores sociais.

Segundo MV Bill, compositor de Rap e um dos fundadores da CUFA

O Hutúz é um evento que trabalha com a política da inclusão. Nele, os jovens passam a fazer parte de discussões e manifestações que, em geral, estão fora do seu alcance. Além disso, as nossas músicas não são apenas ritmos, mas letras que despertam reflexão. Um evento desse tipo mexe com a nossa auto-estima, com a questão da luta pela sobrevivência nas periferias. (...) Quem faz hip hop são os jovens que vêm de dentro do problema e têm que mandar uma mensagem de paz, mas na condição de correspondentes da guerra. Por isso, nossa visão é diferente da dos políticos. Nós conseguimos fazer o que muitos deles não conseguem, que é reunir uma platéia numa comunidade para falar de política social, cultural e racial, sem ser chato (BILL, 2005).

Ao promover um seminário como estes e trazendo esta voz da periferia para dentro de suas salas não poderemos jamais negar o fato da possibilidade da criação de novos vínculos globais e locais, algo que como vimos no referencial teórico deste trabalho é algo vital para um processo de inclusão social. E no discurso oficial do CCBB este se apresenta como objetivo do evento.

O Seminário Hutúz 2006, abre espaço para o debate franco e a circulação de idéias em nossa sociedade, compromisso inamovível do Banco do Brasil (CCBB, 2006a).

Objetivo estes que está alinhado ao da CUFA

A intenção é gerar um intercâmbio de idéias e a discussão com o público após cada debate (CUFA, 2006).

Os seminários Hutúz tiveram ampla divulgação na mídia impressa durante todos os anos, apoio das leis de incentivo à cultura federal, estadual e municipal e grandes empresas apoiadoras com maior destaque para a Petrobrás.

Escola de Frankfurt (2004)

A Escola de Frankfurt foi um dos mais importantes movimentos do século XX, tendo contribuído de modo decisivo para o entendimento da cultura de massa e seus diversos desdobramentos. As teorias de Walter Benjamin, Theodor Adorno, Herbert Marcuse, Habermas entre outros foram amplamente assimiladas pelo meio acadêmico em todo o ocidente e ainda guardam sua vitalidade na análise dos acontecimentos contemporâneos, mesmo que questionadas, revistas e reprocessadas.

A atividade cultural realizada no CCBB consistiu em três dias de debates e por fim a exibição do filme *Herbet's Hippopotamus: uma história de resolução no paraíso*, que analisa a turbulenta vida nos Estados Unidos do filósofo-político Herbert Marcuse (1898-1979). No primeiro dia o tema para debate era *A indústria cultural e a imaginação estética*, com apresentação de Jorge Coelho Soares, professor de psicologia social na UERJ (que também apresentou os outros temas nos dias seguintes) e mediação de Wolfgang Leo Maar (que também mediou os outros debates nos dias seguintes) estudioso do tema na Universidade Federal de São Carlos. Os debatedores neste dia foram: a professora de filosofia política da Universidade Federal de São Paulo, Olgária Matos, e a professora da Universidade Federal de Ouro Preto, Imaculada Kangussu. No segundo dia o tema era *Adorno e a crítica da barbárie – um olhar psicanalítico*, debatido por Sérgio Paulo Rouanet, diplomata, político, cientista e ensaísta, grande divulgador da Escola de Frankfurt no Brasil. No terceiro dia o tema era *Sociedade Administrada – recusa, resistências e assujeitamento*, apresentado pelos palestrantes Douglas Kellner, professor de filosofia da educação da Universidade de Los Angeles e Isabel Marcaia Loureiro, professora de filosofia da UNESP.

O alto nível dos palestrantes reforçava ainda mais o objetivo do CCBB com a atividade, explicitada no *folder* do evento.

Discutir a atualidade de tais pensamentos e dissecá-los do ponto de vista deste início do século XXI é a proposta do CCBB, que reúne alguns dos maiores especialistas da

nossa intelectualidade no ciclo de debates Escola de Frankfurt. Com iniciativas dessa natureza, dedicadas ao território das Ciências Sociais, Filosofia e Estética, o Banco do Brasil investe de maneira contínua na construção de um calendário que se dirige à formação, qualificação e atualização de seu público (CCBB, 2004b).

Esta atividade teve o patrocínio e realização do próprio CCBB, com o apoio da lei federal de incentivo à cultura. Sua divulgação na mídia impressa esteve restrita aos jornais *O dia*, *O Globo*, *Jornal do Brasil* e a *Revista Veja*.

Cultura e Desenvolvimento (2004)

O seminário *Cultura e Desenvolvimento* procurou colocar em debate os novos territórios culturais e as dinâmicas de criação e intervenção que emergem, com grande vigor, oferecendo respostas e interpelações aos efeitos contraditórios dos processos neoliberais de globalização e transnacionalização da cultura e da informação, algo que é elemento chave nos processos de afirmação da cidadania, da geração de empregos e da própria inclusão social. O objetivo principal era debater caminhos possíveis para a cultura hoje e colocar em cena algumas perguntas inadiáveis: Como pensar a radicalidade do binômio desenvolvimento/cultura no Brasil? Como trabalhar as possibilidades de ampliação do paradigma dos direitos humanos para a área cultural? Como potencializar o rendimento político-cultural das redes cidadãs e das ‘multidões’? Como refuncionalizar a geopolítica da produção e do consumo cultural no quadro transnacional? Como oferecer novos dados e variáveis para a formulação de políticas concretas de desenvolvimento para a área da cultura?

Para isso durante quatro dias, um seleto time de palestrantes, dentre os quais figuravam intelectuais de renome internacional como Boaventura de Sousa Santos; representantes das periferias como MV Bill e Nega Giza; escritores que abordam o tema em suas obras como Paulo Lins e Zuenir Ventura entre outros; debateram diversos aspectos do tema Cultura e Desenvolvimento.

No primeiro dia o t3pico era *Do p3s-moderno ao p3s-colonial e para al3m de um e outro* conceituando historicamente as id3ias; no segundo dia a discuss3o era a *Literatura Partida* onde diversos escritores observavam a quest3o por meio da literatura; no terceiro dia o t3pico eram as *Antenas Ligadas*, onde aspectos como m3dia, r3dios comunit3rias e a imprensa alternativa entravam em quest3o e no quarto dia o debate foi sobre a *Geopol3tica da Produ3o e do Consumo Cultural*.

Neste evento mais uma vez a ‘fala’ do CCBB o direciona para uma abertura ao debate de id3ias com intuito do desenvolvimento social.

O Banco do Brasil percebe a necessidade de pensar e discutir a cultura como uma maneira de aperfei3oar instrumentos que levam ao desenvolvimento social. Manter incentivo a diversas manifesta33es culturais n3o 3 uma a3o isolada da empresa: 3 um compromisso (CCBB 2004c).

O evento mais uma vez, possuiu ampla divulga3o na m3dia impressa, apoio da lei federal de incentivo 3 cultura. 3 v3lido tamb3m destacar que os semin3rios todos resultaram na publica3o de um livro intitulado *Cultura e Desenvolvimento*, organizado por Heloisa Buarque de Hollanda, publicado pela Editora Aeroplano do Rio de Janeiro, com participa3o de boa parte dos palestrantes.

Arte, Diversidade e Inclusão Sócio-Cultural – Exposição Coletiva de Artes (2005)

Esta atividade multicultural tem a sua origem na Associação, Vida, Sensibilidade e Arte – ASA, que desenvolve uma série de iniciativas para crianças, jovens e adultos deficientes no Brasil. O convite para promover o evento correu quando diretores do Banco do Brasil assistiram a uma montagem de *Morte e Vida Severina*, de João Cabral de Mello Neto, encenada por um grupo de cegos em Aracaju, durante um evento promovido pela ASA.

A ASA foi criada em 1990 pela professora e humanista Albertina Brasil Santos (1925-2004) como uma organização não-governamental, sem fins lucrativos, composta por voluntários, sob inspiração e depois afiliação ao programa internacional *Very Special Arts*, fundado em Washington, 1974, por Jean Kennedy Smith, e hoje presente em 66 países nos 5 continentes. O programa brasileiro, desde o início e de forma pioneira no continente, fez da inclusão a palavra chave de suas ações, promovendo o diálogo estético de pessoas com e sem deficiência, estimulando artistas, educadores e investigadores da sensibilidade a se lançarem em pesquisas e à produção de conhecimentos.

A mostra *Arte, Diversidade e Inclusão Sócio-Cultural* constituiu um panorama significativo dessas pesquisas e conhecimentos. Ela foi um resumo de dezenas de mostras, festivais e congressos realizados sob essa mesma perspectiva ao longo desses 15 anos em várias cidades do país e do exterior. Uma demonstração sobre a diversidade e de como a arte pode agir e ampliar o entendimento da sociedade sobre essas novas expressões para dissolver barreiras estéticas e sociais.

A mostra realizado no CCBB, reuniu uma exposição coletiva de artes visuais, espetáculos de dança de grupos de diversas regiões do Brasil, peças de teatro, shows de música, todos realizados por artistas que possuíam algum tipo de deficiência. Além disso, foi promovido um seminário com o tema *Arte, Educação e Pessoa com Deficiência*, composto por um ciclo de palestras com apresentação de trabalhos, pesquisas e indagações sobre as

capacidades de produção artística das pessoas com deficiência e sua inserção na contemporaneidade estética do país. Por fim, ainda foi ministrado no CCBB um curso de *Introdução à Musicografia Braile*, para músicos, docentes e estudantes de música, cegos e/ou videntes, interessados na produção e difusão da escrita musical em braile.

O CCBB abre suas portas para a mostra Arte Diversidade e Inclusão Sociocultural que reúne em um único espaço todos os segmentos artísticos da produção cultural de pessoas deficientes. Segundo dados do IBGE, o Brasil tem em torno de 22 milhões de deficientes. (...) Os números impressionam se considerarmos aí uma população em constante superação de seus limites e contínuo desenvolvimento de novas capacidades de interação com as realidades externas. Neste sentido, a mostra Arte, Diversidade e Inclusão Sociocultural traduz o reconhecimento e a valorização dos que, ultrapassando as convenções estéticas, muitas vezes transformam a contundência de suas próprias experiências em arte e em poesia. (...) Clara manifestação de que a união faz a força, a presente mostra (...) além de romper preconceitos, reavaliar conceitos e abrir novas perspectivas de cidadania, é ao mesmo tempo um convite para fechar os olhos e experimentar, sentir, tocar e entender a coexistência de universos múltiplos, cada qual com seus limites, cada qual com suas infinitas possibilidades, onde todos têm muito a aprender e ao mesmo tempo muito a ensinar (CCBB, 2005a).

O patrocínio e a realização foram do CCBB, com apoio da lei federal de incentivo à cultura e ampla divulgação da atividade na mídia impressa.

Henfil do Brasil (2005)

Esta atividade cultural foi composta de uma mostra do cartunista Henfil (1944-1988) que teve seu trabalho divulgado com larga repercussão desde 1969, com a publicação de cartuns, caricaturas e histórias em quadrinhos no jornal alternativo *Pasquim*, um dos principais veículos da resistência contra o regime militar. Na década de 1970, o autor mineiro fez sucesso com seus personagens mais famosos, *os Fradinhos*, e com a coluna *Cartas da Mãe*, onde destilava, com sutil ironia, críticas ao sistema.

Henfil caracterizou o ideário do povo em traçado enxuto e ríspido, como a fome e a seca na caatinga. Com personagens tipicamente brasileiros e realistas, transmitiu sua opinião crítica sobre o país cheio de desigualdades, conseguindo retratar com irreverência a dureza da situação política dos anos de chumbo. Sempre driblando a censura, os seus desenhos levaram mensagens à resistência reprimida dos tempos de chumbo.

Ao realizar uma exposição com os trabalhos do cartunista o Banco do Brasil realmente assumiu um papel importante, ao permitir que a nossa história seja contada pelo discurso dos oprimidos. Onde podemos destacar o fato de que em 30 anos o trabalho do cartunista Henfil continua atual, sendo como sempre, antes de humor, denúncia.

Este evento possuiu ampla divulgação na mídia impressa, patrocínio e realização do CCBB com o apoio da lei federal de incentivo à cultura.

Por Ti América – Arte Pré-Colombiana (2005)

A exposição Por Ti América, novamente trabalhando a questão da identidade do povo brasileiro, veio render a devida homenagem às civilizações ameríndias, cujas culturas deságuam também na formação da cultura brasileira, a exemplo das exposições *Arte da África* (2003) e *Antes – Histórias da Pré-História* (2004). Da matriz africana à reunião de acervos do homem primitivo em nosso solo, investiu-se agora em revelar ao público a pujança e a singularidade daquelas sociedades ameríndias.

O Banco do Brasil, ao apresentar o evento Por Ti América, dá sua contribuição para ampliar a compreensão e o reconhecimento entre as culturas dos povos da antiga América espanhola e América portuguesa, trazendo ao conhecimento do público brasileiro um valioso acervo que diz respeito, também, às suas raízes (CCBB, 2005b).

Esta atividade cultural baseada principalmente numa exposição integrou diversas outras realizações dentro do espaço, assim como acontecera com a exposição *Arte da África*.

O CCBB Educativo realizou uma série de atividades pedagógicas, entre elas até uma oficina de arqueologia para crianças, e inclusive editando uma revista intitulada *Aventura Arqueológica* coordenada pelo CPDOC da FGV, sob a coordenação de Helena Bomeny que foi distribuída nas escolas da rede pública.

A revista *Aventura Arqueológica*, do Programa Educativo, editada em complemento à exposição multimídia Por Ti América (...) tem como objetivo oferecer a professores e estudantes, informações essenciais para um conhecimento mais aprofundado do riquíssimo acervo legado pelas civilizações pré-colombianas. O CCBB, ao distribuir este precioso material a toda rede escolar, reafirma o seu compromisso com a educação e a cidadania, acreditando que, mais do que nunca, em tempos de massiva globalização, somente através do entendimento e do respeito pelos seus antepassados, melhor um povo interage com a sua realidade e mais conscientemente alicerça e constrói o seu futuro (CCBB, 2005c).

Foi realizado também, um ciclo de debates onde foram discutidos os seguintes temas: arquitetura, ouriversaria e cerâmica: testemunhas culturais; a América indígena; tecidos do Peru: motivos, cores e técnicas; o calendário e a escrita na mesoamérica: além dos famosos Maias e Astecas; Brasil: arqueologia amazônica; e olhares e reações sobre a América pré-colombiana na América pós-colombiana.

Com esta iniciativa, mais uma vez o espaço demonstra o seu interesse em promover o reencontro do seu público com suas origens históricas para repensar o próprio presente.

As origens históricas da cultura americana, para o CCBB, são objetos privilegiados do interesse público, em especial quando teóricos da maior importância de todo o continente, em vários encontros, aqui comparecem para ressaltar as qualidades e atributos notáveis de nossos antepassados não-europeus. Trata-se no *Por Ti América – Ciclo de Debates*, segmento do evento disciplinar de mesmo nome, de discutir o vigor e o esplendor cultural da população original americana, que retrata parcela expressiva de nosso mundo espiritual e comportamental. O banco do Brasil, cioso de sua responsabilidade perante a comunidade latino americana, patrocina este fórum de

debates que resgata o brilho e o talento dos povos ameríndios que, junto aos europeus, criaram vertentes singulares da cultura ocidental (CCBB, 2005d).

A atividade cultural *Por Ti América*, como outras grandes exposições que trabalhavam a questão da identidade brasileira a partir de suas origens foi um sucesso de público. As atividades tiveram ampla divulgação na mídia impressa, patrocínio e realização do CCBB, com apoio da lei federal de incentivo à cultura e também das empresas Ourocap e BB Seguros do Banco do Brasil.

III Fórum Nacional de Direitos Humanos (2005)

Esta atividade cultural consistiu de duas grandes palestras. A primeira possuía como tema a Violência Rural: causas, conseqüências e perspectivas e a segunda intitulava-se Violência Urbana, características, conseqüências e projetos alternativos. O evento possuía direção e produção do *Movimento Direitos Humanos* que tem atuado no sentido de combater a violência urbana e rural, denunciando os crimes e seus mandantes e a constante violação dos direitos humanos no Brasil. O evento era promovido pelo terceiro ano consecutivo (o primeiro no CCBB) com o objetivo de debater com acadêmicos, jornalistas, artistas, representantes de diversas ONG's e as próprias vítimas da violência no campo e na cidade, buscando soluções para o combate efetivo desta tragédia nacional.

Aleijadinho e seu Tempo – Fé, Engenho e Arte (2006)

A exposição *Aleijadinho e seu Tempo: Fé, Engenho e Arte*, revelou ao público um dos mais importantes momentos da arte e da cultura nacional: o barroco mineiro. Para muitos, não há movimento artístico mais familiar aos brasileiros, nem há arte brasileira, mais reconhecida internacionalmente do que a barroca. Moldados em formas suntuosas por arquitetos, artesãos e artistas, esculturas, pinturas, igrejas, casarios e até mesmo cidades inteiras ofereceriam-se ao olhar de milhões de pessoas, especialmente em regiões onde foram encontradas as principais

riquezas econômicas da era colonial – as lavras de ouro e diamantes, em grande abundância nas Minas Gerais.

Ao realizar esta exposição, composta de muitas fotografias, filmes sobre as cidades mineiras e peças originais do artista, além de destacar a arte do período barroco brasileiro o CCBB-RJ trouxe luz sobre um momento importante da nossa história. Aleijadinho é o ícone de um movimento artístico grandioso, movido a ouro e religiosidade, com a sombra da escravidão e os ideais de independência como pano de fundo.

A preservação das obras desse grande artista faz parte da identidade cultural do nosso país. Assim, ciente de seu papel social, a empresa apóia e incentiva a construção da cidadania por meio da difusão da arte nacional. Filho de uma escrava e de um português, Aleijadinho é a compilação da mestiçagem brasileira e o reflexo da época colonial do Brasil, marcada pela acentuada religiosidade e pela abundância de riquezas naturais. Aleijadinho é o retrato de um Brasil devoto; um país esculpido por seu povo, num constante processo interativo de arte e trabalho na formação da identidade estética nacional (Aliança do Brasil, 2006).

Ao observamos a opinião de um dos patrocinadores da exposição, mais uma vez observamos presente a questão da identidade cultural como um objetivo dentro das atividades realizadas.

A exposição teve o patrocínio da Companhia de Seguros Aliança Brasil, apoio da Ourocap, empresa ligada ao Banco do Brasil, e também patrocínio e realização do próprio CCBB, com o apoio da lei federal de incentivo à cultura. A divulgação na mídia impressa foi bastante ampla, abrangendo não apenas os jornais, mas também boa parte das revistas sobre arte e cultura.

O Rio de Janeiro e a (Re)construção de Lugares (2006)

Esta atividade consistiu num ciclo de palestras, que faziam parte do projeto comemorativo dos 100 anos do prédio que abriga o CCBB na Rua Primeiro de Março. Foram ministradas 3 palestras durante o evento: *Urbanismo: Inclusão ou Exclusão?*, ministrada pela professora Ângela Maria Moreira Martins, da Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ; *Paisagem Construída na Memória*, ministrada pela professora Lúcia Maria de Sá Antunes Costa, também da UFRJ; e *Corredor Cultural e Revitalização do Centro do Rio de Janeiro*, ministrada pelos professores Leonardo Marques de Messendier e Alfredo Britto, ambos também da UFRJ.

Segundo, as curadoras do evento

o ciclo de palestras e a visita guiada buscaram contextualizar o papel do CCBB como um dos protagonistas da formação do Corredor Cultural e o contraste deste papel com a história de seu entorno, muitas vezes marcadas por propostas urbanísticas de caráter excludente (ALCÂNTARA, CÔRREA, OLIVEIRA e SCHROEDER, 2006).

Segundo o CCBB

O ciclo de palestras *O Rio de Janeiro e a (Re)construção de Lugares* pretende, através de temas como planejamento urbano, preservação e patrimônio, revitalização e outros, analisar os limites e as possibilidades das políticas públicas de planejamento para o Rio de Janeiro (CCBB, 2006b).

Esta atividade possuiu realização e patrocínio do CCBB e nela não foi possível identificar a divulgação na mídia impressa por não ter sido realizado neste caso o *clipping* do evento.

Festival CineCUFA – O Cinema na Tela da Favela (2007)

O CineCUFA, foi um evento novamente organizado pela CUFA, um festival dedicado às obras audiovisuais produzidas por periferias de todo mundo e que trazia como proposta o incentivo à uma nova ordem cultural e artística, que tem como objetivo maior mostrar um

novo ponto de vista: a capacidade de contribuir não somente com personagens que possam atuar à frente das câmeras, mas também como protagonistas atrás delas. Portanto, na tela do CineCufa os cineastas das periferias encontram a oportunidade de exibir o seu ponto de vista sobre os mais variados assuntos. O objetivo desta realização é exatamente fomentar a construção de uma identidade que passe a atuar mais fortemente no mercado cinematográfico, fazendo com que os realizadores dessa crescente vertente audiovisual reconheçam-se como representantes de um novo e legítimo movimento estético, social e político. A mostra de filmes, além de contemplar, boa parte da cinematografia das periferias brasileira, também trazia filmes retratados e realizados por periferias de outras partes do mundo, como Estados Unidos, Inglaterra, Angola, África do Sul, Cuba, Índia e França.

Para o CCBB

a produção de imagens é a nova fronteira a ser conquistada no espaço social. Possuir uma identidade significa hoje, em boa parte, controlar a representação de si próprio e do mundo ao seu redor. Com a democratização dos meios audiovisuais, No Brasil como no mundo, grupos e comunidades passam da condição de consumidores passivos para a de produtores ativos de imagens. O CineCufa tem tudo a ver com isso. O festival é decorrência de um movimento que, em anos recentes, tem gerado a inclusão audiovisual plena de favelas e periferias brasileiras. Eis a grande e real novidade na produção de cinema e vídeo do País: a expressão livre e legítima de uma parcela da população que, até há pouco, era somente tema de produções do 'centro'. A fase de capacitação e florescimento artístico dos outrora sem-camera e sem-tela já rende um conjunto de trabalhos altamente estimulantes. Agora é chegada a hora de dar visibilidade a essa produção fora dos limites da periferia. É hora de abrir o debate entre aqueles que dominam o mercado comercial e testar a receptividade a essas obras junto a um público diversificado. O CCBB surge, então, como o ponto de convergência ideal para essa etapa do processo. Aqui a imagem da periferia literalmente ocupa o centro. Imagens que brotam das periferias não só do Brasil, mas como também dos Estados Unidos, Cuba, Inglaterra, Índia, França, Angola etc. De

onde for que chegue uma voz alternativa e forte, capaz de se impor esteticamente e politicamente, terá lugar neste evento de recorte inédito (CCBB, 2007b).

Para o cineasta Cacá Diegues

O CineCUFA é uma importante e rara oportunidade de juntar experiências audiovisuais novas e, na maior parte das vezes, desconhecidas do público em geral. Não se trata apenas de um encontro entre artistas das periferias, o que já seria muito desejável; mas também da revelação de uma cultura que vem dela e precisa ser conhecida por todos nós (DIEGUES, 2007).

O ator Lázaro Ramos ainda ressalta que

Democratizar o universo audiovisual para mim é dar voz àqueles que nem sempre têm a câmera na mão, para que eles dêem seu depoimento pessoal, da maneira que queiram. Isso é necessário para que o Brasil vá pra frente. Dar voz a todos. E a CUFA vem fazendo isso. Não é só uma câmera na mão e uma idéia na cabeça, é também fortalecimento da cidadania (RAMOS, 2007).

O CineCUFA foi uma realização da própria CUFA, com o apoio e promoção da Rede Globo, também com realização e patrocínio do CCBB e participação da lei federal de incentivo à cultura. O evento contou com ampla divulgação na mídia impressa.

LUSA – A Matriz Portuguesa (2007)

A exposição LUSA – a matriz portuguesa novamente trouxe para o CCBB a temática da identidade relacionada às raízes históricas brasileiras. Nas palavras do curador Marcello Dantas ela

trata da origem dos portugueses, da Pré-história até a era dos Descobrimientos, trazendo pela primeira vez ao Brasil seu passado mais remoto, a presença romana, a idade média, os períodos islâmico e cristão, a presença judaica e a formação de nossa língua. Boa parte desse conhecimento é fruto de pesquisas recentes que trouxeram de volta à luz, vários períodos da história de Portugal mantidos sob trevas durante séculos. Foi essa diversidade étnica cultural que fez de um pequeno país como

Portugal um centro de conhecimento e intercâmbio, que o habilitou a se tornar uma potência colonial nos séculos a seguir, e dar ao mundo sua primeira noção completa de contorno e sua primeira globalização (DANTAS, 2007).

A exposição além de reunir um acervo raríssimo, garimpado em mais de 35 instituições, teve a curadoria de nove dos mais reconhecidos historiadores de Portugal. A mostra apresentava a raiz miscigenada de Portugal, línguas, formações, etnias, tendo como grande objetivo expor a essência de um Portugal ancestral, que migrou e fundou o Brasil inicial. Com certeza um Brasil que ainda nos habita ao percebermos nessa matriz muitos símbolos e significados que ainda podem ser encontrados em nossa cultura.

Ao acolher LUSA: A Matriz Portuguesa, o CCBB dá seguimento ao ciclo de mostras que aborda a constituição da nacionalidade brasileira e, ao mesmo tempo, mantém vivo o debate sobre a importância do passado em face de uma contemporaneidade toda ela voltada para o presente. Pois certamente é inegável que conhecer bem Portugal é condição para melhor interpretar o Brasil (CCBB, 2007c).

Esta exposição teve realização do próprio CCBB, com apoio da Ourocap e da lei federal de incentivo à cultura, com ampla divulgação na mídia impressa. É válido destacar também que mais uma vez o CCBB educativo ao longo da exposição integrou diversas atividades pedagógicas para diversos grupos escolares presentes ao espaço.

Imagens do Povo - Esporte na Favela (2007)

Esta exposição foi realizada em parceria do CCBB com o Ministério do Turismo e o Observatório das Favelas, exibindo trabalhos de alunos do projeto *Imagens do Povo*. Este projeto consiste num centro de documentação, pesquisa e formação de fotógrafos e documentaristas populares criado pelo Observatório. O *Imagens do povo* engloba a Escola de Fotógrafos Populares, um banco de imagens e uma Agência, buscando sempre exercitar um olhar cúmplice dos que estão enfrentando as dificuldades de um cotidiano marcado por adversidades, mas rico de criatividade e ações solidárias.

Para o CCBB

O esporte tem sido um importante instrumento de inclusão social e promoção da cidadania no Brasil. Recentemente com a realização dos XV Jogos Pan-americanos no Rio de Janeiro, os resultados de algumas dessas ações se mostraram nos rostos e nas medalhas de atletas que superaram as mais variadas adversidades. A fotografia também é utilizada para valorizar a auto-estima e promover a comunicação em comunidades populares, resultando em um trabalho de imagens que refletem olhares ao mesmo tempo sensíveis e críticos, expressivos e documentais. Realizado desde 2004, no Complexo da Maré no Rio de Janeiro, o projeto 'Imagens do Povo', do Observatório de Favelas, reúne jovens que aprenderam a desenvolver uma visão autoral que retrata a realidade social do seu dia-a-dia. Na exposição (...) o CCBB une esses dois instrumentos inclusivos. Exibe os trabalhos de jovens que, a partir do registro fotográfico, bem peculiares, mostram o legado social dos jogos Pan-americanos em comunidades próximas aos locais das competições, provocando, assim, uma importante discussão sobre sociabilidades e cidadania (CCBB, 2007).

Esta exposição teve ampla divulgação na mídia impressa e o apoio da lei federal de incentivo à cultura. É interessante observar que outra grande organização que atua nas periferias da cidade se apresenta ao lado do CCBB na realização do evento, o Observatório das Favelas.

Retalhar (2007)

A exposição Retalhar trouxe pela terceira vez ao CCBB o trabalho desenvolvido pela Cooperativa de Trabalho Artesanal da Rocinha – CCOPA-ROCA que realiza um projeto de desenvolvimento e produção de peças a partir de técnicas artesanais, muitas delas oriundas do nordeste brasileiro, região de origem de boa parte dos moradores que habitam a Rocinha que já foi considerada a maior favela da América Latina.

Esta atividade consistia em criar uma interação entre as artesãs da COOPA-ROCA e conceituados profissionais ligados a moda, artes e design como Alexandre Herchcovitch,

Antonio Bernardo, Carlos Miele, Ernesto Neto, Fernando Jaeger entre outros. A idéia era bastante interessante, os artistas trabalhando em parceria com as artesãs propunham uma instalação artística que elas com talento único ajudavam a criar. O resultado para a auto-estima das artesãs ao observarem o trabalho de suas mãos exposto como objeto de arte foi algo marcante durante a exposição.

A curadoria do projeto ficou por conta da diretora da COOPA-ROCA, Maria Teresa Leal, que destaca que a partir das três exposições realizadas no CCBB a cooperativa ganhou projeção nacional e internacional, passando a produzir peças de artesanato associadas a grandes grifes do mercado da moda.

Esta atividade teve ampla divulgação na mídia e foi uma realização do próprio CCBB com o apoio da lei federal de incentivo à cultura.

Piratas da Cultura – Comunicação e Cidadania (2007)

Esta atividade foi composta de um amplo debate onde diversas palestras procuraram abordar o tema da Comunicação e Cidadania. A idéia deste ciclo de debates foi discutir os relevantes problemas abertos pelo direito e uso da propriedade industrial nas últimas décadas, em especial por seus efeitos no mundo da cultura. Foram temas objetos da discussão questões como o acesso à informação pelas pessoas e pelas comunidades, o impacto das mídias sobre o comportamento humano, os modismos e os novos modos de realização do bem estar pessoal e social.

O CCBB afirmava no folder do evento que seu objetivo era

Convidar a todos para participarem dos debates sobre as interfaces entre cultura, cidadania e comunicação na vida contemporânea, procurando, como tem sido seu projeto constante, cumprir seu papel na difusão das idéias na sociedade carioca e brasileira (CCBB, 2007e)

Segundo a visão dos curadores do evento João Maia e Rafael Nacif

Na metrópole global, o pirata produz CD's, DVD's, canais de televisão a cabo, fanzines, jornais comunitários e participa de organizações não-governamentais que pretendem preencher a lacuna deixada pelo poder público no atendimento das demandas do cidadão cada vez mais informado, porém, sistematicamente excluído. A história dessa violência, a violência da exclusão social, passa também pelos processos de comunicação, especialmente na cidade, a instância palpável do cidadão. A tecnologia vendida mundialmente de forma padronizada (ante) acaba sendo apropriada como um veículo para expressão de conteúdos locais. O seminário proposto não toma partidos. Não se trata de uma apologia à pirataria. Pelas lentes das ciências humanas, sugerimos debates que possam revelar como o 'pirata' pode ser também um agente da transformação social. Reunimos professores, pesquisadores e profissionais de renome para refletirmos no CCBB a respeito deste tema que cotidianamente nos influencia e historicamente nos estigmatiza diante de outras tradições culturais certa vez considerados modelos a serem seguidos por nações menos 'civilizadas'. O evento não é um instrumento de propaganda ideológica. É uma ação cultural que pretende debater fatos concretos (MAIA e NACIF, 2007).

Esta atividade teve novamente realização do CCBB em parceria com o Observatório das Favelas, contou com o apoio da lei federal de incentivo à cultura e teve ampla divulgação na mídia impressa.

4.2. A VISÃO DO PÚBLICO

A visão do público procurou ser captada por meio da aplicação de um questionário com perguntas abertas e fechadas (Anexo II) que buscavam identificar o perfil do público visitante, a participação e o interesse deste nas atividades consideradas de alto poder de inclusão, e até mesmo a percepção deste na sua condição de excluído ou não na sociedade brasileira.

A seguir podemos observar os resultados obtidos.

Perfil do público que respondeu ao questionário.

O questionário foi aplicado durante uma semana a pessoas presentes no CCBB que se disponibilizaram a respondê-lo. O perfil do público pode ser observado nos quadros a seguir.

Quadro VI – Faixa Etária do Público Pesquisado

Idade	Quantidade
0-16	5
16-25	27
25-35	17
35-45	9
45-55	6
55-65	6
65-99	2
	72

Quadro VII – Ocupação/Profissão do público pesquisado

Ocupação/Profissão	Quantidade
Técnico Industrial	1
Militar	1
Relações Públicas	1
Dona de Casa	1
Servidor Público	1
Autônomo	1
Produtor Cultural	1
Fotógrafo	1
Músico	1
Coordenador de Artes	1
Barman	2
Administrador	1
Operador de Telemarketing	1
Poeta	3
Escritora	1
Professor	4
Malabarista	1
Bancário	2
Analista de Logística	1
Artista	3
Historiador	1
Estudante (nível médio)	8
Estudante (nível superior)	20
Adestrador de Cães	1
Pescador	1
Produtora Audio-Visual	1
Arquiteto	1
Auxiliar de Vendas	1
Enfermeira	1
Aposentado	3
Jornalista	3
Ilustrador	1
Técnico de Suporte	1
	72

Quadro VIII – Bairro/Cidade em que Reside o Público Pesquisado

Alto da Boa Vista	1
Bairro de Fátima	1
Bangu	1
Barra	2
Belford Roxo	1
Bento Ribeiro	2
Botafogo	4
Cabo Frio	1
Cachambi	1
Cais do Porto	1
Campo Grande	3
Catete	1
Centro	2
Cidade Nova	1
Copacabana	4
Coréia	1
Duque de Caxias	1
Glória	4
Grajaú	1
Ilha do Governador	2
Ipanema	1
Jacaré	1
Jacarepaguá	3
Laranjeiras	3
Mangueira	1
Marechal Hermes	1
Mesquita	1
Nilópolis	1
Nova Iguaçu	1
Parque São José	1
Penha	2
Petrópolis	2
Pilares	2
Piratininga (Niterói)	1
Realengo	1
Resende	1
Riachuelo	1
Rio Comprido	1
Santa Cruz	2
Santa Teresa	2
São Cristovão	1
São Gonçalo	2
Tijuca	4
Urca	1
	72

Ao analisarmos o público presente na semana em que os questionários foram aplicados, podemos observar que os freqüentadores do espaço são bem diversos, embora

observe-se uma frequência maior do público na faixa etária entre 16 e 25 anos de idade. Um aspecto que chama a atenção é a diversidade dos frequentadores. Embora haja uma faixa considerável de estudantes universitários e do ensino médio, observamos um variado leque de profissionais que procuram o espaço em busca das atividades culturais realizadas. Esta diversidade está explícita também nas diversas localidades dos frequentadores pesquisados, muitos oriundos de áreas periféricas da cidade e até mesmo de outras cidades. Isto com certeza reforça o ponto da capacidade do espaço proporcionar a construção de vínculos globais e locais não apenas na esfera da cidade do Rio de Janeiro, mas até do Estado do Rio de Janeiro e por que não dizer do Brasil e do Mundo, visto que observei a presença de muitos turistas no espaço.

Quadro IX – Questão 1: Com que frequência visita o CCBB?

todo dia	7
uma vez por semana	20
uma vez por mês	21
uma vez por semestre	5
raramente	19

Quadro X – Questão 2: O que mais motiva você a visitar o CCBB?

atrações gratuitas	2
biblioteca	5
cinema	20
crescimento e satisfação pessoal	1
diversidade cultural	14
encontrar pessoas	3
exposição	40
livraria	1
localização	1
música	1
não soube responder	2
palestras	1
profissionalismo	1
teatro	6
tranquilidade	1
troca com escritores no CCBB	1
vender poesia na porta	3
videoteca	1

Quadro XI – Questão 3: O que você viu de mais marcante nos últimos 5 anos?

Em Branco	12
África	12
China	6
Antes - Histórias da Pré-História	5
Por Ti América	4
Festival de Cinema	4
Anish Kapoor (Exposição)	4
Exposições	3
Exposição Surrealismo	3
Lusa – A Matriz Portuguesa	3
Punk 30 anos	3
Aleijadinho – Fé, Engenho e Arte	3
Anima Mundi	2
Erótica (Exposição)	2
Mostra do Filme Livre	2
Homem Música (Teatro)	2
Dora Congo Bahia (Exposição)	2
Exposição de Fotos	2
Documentários Sociais	1
Entropia (Teatro)	1
Musicais Brasileiros	1
Arte Cubana	1
Peça Teatral	1
Antônio Nóbrega (Música)	1
Diversidade das pessoas que transitam no espaço	1
Assim Vivemos	1
Robertinho Silva (Música)	1
Exposição sobre a música	1
Família Ferrez (Exposição de Fotografia 2008)	1
Cartola (Teatro)	1
Palestra Zé Celso	1

Observando os quadros IX, X e XI podemos concluir que o público pesquisado, em sua grande maioria, visita o espaço com uma boa periodicidade (diariamente, semanalmente ou mensalmente). O tempo apontado como fator de exclusão no referencial teórico, parece realmente ser uma variável importante, visto que o público que visita o espaço raramente, não o faz por falta de interesse nas atividades culturais, mas sim por falta de tempo. A questão 2 do questionário, por ser aberta, proporcionou interessantes respostas, onde podemos destacar que as exposições e o cinema são o que mais atrai público ao CCBB, e que a diversidade cultural do espaço também é destaque neste ponto. Vale ressaltar que pela pergunta ser aberta, muitos respondentes, colocaram em sua resposta mais de um item. Já na questão 3 ocorreu

uma dispersão do público entre diversas atividades, porém podemos salientar a importância da exposição África já destacada na pesquisa documental.

Quadro XII – Questão 4: Exposições sobre a identidade brasileira visitadas:

Antes - Histórias da Pré-História	32
África	40
Por Ti América	32
Lusa - A Matriz Portuguesa	40
Nenhuma delas	13

Aqui novamente observamos que as exposições que trabalharam o tema da identidade do povo brasileiro a partir de suas origens foram consideravelmente prestigiadas pelo público freqüentador do CCBB, com destaque novamente para África e Lusa, também confirmado nos números disponibilizados pelo CCBB, apresentados mais adiante.

Quadro XIII – Questão 5: Considera importante o espaço trabalhar a questão da identidade brasileira?

Sim	68
Não	2
Em Branco	2

Nesta questão é interessante destacar algumas justificativas para o sim, apresentadas pelos respondentes:

- Pois a partir daí podemos conhecer um pouco da nossa história para poder questionar. (Estudante, 25 anos, Botafogo) (sic)
- Porque reafirma nossa identidade cultural. (Professor, 39 anos, Santa Teresa) (sic)
- Pois é bom lembrar ao povo, que sofre um bombardeio diário de cultura norte-americana (Técnico em Publicidade, 18 anos, Cachambi) (sic)
- Principalmente para adolescentes terem contato com sua própria história e despertar o interesse de crianças pobres pela sua própria cultura. (Adestrador de Cães, 32 anos, Jacarepaguá) (sic)

- É importante conhecer o passado para entender esse presente. (Técnico Industrial, 24 anos, Belford Roxo) (sic)
- Auxilia no desenvolvimento da cultura da população, que atualmente tem estado em piores condições que décadas atrás. (Estudante, 14 anos, Cidade Nova) (sic)
- Porque é imprescindível que estejamos em contato com tudo que nos influenciou a sermos como somos. (Produtora Cultural, 28 anos, Barra da Tijuca) (sic)
- Embora não o suficiente para se pagar a dívida histórica do resgate cultural desse povo e embora voltada para elite, é ainda uma ação afirmativa. (Estudante de Artes, 26 anos, Duque de Caxias) (sic)
- Sofremos um bombardeio de informações de origem americana e não nos orgulhamos, por falta de informação de nossa origem latina (Servidor Público, 40 anos, Campo Grande) (sic)
- Um povo não é um povo sem cultura, um país não é um país sem história. (Poeta, 28 anos, Copacabana) (sic)
- A partir do conhecimento facilita a compreensão dos conflitos vivenciados. (Estudante, 14 anos, Barra da Tijuca) (sic)
- Acredito que temos que saber nossas origens para entendermos nossa cultura. (Estudante, 22 anos, Campo Grande) (sic)
- Poucas pessoas têm a oportunidade ou não conhecem nada sobre a cultura brasileira. O CCBB abre as portas e aproxima mais as pessoas a conhecerem a sua origem. (Técnica de Suporte, 24 anos, Bento Ribeiro) (sic)

As justificativas apresentadas, deixam claro o porquê da quase a totalidade do público ser a favor deste tipo de atividade, certamente em virtude de tudo que elas trazem em seu conteúdo. Observa-se que embora nem todos tenham assistido as quatro grandes atividades

que trabalham o tema da identidade do povo brasileiro a partir de suas origens, praticamente todos consideram isto importante.

Quadro XIV – Questão 6: Alguma exposição mudou sua forma de se relacionar com o mundo?

Sim	27
Não	45

Aqui novamente é válido observar algumas justificativas ao sim apresentadas pelos respondentes.

Sim

- Sempre melhoramos a maneira de nos relacionarmos com o mundo quando injetamos cultura. (Jornalista, 30 anos, Glória) (sic)
- Na exposição *Antes* pude perceber a fragilidade da vida e me fez dar mais valor a mesma. (Estudante, 25 anos, Botafogo) (sic)
- Anish Kapoor, pela questão da imaterialidade e a maneira de compor a partir disso. (Estudante de Artes, 26 anos, Duque de Caxias) (sic)
- Quando nos vemos diante de fotos, esculturas, vídeos de outros lugares do Brasil e do mundo, estamos em contato com uma realidade que até então era desconhecida e uma vez absorvida mudamos a forma de perceber as coisas. (Produtora Cultural, 28 anos, Barra da Tijuca) (sic)
- Uma exposição de fotos me ajudou a perceber como a arte está em toda parte. (Adestrador de Cães, 32 anos, Jacarepaguá) (sic)
- Como professor complementa o conhecimento. (Professor, 56 anos, São Gonçalo) (sic)
- A arte e o ser humano estão juntos no processo de desenvolvimento (Ator, 31 anos, Nova Iguaçu) (sic)

- Sempre ajuda um pouco para melhor conhecer o mundo. (Estudante, 23 anos, Botafogo) (sic)
- *Antes da Pré-História* confirmou a minha opção anti-imperialista e comercial. (Autônomo, 40 anos, Ilha do Governador) (sic)
- África despertou um maior interesse pelas minhas origens e me fez entender muito dos meus costumes. (Estudante, 21 anos, Copacabana) (sic)
- África mudou minha visão sobre os negros. Sem racismo, era meio desinformada, achava que eles faziam parte do dia-a-dia e pronto. Não é assim. (Estudante, 26 anos, Tijuca) (sic)
- Circular pelo CCBB e conhecer pessoas é uma forma de me relacionar. (Coordenador de Artes, 37 anos, Ilha do Governador) (sic)
- De um modo geral aguça meu gosto pela cultura e pelas artes. (Estudante, 16 anos, Bangu) (sic)
- África e Surrealismo. Foram exposições em que a criatividade era o ponto principal. Através de suas criações artísticas e objetos musicais primitivos ficava explícito a simplicidade e a forma com a qual diversos artistas mostravam sua postura diante do mundo. (Jornalista, 35 anos, Glória) (sic)

Quadro XV – Questão 7: Atividades que expõem a exclusão melhora a relação entre as pessoas?

Sim	54
Não	18

Nesta questão tanto o sim, quanto o não, apresentaram justificativas interessantes:

Sim

- Possibilita o indivíduo ver com outros olhos o mundo que o cerca. (Estudante, 16 anos, Bangu) (sic)
- Quanto mais cultura, mais educação e civilização. (Estudante, 23 anos, Realengo) (sic)

- Muitos preconceitos são gerados pela desinformação, não pela maldade. (Estudante, 26 anos, Tijuca) (sic)
- As atividades subsidiadas e acessíveis permitem que as camadas mais baixas da população tenham acesso a atividades culturais. (Professor, 39 anos, Santa Teresa) (sic)
- Sinto que há um alheamento das classes mais abastadas em relação aos problemas sociais e o debate pode sim “abrir os olhos” das pessoas. (Adestrador de Cães, 32 anos, Jacarepaguá) (sic)
- A pessoa pode passar a repensar determinadas atitudes dela e da sociedade. (Produtora Cultural, 28 anos, Barra da Tijuca) (sic)
- Cultura e educação são instrumentos de inclusão social e aumentam a auto-estima, tendo como uma de suas conseqüências a melhora da visão do indivíduo em relação ao meio social. (Servidor Público, 40 anos, Campo Grande) (sic)
- A sociedade muitas vezes se torna indiferente à realidade por não conhecê-la. (Estudante, 25 anos, Botafogo) (sic)
- É uma forma de mobilização. (Estudante, 22 anos, Campo Grande) (sic)
- Qualquer forma de debate leva os indivíduos a repensar suas atitudes em sociedade. (Historiador, 35 anos, Parque São Jorge) (sic)
- Porque cria uma identidade e opinião. (Artista de Rua, 28 anos, Jacarepaguá) (sic)
- Porque leva as pessoas a refletirem sobre o tema abordado. E só através da reflexão é que podemos melhorar nossa maneira de ver os problemas. (Estudante, 28 anos, Pilares) (sic)
- Por aprimorar e despertar a visão crítica. (Professor, 70 anos, Tijuca) (sic)

Não

- A simples exposição não é capaz de gerar mobilização. (Estudante, 21 anos, Marechal Hermes) (sic)

- Os visitantes do CCBB podem ser considerados como um público restrito. (Estudante, 24 anos, Campo Grande) (sic)
- O CCBB atende a uma pequena parcela restrita da sociedade, já tradicionalmente ligada ao pensamento social. (Poeta, 25 anos, Copacabana) (sic)
- As pessoas vem, vêem e vão. Amanhã é outro dia. (Técnico em Publicidade, 18 anos, Cachambi) (sic)
- Ainda é um nicho da elite intelectual, que já sabe e não age. (Estudante de Artes, 26 anos, Duque de Caxias) (sic)
- Porque as pessoas que deveriam assistir não estão presentes. (Relações Públicas, 69 anos, Catete) (sic)
- Porque por mais que o CCBB seja um lugar democrático, acaba sendo visitado por uma elite intelectual. (Estudante, 21 anos, Copacabana) (sic)

As questões 6 e 7 do questionário trabalham praticamente a mesma idéia, e buscavam levantar a capacidade da atividade cultural mudar a relação entre as pessoas e com o mundo. É muito interessante observar que quando perguntadas diretamente sobre algo que tenham assistido, capaz de proporcionar isto em suas vidas, a maioria (45 dos respondentes) não identificou nada que tenha melhorado sua relação com o mundo. Entretanto, já na questão 7, a maioria dos respondentes (54 pessoas) acreditam que as exposições que abordem os temas da exclusão social são capazes de melhorar a relação entre as pessoas. Se compararmos as duas respostas, podemos chegar à conclusão que as pessoas, em sua maioria, sabem que podem ser modificadas pela arte e pela cultura na realização de uma atividade cultural, embora não percebam isto diretamente. Ao observarmos as justificativas, vê-se novamente que a questão da identidade, principalmente por meio da exposição África foi realmente um marco importante num processo de inclusão social que aparenta ocorrer no espaço. A justificativa de

alguns de que o CCBB-RJ é um espaço elitista, é desmentida no começo do próprio questionário se analisarmos o perfil do público freqüentador do espaço.

Quadro XVI – Questão 8: Você se interessa por este tipo de atividade cultural?

Sim	60
Não, apenas entretenimento	12

Esta questão responde com clareza que a grande maioria do público não está apenas interessada no entretenimento, e com certeza, procura nas artes e nas atividades algo mais, capaz de modificar a sociedade.

Quadro XVII – Questão 9: As atividades promovidas no CCBB promovem a inclusão social?

Sim	56
Não	16

Aqui novamente é válido observar as justificativas dos respondentes:

Sim

- Os diversos programas de visitação promovem o encontro de estudantes e público com aspectos culturais e novas visões de mundo. Mas essas atividades devem ter uma certa continuidade para reverberar a longo prazo. (Jornalista, 35 anos, Glória) (sic)
- Quando você aboli a desinformação você abre um mundo nosso. (estudante, 26 anos, Tijuca) (sic)
- Mudando sua visão e abrangendo sua forma de pensar, acabamos promovendo a inclusão. (Estudante, 23 anos, Botafogo) (sic)
- Porque permite o acesso da população a materiais culturais gratuitamente, mas acredito que mais coisas poderiam ser feitas. (Produtora Cultural, 28 anos, Barra da Tijuca) (sic)
- Porque o conhecimento e a educação tornam a sociedade mais igual e solidária. (Estudante, 25 anos, Botafogo) (sic)

- Porque todos têm acesso, é só querer. (Músico, 47 anos, Urca) (sic)
- Porque une as divergências em seus diversos graus. (Pescador, 46 anos, Cabo Frio) (sic)
- Você se relaciona mais, interage. (Estudante, 22 anos, Campo Grande) (sic)
- O acréscimo da cultura pode direcioná-lo a um futuro promissor, através dessas atividades. (Estudante, 14 anos, Cidade Nova) (sic)
- Por auxiliar na formação sócio-cultural dos cidadãos. (Analista de Logística, 22 anos, Bento Ribeiro) (sic)
- Reconhecidamente o CCBB é um lugar de relações e inclusões de indivíduos das mais variadas faixas de idade e classe social. (Professor, 42 anos, Santa Teresa) (sic)
- Quanto mais informação se tem, maior é a capacidade desse indivíduo realmente fazer parte de uma sociedade. (Estudante, 16 anos, Grajaú) (sic)
- Elas ajudam a mostrar as coisas que algumas pessoas desconhecem ou ignoram. (Estudante, 16 anos, Santa Cruz) (sic)
- O conhecimento e a informação aumenta o interesse dos jovens em estudar. (Administrador, 47 anos, Laranjeiras) (sic)
- Pelo acesso dado às pessoas sem oportunidade. (Artista de Rua, 28 anos, Jacarepaguá) (sic)
- Através do conhecimento, convivência e experiências, podemos nos integrar com as pessoas. (Auxiliar de Vendas, 23 anos, Santa Cruz) (sic)
- Ajuda na integração entre as pessoas de diferentes raças e classes sociais. (Estudante, 18 anos, Bairro de Fátima) (sic)
- A partir da visão diferente proposta as pessoas podem agir diferentemente no mundo. (Estudante, 21 anos, Pilares) (sic)
- A partir do momento em que têm gratuidade e divulga nos meios mais carentes à cultura. (Poeta, 28 anos, Copacabana) (sic)

- Porque eu acredito que a cultura é uma das formas de inclusão social. (Estudante, 22 anos, Tijuca) (sic)
- Porque induz às pessoas a buscarem outro tipo de cultura, e se atualizando com o que acontece. (Militar, 27 anos, Mesquita) (sic)

Não

- A frequência é segmentada. (Produtora Audiovisual, 29 anos, Glória) (sic)
- É preciso educação de base, ninguém adquire cultura do dia para a noite. (Técnico Industrial, 24 anos, Belford Roxo) (sic)
- Porque a maioria dos centros culturais ficam em áreas nobres. (Estudante, 24 anos, Campo Grande) (sic)
- As pessoas pobres trabalham muito, logo não sobra tempo, e cansaço gera a perda do interesse. (Escritora, 26 anos, Centro) (sic)
- O engessamento institucional não permite. (Estudante de Artes, 26 anos, Duque de Caxias) (sic)
- É muito elitista. (Relações Públicas, 69 anos, Catete) (sic)
- O CCBB atende a apenas uma parcela da sociedade, já tradicionalmente ligada ao pensamento social. (Poeta, 25 anos, Copacabana) (sic)
- Elas precisam ser levadas para fora daqui, pois o povo não pretende se movimentar de jeito nenhum. (Estudante, 25 anos, Jacaré) (sic)
- Creio que estão longe da maior parte do povo, além de serem atividades que se limitam ao ‘contemplar’. (Estudante, 20 anos, Cais do Porto) (sic)

A conclusão que podemos obter por esta questão é que embora uma minoria ainda não acredite na capacidade de inclusão social por meio das atividades culturais promovidas no CCBB esta parece evidente. O argumento de que o espaço é elitista se desmancha quando

observamos atividades realizadas por organizações que atuam na periferia como a CUFA e o Observatório das Favelas, e também quando observamos as localidades e as ocupações/profissões do público respondente do próprio questionário. É interessante que o tempo mais uma vez é apresentado como uma variável que impede a inclusão por meio das atividades culturais.

Quadro XVIII – Questão 10: Você se considera excluído no Brasil?

Sim	22
Não	50

As justificativas mais uma vez se mostram interessantes e pertinentes:

Sim:

- Gostaria de ter acesso a mais eventos e locais de cultura, o que às vezes não é possível pela questão dos preços dos ingressos etc. (Jornalista, 35 anos, Glória) (sic)
- Porque o governo neoliberal do Lula assiste o capital internacional, as grandes fortunas, a propriedade burguesa, o latifúndio, o agro-negócio etc. E não aplica tanto quanto deveria em educação pública de qualidade, saúde, trabalho etc. Gasta 13 bilhões de dólares por mês com amortização dos juros da dívida externa e apenas 8 bilhões por ano com o Bolsa Família que considero assistencialismo eleitoreiro. (Adestrador de Cães, Jacarepaguá) (sic)
- Ainda existem barreiras sociais em termos de consumo, inclusive consumo de cultura e educação que são caros. Teatro e livros, por exemplo. (Servidor Público, 40 anos, Campo Grande) (sic)
- Porque sou pescador artesanal e participo do desenvolvimento, mas não me sinto incluído. (Pescador, 46 anos, Cabo Frio) (sic)
- Em alguns aspectos todas as pessoas acabam sendo excluídas. (Estudante, 16 anos, Santa Cruz) (sic)

- No Brasil, 90% da população está à margem da cidadania, ou seja, sem acesso à cultura, artes, educação e saúde. (Historiador, 35 anos, Parque São Jorge) (sic)
- Porque moro em favela. (Artista de Rua, 28 anos, Jacarepaguá) (sic)
- Por não dispor de entidades como esta no local onde resido. (Auxiliar de Vendas, 23 anos, Santa Cruz) (sic)
- Fiz a inscrição da casa própria (PAC – Prefeitura do Rio de Janeiro) quando completei 64 anos e fui excluída por idade avançada. (Aposentada, 64 anos, Tijuca) (sic)
- A situação dos homossexuais se encontra longe dos parâmetros sociais ideais. (Estudante, 21 anos, Pilares) (sic)
- Financeiramente dizendo sou. (Autônomo, 40 anos, Ilha do Governador) (sic)
- Sou mal incluída. (Produtora Áudio-Visual, 29 anos, Glória) (sic)
- Em algum momento todo mundo será excluído de algo. (Fotógrafo, 32 anos, Alto da Boa Vista) (sic)
- Porque venho de um lugar onde quase não acontece atividades culturais. (Estudante, 24 anos, Campo Grande) (sic)
- Favelado, negro e com condições financeiras críticas, mas eu até amenizo tentando participar. Mas os meus vizinhos raramente. Estão totalmente à margem. (Estudante, 25 anos, Jacaré) (sic)

Não:

- No meu modo de pensar eu sou um privilegiado que tive até chance de viver no exterior. (Relações Públicas, 69 anos, Catete) (sic)
- Sou um filho da classe média brasileira. (Poeta, 25 anos, Copacabana) (sic)
- Tenho família, fé (Jesus) e emprego. (Técnico Industrial, 24 anos, Belfor Roxo) (sic)
- Estou me esforçando. (Coordenador de Artes, 37 anos, Ilha do Governador) (sic)
- Sou artista ativista. (Ator, 31 anos, Nova Iguaçu) (sic)

- Faço parte de uma ínfima parcela que trabalha e conquistou seu lugar na sociedade. (Professor, 56 anos, São Gonçalo) (sic)
- Trabalho e tenho condições financeiras e culturais para administrar a minha necessidade de cultura, arte etc. (Professor, 39 anos, Santa Teresa) (sic)
- Tenho livre acesso à cultura, entretenimento, e a algumas oportunidades de trabalho. (Produtora Cultural, 28 anos, Barra da Tijuca) (sic)
- Corro atrás. (Músico, 47 anos, Urca) (sic)
- Sempre procuro estar em contato com a cultura através da Internet, jornais ou até mesmo um simples passeio pelo Rio. (Estudante, 25 anos, Botafogo) (sic)
- Porque tento interagir com os mecanismos para me promover em questão de conhecimento. (Estudante, 21 anos, Penha) (sic)
- Faço parte de uma minoria que teve acesso a uma educação de qualidade. (Professora, 70 anos, Tijuca) (sic)
- Tenho acesso à cultura e curso uma faculdade federal. (Estudante, 21 anos, Copacabana) (sic)
- Porque não deixo que isso aconteça. (Malabarista, 18 anos, Coréia) (sic)

Esta questão tem relação direta com o tópico apresentado no referencial teórico sobre o tema da exclusão social. Ao observarmos as justificativas apresentadas pelos respondentes, observamos que realmente existe uma boa parcela da sociedade que pertence ao grupo dos incluídos aparentes, e estes não se consideram excluídos, e que existe uma outra boa parcela precariamente incluída e que tem consciência desta exclusão, geralmente por ser ela bem mais explícita.

Por fim, o questionário aplicado ao público, reforça a idéia de que há indícios de um processo de inclusão social por meio das atividades culturais realizadas no CCBB, embora esta afirmação não seja uma unanimidade perante os frequentadores do espaço.

4.3. A VISÃO DOS CURADORES

A visão dos curadores foi obtida por meio de entrevistas com dois curadores pontuais que realizaram atividades culturais no CCBB de grande relevância, e identificadas como importantes no processo de inclusão social que aparenta existir no espaço. O primeiro deles foi o atual diretor artístico do Museu da Língua Portuguesa em São Paulo Marcello Dantas, que foi responsável pelas exposições África, Antes – Histórias da Pré-História, e do artista Anish Kapoor – artista plástico indiano radicado em Londres que é um dos grandes nomes das artes plásticas internacionais. A segunda entrevistada foi Maria Teresa Leal, co-fundadora da Coopa- Roca e responsável pelas exposições realizadas pelas artesãs da Rocinha no CCBB-RJ.

É válido ressaltar também que na pesquisa documental sobre as atividades culturais exibidas no quadro IV, muito da visão dos curadores também pode ser observado por meio de entrevistas concedidas pelos mesmos aos jornais que fizeram a cobertura dos eventos realizados, como também da opinião dos mesmos expressa por eles nos *folders* das atividades, já relatadas anteriormente.

Nas entrevistas foram abordados aspectos como a acessibilidade de projetos da natureza dos apresentados ao CCBB, da abertura do espaço a eles, de como seus projetos modificaram não só a sociedade, mas as pessoas envolvidas, e também se estes acreditavam na capacidade de inclusão social por meio destas iniciativas.

Maria Teresa Leal, da Coopa-Roca destacou que para as artesãs, visitarem o CCBB-RJ na condição de expositoras de um trabalho ao lado de grandes artistas era algo que trabalhava diretamente a auto-estima delas, modificando consideravelmente a relação delas com o mundo e com o próprio trabalho que realizavam. Na conversa obtida ao longo de duas palestras ocorridas no CCBB em 2007, ficou clara a capacidade de por meio daquele tipo de

atividade incluir as pessoas, não apenas financeiramente, mas socialmente verdadeiramente falando.

Marcello Dantas acredita que certos projetos que englobem visões mais abrangentes de uma determinada, região, período ou estilo são projetos que fazem mais sentido a uma instituição do porte do CCBB. Ele acredita que o espaço é um importante formador de públicos e precisa, portanto, ser um carro chefe de projetos que introduzam acervos que estejam distantes do público normalmente. Para ele foi o sucesso da exposição *Arte da África* que iluminou o olhar do espaço para o interesse das pessoas por suas raízes étnicas e culturais que fazem o tripé fundamental do povo brasileiro.

Eu percebi isso ao ver uma família de negros que nunca haviam ido ao CCBB se arrumarem para juntos irem reverenciar essa origem. Isso me tocou e entendi que tinha um serviço a ser feito. (Marcello Dantas) (sic)

Para Dantas a questão da identidade é um dos principais códigos para definir a idéia de inclusão social, pois as pessoas precisam se identificar no conteúdo, entendê-lo, assimilá-lo e achar ali uma plataforma para buscar ascensão e inclusão dentro de um processo de acesso a cultura. Essa é uma importante porta de entrada segundo ele observa.

Além disso, ele ressalta que vários episódios foram marcantes nas exposições desenvolvidas por ele no CCBB, sendo alguns nitidamente reveladores como por exemplo as pessoas e famílias que ligavam para o CCBB para saber quanto custava o ingresso para ver *África* ou *Antes*.

Ora, todos que já foram ao CCBB um dia sabem que o CCBB é gratuito. Se isso aconteceu, revela que essas pessoas nunca haviam estado ali. Ou seja, em quase 20 anos de CCBB não o conheciam. Foi necessário projetos dessa natureza para levá-las a instituição. Isso é inclusão. Assim como os milhares de crianças que se divertiam

nas instalações na Rotunda e descobriam que ir ao Museu poderia ser muito divertido. Ou a Família de negros que citei anteriormente, ou ainda as filas de dar volta no quarteirão que várias vezes tivemos. Esses 3 projetos somados atingiram mais de 2 milhões de pessoas. E depois deles a curva de público médio no CCBB, durante o ano subiu. (Marcello Dantas) (sic)

Mais uma vez os curadores, cujos depoimentos já haviam sido recolhidos na pesquisa documental, confirmam acreditar num processo que traz diversos benefícios para a inclusão social, por meio das atividades culturais realizadas no CCBB-RJ.

4.4. A VISÃO DOS GESTORES

A visão dos gestores foi obtida por meio de uma entrevista realizada com o Sr. Danon Lacerda, funcionário do Banco do Brasil há mais de 20 anos e que atualmente é o Gerente de Núcleo do CCBB-RJ, sendo o responsável direto pelo CCBB Educativo, pelo Acervo Histórico, e que participa ativamente da gestão das atividades culturais realizadas no espaço.

A entrevista abordou temas respectivos ao trabalho realizado pelo CCBB e também aspectos relevantes da gestão das atividades culturais. Um recorte da entrevista com destaque dos temas importantes abordados pode ser observado a seguir.

<Entrevistador> Como começou o CCBB Educativo, por que e de quem foi a iniciativa?

<Danon> O Programa Educativo está ligado ao que chamamos de visita orientada, guiada, que hoje consideramos como mediada. Já existia antes do CCBB, visto que aqui neste prédio funcionava o Museu do Banco do Brasil, no quarto andar, e havia uma exposição de numismática. Com a inauguração do CCBB é que foi criado um programa educativo, sendo que este nome CCBB Educativo é recente, tem mais ou menos uns 5 anos. Especificamente no Rio de Janeiro, devido às especificidades do espaço, o programa CCBB Educativo

começou com visita orientada e depois passou a abarcar outras atividades as quais ele percebeu existirem demandas, como contação de histórias, oficinas de arte, até chegar no leque de atividades desenvolvidas hoje.

Com relação ao público infantil e juvenil, observei que antes vocês realizavam atividades específicas para este público e atualmente vocês procuram integrar o público nas atividades que estão acontecendo no espaço. Isto acontece realmente?

É. Eu concordo muito com a Karen Accioli ali do Teatro do Jockey, que ela está sempre muito ligada com a questão da arte para criança e para o adolescente. Ela diz que não há diferenças estruturais entre a montagem de espetáculos para crianças, para jovens e para adultos. Na verdade o importante é o tipo da mediação que você faz neste espetáculo. Então a gente procura não tratar a criança e o adolescente como um ser, como na época do Renascimento, como um ser menor ou uma coisa assim. A gente trata a criança, o adolescente, como um ser dotado de capacidade de entender aquilo dentro do universo que ele tem, que ele viveu, que ele se criou. É por isso que a gente não tem esta distinção tão séria e tão determinada.

O Herbert Read defende em sua tese da educação pela arte que esta é capaz de desde cedo despertar na criança o lúdico, que no futuro será capaz de tornar aquela criança um indivíduo melhor para a sociedade. O CCBB tem esta visão ao atrair o público jovem para o espaço?

A própria visita mediada que fazemos já é um estímulo para despertar para a reflexão, e até para que quando for adulta esta pessoa possa olhar as exposições de arte de outra forma. Nosso objetivo é sempre fazer uma contextualização, o que por muitas vezes não ser feito

pelas pessoas acaba deixando tudo superficialmente no gosto de cada um, sem a leitura espacial e temporal daquilo. Principalmente arte-contemporânea que as pessoas acham que qualquer um poderia fazer. Então fazendo este trabalho com a criança desde cedo, pretendemos que quando ela chegar na idade adulta já esteja mais preparada para absorver a arte de uma maneira geral.

Como é a estrutura do Programa CCBB Educativo hoje?

Nós temos um público cativo e um público de escolas que nunca trabalharam com a gente, ou às vezes turmas novas que nunca vieram ao CCBB. Sempre há uma preocupação de se fazer primeiro uma introdução sobre o que é o espaço. No que o espaço está inserido. Qual que é a política do CCBB. Então há um trabalho preliminar, obviamente não muito profundo, até por que a gente sabe que a visita não é tão demorada assim. Mas há sempre este cuidado. E depois contextualizar a exposição num viés histórico. A partir deste ano, estamos com uma proposta que já é uma evolução de tudo isso que realizamos nestes quase 19 anos, que é a partir da finalidade das diversas atividades que estão acontecendo no mesmo período realizar uma conexão entre elas. Por exemplo, neste primeiro trimestre de 2008, estaremos abordando a poética do ambiente por meio da exposição da Família Ferrez (fotografia), Trópicos (artes plásticas) e a exposição permanente do Museu do Banco do Brasil. Depois estaremos trabalhando a poética do olhar, a poética do espaço e a poética do tempo.

E aproveitando para falar sobre a questão da identidade. Eu já havia levantado na pesquisa documental que a África havia sido um marco dentro do CCBB, e o Marcello Dantas curador também afirmou isso. Essa exposição realmente aprimorou a relação do espaço com o seu público? Trazendo inclusive um público inédito?

Eu acho que isso faz parte da pluralidade que é uma característica do espaço. Nós não temos este preconceito de ‘vamos fazer este tipo de arte ou aquele tipo de arte’. Existe uma política geral, com aqueles pré-requisitos que estão lá no *site*, quando pensamos a programação do Centro. *África* é realmente um processo muito interessante, pois realmente tivemos uma novidade de público dentro do CCBB. Nunca até então, o público da Zona Norte era maior que o da Zona Sul. O nosso público maior é um público de Copacabana, um pouco da Tijuca que é próximo. Em *África* isso mudou. Pelas pesquisas que nós realizamos percebeu-se um fluxo maior de pessoas da Zona Norte.

E como é feita esta pesquisa?

Por amostragem. Em *África* foi feita uma pesquisa durante o período da exposição e todo o ano o Banco realiza uma pesquisa qualitativa sobre as atividades. Interessante que apenas ano passado o CCBB Educativo conseguiu quebrar o recorde de atendimento, que era de *África*, de 2003. Ou seja, demorou todo este tempo até conseguirmos o mesmo desempenho em termos de visitas mediadas. Também temos algum retorno dos formulários de sugestões que disponibilizamos, e às vezes algo que chega por e-mail.

Engraçado, eu entrevistei 72 pessoas, durante duas semanas, na porta do CCBB. Entrevistava sempre pessoas saindo do espaço. E o que me chamou mais atenção é que o público é muito diverso. Pessoas da Baixada, de outras cidades, de regiões distantes do Centro procuram o espaço em busca de uma cultura gratuita ou a preços acessíveis. Para mim foi mais um argumento que derrubou o mito de que o espaço é elitista e só freqüentado pela zona sul.

Alguns comentavam até sobre o teatro, que não aprofundei na minha pesquisa, fornecer grandes montagens a preços populares.

O teatro é muito interessante embora você não tenha aprofundado isso. Fala-se muito que o público de teatro no Rio de Janeiro é um público propenso à comédia. Em conta disso, a maioria dos espaços, adota uma linha de peças mais ligadas a comédia. Então nós, em nome da qualidade, sempre procuramos diversificar. Nós temos comédia sim, mas temos muitos dramas, épicos e outros gêneros que às vezes não tem espaço no mercado do teatro lá fora.

Voltando ao trabalho realizado junto às escolas. Estas escolas dão um retorno para vocês deste trabalho? Existem escolas que periodicamente realizam um trabalho conjunto com o CCBB? Vocês procuram as escolas ou apenas aguardam que elas ou os professores procurem vocês?

A gente procura as escolas sim. Fazemos cartazes para distribuir nelas. Estamos agora realizando reuniões com as Secretarias de Educação do Estado e do Município para facilitar a disseminação disto. Mas o que mais nos faz estar próximo da escola e fazer esta troca, esta retro-alimentação sobre as atividades, sobre os caminhos que estamos percorrendo, se está atendendo aquilo que as escolas têm de perspectivas. Realizamos mensalmente encontros com os professores e os educadores. Nesses encontros, e muitos eu tive a oportunidade de participar, você vivencia a realidade deles, principalmente da rede pública que são os que têm maior dificuldade. Qual a dificuldade que eles têm? Por exemplo, quando lançamos a revista do CCBB Educativo que fala das exposições contextualizando-as, e é distribuída gratuitamente a cada três meses para os professores, sugerimos atividades que possam ser desenvolvidas na sala de aula para continuar explorando o conteúdo de determinada exposição e desenvolver todo o seu potencial. Realizamos avaliação de cada encontro. Há um

formulário de pesquisa para saber se o professor tem vindo aqui ou não tem vindo aqui. Quando eu perguntei pra eles o que eles prefeririam de material para usar em sala de aula, um cd, transparências, e todos acabaram optando por uma lâmina impressa com reproduções de trechos de determinada exposição. Isso pode ser entregue na mão do aluno, com uma impressão de imagem de qualidade muito boa e feita em papel reciclado. Até porque queremos abordar a questão da sustentabilidade de forma maior a cada ano. Então realmente o maior *feedback* que temos acontece nestes encontros. Até porque não são só encontros apenas para falarmos, é muito mais para ouvirmos.

E com relação as Ong's elas também participam deste tipo de atividade?

É, quando falamos educadores, consideramos todos aqueles que estão ajudando no desenvolvimento de determinada comunidade. Antigamente nós tínhamos dois encontros distintos, um para as Ong's e um para os professores. Mas depois percebemos que na verdade o interesse deles era o mesmo. E inclusive era até mais enriquecedor, pois às vezes ocorria de ter um professor que atuava naquela comunidade, o que fazia com que eles acabassem discutindo a realidade deles. O professor às vezes não consegue entender por que não atingiu os objetivos deles e o líder que é da comunidade está ali e pode esclarecer, realizar uma troca, e nós colaboramos nesta troca.

O trabalho realizado no CCBB Educativo segue alguma linha pedagógica?

A nossa abordagem é a da Ana Ney, que é uma abordagem triangular que é baseada em ler, fazer e contextualizar. Ela é a mestra de quase todos nós que trabalhamos com arte-educação. E começamos a trabalhar também a Teoria do Risoma que tem haver com esta teia de

conhecimentos que estabelecemos a partir do conhecimento de cada um, que é na verdade um pouco do que o Paulo Freire defende também. É o conhecimento de cada um, associado ao conhecimento do mediador, associado ao conhecimento do curador ou de quem estiver realizando algum tipo de atividade cultural. Isso para produzir um quarto conhecimento pode-se dizer. Então respeitamos todas estas verdades em nome desta construção coletiva.

E sobre a percepção que vocês têm da mudança dos indivíduos que realizam a visita mediada?

Interessante você perguntar sobre isso. Eu acho que a própria visita, ela em si, é um processo educacional. Inclusive nem todas as escolas na primeira ou segunda visita entendem a nossa proposta. Muitas vezes a gente percebe que vêm certos professores que eles querem se livrar dos alunos. A gente procurou mudar um pouco esta relação. Nós estamos aqui fazendo uma mediação. Então o professor tem que acompanhar os alunos. Para isso criamos algumas regras, como a necessidade de um professor para no máximo 20 alunos, oferecemos transporte gratuito para algumas escolas. Sendo que existem critérios para isso, como o fato de no ônibus terem que vir dois educadores, visto que é um ônibus de 40 lugares. E mesmo aquelas escolas que não utilizam nosso transporte a gente têm esta determinação. Porque isso é uma forma de fazer com que o professor seja participe deste processo. Porque senão vem aqui faz a visita e acabou. E nós não queremos apenas isso.

E eu percebo que após este trabalho já existem alunos que vêm por conta própria. Eu observei a presença de muitos alunos visitando exposições por iniciativa própria, sem a 'obrigação' da escola.

Pois é. O que eu acho muito gratificante. Eu já vi vários depoimentos deste tipo, que têm pessoas que vêm um dia na exposição normal e depois refaz a visita mediada pelo Educativo e aí afirmam que a exposição virou outra coisa. Elas afirmam ver coisas que jamais numa visita normal elas iriam perceber. As pessoas se sentem mais instigadas a realizar reflexões. Isto é realmente muito interessante.

Agora falando um pouco sobre aspectos da gestão do CCBB. O CCBB-RJ, na sua criação em 1989, tinha como objetivo estratégico a realização de Marketing Cultural para o fortalecimento da marca Banco do Brasil e conseqüentemente a atração de novos clientes. Ao longo de todos estes anos esta estratégia se modificou? Quais os novos objetivos estratégicos incorporados ao longo destes anos?

Hoje ela ainda é ligada à gerência de Marketing e Comunicação. Então ela é um projeto institucional do Banco e de fortalecimento da marca. Hoje eu diria, pelas pesquisas que o Banco faz, que realmente fez sentido com a idéia de rejuvenescimento da marca. E isto na época também se viu nas ações do marketing esportivo com o patrocínio ao vôlei. Se você reparar a construção dos CCBB's vêm das mesma época. Então a própria criação dos CCBB's de São Paulo e Brasília, deixa claro que o Banco entendeu que aquela ação foi muito positiva para marca e o seu fortalecimento perante a sociedade. E funcionou não apenas como forma de captar novos clientes, mas principalmente como fidelização de clientes. Porque hoje os produtos bancários são todos *commodities*, são todos iguais, não existe muito diferença entre um e outro, exceto as taxas é claro. O que diferencia é o sentimento que o cliente tem em relação àquela instituição. O que aquela instituição oferece a mais para ele e para a sociedade. Eu acredito que devolver ao povo, parte do teu lucro em atividades culturais é um fortalecimento para marca, mas que traz para ambos muitas vantagens.

As questões de inclusão social, responsabilidade, educação e até mesmo a identidade como foi visto, passaram a guiar as ações do espaço?

As questões de marketing social sempre foram desempenhadas pela Fundação Banco do Brasil. E as ações de marketing esportivo e cultural pela Diretoria de Marketing e Comunicação. Só que passamos a observar que toda ação de marketing cultural é também uma ação sócio-ambiental. Principalmente com a política que a gente têm que é inclusiva, de preços acessíveis, etc. Então é claro que hoje, todas estas ações elas caminham juntas. Não têm como elas andarem separadas. O próprio trabalho realizado pelo Educativo é uma ação sócio-ambiental. Ano passado, por exemplo, tivemos ações para escolas públicas, promovendo teatro infantil exclusivamente para elas, abordando os temas comunitários. Então existe sim uma sinergia.

Percebe-se que além do entretenimento por meio da cultura, o CCBB tem apresentado nos últimos anos projetos de comunidades periféricas, dando voz e espaço para grupos artísticos que antes tinham muita dificuldade em apresentar seus trabalhos. Qual o objetivo do espaço ao desenvolver estas iniciativas?

Isto tem tudo haver com a questão que você falou antes da identidade. Além da questão sócio-ambiental, é uma questão de identidade, porque na medida em que você promove um diálogo efetivo, em que o participante não vem aqui apenas para absorver, para ser espectador de uma atividade cultural, mas que ele também se veja dentro do espaço, ou consegue ver retratada no espaço a sua realidade, tudo muda. Porque este distanciamento é que faz com que a pessoa assista ou não assista determinado programa na televisão por exemplo. Então, isso já há

algum tempo, fez com que o CCBB tenha priorizado na sua grade de programação alguns projetos que promovam este diálogo de uma forma mais direta. Fazendo com que a comunidade esteja aqui como artista.

Na exposição sobre a Coopa-Roca tem um depoimento muito interessante da Maria Teresa Leal que ela fala da artesã da Rocinha ao visitar um bordado seu exposto como obra de arte, de como aquilo modificou a auto-estima das pessoas da comunidade e a própria relação delas com o trabalho.

Realmente é uma auto-estima que gera nas pessoas. E tudo isso que você citou é realmente muito interessante. Eu posso citar ainda dois projetos realizados ano passado, e que eu acompanhei mais de perto. Um foi a mostra estudantil de teatro, que abriu espaço para que o estudante de teatro esteja aqui já sentindo como é realizar um espetáculo com toda a estrutura profissional do CCBB, quais são as cobranças, as exigências etc. Embora o nível de exigência para eles ainda seja um pouco menor, as pessoas por estarem aqui se vêm obrigadas, no bom sentido, a buscarem um aprimoramento. O outro projeto que destaquei foi a *Seleção Brasil em Cena* de incentivo a novos dramaturgos, onde o texto premiado ganharia uma montagem no CCBB com todo o profissionalismo característico do espaço. Então esses dois projetos e outros como o da CUFA e o do Observatório das Favelas, deixam muito claro que o espaço está aberto para ser palco destas iniciativas. E não é só periferia no sentido da região geográfica periférica. É periferia também no sentido daqueles que estão à margem de um evento cultural, não conseguem um patrocínio, ou tem dificuldade de exibir seu trabalho. Os artistas têm até este sonho de se apresentar no CCBB, por saber da qualidade que disponibilizamos e pelo fato de já termos um público cativo.

Então o Banco entra como parceiro quando as pessoas surgem com bons projetos ainda sem patrocínio?

Quando entramos como realizador, estamos dizendo que primeiro estamos realizando a atividade no nosso espaço e com todos os técnicos e estrutura disponibilizada pelo CCBB. A gente exige, por uma questão de profissionalização, que todo projeto tenha um produtor. Isso é obrigatório. O projeto pode ser inscrito por pessoas físicas, mas na hora de contratar é preciso a parceria com um produtor profissional, que tenha uma estrutura mínima. Mas a gente dá um suporte a isso. No começo, por exemplo, o CCBB ministrou muitos cursos de produção cultural, para ajudar mesmo as pessoas a profissionalizar o espaço.

Todas estas iniciativas seriam uma forma de demonstrar que o CCBB-RJ não é um espaço elitista como alguns afirmam?

Esse movimento já vem de algum tempo. Havia o entendimento dos CCBB's neste sentido de mostrar que é plural mesmo, e que toda arte feita com qualidade tem espaço aqui dentro do CCBB, sem distinções, desde que responda aqueles valores básicos que estão lá disponíveis no *site* e são a nossa proposta.

E me parece que existe também um alinhamento das atividades do espaço com a Política Cultural Brasileira que no seu PPA tem como grandes ações (I) Brasil Patrimônio Cultural, (II) Brasil, Som e Imagem, (III) Cultura Afro-Brasileira, (IV) Cultura e Tradições Memória Viva, (V) Cultura, Identidade e Cidadania, (VI) Engenho das Artes (música, artes cênicas e visuais), (VII) Gestão da Política Cultural, (VIII) Livro Aberto, (IX) Monumenta: Preservação do Patrimônio Histórico, (X) Museu, Memória e Cidadania o espaço busca realmente isso?

Sendo o Banco uma sociedade de economia mista, onde o governo é o principal acionista, então todo ano, assim como demais instituições que se utilizam deste benefício fiscal, a gente apresenta a nossa programação para o MINC e para a SECOM. Elas são apresentadas num sentido de que a gente precisa da aprovação deles. E como é um Banco dos brasileiros, embora estejamos na nossa atividade principal de negócios, a gente procura colaborar nas políticas em que vemos que é necessário. Em algumas áreas a gente busca mesmo estabelecer um diálogo. Por exemplo, a gente vê que nesse ano seria interessante dar um colorido maior na questão das artes populares, resgatar as artes populares, até porque isso é uma forma de atuar de forma sustentável, fazendo com que este patrimônio natural seja valorizado. Ano passado, por exemplo, a gente fez o Festival do Folclore Brasileiro, dentro do Programa Educativo, em que enviamos alguns professores nas escolas, para ensinar os alunos a dançarem determinados temas. Então a gente não só trouxe o dançarino de um grupo que sabe dançar a dança lá do nordeste e pronto. Antes sempre tinha uma escola que mostrava as danças também, deixando claro que é possível realizar aquilo.

Então novamente você deixa claro que o CCBB procura em muitos momentos as escolas? Existe realmente uma parceria?

Sim. Hoje existe permanentemente uma parceria, principalmente no trabalho do Educativo. Nós temos um cadastro das escolas, um banco de dados. E percebemos muitas vezes, nos fazendo atuar de uma forma pontual, a necessidade de ir ao ambiente. Porque sempre procuramos trazer as pessoas para cá. Porque muitos ainda não conhecem o CCBB, apesar do CCBB ter uma visita injeável eu poderia dizer.

Quase todas as atividades culturais acontecem via Lei de Incentivo à Cultura ou Fundo Nacional de Cultura. Existe alguma relação do CCBB com o Ministério da Cultura ou esta aprovação via incentivo é responsabilidade única dos curadores das atividades? Seria viável realizar tantas atividades culturais sem o apoio destas Leis?

O Banco, no começo do seu trabalho no CCBB, como a Lei Rouanet ainda estava muito imatura, patrocinou diversas atividades sem leis de incentivo. Mas uma vez que tem este benefício é claro que a instituição vai procurar usá-lo. Eu diria que as nossas atividades hoje são quase 100 % via Lei Rouanet. E acontece até de terem atividades que não estão contempladas pela lei e mesmo assim nos realizamos por considerarmos importantes. Um exemplo é o transporte gratuito do CCBB Educativo, não é contemplado na lei, mas nós bancamos. Uma outra atividade interessante, bancada pelo Banco, é um contrato que temos com a APAE para conservação e higienização dos livros da biblioteca. São as pessoas portadoras de deficiência mental que realizam este trabalho. Então é um trabalho nitidamente de inclusão. E várias vezes eu estive em contato com eles e é outra relação. Eles se sentem um ser igual aos outros, com suas limitações é claro, mas que produz, que tem o seu salário, que trabalha, e isso é algo extremamente gratificante para nós e certamente para eles também.

O CCBB parece que inclusive ganhou um prêmio por conta da questão da acessibilidade?

Sim. Hoje todos os nossos espaços têm esta preocupação com a questão da acessibilidade. Inclusive ganhamos um outro prêmio sobre educação. Eu acho que isto nunca foi concedido a uma instituição bancária, e nos ganhamos por conta do trabalho desenvolvido no Educativo. Ano passado inclusive foi inaugurado no cinema, que já era áudio-descritivo, a descrição para

portadores de deficiências visuais. Então agora o cinema possibilita o acesso para portadores de deficiência auditiva e visual.

Como é feito este equilíbrio entre os objetivos da estratégia de marketing do espaço (números) e os objetivos dos profissionais envolvidos num projeto de Arte-Educação? Isto gera conflitos no espaço?

Sendo um projeto institucional ele precisa guardar uma linha pedagógica com aquilo que a gente pensa e acredita e eu como técnico e funcionário do Banco do Brasil faço este meio de campo. E o Banco sempre se demonstrou muito sensível a estas questões. É claro que, e não é só por ser Banco do Brasil não, se você investe em uma ação é óbvio que você espera algum retorno dela. A gente precisa apresentar resultados, para deixar claro que estamos atingindo um público que é consistente e que há uma representatividade naquilo que nós fazemos. Porque não adiantaria nada nosso material ser lindo, nossas ações serem extremamente bem pensadas, se isso não desse retorno algum, se não atingisse um público considerável ou minimamente esperado, principalmente considerando o público que recebemos aqui. E nós temos consciência de que temos que tomar muito cuidado com a quantidade e a qualidade, para que a primeira não prejudique a segunda. Jamais iremos prejudicar a qualidade em virtude da quantidade, ou do número de pessoas. Um exemplo disso são as próprias visitas mediadas, que exigimos um limite por educador, que é de 20 pessoas. É um número máximo que admitimos para realizar um bom trabalho. Dependendo da montagem da exposição este número pode até mudar.

E para fechar a nossa conversa, como administrador público eu não poderia deixar de fazer esta pergunta. Como você vê o convívio entre os servidores de carreira do espaço e os profissionais terceirizados? Acredita haver algum conflito entre eles?

Eu diria que aqui no CCBB nós temos muita sorte. Nós temos profissionais muito bons e competentes. Até porque muitos deles foram estagiários nossos e a gente percebendo que são pessoas com potenciais indicamos a empresa que contrata nossos terceiros. Então eu não vejo isso, além dos conflitos inerentes é claro a qualquer espaço administrativo, mas que eu os considero bons para auxiliar nas mudanças positivas. Eu os vejo assim. Mas de fato eu não vejo nenhum grande conflito aqui não, as pessoas são bastante engajadas. Se você analisar a qualidade dos técnicos, são todos muito competentes. Além disso, todo ano a gente abre uma seleção e participamos junto da escolha de cada profissional. Posteriormente quando o profissional é contratado realizamos um encontro para que ele conheça mais a fundo que instituição é esta em que ele vai trabalhar, como é o Banco do Brasil, a estrutura organizacional, o que significa o CCBB para o Banco do Brasil e como é internamente o nosso organograma para que eles possam transitar melhor dentro dessa estrutura. E eles precisam entender o valor do trabalho deles. Eu gosto muito de citar o exemplo daqueles dois operários que estão numa construção e aí você pergunta ao primeiro: o que você está construindo? Aí ele responde: um muro. E já o outro responde: uma catedral. Então a diferença de percepção muda a motivação, o senso de contribuição, a auto-estima. Isso nós procuramos trabalhar muito, e percebe-se que eles têm este senso. Eles comemoram as vitórias junto com a gente. Eu tenho uma visão muito positiva sobre isso.

Na entrevista com o gestor representante do CCBB-RJ, mais uma vez fica clara e evidente a abertura do espaço as iniciativas de inclusão social por meio das atividades

culturais realizadas, embora a questão do marketing institucional, por meio de ações de marketing cultural, continue sendo o posicionamento estratégico do espaço.

4.5. NÚMEROS IMPORTANTES

Outro dado importante, fornecido pelos gestores do CCBB-RJ, diz respeito ao número de visitas ao espaço. Nos quadros a seguir podemos observar que eles são realmente consideráveis se pensarmos que a cidade do Rio de Janeiro, possui hoje, segundo dados do IBGE, pouco mais de 6 milhões de habitantes.

Quadro XIX – Total de Visitas ao CCBB-RJ 2001-2007

Ano	Quantidade
2001	2.172.716
2002	1.749.481
2003 ²	2.167.236
2004	2.451.506
2005	2.540.365
2006	2.641.739
2007	2.552.154

Fonte: CCBB-RJ

Quadro XX – Total de Visitas à Biblioteca do CCBB-RJ 2001-2007

Ano	Quantidade
2001	80.000
2002	76.021
2003 ³	155.892
2004	151.696
2005	113.110
2006	132.537
2007	168.660

Fonte: CCBB-RJ

² Como já relatado, em 2003, com a exposição África, um público inédito passa a frequentar o espaço, entretanto este público encontra-se estagnado nos anos seguintes o que pode indicar uma estagnação do processo de inclusão realizado pelo espaço.

³ O mesmo observa-se com relação nas visitas à biblioteca.

Quadro XXI – Total de Atendimentos do CCBB Educativo-RJ 2001-2007

Ano	Quantidade
2001	206.192
2002	155.517
2003	187.587
2004	221.999
2005	236.967
2006	101.757
2007	178.563

Fonte: CCBB-RJ

Quadro XXII – Total de Visitantes nas Exposições Sobre Identidade

Antes - Histórias da Pré-História (2004)	658.426
África (2003)	747.295
Por Ti América (2005)	850.066
LUSA - A Matriz Portuguesa (2007)	754.864

Fonte: CCBB-RJ

Todos estes números apresentados se tornam ainda mais relevantes ao compará-los com dados fornecidos em reportagem do Jornal Folha de São Paulo, de 5 de março de 2008, que destacou os dois museus mais visitados do mundo em 2007, o Louvre de Paris com 8,3 milhões de visitas e o centro Georges Pompidou, também francês, com 5,5 milhões de visita. Ou seja, o CCBB-RJ, com mais de 2,5 milhões de visitas no ano de 2007 possui uma visitação extremamente considerável.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho possuiu como objetivo central identificar a existência de um processo de inclusão social por meio das atividades culturais realizadas no CCBB-RJ. Um grande caminho foi percorrido para que a pergunta que guiou este estudo fosse respondida. Procurei amadurecer o conceito de exclusão/inclusão social, e principalmente inseri-lo numa realidade espaço-tempo, capaz de comportar não apenas o presente, mas também a história da cidade do Rio de Janeiro. No que diz respeito à capacidade de inclusão social por meio das atividades culturais, investigou-se os conceitos de cultura, a política cultural brasileira e seus mecanismos de ação, e a questão da identidade, para se chegar bem próximo ao conceito de cidadania da cultura defendido por Chauí (2006). Sendo o processo de inclusão social por meio de atividades culturais, naturalmente também um processo de Arte-Educação, Read (2001), Fischer (2002) e Freire (1996) foram também autores vitais nesta caminhada. Por fim, também não foi esquecido que todo espaço cultural, financiado por uma grande empresa, é uma ação de marketing cultural e institucional, onde não se poderia deixar de abordar os ensinamentos de Kotler (1993) e Vaz (2000) a respeito do marketing cultural e do marketing institucional.

A pesquisa documental e as constantes visitas ao CCBB-RJ no período em que se desenvolveu este estudo já direcionavam para um leque de atividades culturais que levantavam a hipótese de um processo de inclusão por meio da cultura. No detalhamento feito das 32 atividades no período de 2001 a 2007 (Quadro IV), identificadas como sendo de alto poder de inclusão, em virtude do conteúdo e temas abordados, depoimentos de curadores e do próprio CCBB-RJ, ficou evidente que existe uma abertura do espaço para que as diversas culturas, classes sociais e pessoas convivam e compartilhem a cultura, possibilitando que a união de tantos saberes seja capaz não apenas de aproximar as pessoas, mas também permitir que cada um possa conhecer melhor não só a si mesmo, mas também ao outro, ampliando

assim a consciência crítica defendida por Guerreiro Ramos (1996). Estes aspectos reforçam-se por meio das palavras dos curadores de exposições, do público que frequenta o espaço e cuja percepção foi investigada por meio do questionário aplicado e até na palavra do gestor do CCBB-RJ entrevistado neste estudo.

Embora fique evidente que o objetivo estratégico da criação do CCBB-RJ, permaneça sendo a realização de marketing institucional e marketing cultural, com o intuito de fortificar a imagem do Banco do Brasil, perante a sociedade brasileira e seus clientes, este processo se mostra capaz de acontecer com uma ampla quantidade de atividades culturais capazes de promover a inclusão social e que esta ação acaba se tornando também objetivo do Banco do Brasil, na constante busca no seu dia-a-dia em aprimorar seu entendimento sobre a responsabilidade social das empresas.

Podemos destacar também que as iniciativas realizadas dentro do CCBB-RJ podem ensinar bastante sobre como poderá acontecer a formulação e o desenvolvimento de políticas públicas na área cultural, capazes de promover a inclusão social e não simplesmente manter as desigualdades históricas brasileiras. O interesse das pessoas por suas origens culturais, e como este processo é capaz de modificar as pessoas, empoderando-as para agir na sociedade é algo também muito importante de ser sublinhado. Como Chauí (2006) defende a cultura deve ser um direito do cidadão, que deve não apenas ser consumidor, mas também produtor de cultura.

O CCBB-RJ abre todo o ano a oportunidade para que diversos atores enviem suas propostas de atividades culturais e ainda capacita seu público com cursos, palestras e debates. Tudo isto é capaz de aprimorar cada vez mais a produção cultural daqueles que querem não apenas ser platéia, mas também estar no palco. A prova disto é a existência de atividades desenvolvidas pela CUFA, pelo Observatório das Favelas, pela Coopa-Roca da Rocinha entre outras. O próprio público se mostra interessado nestas atividades e deixa claro que a

sociedade não quer apenas se entreter com as atividades culturais, mas sim aprender e crescer com elas.

Os conceitos de multiculturalidade e interculturalidade também estão presentes no espaço. Fica evidente que a abordagem das exposições realizadas no CCBB-RJ abandona noções como culturas superiores, avançadas, primitivas ou subdesenvolvidas, e procura mostrar a riqueza das diversas culturas vivas ou extintas, deixando claro que a cultura brasileira, exibe extraordinária riqueza muitas vezes por ser fruto desta evidente miscigenação. Este é mais um ponto que colabora para um processo de inclusão social por meio da cultura.

Por ser a porta do corredor cultural do Centro do Rio de Janeiro, o espaço também se mostra como importante ator no processo de retorno das pessoas ao antigo Rio de Janeiro, do qual boa parte foi excluída nas reformas que buscaram a higienização e modernização da cidade. Embora não possam mais ter os cortiços e moradias de seus antepassados de volta, podem pelo menos ter acesso à cultura deles e sua história pra modificarem o presente e o futuro, respeitando os seus valores locais e criando valores globais, como defende o conceito de Glocal.

Assim, cai por terra o preconceito que muitos têm, e do qual eu mesmo partilhava, de que o CCBB-RJ era um espaço elitista, apenas freqüentado por uma população abastada da cidade do Rio de Janeiro. A pluralidade tanto do público como das atividades culturais realizadas é uma variável considerável que desmente esta afirmação.

O interesse e o crescimento das atividades de Arte-Educação por meio do CCBB Educativo atestam ainda mais veemente, a preocupação do espaço em não ser apenas um local de entretenimento, mas sim um local de transformação dos indivíduos, onde estes possam se encontrar e compartilhar seus saberes, ampliando até mesmo os vínculos locais e globais dentro da sociedade.

O marketing cultural e institucional, embora guiem as ações estratégicas do espaço, parecem não interferir no desenvolvimento de atividades que atraiam um público plural e composto pelas mais diversas camadas da sociedade.

A Lei Rouanet se mostrou como uma ferramenta importante neste processo, possibilitando a realização de atividades culturais alinhadas com a política cultural brasileira. É importante destacar que no caso do CCBB, a lei aparentou realmente fomentar atividades culturais que dificilmente teriam viabilidade econômica se ocorressem numa lógica do mercado, não correndo a distorção comentada por Olivieri (2004), mesmo porque a maior parte das atividades culturais realizadas possuem entrada gratuita. Ainda que se questione o fato de que o Banco do Brasil teria condições de manter as atividades sem a Lei-Rouanet, e isso ocorre em alguns casos, desde o momento que o Estado possibilita o uso da lei, nada mais justo que o CCBB-RJ a utilize para desenvolver suas atividades, ressaltando-se ainda que a grande maioria delas é disponibilizada ao público gratuitamente.

Por fim, a resposta à pergunta que guia este estudo, é de que muitos são os benefícios decorrentes da inclusão social por meio das atividades culturais desenvolvidas no CCBB-RJ e com certeza muitas delas estão evidentes nas páginas desta pesquisa e foram aqui apresentados. Entretanto, em futuras pesquisas, outros benefícios podem ser ainda descobertos, e inclusive os hoje existentes podem também ser aprimorados.

Se observarmos o quadro III, desenvolvido no referencial teórico deste estudo, que define o conceito de inclusão social plena, as atividades culturais realizadas no CCBB-RJ irão contribuir em diversos dos aspectos listados, tanto objetivos como subjetivos, conforme destacado em **negrito** a seguir.

Quadro III – O conceito de inclusão social plena

ASPECTOS OBJETIVOS (MATERIAIS)	ASPECTOS SUBJETIVOS (SIMBÓLICOS E SOCIAIS)
Educação (escola, universidade)	Cultura
Saúde (hospital, remédios)	Consciência Crítica
Habitação (moradia e saneamento)	Vínculos Sociais Locais
Informática (acesso e conhecimento da tecnologia da informação)	Vínculos Sociais Globais
Renda e Trabalho	Segurança
Acesso às instituições públicas	Tempo
Direito ao Voto	
INCLUÍDO APARENTE	INCLUÍDO PRECÁRIO
INCLUÍDO SOCIAL PLENO	

O CCBB-RJ atua no complemento do processo educacional de escolas e universidades; possibilita acesso à tecnologia da informação por meio de sua biblioteca; colabora na melhoria da renda e trabalho dos seus participantes por meio de diversos cursos e palestras gratuitas; melhora o acesso das pessoas às instituições públicas ao informar e conscientizar o cidadão sobre seus direitos e outros serviços disponíveis em órgãos públicos; desenvolve a consciência crítica e o empoderamento cultural do público por meio de exposições, debates e outros eventos; e principalmente é um espaço fundamental para o restabelecimento dos vínculos globais e locais. O CCBB-RJ é notoriamente um espaço onde os diferentes e as diferenças se encontram e dialogam.

Vale ressaltar, porém, que os números obtidos sobre a frequência do espaço e seus serviços, indicam possivelmente um processo de estagnação dos visitantes, o que poderá acarretar uma paralisação do processo de inclusão por meio das atividades culturais

desenvolvidas, processo este que teve seu crescimento destacado em algumas atividades pontuais realizadas.

O que podemos concluir, é que a arte e a cultura, muitas vezes operacionalizadas por ações denominadas atividades culturais, são hoje ferramentas fundamentais nas políticas públicas de inclusão social, e a peça final para que o processo de inclusão dos indivíduos na sociedade possa ocorrer em sua plenitude.

6. SUGESTÕES PARA NOVAS PESQUISAS

Uma pesquisa sempre abre muitas janelas para outras novas pesquisas. Ao realizar durante dois anos esta investigação sobre o processo de inclusão social por atividades culturais desenvolvido no CCBB-RJ, muitas vezes outros temas também importantes da Administração Pública e Privada, e até mesmo das Ciências Sociais, se apresentavam diante de mim. Não desviar profundamente do meu caminho foi uma tarefa extremamente desafiadora. No entanto, listo abaixo alguns temas, que poderiam dar origem a futuras pesquisas, temas que, com certeza, contribuiriam bastante para o desenvolvimento da sociedade brasileira:

- Inclusão Social por meio de atividades culturais em outros espaços, centros, museus;
- Política Pública Cultural – Centros Disseminadores de Cultura e Inclusão Social;
- Projetos Culturais e Desenvolvimento Humano Inclusivo;
- O Teatro e as Políticas Públicas de Desenvolvimento Humano e Inclusivo;
- A Terceirização em Instituições Culturais – prós e contras;
- O Incentivo à Cultura convivendo com o Marketing Cultural e Institucional;
- O Cinema como Política de Inclusão Social.

7. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ADORNO, Theodor; HORKHEIMER, Max. *Dialética do Esclarecimento*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1985.

ALCÂNTARA, Christiane; CÔRREA, Joana; OLIVEIRA, Soraya; SCHROEDER, Vera 2006. *O Rio de Janeiro e a (Re)construção de Lugares*. IN: Folder do Ciclo de Debates. Rio de Janeiro: CCBB, 2006.

ALIANÇA BRASIL. *Aleijadinho e Seu Tempo – Fé, Engenho e Arte*. IN: Folder da Exposição. Rio de Janeiro: CCBB, 2006.

ANANIAS, Patrus. O governo Lula e a inclusão social. VELLOSO, João Paulo dos Reis (Coord.). *Fórum Nacional – Economia do Conhecimento, Crescimento e Inclusão Social*. Rio de Janeiro: José Olympio, 2004.

ARENDT, Hannah. *A condição humana*. 5 ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1991.

ARON, R. *La lutte de classes: nouvelles leçons sur les sociétés industrielles*. Saint-Amand: Gallimard, 1975.

ATHAYDE, Celso. *Supermercado de Hip-Hop*. Rio de Janeiro: Hutúz, 2004.

BANCO DO BRASIL. Site Oficial. Disponível em: <<http://www.bb.com.br>>. Acesso em: 7 de jul. 2007.

BANCO CENTRAL DO BRASIL. Site Oficial. Disponível em: <<http://www.bcb.gov.br>> Acesso em: 7 de jul. 2006.

BALLALAI, Roberto. Notas e Subsídios Para a Análise do Discurso (Uma contribuição à leitura do discurso da Administração). *Fórum Educacional*. Rio de Janeiro: FGV, 13(1-2): 56-80, fev./maio 1989.

BAUMAN, Z. *Amor líquido*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2004.

_____. *O mal-estar da pós-modernidade*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.

BENTES, Ivana. *A Favela no Cinema*. IN: Folder da Mostra de Filmes A Favela no Cinema. Rio de Janeiro: CCBB, 2001.

BENTES, Ivana. *A Cultura da Favela – Ciclo de Debates*. IN: Folder do Evento. Rio de Janeiro: CCBB, 2002.

BILL, MV. *Entrevista ao site on line Brasil Agora*. Agência Brasil, 18/11/2005.

BRASIL. *Constituição da República Federativa do Brasil*. Disponível em: <<http://www.brasil.gov.br>> Acesso em: 7 de jul. 2006.

BRONZO, C. *Políticas locais de inclusão social, autonomia e empoderamento: reflexões exploratórias*. In: ENCONTRO NACIONAL DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DOS

PROGRAMAS DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ADMINISTRAÇÃO (Enanpad), 30., 2006. Anais... Salvador: Anpad, 2006.

BROWN, Marvin T. *Ética nos Negócios*. São Paulo: Makron Books, 1993.

CALLADO, Antônio. Introdução. FISCHER, Ernest. *A necessidade da arte*. 9. ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2002.

CAMARGO, C.; BURALLI, K. *Violência familiar contra crianças e adolescentes*. Salvador: Ultragraph, 1998.

CARVALHO, Cristina. *Instantâneos da Visita: A Escola no Centro Cultural*. Tese de Doutorado em Educação. PUC-RJ, 2005.

CASTORIADIS, C. *L'expérience du mouvement ouvrier: prolétariat et organisation*. Paris: Union Générale D'Éditions, 1974.

CASTRO, R. M. F ; CARVALHO, J. F. *Uma proposta para Reconceituação da Exclusão Social no Contexto Urbano Brasileiro*. IN: SIMPÓSIO DE EXCELÊNCIA EM GESTÃO E TECNOLOGIA (Seget), IV, 2007. Anais... Resende: Seget, 2007.

CENTRO CULTURAL BANCO DO BRASIL(a). *É Tudo Verdade 2003*. IN: Catálogo do Festival Internacional de Documentários. Rio de Janeiro: 2003.

_____(b). *Assim Vivemos - 1ª Mostra Internacional de Filmes Sobre Deficiência*. IN: Folder da mostra. Rio de Janeiro: CCBB, 2003.

_____(c). *Arte da África*. IN: Folder da exposição. Rio de Janeiro: CCBB, 2003.

_____(a). *Antes – Histórias da Pré-História*. IN: Folder da exposição. Rio de Janeiro: CCBB, 2004.

_____(b). *Escola de Frankfurt*. IN: Folder do Ciclo de Debates Escola de Frankfurt. Rio de Janeiro: CCBB, 2004.

_____(c). *Cultura e Desenvolvimento*. IN: Folder do Ciclo de Debates Cultura e Desenvolvimento. Rio de Janeiro: CCBB, 2004.

_____(a). *Arte, Diversidade e Inclusão Sociocultural*. IN: Folder da Mostra. Rio de Janeiro: CCBB, 2005.

_____(b). *Por Ti América – Arte Pré Colombiana*. IN: Folder da Exposição. Rio de Janeiro: CCBB, 2005.

_____(c). *Revista Aventura Arqueológica – Programa Educativo*. Rio de Janeiro: CCBB, 2005.

_____(d). *Ciclo de Debates Por Ti América*. IN: Folder do Evento. Rio de Janeiro: CCBB, 2005.

- _____(a). *Seminário Hutúz 2006*. IN: Folder do seminário. Rio de Janeiro: CCBB, 2006.
- _____(b). *O Rio de Janeiro e a (Re)construção de Lugares*. IN: Folder do Ciclo de Debates. Rio de Janeiro: CCBB, 2006.
- _____(a). *É Tudo Verdade 2007*. IN: Catálogo do Festival Internacional de Documentários. Rio de Janeiro: 2007.
- _____(b). CineCUFA. IN: Folder do festival. Rio de Janeiro, CCBB, 2007.
- _____(c). *LUSA – A Matriz Portuguesa*. IN: Folder da exposição. Rio de Janeiro, CCBB, 2007.
- _____(d). *Imagens do Povo – Esporte na Favela*. IN: Folder da exposição. Rio de Janeiro: 2007.
- _____(e). *Piratas da Cultura – Comunicação e Cidadania*. IN: Folder do Seminário. Rio de Janeiro: CCBB, 2007.
- CERTEAU, M. *A cultura no plural*. Campinas: Papirus, 1996.
- CHAUÍ, Marilena de Souza. *Política Cultural*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1984.
- CHAUÍ, Marilena de Souza. *São Paulo – Uma opção radical e moderna: Democracia cultural*. In: FARIA, h. *Experiência de gestão democrática*. Polis, n.12, 1993.
- _____. *Cidadania Cultural – O direito à cultura*. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2006
- COSTA, A.; CARVALHO, J. *Novos desafios e velhos dilemas: a construção teórica da responsabilidade social à luz da dicotomia imagem-substância*. In: ENCONTRO DE ADMINISTRAÇÃO PÚBLICA E GOVERNANÇA (EnAPG), 1., 2004. Anais... Rio de Janeiro: Anpad, 2004.
- CENTRAL ÚNICA DAS FAVELAS. *Seminário Hutúz 2006*. IN: Folder do Seminário. Rio de Janeiro: CCBB, 2006.
- DANTAS, Marcello. *LUSA – A Matriz Portuguesa*. IN: Folder da Exposição. Rio de Janeiro, CCBB, 2007.
- DAHL, Robert. *Sobre a Democracia*. Brasília: UnB, 2001.
- DIEGUES, Cacá. *CineCUFA*. IN: Folder do festival. Rio de Janeiro, CCBB, 2007.
- DIMENSTEIN, M. *Mal-estar na psicologia: a insurreição da subjetividade*. *Revista Mal-estar e Subjetividade*, v. II, n. 2, set. 2002. p. 9-26.
- DOMINGUES, J. *Desenvolvimento, modernidade, e subjetividade*. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, v. 14, n. 40. p. 83-91, jun. 1999.
- ESCOREL, S. *Vidas ao léu: trajetórias de exclusão social*. Rio de Janeiro: Fiocruz, 1999.

FAULKNER, David; BOWMAN, Cliff. *The Essence of Competitive Strategy*. UK: Prentice Hall, 1995.

FÉRES-CARNEIRO, T. *O mosaico da violência*. Psicologia Ciência e Profissão DIÁLOGOS, ano 2, nº 2, março 2005. p. 32-33.

FERNANDES, J.; DUTT-ROSS, S. Pequenas ilhas de inclusão em um oceano de exclusão digital: uma análise da população brasileira com acesso à *internet* ao longo do tempo, espaço e *status* sócio-econômico. In: ENCONTRO DE ADMINISTRAÇÃO PÚBLICA E GOVERNANÇA (EnAPG), 2., 2006. Anais... São Paulo: Anpad, 2006.

FERNANDES, Rubem César. Jovens em risco: uma resposta simples para um problema difícil. VELLOSO, João Paulo dos Reis (Coord.). *Fórum Nacional – Economia do Conhecimento, Crescimento e Inclusão Social*. Rio de Janeiro: José Olympio, 2004.

FISCHER, Ernest. *A necessidade da arte*. 9. ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2002.

FLEURY, Sônia. A seguridade social e os dilemas da inclusão social. *Revista de Administração Pública*. Rio de Janeiro: FGV, 39(3): 449-69, mai./jun. 2005.

_____. Inclusión Social y Democracia Deliberativa en América Latina. CANUDAS, Rocio Del. LORENZELLI, Marcos (Coord.). *Inclusión Social Una Perspectiva Para La Reducción de La Pobreza*. Honduras: INDES, 2005.

FOLHA DE SÃO PAULO. *Louvre é o museu mais visitado*. São Paulo, 5 de março, de 2008.

FONTENELLE, I. *Responsabilidade social e mercado da cidadania no Brasil: o caso da McInternet*. In: ENCONTRO NACIONAL DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DOS PROGRAMAS DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ADMINISTRAÇÃO (Enanpad), 30., 2006. Anais... Salvador: Anpad, 2006.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia da Autonomia- saberes necessários à prática educativa*. 33. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

FREITAS, Maria Ester de. *Cultura organizacional: identidade, sedução e carisma?* 2. ed. Rio de Janeiro: FGV, 2000.

GARCIA-CANCLINI, Néstor. *Culturas híbridas*. São Paulo: Edusp, 2000.

GIDDENS, A. *A contemporary critique of historical materialism*. 2. ed. London: MacMillan Press, 1995.

GOMES, M.; PEREIRA, M. *Família em situação de vulnerabilidade social: uma questão de políticas públicas*. Ciência & Saúde Coletiva, v. 10, n. 2, 2005. p. 357-363.

GUATTARI, F. *As três ecologias*. Campinas: Papyrus, 1990.

_____. *Revolução molecular*. São Paulo: Brasiliense, 1986.

GUÉNON, R. *Le règne de la quantité et les signes des temps*. Saint-Amand: Gallimard, 1970.

GUERREIRO RAMOS, A. *A redução sociológica*. 3. ed. Rio de Janeiro: UFRJ, 1996.

HARBITZ, Mia. Implicaciones de La Exclusión Social y El Desafío de la Inclusión Social. CANUDAS, Rocio Del. LORENZELLI, Marcos (Coord.). *Inclusión Social: Una Perspectiva Para La Reducción de La Pobreza*. Honduras: INDES, 2005.

_____. Inclusión social y democracia deliberativa en America Latina. In: CANUDAS, R.; LORENZELLI, M. (Coord.). *Inclusión social: una perspectiva para la reducción de la pobreza*. Honduras: INDES, 2005. (b)

HERBERT, Read. *A educação pela arte*. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

HOLANDA, S. *Raízes do Brasil*. 26. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

KORTEN, D. *Quando as corporações regem o mundo*. São Paulo: Futura, 1996.

KOTLER, Philip; ARMSTRONG, Gary. *Princípios de Marketing*. Rio de Janeiro: Prentice/Hall do Brasil, 1993.

KRAEMER, M. *Marco referencial da responsabilidade social corporativa*. In: SIMPÓSIO DE EXCELÊNCIA EM GESTÃO E TECNOLOGIA (SEGeT), 2., 2005. Anais... Resende: AEDB, 2005.

LABAKI, Amyr. *É tudo Verdade 2007*. IN: Catálogo do Festival Internacional de Documentários. Rio de Janeiro: 2007.

LEMOS, Ana Heloísa da Costa. *O processo decisório de criação do Centro Cultural Banco do Brasil*. Revista de Administração Pública. Rio de Janeiro: FGV, 31(4): 266-82, jul./ago. 1997.

LÉVI-STRAUSS, C. *Anthropologie structurale*. 2. ed. Paris: Plon, 1974.

LIMA, Sueli. *Caderno VI – Programa Educativo 2003 – Arte, Cultura e Cidadania*. Rio de Janeiro: CCBB, 2003.

LIPOVETSKY, G. *A sociedade pós-moralista; o crepúsculo do dever e a ética indolor dos novos tempos democráticos*. Barueri: Manole, 2005.

_____. *Os tempos hipermodernos*. São Paulo: Barcarolla, 2004.

MAIA, João; NACIF, Rafael. *Piratas da Cultura – Comunicação e Cidadania*. IN: Folder do Seminário. Rio de Janeiro: CCBB, 2007.

MARKETING CULTURAL. *Revista On Line*. Disponível em: <www.marketingcultural.com.br> . Acesso em: 09 de ago. 2007.

MARTINS, Paulo Emílio Matos. Administração brasileira: uma disciplina em construção. VIEIRA, Marcelo Milano Falcão. ZOUAIN, Deborah Moraes (Org.). *Pesquisa Qualitativa em Administração: teoria e prática*. Rio de Janeiro: FGV, 2005.

MARTINS, Ângela Maria. *Urbanismo: Inclusão ou Exclusão*. In: Ciclo de Palestras: o Rio de Janeiro e a (Re)Construção dos Lugares. Rio de Janeiro: CCBB, 2006.

MELO, H. *Excluir e acumular: as formas materiais da subsunção*. Organizações & Sociedade, v. 13, n. 39, out.-dez. 2006. p. 45-58.

MINISTÉRIO DA CULTURA. *Lei Rouanet*. Disponível em: <www.cultura.gov.br>. Acesso em: 21/05/2007.

MINISTÉRIO DO PLANEJAMENTO, ORÇAMENTO E GESTÃO. Avaliação PPA's. Disponível em: <www.planejamento.gov.br>. Acesso em: Agosto de 2007.

MINTZBERG, Henry. Cinco P's para Estratégia. IN: *O processo da estratégia: conceitos, contextos e casos selecionados*. MINTZBERG, Henry ... [et al.]. 4. ed. Porto Alegre: Bookman, 2006.

MIRANDA, Danilo Santos de. Prefácio. OLIVIERI, Cristina Garcia. *Cultura Neoliberal. Leis de incentivo como política pública de cultura*. São Paulo: Escrituras, 2004.

MOLNAR, T. *La contre-révolution*: Union Générale D'Éditions, 1972.

MOREIRA, Joaquim Manhães. *A Ética Empresarial no Brasil*. São Paulo: Pioneira, 1999.

MOTA, Ronaldo. FILHO, Hélio Chaves. Educação transformadora e inclusiva. *Revista Inclusão Social*. Brasília: Ministério da Ciência e Tecnologia, 2005. Disponível em: <<http://www.ibict.br/revistainclusaosocial>>. Acesso em: 10 jul. 2006.

NOLASCO, S. *Masculinidade, mídia e violência*. Comunicação & Política, v. 1, n. 2, p. 200-312. 1994.

O GLOBO. *Os dois Brasis da Lei Rouanet*. 22 de julho de 2007.

OLIVIERI, Cristiane Garcia. *Cultura Neoliberal. Leis de incentivo como política pública de cultura*. São Paulo: Escrituras, 2004.

ORTIZ, Renato. *Mundialização e Cultura*. São Paulo: Brasiliense, 1994.

PERDIGÃO, P. *Existência & liberdade: uma introdução à filosofia de Sartre*. Porto Alegre: L&PM, 1995.

PINHEIRO, Lena Vânia Ribeiro. Educação da sensibilidade, informação em arte e tecnologias para inclusão social. *Revista Inclusão Social*. Brasília: Ministério da Ciência e Tecnologia, 2005. Disponível em: <<http://www.ibict.br/revistainclusaosocial>>. Acesso em: 10 jul. 2006.

PINTO, Luis Fernando da Silva. *Sagres, a revolução estratégica*. 6. ed. Rio de Janeiro: FGV, 2001.

POCHMANN, M. *Atlas da exclusão social*. V. 5: Agenda não liberal da inclusão social no Brasil. São Paulo: Cortez, 2005.

PORTER, Michael E. O que é estratégia. IN: *O processo da estratégia: conceitos, contextos e casos selecionados*. MINTZBERG, Henry ... [et al.]. 4. ed. Porto Alegre: Bookman, 2006.

POZZOBON, Lara Valentina. ACIOLI, Gustavo. Assim Vivemos - *1ª Mostra Internacional de Filmes Sobre Deficiência*. IN: Folder da mostra. Rio de Janeiro: CCBB, 2003.

QUINN, James Brian. Estratégias para mudança. IN: *O processo da estratégia: conceitos, contextos e casos selecionados*. MINTZBERG, Henry ... [et al.]. 4. ed. Porto Alegre: Bookman, 2006.

RABIA, S.; CHRISTOPOULOS, T.; PINTO, A.; GRISOLIA, D. *Inclusão digital, emprego e inclusão social*. In: ENCONTRO NACIONAL DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DOS PROGRAMAS DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ADMINISTRAÇÃO (Enanpad), 30., 2006. Anais... Salvador: Anpad, 2006.

RAMOS, Lázaro. *CineCUFA*. IN: Folder do festival. Rio de Janeiro, CCBB, 2007.

READ, Herbert. *Educação pela Arte*. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

RENAM, E. *Qu'est-ce qu'une nation ?*, Paris, Presses Pocket, 1992

RIBEIRO, R. *A ética na política*. São Paulo: Lazuli, 2006.

ROCHA, Everardo. *Clientes e Brasileiros: Notas para um estudo da cultura do Banco do Brasil*. Brasília: Desed, 1995.

ROLNIK, S. Subjetividade antropofágica. In: MACHADO, L.; LAVRADOR, M.; BARROS, M. (Orgs.). *Texturas da Psicologia: subjetividade e política no contemporâneo*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2001. p.11-27.

RUMELT, Richard P. [et al] *Fundamental Issues in Strategy*. Boston, Massachusetts: Harvard Business School Press, 1994.

SÁ, Antônio Lopes de. *Ética Profissional*. São Paulo: Atlas, 1998.

SACHS, Ignacy. *Desenvolvimento e Cultura*. Desenvolvimento da Cultura. Cultura do Desenvolvimento. Organizações & Sociedade, v. 12, n. 33, abr.-jun. 2005. p. 151-162.

SAMPER, Sergio de Zubiria. TRUJILLO, Ignacio Abello. TABARES, Marta. *Cuadernos Cultura*. Conceptos básicos de administración y gestión cultural. Madrid: Organización de Estados Iberoamericanos para la Educación, la Ciencia y la Cultura (OEI), 1998.

SARAVIA, Enrique. *Que Financiamento para que Cultura: O Apoio do Setor Público para a Atividade Cultural*, Revista de Administração Pública, 33 (1) Janeiro-Fevereiro. Rio De Janeiro: FGV, 2000.

_____. *Notas sobre as indústrias culturais*. IN: Revista Observatório Itaú Cultural. São Paulo: Itaú Cultural, 2007.

SCHELLING, Thomas C. *La estrategia del conflicto*. Madrid: Tecnos, 1964.

SILVA, F.; OLIVA, E. *Políticas públicas de inclusão social e iniciativas de acessibilidade ao ensino superior particular do triângulo mineiro: uma discussão das tendências na ótica de formadores de opinião*. In: ENCONTRO NACIONAL DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DOS PROGRAMAS DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ADMINISTRAÇÃO (Enanpad), 30., 2006. Anais... Salvador: Anpad, 2006.

SILVA, Luiz Inácio Lula da. *Economia do conhecimento, crescimento e inclusão social: a estratégia global de desenvolvimento do Brasil*. VELLOSO, João Paulo dos Reis (Coord.). *Fórum Nacional – Economia do Conhecimento, Crescimento e Inclusão Social*. Rio de Janeiro: José Olympio, 2004.

SROUR, Robert Henry. *Ética Empresarial – Posturas responsáveis nos negócios na política e nas relações pessoais*. Rio de Janeiro: Campus, 2000.

SUN-TZU. *A Arte da Guerra*. Rio de Janeiro: Record, 2003.

THOMAS, Vinod. *Políticas de distribuição e conhecimento*. VELLOSO, João Paulo dos Reis (Coord.). *Fórum Nacional – Economia do Conhecimento, Crescimento e Inclusão Social*. Rio de Janeiro: José Olympio, 2004.

THIRY-CHERQUES, Hermano Roberto. *De falácias e de cultura*. *Revista de Administração Pública*. Rio de Janeiro: FGV, 35(4): 7-17, jul./ago. 2001.

THOMPSON, Victor A. *Moderna Organização*. Rio de Janeiro: USAID, 1967

TORRE, E.; AMARANTE, P. *Protagonismo e subjetividade: a construção coletiva no campo da saúde mental*. *Ciência & Saúde Coletiva*, v. 6, n. 1, 2001. p. 73-85.

UNESCO. *Declaração Universal Sobre a Diversidade Cultural*. Disponível em: < http://www.unesco.org.br/areas/cultura/areastematicas/diversidadecultural/divcult/mostra_documento >. Acesso em: 23/01/2008.

VALENTIM, I. *Economia popular e solidária no Brasil: uma questão de confiança interpessoal*. In: ENCONTRO NACIONAL DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DOS PROGRAMAS DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ADMINISTRAÇÃO (Enanpad), 29., 2005. Anais... Brasília: Anpad, 2005.

VÂNIA, Lúcia. *Sociedade do conhecimento e inclusão social: alguma idéias*. VELLOSO, João Paulo dos Reis (Coord.). *Fórum Nacional – Economia do Conhecimento, Crescimento e Inclusão Social*. Rio de Janeiro: José Olympio, 2004.

VAZ, Gil Nuno Vaz. *Marketing Institucional*. São Paulo: Thompson, 2000.

VERGARA, Luiz Guilherme. LIMA, Sueli de. *Caderno V – Programa Educativo 2003 – Arte, Cultura e Cidadania*. Rio de Janeiro: CCBB, 2003.

VERGARA, Sylvia Constant. *Projetos e Relatórios de Pesquisa em Administração*. 7. ed. São Paulo: Atlas, 2006.

_____. *Métodos de Pesquisa em Administração*. São Paulo: Atlas, 2005.

VETTER, Klaus. *A Cultura Desafia a Realidade*. IN: *Jornal do Brasil, Caderno B*, 11/08/2001.

VIEIRA, Euripedes Falcão; VIEIRA, Marcelo Milano Falcão. *A dialética da pós-modernidade*. Rio de Janeiro: FGV, 2004.

VIEIRA, Marcelo Milano Falcão. Por uma boa pesquisa (qualitativa) em administração. _____. ZOUAIN, Deborah Moraes (Org.). *Pesquisa Qualitativa em Administração*. Rio de Janeiro: FGV, 2006.

VINHAIS, H.; SOUZA, A. *A linha híbrida de pobreza no Brasil*. In: ENCONTRO DE ADMINISTRAÇÃO PÚBLICA E GOVERNANÇA (EnAPG), 2., 2006. Anais... São Paulo: Anpad, 2006.

XIBERRAS, M. *Les théories de l'exclusion: pour une construction de l'imaginaire de la deviance*. Paris: Méridiens Klincksieck, 1993.

ANEXO I – QUADROS DAS ATIVIDADES CULTURAIS REALIZADAS DE 2001 A 2007 NO CCBB-RJ (PERÍODO DESTA INVESTIGAÇÃO)

2001

Segmento	Título	Data
CINEMA/VÍDEO	O FUTURO JÁ CHEGOU !	7/1/2001
CINEMA/VÍDEO	O FUTURO JÁ PASSOU ?	14/1/2001
CINEMA/VÍDEO	A TV NO BRASIL E A PRODUÇÃO INDEPENDENTE - LANÇAMENTO DA REVISTA SINOPSE NO RIO DE JANEIRO	21/1/2001
CINEMA/VÍDEO	O OLHAR DAS ESTRELAS	18/2/2001
CINEMA/VÍDEO	CICLO DE CINEMA MEXICANO "VIDA DE MUJERES"	8/3/2001
CINEMA/VÍDEO	O OLHAR FEMININO	15/3/2001
CINEMA/VÍDEO	QUASE COMO ANTIGAMENTE - MÚSICA PARA O CINEMA MUDO BRASILEIRO	15/3/2001
CINEMA/VÍDEO	O CINEMA BRASILEIRO EM REVISTA	29/3/2001
CINEMA/VÍDEO	HOMENAGEM A MARCOS FARIAS	15/4/2001
CINEMA/VÍDEO	NOVOS AUTORES - VÍDEO EM PRIMEIRA MÃO	6/5/2001
CINEMA/VÍDEO	HAMLET NO CINEMA	9/5/2001
CINEMA/VÍDEO	SEMANA DE CINEMA ESPANHOL	16/5/2001
CINEMA/VÍDEO	ENCONTRO COM O CINEMA BRASILEIRO - DIOGO VILELA	29/5/2001
CINEMA/VÍDEO	ANDRÉ MALRAUX: O ROMANCISTA, O ESTETA E O CINEASTA	9/6/2001
CINEMA/VÍDEO	VI FESTIVAL BRASILEIRO DE CINEMA UNIVERSITÁRIO	10/6/2001
CINEMA/VÍDEO	CINESUL 2001	24/6/2001
CINEMA/VÍDEO	ENCONTRO COM O CINEMA BRASILEIRO - DENISE FRAGA E LUIZ VILLAÇA	26/6/2001
CINEMA/VÍDEO	NOVO CINEMA DINAMARQUÊS	8/7/2001
CINEMA/VÍDEO	TODOS OS SONS DO JAZZ: 4 X 4	12/7/2001
CINEMA/VÍDEO	ENCONTRO COM O CINEMA BRASILEIRO - HOMENAGEM A ADHEMAR GONZAGA	28/8/2001
CINEMA/VÍDEO	A FAVELA NO CINEMA	23/9/2001
CINEMA/VÍDEO	ENCONTRO COM O CINEMA BRASILEIRO - ÍTALA NANDI	16/10/2001
CINEMA/VÍDEO	PREMIADOS NO VIDE VÍDEO 2001	16/12/2001
CINEMA/VÍDEO	CURTAS NO CENTRO	03/08 A 09/10/2001
CINEMA/VÍDEO	INÉDITOS NO RIO	03/08 A 09/10/2001
CINEMA/VÍDEO	ANIMA MUNDI 2001	13 A 22/07/2001
CINEMA/VÍDEO	IMAGENS DA ORDEM: INFÂNCIA E MÍDIA	13 A 25/11/2001
CINEMA/VÍDEO	FASSBINDER, O ANARQUISTA DA FANTASIA	14 A 30/08/2001
CINEMA/VÍDEO	FIM-DE-SEMANA NO JAPÃO	14 E 15/04/2001
CINEMA/VÍDEO	ENCONTRO COM O CINEMA BRASILEIRO - LUÍS CARLOS VASCONCELOS	16 A 21/01/2001
CINEMA/VÍDEO	CINEMA BRASILEIRO: ANOS 90, 9 QUESTÕES	16 A 25/03/2001
CINEMA/VÍDEO	CINEMATECA SYLVIO BACK	17 A 22/04/2001
CINEMA/VÍDEO	ENCONTRO COM O CINEMA BRASILEIRO - ANA CAROLINA	18 A 21/12/2001
CINEMA/VÍDEO	A LÓGICA DO ÊXTASE: RETROSPECTIVA DE ARTHUR OMAR	18 A 31/05/2001
CINEMA/VÍDEO	ENCONTRO COM O CINEMA BRASILEIRO - JORGE FURTADO	20 A 23/02/2001
CINEMA/VÍDEO	O CINEMA CAI NO SAMBA	20 A 25/11/2001
CINEMA/VÍDEO	AS RAINHAS DO RÁDIO	20/02 A 04/03/2001
CINEMA/VÍDEO	O SURREALISMO NO CINEMA	22/08 A 31/10/2001
CINEMA/VÍDEO	ENCONTRO COM O CINEMA BRASILEIRO - ANIMAÇÃO	24 A 29/04/2001
CINEMA/VÍDEO	OLHANDO PARA O LESTE	24 A 29/07/2001

CINEMA/VÍDEO	FRED ASTAIRE - UM CONVITE À DANÇA	24/07 A 02/08/2001
CINEMA/VÍDEO	ENCONTRO COM O CINEMA BRASILEIRO - TETÊ MORAES E MAURO GIUNTINI	25 A 27/09/2001
CINEMA/VÍDEO	PURO DESEJO - BEIJOS DE CINEMA	26/06 A 01/07/2001
CINEMA/VÍDEO	TODOS OS SONS DO JAZZ: BIG BANDS	27 A 29/11/2001
CINEMA/VÍDEO	ENCONTRO COM O CINEMA BRASILEIRO - SANDRA WERNECK	27 E 28/03/2001
CINEMA/VÍDEO	ENCONTRO COM O CINEMA BRASILEIRO - GRACINDO JÚNIOR E MARCELO TARANTO	27 E 28/11/2001
CINEMA/VÍDEO	MOSTRA ISRAEL DE CINEMA	27/06 A 01/07/2001
CINEMA/VÍDEO	VER CIÊNCIA 2001	29/19 A 10/10/2001
CINEMA/VÍDEO	É TUDO VERDADE 2001 - 6º FESTIVAL INTERNACIONAL DE DOCUMENTÁRIOS	30/03 A 08/04/2001
CINEMA/VÍDEO	SÉRIE DEZESSEIS	30/10 A 08/11/2001
CINEMA/VÍDEO	QUANDO O CINEMA É POESIA	30/10 A 11/11/2001
CINEMA/VÍDEO	11ª MOSTRA CURTA CINEMA	30/11 A 09/12/2001
CINEMA/VÍDEO	ENCONTRO COM O CINEMA BRASILEIRO - NOVOS CURTAS CARIOCAS	31/07 A 02/08/2001
CINEMA/VÍDEO	SALSA, CEBOLINHA E CELULÓIDE	31/08 A 09/09/2001
DANÇA	DANÇA BRASIL	27/5/2001
EXPOSIÇÃO	UMA GERAÇÃO EM TRÂNSITO	06/02 A 29/04/2001
EXPOSIÇÃO	ADRIANA VAREJÃO - AZULEJÕES	06/02 A 29/04/2001
EXPOSIÇÃO	FIÇÃO - FOTOGRAFIAS E VÍDEOS NA COLEÇÃO DA CAISSE DES DÉPÔTS	07/06 A 29/07/2001
EXPOSIÇÃO	VICENTE DE MELLO - VERMELHOS TELÚRICOS	07/06 A 29/07/2001
EXPOSIÇÃO	MARIA DO CARMO SECCO - DUAS	10/04 A 27/05/2001
EXPOSIÇÃO	WALTERCIO CALDAS 1985 - 2000	15/05 A 29/07/2001
EXPOSIÇÃO	ARTHUR OMAR - FLUXUS	18/05 A 10/06/2001
EXPOSIÇÃO	ENSAIOS DE UM BRASIL	20/06 A 01/07/2001
EXPOSIÇÃO	LUCIO FONTANA - A ÓTICA DO INVISÍVEL	20/11/2001 A 03/02/2002
EXPOSIÇÃO	SURREALISMO	21/08 A 28/10/2001
EXPOSIÇÃO	TEMPO INOCULADO	23/01 A 25/03/2001
EXPOSIÇÃO	EÇA DE QUEIRÓS: ENTRE PORTUGAL E O MUNDO	30/01 A 25/03/2001
IDÉIAS	RODAS DE LEITURA 2001 - NELSON MOTTA	3/1/2001
IDÉIAS	FIÇÕES HISTÓRICAS E HISTÓRIAS DE FIÇÃO	6/2/2001
IDÉIAS	RODAS DE LEITURA 2001 - MARCELO RUBENS PAIVA	7/2/2001
IDÉIAS	RODAS DE LEITURA 2001 - ADRIANA FALCÃO	7/3/2001
IDÉIAS	RODAS DE LEITURA 2001 - AUTRAN DOURADO	4/4/2001
IDÉIAS	ANTONIO TORRES - ESSA TERRA, 25 ANOS DE ESTRADA	11/4/2001
IDÉIAS	RODAS DE LEITURA 2001 - ARTHUR DAPIEVE	2/5/2001
IDÉIAS	RODAS DE LEITURA 2001 - MINO CARTA	6/6/2001
IDÉIAS	PAPÉIS, ATORES E PERSONAGENS NO TEATRO DE SHAKESPEARE	8/6/2001
IDÉIAS	RODAS DE LEITURA 2001 - JOSÉ LINS DO REGO, POR IVAN JUNQUEIRA	4/7/2001
IDÉIAS	RODAS DE LEITURA 2001 - JOÃO SILVÉRIO TREVISAN	1/8/2001
IDÉIAS	TENDÊNCIAS DA FILOSOFIA CONTEMPORÂNEA	10/8/2001
IDÉIAS	GUSTAVE MOREAU E OS SURREALISTAS	21/8/2001
IDÉIAS	LEITURA DOS TRÊS MANIFESTOS SURREALISTAS, DE ANDRÉ BRETON	22/8/2001
IDÉIAS	COLECIONAR FOTOS SURREALISTAS, HOJE ?	4/9/2001
IDÉIAS	RODAS DE LEITURA 2001 - ROBERTO DRUMMOND	5/9/2001

IDÉIAS	SEMINÁRIO BECKETT	14/9/2001
IDÉIAS	MULHER-POESIA	27/9/2001
IDÉIAS	RODAS DE LEITURA 2001 - GABRIEL O PENSADOR	3/10/2001
IDÉIAS	O SURREALISMO E INCONSCIENTE: ANDRÉ BRETON E ANTONIN ARTAUD	9/10/2001
IDÉIAS	RODAS DE LEITURA 2001 - FERNANDO MORAIS	7/11/2001
IDÉIAS	RODAS DE LEITURA 2001 - HELOISA SEIXAS	5/12/2001
IDÉIAS	SEMINÁRIO NELSON RODRIGUES	14/12/2001
IDÉIAS	7 X DESIGN	07/11 A 19/12/2001
IDÉIAS	O CINEMA EXPERIMENTAL	11/04 A 20/06/2001
IDÉIAS	JOÃO CABRAL DE MELO NETO	15 A 24/05/2001
IDÉIAS	CINEMA BRASILEIRO: 90 ANOS	16 A 25/03/2001
IDÉIAS	DO AMOR À ARTE - SEMINÁRIO	17 A 19/10/2001
IDÉIAS	MESTRES DA LITERATURA LATINO-AMERICANA CONTEMPORÂNEA	19 A 21/06/2001
IDÉIAS	AUTONOMIA E LIBERDADE	19 A 21/09/2001
IDÉIAS	CULTURA E PRÁTICA TEATRAL EM BRECHT	21 A 23/03/2001
IDÉIAS	OS DESAFIOS DO TEXTO: DO LEITOR AO NAVEGADOR, COM ROGER CHARTIER	22 A 25/05/2001
IDÉIAS	O HOMEM MÁQUINA	27/03 A 10/05/2001
IDÉIAS	O PRINCÍPIO DO SONHO: O SURREALISMO	29 A 31/08/2001
INFANTO-JUVENIL	SESSÃO CRIANÇA 2001	28/1/2001
INFANTO-JUVENIL	NO RASTRO DA CULTURA	3/7/2001
INFANTO-JUVENIL	DE OLHO NA ARTE	3/7/2001
INFANTO-JUVENIL	FÉRIAS NO CCB: TERRA, FOGO, ÁGUA E AR	02/01 A 04/02/2001
INFANTO-JUVENIL	CALDEIRÃO DE HISTÓRIAS	03/04 A 03/06/2001
INFANTO-JUVENIL	PLUNCT PLACT ZUUUM	11/08 A 30/09/2001
INFANTO-JUVENIL	CONTA DE NOVO	MARÇO A DEZEMBRO
MÚSICA	BRASILEIRINHO - O CHORO UM SÉCULO DEPOIS	30/1/2001
MÚSICA	MORELENBAUM: MESTRE DA MÚSICA	27/3/2001
MÚSICA	SEMANA SANTA	15/4/2001
MÚSICA	VERDI, O INVENTOR DE MELODIAS	24/4/2001
MÚSICA	OBRAS RARAS	29/5/2001
MÚSICA	NOVAS VOZES DO BRASIL	26/6/2001
MÚSICA	4 X 4	29/7/2001
MÚSICA	SANFONA BRASILEIRA	31/7/2001
MÚSICA	VEREDAS DE MINAS	28/8/2001
MÚSICA	GEORGE SAND, MUSA DE TODAS AS ARTES	25/9/2001
MÚSICA	SÃO PAULO: DA VANGUARDA AO POP	28/10/2001
MÚSICA	OS SOLISTAS	30/10/2001
MÚSICA	A ERA DAS BIG BANDS	27/11/2001
MÚSICA	NEGRO SPIRITUALS	18/12/2001
MÚSICA	BARROCO !	03/08 A 02/09/2001
MÚSICA	OS MENINOS DO RIO	13 A 20/02/2001
TEATRO	AS QUATRO MENINAS, DE PABLO PICASSO	13/9/2001

TEATRO	CLARA NUNES - BRASIL MESTIÇO	01/06 A 01/07/2001
TEATRO	ARACY DE ALMEIDA - NO PAÍS DE ARACA	05/10 A 16/12/2001
TEATRO	A RESISTÍVEL ASCENSÃO DE ARTURO UI	12/01 A 08/04/2001
TEATRO	ENGRAÇADINHA - SEUS AMORES E SEUS PECADOS - DOS 12 AOS 18 E DEPOIS DOS 30	12/10 A 16/12/2001
TEATRO	TIA ZULMIRA E NÓS	19/01 A 25/03/2001
TEATRO	ESPERANDO GODOT	20/07 A 23/09/2001
TEATRO	HAMLET	21/04 A 01/07/2001

2002

Segmento	Título	Data
CINEMA/VÍDEO	VÍDEO EM PRIMEIRA MÃO: PLUS ULTRA	13/1/2002
CINEMA/VÍDEO	MOSTRA DO FILME LIVRE 2002	17/1/2002
CINEMA/VÍDEO	KARL VALENTIN: PIONEIRO DO CINEMA ALEMÃO	7/2/2002
CINEMA/VÍDEO	O CINEMA CAI NA FOLIA	7/2/2002
CINEMA/VÍDEO	CINEMA ALEMÃO ANOS 90	10/3/2002
CINEMA/VÍDEO	ENCONTRO COM O CINEMA BRASILEIRO - OZUALDO CANDEIAS	26/3/2002
CINEMA/VÍDEO	CINEMA MARGINAL E SUAS FRONTEIRAS	31/3/2002
CINEMA/VÍDEO	BUÑUEL E ALCORIZA: LUIS X LUIS	11/4/2002
CINEMA/VÍDEO	É TUDO VERDADE 2002 - 7º FESTIVAL INTERNACIONAL DE DOCUMENTÁRIOS	28/4/2002
CINEMA/VÍDEO	IDENTIDADE SUÍÇA - CINEMA SUÍÇO PARA AMÉRICA LATINA	15/5/2002
CINEMA/VÍDEO	OSWALDO CRUZ NA AMAZÔNIA	16/5/2002
CINEMA/VÍDEO	ENCONTRO COM O CINEMA BRASILEIRO - HOMENAGEM A DAVID NEVES	28/5/2002
CINEMA/VÍDEO	CINESUL 2002	24/6/2002
CINEMA/VÍDEO	ENCONTRO COM O CINEMA BRASILEIRO - BETSE DE PAULA	25/6/2002
CINEMA/VÍDEO	PARIS 1900 - MOSTRA DE FILMES E VÍDEOS	11/7/2002
CINEMA/VÍDEO	ANIMA MUNDI 2002	21/7/2002
CINEMA/VÍDEO	DRAMATURGOS AMERICANOS NO CINEMA	20/8/2002
CINEMA/VÍDEO	ENCONTRO COM O CINEMA BRASILEIRO - VLADIMIR CARVALHO	27/8/2002
CINEMA/VÍDEO	O CINEMA CONTA A HISTÓRIA	8/9/2002
CINEMA/VÍDEO	MATAR OU MORRER !	22/9/2002
CINEMA/VÍDEO	VER CIÊNCIA 2002	10/10/2002
CINEMA/VÍDEO	A CIÊNCIA NA TV: UM OLHAR SOBRE AS NOVAS PRODUÇÕES DA BBC	10/10/2002
CINEMA/VÍDEO	ESPAÑA EM MOVIMENTO	10/11/2002
CINEMA/VÍDEO	O LADO ESCURO DA TELA: FILME NOIR FRANCÊS	17/11/2002
CINEMA/VÍDEO	MOLOCH	15/12/2002
CINEMA/VÍDEO	SESSÃO BIS 2002	15/12/2002
CINEMA/VÍDEO	DEPOIS DA VIDA	15/12/2002
CINEMA/VÍDEO	HISTÓRIA PRIVADA DE REVOLUÇÕES PESSOAIS	15 A 20/01/2002
CINEMA/VÍDEO	RETROSPECTIVA JULIO BRESSANE: CINEMA INOCENTE	15/10 A 03/11/2002
CINEMA/VÍDEO	ENCONTRO COM O CINEMA BRASILEIRO - JOSÉ JOFFILY	17 A 22/12/2002
CINEMA/VÍDEO	QUASE COMO ANTIGAMENTE - CINEMA MUDO FESTIVAL	17 A 23/05/2002
CINEMA/VÍDEO	ENCONTRO COM O CINEMA BRASILEIRO - JOSÉ MAYER	19 A 24/02/2002
CINEMA/VÍDEO	ANTONIO DIAS: O PAÍS INVENTADO	19 A 24/02/2002
CINEMA/VÍDEO	CINEMA JAPONÊS ONTEM E HOJE	19 A 24/11/2002

CINEMA/VÍDEO	DE OLHOS BEM ABERTOS 2002 - 1ª MOSTRA INTERNACIONAL DE CINEMA ENGAJADO	21/08 A 01/09/2002
CINEMA/VÍDEO	A GRANDE MÚSICA: PIERRE BOULEZ	22 A 31/01/2002
CINEMA/VÍDEO	ENCONTRO COM O CINEMA BRASILEIRO - ARTHUR FONTES	23 A 28/07/2002
CINEMA/VÍDEO	QUE VIVA MÉXICO !	24 A 29/05/2002
CINEMA/VÍDEO	LINGUAGEM DO CINEMA	24 A 29/05/2002
CINEMA/VÍDEO	ENCONTRO COM O CINEMA BRASILEIRO - JULIA LEMMERTZ	24 A 29/09/2002
CINEMA/VÍDEO	ENCONTRO COM O CINEMA BRASILEIRO - ROBERTO SANTUCCI FILHO	26 E 27/11/2002
CINEMA/VÍDEO	CINEMA REVOLUÇÃO: A PRODUÇÃO RUSSA DE 1925 A 1946	26/02 A 06/03/2002
CINEMA/VÍDEO	CINEMA RUSSO: ANOS 90	26/02 A 07/03/2002
CINEMA/VÍDEO	12ª MOSTRA CURTA CINEMA	28/11 A 08/12/2002
CINEMA/VÍDEO	ENCONTRO COM O CINEMA BRASILEIRO - MIGUEL FARIA JR.	29 A 31/01/2002
CINEMA/VÍDEO	ENCONTRO COM O CINEMA BRASILEIRO - FERNANDO EIRAS	29/10 A 03/11/2002
CINEMA/VÍDEO	ENCONTRO COM O CINEMA BRASILEIRO - LÚCIA MURAT	30/04 A 01/05/2002
CINEMA/VÍDEO	VII FESTIVAL DE CINEMA UNIVERSITÁRIO	30/05 A 09/06/2002
CINEMA/VÍDEO	A GRANDE MÚSICA - AMOR E MORTE NA ÓPERA ROMÂNTICA	30/07 A 04/08/2002
DANÇA	DANÇA BRASIL 2002	28/4/2002
EXPOSIÇÃO	RUBENS GERCHMAN - CAIXA DE FUMAÇA	04/12/2001 A 03/02/2001
EXPOSIÇÃO	BRIGITTE NAHON	04/12/2001 A 03/02/2002
EXPOSIÇÃO	MAURÍCIO DIAS E WALTER RIEDWEG	08/10 A 01/12/2002
EXPOSIÇÃO	SHIRIN NESHAT	10/08 A 22/09/2002
EXPOSIÇÃO	ROSANA PALAZYAN	13/08 A 13/10/2002
EXPOSIÇÃO	GABRIELA MACHADO - DESENHOS	13/08 A 13/10/2002
EXPOSIÇÃO	JAC LEIRNER - AD INFINITUM	19/02 A 28/04/2002
EXPOSIÇÃO	PARIS 1900 - NA COLEÇÃO DO PETIT PALAIS	21/05 A 21/07/2002
EXPOSIÇÃO	ARTE BRASILEIRA NA COLEÇÃO FADEL - DA INQUIETAÇÃO DO MODERNO À AUTONOMIA DA LINGUAGEM	26/02 A 28/04/2002
EXPOSIÇÃO	GRÁFICA UTÓPICA - ARTE GRÁFICA RUSSA - 1904 - 1942	26/02 A 28/04/2002
EXPOSIÇÃO	BEATRIZ MILHAZES	29/10/2002 A 26/01/2003
IDÉIAS	RODAS DE LEITURA 2002 - LUIS FERNANDO VERISSIMO	17/1/2002
IDÉIAS	FREVENDO O FREVO - CICLO DE PALESTRAS	30/1/2002
IDÉIAS	RODAS DE LEITURA 2002 - HOMENAGEM A JORGE AMADO. COM AMIR HADDAD E MUNIZ SODRÉ	7/2/2002
IDÉIAS	RODAS DE LEITURA 2002 - FERNANDA YOUNG	7/3/2002
IDÉIAS	CINEMA MARGINAL E SUAS FRONTEIRAS - WORKSHOP COM JOSÉ MOJICA MARINS - O ZÉ DO CAIXÃO	21/3/2002
IDÉIAS	RODAS DE LEITURA 2002 - MILTON HATOUM	4/4/2002
IDÉIAS	TEXTO ABERTO: ENCONTRO DE MÚLTIPLOS ENFOQUES SOBRE AS PROPOSTAS DO CALVINO	9/4/2002
IDÉIAS	DANÇA BRASIL - PALCO ABERTO	26/4/2002
IDÉIAS	FUNDAMENTALISMO X OCIDENTALISMO	2/5/2002
IDÉIAS	RODAS DE LEITURA 2002 - RUY CASTRO	9/5/2002
IDÉIAS	A CULTURA DA FAVELA - CICLO DE DEBATES	9/5/2002
IDÉIAS	RODAS DE LEITURA 2002 - DRAUZIO VARELLA	6/6/2002
IDÉIAS	RODAS DE LEITURA 2002 - ELISA LUCINDA	4/7/2002
IDÉIAS	RODAS DE LEITURA 2002 - EDUARDO BUENO	8/8/2002
IDÉIAS	RODAS DE LEITURA 2002 - MÁRIO PRATA	5/9/2002
IDÉIAS	A POLÍTICA DA PALAVRA	13/9/2002

IDÉIAS	MATAR OU MORRER ! - CICLO DE PALESTRAS	19/9/2002
IDÉIAS	RODAS DE LEITURA 2002 - CARLOS DRUMMOND DE ANDRADE. COM ODETE LARA E AFFONSO ROMANO DE SANT'ANNA	3/10/2002
IDÉIAS	PRÁTICAS ESTÉTICAS CONTEMPORÂNEAS	8/10/2002
IDÉIAS	A ALEGRIA DE LER	15/10/2002
IDÉIAS	RABEQUEIROS - CICLO DE PALESTRAS	30/10/2002
IDÉIAS	EM BUSCA DO REI ARTUR	6/11/2002
IDÉIAS	RODAS DE LEITURA 2002 - JOÃO GILBERTO NOLL	7/11/2002
IDÉIAS	A ERA DOS FESTIVAIS - MESA-REDONDA	13/11/2002
IDÉIAS	A PAIXÃO SEGUNDO CLARICE: LEITURAS NA CONTRALUZ	21/11/2002
IDÉIAS	RODAS DE LEITURA 2002 - ZUENIR VENTURA	5/12/2002
IDÉIAS	RODAS DE LEITURA 2002 - NATAL	18/12/2002
IDÉIAS	O CINEMA DE JULIO BRESSANE - CURSO	15/10 A 17/12/2002
IDÉIAS	A TRILHA E O TEMPO DE SÉRGIO BUARQUE DE HOLANDA	16 A 18/04/2002
IDÉIAS	MOSTRA SUL DA POESIA LATINO-AMERICANA	18 A 20/06/2002
IDÉIAS	DIÁLOGOS - MÚSICA SEM FRONTEIRAS - WORKSHOP	21 E 28/08/2002
IDÉIAS	BELLE ÉPOQUE E MODERNIDADE - PARIS RIO 1900	21/05 A 04/07/2002
IDÉIAS	SOMOS TODOS PÓS-ROMÂNTICOS ?	24 A 27/09/2002
INFANTO-JUVENIL	SESSÃO CRIANÇA 2002	24/6/1905
INFANTO-JUVENIL	FÉRIAS NO CCB 2002	27/1/2002
INFANTO-JUVENIL	MARATONINHA DE CINEMA - SESSÃO CRIANÇA ESPECIAL	13/10/2002
MÚSICA	O SAMBA AGRADECE	27/1/2002
MÚSICA	FREVENDO O FREVO	29/1/2002
MÚSICA	MÚSICA NA SEMANA DE 22	26/2/2002
MÚSICA	QUINTETO VILLA-LOBOS - 40 ANOS DE MÚSICA BRASILEIRA	26/3/2002
MÚSICA	SAX APPEAL	30/4/2002
MÚSICA	O CONCERTO PARA PIANO	28/5/2002
MÚSICA	MÚSICA NA BELLE ÉPOQUE	25/6/2002
MÚSICA	4 X JAZZ	28/7/2002
MÚSICA	PIAZZOLA - TANGO E PAIXÃO	30/7/2002
MÚSICA	DIÁLOGOS - MÚSICA SEM FRONTEIRAS	27/8/2002
MÚSICA	A GUERRA DOS ROMÂNTICOS	24/9/2002
MÚSICA	VIVA LA MAMMA	29/9/2002
MÚSICA	RABEQUEIROS	29/10/2002
MÚSICA	A ERA DOS FESTIVAIS	26/11/2002
MÚSICA	ORQUESTRA SINFÔNICA BRASILEIRA	22/12/2002
MÚSICA	SEMANA SANTA - ORATÓRIO DE PÁScoa - VICTIMAE PASCHALI	27 A 31/03/2002
PROGRAMA EDUCATIVO	CONVERSAS COM A OBRA - JOGOS INTERPRETATIVOS	24/6/1905
PROGRAMA EDUCATIVO	LABORATÓRIO DE CRIAÇÃO - COLEÇÃO FADEL, GRÁFICA UTÓPICA, JAC LEIRNER	24/6/1905
PROGRAMA EDUCATIVO	HISTÓRIAS COM A ARTE - O BRASIL DESCOBRINDO O BRASIL E CONTOS RUSSOS	31/3/2002
PROGRAMA EDUCATIVO	PROGRAMA PARA PROFESSORES	25/4/2002
PROGRAMA EDUCATIVO	HISTÓRIAS COM A ARTE - O BRASIL DESCOBRINDO O BRASIL: O MENINO VILLA-LOBOS	30/4/2002
PROGRAMA EDUCATIVO	PARIS 1900	30/6/2002

PROGRAMA EDUCATIVO	O JECA VOADOR E A CORTE CELESTE	09/03 A 30/06/2002
PROGRAMA EDUCATIVO	NA VIAGEM DO CORDEL	09/10 A 03/11/2002
TEATRO	OS SETE AFLUENTES DO RIO OTA	10/10 A 15/12/2002
TEATRO	LONGA JORNADA DE UM DIA NOITE ADENTRO	11/07 A 22/09/2002
TEATRO	A PAIXÃO SEGUNDO GH	11/10 A 15/12/2002
TEATRO	ELIS, ESTRELA DO BRASIL	17/01 A 07/04/2002
TEATRO	CASA DE BONECA	25/04 A 30/06/2002

2003

Segmento	Título	Data
CINEMA/VÍDEO	ENCONTRO COM O CINEMA BRASILEIRO - JOSÉ PADILHA	12/1/2003
CINEMA/VÍDEO	SEIS HISTÓRIAS BRASILEIRAS	12/1/2003
CINEMA/VÍDEO	MOSTRA DO FILME LIVRE 2003	16/2/2003
CINEMA/VÍDEO	OS IRMÃOS SALLES - JOÃO E WALTER: DOCUMENTARISTAS	16/3/2003
CINEMA/VÍDEO	É TUDO VERDADE 2003 - 8º FESTIVAL INTERNACIONAL DE DOCUMENTÁRIOS	13/4/2003
CINEMA/VÍDEO	O CINEMA E A ARQUITETURA DO SÉCULO XX	18/5/2003
CINEMA/VÍDEO	QUANDO A MÃE É A ESTRELA	18/5/2003
CINEMA/VÍDEO	CINESUL 2003	22/6/2003
CINEMA/VÍDEO	MOVIMENTOS IMPROVÁVEIS	10/7/2003
CINEMA/VÍDEO	ANIMA MUNDI 2003	20/7/2003
CINEMA/VÍDEO	IMPECÁVEL ! ESTRELANDO GREGORY PECK	10/8/2003
CINEMA/VÍDEO	BOTÍN DE GUERRA	10/8/2003
CINEMA/VÍDEO	DOWNTOWN 81	10/8/2003
CINEMA/VÍDEO	ASSIM VIVEMOS 2003 - FESTIVAL INTERNACIONAL DE FILMES SOBRE DEFICIÊNCIA	17/8/2003
CINEMA/VÍDEO	INÉDITOS NO RIO 2003	7/9/2003
CINEMA/VÍDEO	DAVID NEVES: MUITO PRAZER	21/9/2003
CINEMA/VÍDEO	NOVÍSSIMO CINEMA DINAMARQUÊS	12/10/2003
CINEMA/VÍDEO	ARTE DA ÁFRICA: O CINEMA DO SÉCULO XXI	16/11/2003
CINEMA/VÍDEO	MIX BRASIL - FESTIVAL DA DIVERSIDADE SEXUAL	14/12/2003
CINEMA/VÍDEO	CIRCUITO BRASIL DE CINEMA	9/10/2007
CINEMA/VÍDEO	RETROSPECTIVA PREMIADOS - É TUDO VERDADE	01 E 02/04/2003
CINEMA/VÍDEO	AMOR E FAMA	14 A 19/01/2003
CINEMA/VÍDEO	BUÑUEL MEXICANO	14 A 19/10/2003
CINEMA/VÍDEO	ENCONTRO COM O CINEMA BRASILEIRO - ALEXANDRE BORGES	15 A 20/04/2003
CINEMA/VÍDEO	DANÇA BRASIL - MOSTRA DE VÍDEO	15 A 20/04/2003
CINEMA/VÍDEO	ENCONTRO COM O CINEMA BRASILEIRO - HELENA IGNEZ	16 A 21/12/2003
CINEMA/VÍDEO	ENCONTRO COM O CINEMA BRASILEIRO - LÁZARO RAMOS	18 A 23/02/2003
CINEMA/VÍDEO	ENCONTRO COM O CINEMA BRASILEIRO - DIRA PAES	18 A 23/11/2003
CINEMA/VÍDEO	MIRAGENS DO SERTÃO	18 A 30/03/2003
CINEMA/VÍDEO	O JAPÃO NO FEMININO	19 A 24/08/2003
CINEMA/VÍDEO	ENCONTRO COM O CINEMA BRASILEIRO - MATHEUS NACHTERGAELE	20 A 25/05/2003
CINEMA/VÍDEO	INÉDITOS NO RIO ESPECIAL	21 A 26/01/2003
CINEMA/VÍDEO	ARTE DA ÁFRICA: ENCONTRO COM O CINEMA BRASILEIRO - LULA BUARQUE DE HOLLANDA E RENATO BARBIERI	21 A 26/10/2003

CINEMA/VÍDEO	ENCONTRO COM O CINEMA BRASILEIRO - ANA MARIA MAGALHÃES	22 A 27/07/2003
CINEMA/VÍDEO	NOVOS RUMOS - NOVOS CINEASTAS	22/04 A 04/05/2003
CINEMA/VÍDEO	ENCONTRO COM O CINEMA BRASILEIRO - ANNA MUylaERT	23 A 28/09/2003
CINEMA/VÍDEO	ENCONTRO COM O CINEMA BRASILEIRO - PAULO JOSÉ	24 A 29/06/2003
CINEMA/VÍDEO	SELEÇÃO ESPECIAL DE EDIÇÕES ANTERIORES DA MOSTRA CURTA CINEMA	25 A 27/11/2003
CINEMA/VÍDEO	ALÔ, ALÔ CARNAVAL	25 A 28/02/2003
CINEMA/VÍDEO	MUSICAIS DOS ANOS 30	25 A 28/02/2003
CINEMA/VÍDEO	ENCONTRO COM O CINEMA BRASILEIRO - ROSEMBERG CARIRY	25 A 30/03/2003
CINEMA/VÍDEO	ENCONTRO COM O CINEMA BRASILEIRO - JOSÉ MOJICA MARINS	26 A 31/08/2003
CINEMA/VÍDEO	VIII FESTIVAL BRASILEIRO DE CINEMA UNIVERSITÁRIO	27/05 A 08/06/2003
CINEMA/VÍDEO	NA ESTRADA COM KIAROSTAMI	28/01 A 02/02/2003
CINEMA/VÍDEO	FILME FASHION - GRANDES ESTILISTAS NO CINEMA	28/10 A 02/11/2003
CINEMA/VÍDEO	13ª MOSTRA CURTA CINEMA	28/11 A 07/12/2003
CINEMA/VÍDEO	A NOITE ANTES DA IMAGEM - EM MEMÓRIA DA DRA. NISE DA SILVEIRA	29/07 A 03/08/2003
CINEMA/VÍDEO	VER CIÊNCIA 2003	30/09 A 05/10/2003
DANÇA	COMUNIDADE DAS ARTES	18/5/2003
EVENTO	PINDORAMA E O RATO - COLEÇÃO SIRICUTICO	24/5/2003
EVENTO	ET EU TU - ARNALDO ANTUNES	24 E 25/05/2003
EVENTO	PERFORMANCE - ARNALDO ANTUNES	24 E 25/05/2003
EXPOSIÇÃO	RETRATOS DA LIDA - PEQUENO ÁLBUM DO TRABALHADOR BRASILEIRO	31/5/2003
EXPOSIÇÃO	FLUXUS - O QUE É FLUXUS ? O QUE NÃO É ! O PORQUÊ	11/02 A 06/04/2003
EXPOSIÇÃO	3 TELAS	11/02 A 06/04/2003
EXPOSIÇÃO	ARTE DA ÁFRICA	14/10/2003 A 04/01/2004
EXPOSIÇÃO	EMMANUEL NASSAR - A POESIA DA GAMBIARRA	15/07 A 21/09/2003
EXPOSIÇÃO	ARTEFOTO	17/12/2002 A 28/02/2003
EXPOSIÇÃO	REMBRANDT E A ARTE DA GRAVURA	18/03 A 04/05/2003
EXPOSIÇÃO	MOVIMENTOS IMPROVÁVEIS - O EFEITO CINEMA NA ARTE CONTEMPORÂNEA	20/05 A 13/07/2003
EXPOSIÇÃO	CELEIDA TOSTES - ARTE DO FOGO, DO SAL E DA PAIXÃO	29/04 A 29/06/2003
EXPOSIÇÃO	VER ZANINE	29/04 A 29/06/2003
EXPOSIÇÃO	MARIO CRAVO NETO - NA TERRA SOB MEUS PÉS	29/07 A 21/09/2003
EXPOSIÇÃO	ROSÂNGELA RENNÓ - O ARQUIVO UNIVERSAL E OUTROS ARQUIVOS	29/07 A 21/09/2003
IDÉIAS	ARTEFOTO: DEBATE SOBRE A RELAÇÃO ENTRE ARTE E FOTOGRAFIA	7/1/2003
IDÉIAS	RODAS DE LEITURA 2003 - LYGIA BOJUNGA	9/1/2003
IDÉIAS	RODAS DE LEITURA 2003 - FIÓDOR DOSTOIÉVSKI. COM PAULO BEZERRA	6/2/2003
IDÉIAS	RODAS DE LEITURA 2003 - OS SERTÕES DE EUCLIDES DA CUNHA. COM NICOLAU SEVCENKO	13/3/2003
IDÉIAS	MIRAGENS DO SERTÃO - MESA-REDONDA	19/3/2003
IDÉIAS	EU ASSINO EMBAIXO: BIOGRAFIA, MEMÓRIA E CULTURA	30/3/2003
IDÉIAS	RODAS DE LEITURA 2003 - SÉRGIO SANT'ANNA	3/4/2003
IDÉIAS	A ARTE E A CIÊNCIA COMO MEIOS DE CONHECIMENTO: O LEGADO DE FAYGA OSTROWER	25/4/2003
IDÉIAS	RODAS DE LEITURA 2003 - HISTÓRIAS DE TERROR E DE CRIME. COM FLÁVIO MOREIRA DA COSTA	8/5/2003
IDÉIAS	A INVENÇÃO DA CIDADE NA AMÉRICA LATINA	9/5/2003
IDÉIAS	RODAS DE LEITURA 2003 - LUIZ RUFFATO	5/6/2003

IDÉIAS	RODAS DE LEITURA 2003 - VINÍCIUS DE MORAIS. COM GERALDO CARNEIRO	3/7/2003
IDÉIAS	RODAS DE LEITURA 2003 - EUGENIO MONTALE. COM IVO BARROSO	7/8/2003
IDÉIAS	POP OU KITSCH: APROPRIAÇÕES NA PINTURA DO BRASIL	21/8/2003
IDÉIAS	RODAS DE LEITURA 2003 - ROBERTO PIVA, CHACAL, GLAUCO MATTOSO E JORGE SALOMÃO	4/9/2003
IDÉIAS	A NOVA ONDA DO CINEMA DINAMARQUÊS: "DOGMA OU PÓS-DOGMA"	8/10/2003
IDÉIAS	ARTE DA ÁFRICA - RODAS DE LEITURA 2003 - AHMADOU KOUROUMA	16/10/2003
IDÉIAS	ARTE DA ÁFRICA - RODAS DE LEITURA 2003 - NURUDDIN FARAH	6/11/2003
IDÉIAS	ARTE DA ÁFRICA - REFLETINDO A ÁFRICA	14/11/2003
IDÉIAS	ARTE DA ÁFRICA - RODAS DE LEITURA 2003 - ARTUR PESTANA, PEPETELA	4/12/2003
IDÉIAS	II ENCONTRO INTERNACIONAL DE TELEVISÃO	04 E 05/12/2003
IDÉIAS	REPRESENTAÇÕES DO SERTÃO NO CINEMA BRASILEIRO - CURSO	04/04 A 09/05/2003
IDÉIAS	QUEM TEM MEDO DE GUIMARÃES ROSA ? INTRODUÇÃO À LEITURA DE GRANDE SERTÃO: VEREDAS	06/08 A 10/09/2003
IDÉIAS	POETAS QUE PENSARAM O MUNDO	14/10 A 06/11/2003
IDÉIAS	CANTANDO A POESIA - CICLO DE PALESTRAS	15 A 29/05/2003
IDÉIAS	ANIMA MUNDI 2003 - CICLO DE PALESTRAS	16 A 18/07/2003
IDÉIAS	ARTE DA ÁFRICA - CICLO DE PALESTRAS	18/10 A 06/12/2003
IDÉIAS	MOVIMENTOS IMPROVÁVEIS - O EFEITO CINEMA NA ARTE CONTEMPORÂNEA - CICLO DE PALESTRAS	20 E 21/05/2003
IDÉIAS	EISENSTEIN NO MÉXICO	20 E 21/06/2003
IDÉIAS	MOSTRA DO FILME LIVRE - OFICINA	21 A 31/01/2003
IDÉIAS	WORKSHOP COM O THÉÂTRE TALIPOT	22 A 24/10/2003
IDÉIAS	ARTE DA ÁFRICA: CURSO DE INTRODUÇÃO À HISTÓRIA DA ÁFRICA E DA CULTURA AFRO-BRASILEIRA	22/10 A 12/11/2003
IDÉIAS	VANGUARDAS LITERÁRIAS DA AMÉRICA LATINA	24 A 26/06/2003
IDÉIAS	DANÇA BRASIL - DANÇA É PARA SE OUVIR	26 E 27/04/2003
IDÉIAS	O CINEMA COMO EXPRESSÃO CULTURAL	27 A 29/05/2003
INFANTO-JUVENIL	BRINCAR É BOM E EU GOSTO	09/01 A 02/02/2003
INFANTO-JUVENIL	LEIO PORQUE QUERO	10/09 A 05/10/2003
MÚSICA	O CARNAVAL DAS GATAS	23/2/2003
MÚSICA	PARTIDO ALTO - SAMBA DE FATO	25/2/2003
MÚSICA	OS NOVOS DO TERCEIRO MILÊNIO	29/4/2003
MÚSICA	CANTANDO A POESIA	27/5/2003
MÚSICA	A MÚSICA E A REALEZA	24/6/2003
MÚSICA	O HOMEM DOS CROCODILOS	29/6/2003
MÚSICA	OBRAS RARAS 2003	29/7/2003
MÚSICA	MIIC - MOSTRA INTERNACIONAL INSTRUMENTAL CONTEMPORÂNEA	26/8/2003
MÚSICA	O ÚLTIMO DIA	31/8/2003
MÚSICA	SAMBALANÇO	30/9/2003
MÚSICA	CONCERTOS DE CABARÉ	28/10/2003
MÚSICA	VIOLA TURBINADA	25/11/2003
MÚSICA	ARTE DA ÁFRICA - MÚSICA	30/11/2003
MÚSICA	ARTE DA ÁFRICA - BRASIL	20/12/2003
MÚSICA	CONCERTOS DE NATAL 2003	30/12/2003
MÚSICA	TRANSGRESSORES	11/03 A 01/04/2003

MÚSICA	CONCERTOS DE PÁScoa 2003	17 A 20/04/2003
PROGRAMA EDUCATIVO	ARTE, CULTURA E CIDADANIA	11/03 A 29/12/2003
TEATRO	AUTO DA ESTRELA GUIA	21/12/2003
TEATRO	ELOGIO DA LOUCURA	04/04 A 01/06/2003
TEATRO	D.JOÃO VI	09/01 A 30/03/2003
TEATRO	CREDORES	13/09 A 26/10/2003
TEATRO	A VIOLÊNCIA DA CIDADE	13/11 A 21/12/2003
TEATRO	ARTE DA ÁFRICA - PERFORMANCE	14/10/2003 A 04/01/2004
TEATRO	ARTE DA ÁFRICA - TEATRO	15/10 A 02/11/2003
TEATRO	COMO EU APRENDI A DIRIGIR UM CARRO	16/10 A 21/12/2003
TEATRO	DESERTO ILUMINADO	17/07 A 28/09/2003
TEATRO	FEROCIDADE	24/07 A 31/08/2003

2004

Segmento	Título	Data
CINEMA/VÍDEO	MOSTRA DO FILME LIVRE 2004	15/2/2004
CINEMA/VÍDEO	A TELA ABERTA: ILUSÕES DA DEMOCRACIA	14/3/2004
CINEMA/VÍDEO	CINE SHAKESPEARE	11/4/2004
CINEMA/VÍDEO	RETROSPECTIVA CACÁ DIEGUES	16/5/2004
CINEMA/VÍDEO	CINESUL 2004 - FESTIVAL LATINO-AMERICANO DE CINEMA E VÍDEO	20/6/2004
CINEMA/VÍDEO	CINEMA NACIONAL LEGENDADO 2004	26/6/2004
CINEMA/VÍDEO	MÚSICA LÍRICA NO CINEMA	29/6/2004
CINEMA/VÍDEO	ANIMA MUNDI 2004 - 12º FESTIVAL INTERNACIONAL DE ANIMAÇÃO DO BRASIL	18/7/2004
CINEMA/VÍDEO	DE OLHOS BEM ABERTOS 2004 - 2ª MOSTRA INTERNACIONAL DE CINEMA ENGAJADO	5/8/2004
CINEMA/VÍDEO	NELSON RODRIGUES E O CINEMA: TRADUÇÕES - TRAIÇÕES	19/9/2004
CINEMA/VÍDEO	SUPERSÔNICA - DOCUMENTÁRIOS SOBRE MÚSICA ELETRÔNICA	7/11/2004
CINEMA/VÍDEO	NOSSA GENTE DE RUA	7/11/2004
CINEMA/VÍDEO	ENCONTRO COM O CINEMA BRASILEIRO - FILME POLICIAL	14/11/2004
CINEMA/VÍDEO	ANTES: A PRÉ-HISTÓRIA NA TV	14/11/2004
CINEMA/VÍDEO	ENCONTRO COM O CINEMA BRASILEIRO - MELODRAMA	13 A 17/10/2004
CINEMA/VÍDEO	PARA SEMPRE AMADEUS	13 A 18/01/2004
CINEMA/VÍDEO	ENCONTRO COM O CINEMA BRASILEIRO - PERIFERIAS URBANAS	13 A 18/04/2004
CINEMA/VÍDEO	ENCONTRO COM O CINEMA BRASILEIRO 2004 - RELIGIÃO	14 A 19/12/2004
CINEMA/VÍDEO	ENCONTRO COM O CINEMA BRASILEIRO - O FILME ÉPICO	16 A 21/03/2004
CINEMA/VÍDEO	MIX BRASIL 2004 - 12º FESTIVAL DE CINEMA E VÍDEO DA DIVERSIDADE SEXUAL	16 A 28/11/2004
CINEMA/VÍDEO	ENCONTRO COM O CINEMA BRASILEIRO 2004 - A INVENÇÃO DO CINEMA	17 A 20/02/2004
CINEMA/VÍDEO	RETROSPECTIVA ROBERT GUÉDIGUIAN	17 A 22/08/2004
CINEMA/VÍDEO	ENCONTRO COM O CINEMA BRASILEIRO - O MUSICAL BRASILEIRO	18 A 23/05/2004
CINEMA/VÍDEO	HECTOR BABENCO: UM OLHAR POÉTICO SOBRE A MARGINALIDADE	19 A 31/10/2004
CINEMA/VÍDEO	F PARA FALSO - MOSTRA INTERNACIONAL DE PSEUDODOCUMENTÁRIOS	20 A 25/01/2004
CINEMA/VÍDEO	MOSTRA VÍDEO NAS ALDEIAS: UM OLHAR INDÍGENA	20 A 25/04/2004
CINEMA/VÍDEO	ENCONTRO COM O CINEMA BRASILEIRO - FUTEBOL	20 A 25/07/2004
CINEMA/VÍDEO	CINEMA POLICIAL FRANCÊS	20/01 A 01/02/2004

CINEMA/VÍDEO	ENCONTRO COM O CINEMA BRASILEIRO - CINEBIOGRAFIAS	21 A 26/09/2004
CINEMA/VÍDEO	ENCONTRO COM O CINEMA BRASILEIRO - EROTISMO	22 A 27/06/2004
CINEMA/VÍDEO	É TUDO VERDADE - 9º FESTIVAL INTERNACIONAL DE DOCUMENTÁRIOS	23/03 A 04/04/2004
CINEMA/VÍDEO	ENCONTRO COM O CINEMA BRASILEIRO - COMEDIANTES	24 A 29/08/2004
CINEMA/VÍDEO	O CINEMA SEM PALAVRAS	24/04 A 02/05/2004
CINEMA/VÍDEO	9º FESTIVAL BRASILEIRO DE CINEMA UNIVERSITÁRIO	25/05 A 06/06/2004
CINEMA/VÍDEO	MOSTRA PRÊMIO ACIE	26 A 29/02/2004
CINEMA/VÍDEO	PINTANDO NO CINEMA	27/01 A 01/02/2004
CINEMA/VÍDEO	MOSTRA MELHORES DO FIC BRASÍLIA	27/07 A 01/08/2004
CINEMA/VÍDEO	REPENSANDO KEN LOACH	28/09 A 10/10/2004
CINEMA/VÍDEO	ANTES DA FAMA	29/06 A 04/07/2004
CINEMA/VÍDEO	CURTA CINEMA 2004	30/11 A 12/12/2004
CINEMA/VÍDEO	VER CIÊNCIA ANO 10	31/08 A 12/09/2004
DANÇA	DANÇA BRASIL 2004	08/04 A 02/05/2004
EXPOSIÇÃO	ANTES - HISTÓRIAS DA PRÉ-HISTÓRIA	12/10/2004 A 09/01/2005
EXPOSIÇÃO	ONDE ESTÁ VOCÊ, GERAÇÃO 80?	13/07 A 26/09/2004
EXPOSIÇÃO	YANOMAMI - O ESPÍRITO DA FLORESTA	20/04 A 20/06/2004
EXPOSIÇÃO	TICUNA - PINTURAS DA FLORESTAS	20/04 A 20/06/2004
EXPOSIÇÃO	EDUARDO SUED - A EXPERIÊNCIA DA PINTURA	20/07 A 26/09/2004
EXPOSIÇÃO	FOTÓGRAFOS BRASILEIROS - RIO DE JANEIRO	21/01 A 07/03/2004
EXPOSIÇÃO	ANDY WARHOL - POLARÓIDES	27/01 A 14/03/2004
EXPOSIÇÃO	KEITH HARING	27/01 A 14/03/2004
EXPOSIÇÃO	CARNAVAL	27/01 A 28/03/2004
EXPOSIÇÃO	FACCHINETTI	30/03 A 06/06/2004
IDÉIAS	RODAS DE LEITURA 2004 - MARÇAL AQUINO	15/1/2004
IDÉIAS	OFICINA DO FILME LIVRE	23/1/2004
IDÉIAS	KEITH HARING & ANDY WARHOL - PALESTRA	27/1/2004
IDÉIAS	RODAS DE LEITURA 2004 - LÍVIA GARCIA-ROZA	5/2/2004
IDÉIAS	LÍRICA E RESISTÊNCIA - A VOZ DO SAMBA	12/2/2004
IDÉIAS	RODAS DE LEITURA 2004 - EDUARDO GALEANO	4/3/2004
IDÉIAS	A ARTE DA CRÍTICA	19/3/2004
IDÉIAS	ENCONTRO COM A TELEVISÃO BRASILEIRA - GUEL ARRAES	31/3/2004
IDÉIAS	RODAS DE LEITURA 2004 - FABRÍCIO CARPINEJAR	15/4/2004
IDÉIAS	A DANÇA E SEUS MITOS	27/4/2004
IDÉIAS	ENCONTROS COM A TELEVISÃO BRASILEIRA - DENNIS CARVALHO	28/4/2004
IDÉIAS	RODAS DE LEITURA 2004 - PAULO HENRIQUES BRITTO E CLAUDIA ROQUETTE-PINTO	6/5/2004
IDÉIAS	ENCONTRO COM A TELEVISÃO BRASILEIRA - FERNANDO BARBOSA LIMA	26/5/2004
IDÉIAS	RODAS DE LEITURA 2004 - MIODRAG PÁVLOVITCH	3/6/2004
IDÉIAS	ENCONTRO COM A TELEVISÃO BRASILEIRA - ROBERTO TALMA	30/6/2004
IDÉIAS	RODAS DE LEITURA 2004 - LUIZ ALFREDO GARCIA-ROZA	1/7/2004
IDÉIAS	ENCONTROS LITERÁRIOS (ARGENTINA / ESPANHA)	13/7/2004
IDÉIAS	ENCONTROS COM A TELEVISÃO BRASILEIRA - MARCELO TAS	28/7/2004
IDÉIAS	RODAS DE LEITURA 2004 - EUGÊNIO BUCCI	19/8/2004
IDÉIAS	ENCONTRO COM A TELEVISÃO BRASILEIRA - LAURO CÉSAR MUNIZ	25/8/2004

IDÉIAS	ONDE ESTÁ VOCÊ, GERAÇÃO 80 ? - MESA-REDONDA	14/9/2004
IDÉIAS	RODAS DE LEITURA 2004 - ATIQ RAHIMI	16/9/2004
IDÉIAS	ENCONTROS COM A TELEVISÃO BRASILEIRA - GLÓRIA MARIA	29/9/2004
IDÉIAS	RODAS DE LEITURA 2004 - JOSÉ MINDLIN	19/10/2004
IDÉIAS	ANTES - HISTÓRIAS DA PRÉ-HISTÓRIA. CICLO DE PALESTRAS	21/10/2004
IDÉIAS	ENCONTROS COM A TELEVISÃO BRASILEIRA - CHICO ANYSIO	27/10/2004
IDÉIAS	RODAS DE LEITURA 2004 - JULIO CORTÁZAR	4/11/2004
IDÉIAS	SEMINÁRIO HUTÚZ 2004	11/11/2004
IDÉIAS	CURTA CINEMA 2004 - WORKSHOPS	10/12/2004
IDÉIAS	RODAS DE LEITURA 2004 - MARINA COLASANTI	16/12/2004
IDÉIAS	MULHER EM AÇÃO - DO AMOR NASCE A PAZ	06 E 07/03/2004
IDÉIAS	MÚSICA EM CONVERSA	06/08 A 19/11/2004
IDÉIAS	NELSON RODRIGUES E O CINEMA: TRADUÇÕES - TRAIÇÕES. PALESTRAS	08 E 09/09/2004
IDÉIAS	OS SERTÕES: UMA EPOPEIA DOS VENCIDOS	11/08 A 15/09/2004
IDÉIAS	ANIMA MUNDI 2004 - CICLO DE PALESTRAS	13 A 17/07/2004
IDÉIAS	OITO VISÕES DA AMÉRICA LATINA - PERTO DE UM MUNDO DISTANTE	15 A 25/06/2004
IDÉIAS	ESCOLA DE FRANKFURT	16 A 19/11/2004
IDÉIAS	A COZINHA DOS SENTIDOS	21 A 24/09/2004
IDÉIAS	PENSANDO 1964	23 A 26/03/2004
IDÉIAS	CULTURA E DESENVOLVIMENTO	23 A 26/11/2004
IDÉIAS	CARNAVAL - PALESTRA	27 A 29/01/2004
IDÉIAS	ESAU E JACÓ: CLÁSSICO / CONTEMPORÂNEO	29 E 30/07/2004
IDÉIAS	SUPERDEMO DIGITAL	30/11 A 02/12/2004
INFANTO-JUVENIL	CAIA NA GANDAIA	31/10/2004
INFANTO-JUVENIL	VERÃO COM ARTE	06/01 A 08/02/2004
MÚSICA	LAMARTINE EM REVISTA	27/1/2004
MÚSICA	ANJOS DA VELHA GUARDA	18/2/2004
MÚSICA	ATÉ PINICO DÁ BOM SOM	30/3/2004
MÚSICA	CENTENÁRIO DVORÁK	27/4/2004
MÚSICA	PARTIDOS MUSICAIS DO SÉCULO XX	25/5/2004
MÚSICA	HIP HOP LATINO-AMERICANO	30/6/2004
MÚSICA	JUVENTUDE CLÁSSICA	31/8/2004
MÚSICA	LUPICÍNIO	28/9/2004
MÚSICA	AS CORES DA MÚSICA / A MÚSICA DAS CORES	26/10/2004
MÚSICA	SEM FRONTEIRAS	30/11/2004
MÚSICA	VIOLAS DO BRASIL	28/12/2004
MÚSICA	FORRÓ DE CABO A RABO	06/07 A 03/08/2004
MÚSICA	ISTO É MÚSICA (?/!)	11/11 A 05/12/2004
MÚSICA	BRASIL DE TODOS OS SAMBAS	22/01 A 15/02/2004
MÚSICA	AM AHL E OS VISITANTES DA NOITE	24/11 A 19/12/2004
PROGRAMA EDUCATIVO	CCBB 15 ANOS - MARATONA DAS ARTES	12/10/2004
PROGRAMA EDUCATIVO	O MENINO PIZINDIM - A MÚSICA DE PIXINGUINHA PARA CRIANÇAS	12/10/2004
TEATRO	UMA COISA QUE NÃO TEM NOME (E QUE SE PERDEU)	22/8/2004

TEATRO	NOTÍCIAS CARIOCAS	02/07 A 12/09/2004
TEATRO	OBRIGADO, CARTOLA !	08/01 A 28/03/2004
TEATRO	COMOÇÃO	09/01 A 08/02/2004
TEATRO	MACBETH	10/04 A 02/05/2004
TEATRO	SONHOS DE UMA NOITE DE VERÃO	14/04 A 20/06/2004
TEATRO	VEM BUSCAR-ME QUE AINDA SOU TEU	14/05 A 13/06/2004
TEATRO	POR DENTRO DE OTHELO	20/04 A 02/05/2004
TEATRO	AS CADEIRAS	20/05 A 11/06/2004
TEATRO	AS PEQUENAS RAPOSAS	23/09 A 12/12/2004
TEATRO	MINH'ALMA É IMORTAL	27 A 29/08/2004
TEATRO	DEVE HAVER ALGUM SENTIDO EM MIM QUE BASTA	29/07 A 19/09/2004

2005

Segmento	Título	Data
CINEMA/VÍDEO	ENCONTRO COM O CINEMA BRASILEIRO 2005 - DOCUMENTÁRIOS NOVOS	9/1/2005
CINEMA/VÍDEO	OUTROS RUMOS - A REIVENÇÃO DO ROAD MOVIE	16/1/2005
CINEMA/VÍDEO	CINEMA NO CARNAVAL - SEGUNDA CHANCE	13/2/2005
CINEMA/VÍDEO	ARTE E CULTURA CONTEMPORÂNEA EM VÍDEO	13/2/2005
CINEMA/VÍDEO	MESTRES DO CINEMA - ALFRED HITCHCOCK	6/3/2005
CINEMA/VÍDEO	COMO ELIMINAR OS HOMENS DA FACE DA TERRA	13/3/2005
CINEMA/VÍDEO	PRÊMIO ACIE DE CINEMA	13/3/2005
CINEMA/VÍDEO	É TUDO VERDADE 2005 - 10º FESTIVAL INTERNACIONAL DE DOCUMENTÁRIOS	10/4/2005
CINEMA/VÍDEO	EXPRESSIONISMO REVISITADO	24/4/2005
CINEMA/VÍDEO	CINEASTA DE ALMA CORSÁRIA - RETROSPECTIVA 40 ANOS DE CARLOS REICHENBACH	5/5/2005
CINEMA/VÍDEO	POR DENTRO DO OLHAR NA IMAGEM EM MOVIMENTO - MOSTRA DE VÍDEOS SOBRE FOTOGRAFIA COM DEBATES	3/6/2005
CINEMA/VÍDEO	TERROR DO JAPÃO - SUSPENSE NO PAÍS DO SOL NASCENTE	12/6/2005
CINEMA/VÍDEO	ANIMA MUNDI 2005	17/7/2005
CINEMA/VÍDEO	A INESQUECÍVEL JEANETTE MACDONALD	26/7/2005
CINEMA/VÍDEO	A RÚSSIA NA 2ª GUERRA	7/8/2005
CINEMA/VÍDEO	ASSIM VIVEMOS 2005 - FESTIVAL INTERNACIONAL DE FILMES SOBRE DEFICIÊNCIA	21/8/2005
CINEMA/VÍDEO	PAULO JOSÉ - 40 ANOS DE CINEMA	18/9/2005
CINEMA/VÍDEO	NOVÍSSIMO CINEMA NÓRDICO	16/10/2005
CINEMA/VÍDEO	RETROSPECTIVA ROGÉRIO SGANZERLA - CINEMA DO CAOS	13/11/2005
CINEMA/VÍDEO	DEANNA DURBIN: UM RAIO DE SOL	29/11/2005
CINEMA/VÍDEO	FESTIVAL DO MINUTO	7/12/2005
CINEMA/VÍDEO	ENCONTRO COM O CINEMA BRASILEIRO 2005 - PANORAMA DO BRASIL	11/12/2005
CINEMA/VÍDEO	MESTRES DO CINEMA - VITTORIO DE SICA	11/12/2005
CINEMA/VÍDEO	CINESUL 2005 - FESTIVAL LATINO-AMERICANO DE CINEMA E VÍDEO	14 A 26/06/2005
CINEMA/VÍDEO	PARATYCINE NO CCBB	15 A 17/11/2005
CINEMA/VÍDEO	ENCONTRO COM O CINEMA BRASILEIRO 2005 - CINEMA E POLÍTICA	15 A 20/03/2005
CINEMA/VÍDEO	MOSTRA DO FILME LIVRE 2005	15 A 27/02/2005
CINEMA/VÍDEO	OUTRAS VOZES E OUTROS OLHARES	15A 20/11/2005
CINEMA/VÍDEO	ENCONTRO COM O CINEMA BRASILEIRO 2005 - O NEGRO BRASILEIRO NA TELA	17 A 22/05/2005

CINEMA/VÍDEO	MESTRES DO CINEMA - FEDERICO FELLINI	17 A 22/05/2005
CINEMA/VÍDEO	A TERCEIRA IDADE NA TELA	18 A 23/01/2005
CINEMA/VÍDEO	POR TI AMÉRICA - TÃO PERTO, TÃO LONGE	18 A 30/10/2005
CINEMA/VÍDEO	ENCONTRO COM O CINEMA BRASILEIRO 2005 - O LIVRO NO CINEMA - ADAPTAÇÕES	19 A 24/07/2005
CINEMA/VÍDEO	ENCONTRO COM O CINEMA BRASILEIRO 2005 - NOVOS DIRETORES	20 A 25/09/2005
CINEMA/VÍDEO	BUSTER KEATON ATACA NOVAMNETE (EVENTO NÃO REALIZADO)	20 A 30/12/2005
CINEMA/VÍDEO	A PAIXÃO DE CRISTO SEGUNDO O CINEMA	22 A 27/03/2005
CINEMA/VÍDEO	MIX BRASIL 2005 - 13º FESTIVAL DE CINEMA E VÍDEO DA DIVERSIDADE SEXUAL	22/11 A 04/12/2005
CINEMA/VÍDEO	GRUPO DZIGA VERTOV	23 A 28/08/2005
CINEMA/VÍDEO	10º FESTIVAL BRASILEIRO DE CINEMA UNIVERSITÁRIO	24/05 A 05/06/2005
CINEMA/VÍDEO	MOSTRA OS MELHORES FILMES DO ANO - ACCRJ 2005	25 A 30/01/2005
CINEMA/VÍDEO	MESTRES DO CINEMA - LUCHINO VISCONTI	25 A 30/01/2005
CINEMA/VÍDEO	MESTRES DO CINEMA - ROBERTO ROSSELLINI	26 A 31/07/2005
CINEMA/VÍDEO	1º FESTIVAL DO MINUTO DO RIO DE JANEIRO	26 A 31/07/2005
CINEMA/VÍDEO	VLADIMIR 70	26/04 A 01/05/2005
CINEMA/VÍDEO	MESTRES DO CINEMA - PASOLINI	27/09 A 02/10/2005
CINEMA/VÍDEO	VER CIÊNCIA 2005 - ANO 11 - MOSTRA INTERNACIONAL DE CIÊNCIA NA TV	27/09 A 04/10/2005
CINEMA/VÍDEO	PUNK 30 ANOS	28/06 A 07/07/2005
CINEMA/VÍDEO	RETROSPECTIVA É TUDO VERDADE	29 A 31/03/2005
CINEMA/VÍDEO	ENCONTRO COM SONDHEIM	30/08 A 11/09/2005
CINEMA/VÍDEO	CINEMA NACIONAL LEGENDADO 2005	JAN A DEZ 2005
DANÇA	MOSTRA ARTE, DIVERSIDADE E INCLUSÃO SOCIOCULTURAL - DANÇA	13/5/2005
DANÇA	4 MOVIMENTOS - 2005	06/04 A 01/05/2005
EXPOSIÇÃO	MOSTRA ARTE, DIVERSIDADE E INCLUSÃO SOCIOCULTURAL - EXPOSIÇÃO COLETIVA DE ARTES VISUAIS	29/5/2005
EXPOSIÇÃO	ANTONI TÁPIES	01/02 A 10/04/2005
EXPOSIÇÃO	FARNESE (OBJETOS)	01/02 A 10/04/2005
EXPOSIÇÃO	ALEGORIA BARROCA NA ARTE CONTEMPORÂNEA - ARTES INTEGRADAS	06/05 A 03/07/2005
EXPOSIÇÃO	A HISTÓRIA DOS BRINQUEDOS	11/01 A 13/02/2005
EXPOSIÇÃO	POR TI AMÉRICA	11/10/2005 A 29/01/2006
EXPOSIÇÃO	IOLE DE FREITAS	12/07 A 11/09/2005
EXPOSIÇÃO	HENFIL DO BRASIL	19/04 A 26/06/2005
EXPOSIÇÃO	FOTOGRAFIA - SUPORTE DA MEMÓRIA E INSTRUMENTO DA FANTASIA	19/04 A 26/06/2005
EXPOSIÇÃO	CIRCUITO FECHADO - FILMES E VÍDEOS DE BRUCE NAUMAN (1967 - 2001)	19/07 A 18/09/2005
EXPOSIÇÃO	SÔNIA ANDRADE	19/07 A 18/09/2005
EXPOSIÇÃO	SOTO - A CONSTRUÇÃO DA IMATERIALIDADE	25/01 A 03/04/2005
EXPOSIÇÃO	MARY VIEIRA - O TEMPO DO MOVIMENTO	26/04 A 03/07/2005
EXPOSIÇÃO	CILDO MEIRELES - ALGUM DESENHO	26/04 A 03/07/2005
EXPOSIÇÃO	80 ANOS DE HISTÓRIAS NAS PÁGINAS DO GLOBO	26/07 A 11/09/2005
IDÉIAS	MULHER EM AÇÃO - MULHER, MORADIA E MEIO AMBIENTE	6/3/2005
IDÉIAS	O MUNDO MÁGICO DA ÓPERA	10/3/2005
IDÉIAS	CULTURA E LOUCURA	7/4/2005
IDÉIAS	GILLES DELEUZE	15/4/2005
IDÉIAS	MOSTRA ARTE, DIVERSIDADE E INCLUSÃO SOCIOCULTURAL -	6/5/2005

	CURSO DE MUSICOFRRAFIA BRAILE	
IDÉIAS	MOSTRA ARTE, DIVERSIDADE E INCLUSÃO SOCIOCULTURAL - SEMINÁRIO ARTE, EDUCAÇÃO E PESSOA COM DEFICIÊNCIA	7/5/2005
IDÉIAS	MOSTRA ARTE, DIVERSIDADE E INCLUSÃO SOCIOCULTURAL - 3º ENCONTRO DO CORPO DE DANÇA E NAS DIVERSIDADES	13/5/2005
IDÉIAS	MOSTRA ARTE, DIVERSIDADE E INCLUSÃO SOCIOCULTURAL - FÓRUM ARTE, EDUCAÇÃO E PESSOA COM DEFICIÊNCIA	27/5/2005
IDÉIAS	BLOOMSDAY	19/6/2005
IDÉIAS	O ROMANCE DE GRACILIANO RAMOS - VERTENTES	19/7/2005
IDÉIAS	5º PAINEL LEGENDA OCULTA NO BRASIL	4/10/2005
IDÉIAS	REPRESENTAÇÕES DA VIOLÊNCIA	7/10/2005
IDÉIAS	POR TI AMÉRICA - PALESTRAS	20/10/2005
IDÉIAS	CRÍTICA DA RAZÃO TEATRAL	26/10/2005
IDÉIAS	A INDESEJADA DAS GENTES: QUATRO CONVERSAS EM TORNO DA MORTE	11/11/2005
IDÉIAS	III FÓRUM NACIONAL DE DIREITOS HUMANOS	6/12/2005
IDÉIAS	JUNG E EU - CONFERÊNCIAS	05/07 A 16/08/2005
IDÉIAS	WORKSHOP VIVÊNCIAS ARQUETÍPICAS	07/07 A 25/08/2005
IDÉIAS	POR TI AMÉRICA - PERFORMANCE	11/10/2005 A 29/01/2006
IDÉIAS	SEMINÁRIO HUTÚZ 2005 - HIP HOP: CULTURA EM DISCUSSÃO	16 A 18/11/2005
IDÉIAS	A MELHOR LITERATURA DO MUNDO - PROSA, POESIA E TEATRO RUSSO	17 A 19/05/2005
IDÉIAS	POR TI AMÉRICA - A LITERATURA LATINO-AMERICANA DO SÉCULO XXI	18 A 21/10/2005
IDÉIAS	CONSERVAÇÃO PREVENTIVA DE ACERVOS BIBLIOGRÁFICOS: PROCEDIMENTOS TÉCNICOS	20 A 23/09/2005
IDÉIAS	CINESUL 2005 - SEMINÁRIOS	22 A 24/06/2005
IDÉIAS	LITERATURA BRASILEIRA EM DEBATE	22/03 A 22/11/2005
IDÉIAS	DOM QUIXOTE DE LA MANCHA: 400 ANOS DE LEITURA	26 A 31/07/2005
IDÉIAS	SEMINÁRIO EINSTEIN: CEM ANOS DE RELATIVIDADE	28 A 30/09/2005
IDÉIAS	V SEMINÁRIO DE PRODUÇÃO CULTURAL - TEATRO HOJE: CRISES E PERSPECTIVAS	28/09 A 02/10/2005
MÚSICA	DO OUTRO LADO DO CARNAVAL	25/1/2005
MÚSICA	SAMBA E HUMOR	30/1/2005
MÚSICA	NA PONTA DO VERSO	29/3/2005
MÚSICA	A MÚSICA DOS METAIS	26/4/2005
MÚSICA	MOSTRA ARTE, DIVERSIDADE E INCLUSÃO SOCIOCULTURAL - MÚSICA	29/5/2005
MÚSICA	QUARTETOS INTERNACIONAIS	31/5/2005
MÚSICA	ENCANTADEIRAS	28/6/2005
MÚSICA	É TEMPO DE BLUES	26/7/2005
MÚSICA	FESTA DE ARROMBA - 40 ANOS DA JOVEM GUARDA	28/8/2005
MÚSICA	UM BRASILEIRO CHAMADO ANTÔNIO CARLOS ... GOMES	30/8/2005
MÚSICA	DA FOSSA À BOSSA	27/9/2005
MÚSICA	VIAGENS MUSICAIS	25/10/2005
MÚSICA	SPECULUM BRASILIS	29/11/2005
MÚSICA	ORQUESTRAS POPULARES BRASILEIRAS	27/12/2005
MÚSICA	NATAL: ÍCONES DE UMA CELEBRAÇÃO	28/12/2005
MÚSICA	ISMAEL SILVA - DEIXA FALAR	01/02 A 01/03/2005
MÚSICA	DOM QUIXOTE E A DUQUESA	07/07 A 21/08/2005
PROGRAMA EDUCATIVO	VERAO COM ARTE 2005	30/1/2005

TEATRO	LADO A LADO COM SONDHEIM	01/09 A 20/11/2005
TEATRO	LOUISE BOURGEOIS - FAÇO, DESFAÇO, REFAÇO	06/01 A 27/03/2005
TEATRO	OS NEGROS	07/04 A 26/06/2005
TEATRO	ESTATUDO DE GAFIEIRA	08/09 A 23/10/2005
TEATRO	MARGUERITE DURAS	10/03 A 24/04/2005
TEATRO	A FARSA	10/11 A 18/12/2005
TEATRO	MOSTRA ARTE, DIVERSIDADE E INCLUSÃO SOCIOCULTURAL - TEATRO	14 A 22/05/2005
TEATRO	MIT - MOSTRA INTERNACIONAL DE TEATRO - AFTER EROS	16 E 17/06/2005
TEATRO	LAMPIÃO E MARIA BONITA	20/10 A 27/11/2005
TEATRO	MIT - MOSTRA INTERNACIONAL DE TEATRO - WHITE CABIN	21 A 23/06/2005
TEATRO	JUNG E EU	21/07 A 28/08/2005
TEATRO	MIT - MOSTRA INTERNACIONAL DE TEATRO - GEMELOS	22 E 23/06/2005
TEATRO	MENINOS DO MANGUE	24/09 A 23/10/2005
TEATRO	MIT - MOSTRA INTERNACIONAL DE TEATRO - SALT	25 E 26/06/2005

2006

Segmento	Título	Data
CINEMA/VÍDEO	CINEMA ARGENTINO - ARISTATAIN & AGRESTI	15/1/2006
CINEMA/VÍDEO	MOSTRA DO FILME LIVRE 2006	18/2/2006
CINEMA/VÍDEO	PROJETO 8 DE MARÇO - ELAS SÓ PENSAM NAQUILO	19/3/2006
CINEMA/VÍDEO	PRÊMIO ACIE DE CINEMA 2006	16/4/2006
CINEMA/VÍDEO	MOSTRA SEIJUN SUZUKI	16/4/2006
CINEMA/VÍDEO	FEMINA 2006	7/5/2006
CINEMA/VÍDEO	TODAS AS MÃES DO MUNDO	21/5/2006
CINEMA/VÍDEO	FESTIVAL BECKETT 100 ANOS - MOSTRA BECKETT ON FILM	13/8/2006
CINEMA/VÍDEO	VER CIÊNCIA 2006	17/9/2006
CINEMA/VÍDEO	ENCONTRO COM O CINEMA BRASILEIRO 2006 - FILMES DE BAIXO ORÇAMENTO	15/10/2006
CINEMA/VÍDEO	DANÇANDO E CANTANDO NO ESCURO	19/11/2006
CINEMA/VÍDEO	FACES DE JOHN CASSAVETES	17/12/2006
CINEMA/VÍDEO	ENCONTRO COM O CINEMA BRASILEIRO 2006 - CRIMES POLÍTICOS NO CINEMA	13 A 25/06/2006
CINEMA/VÍDEO	ANIMA MUNDI 2006 - 14º FESTIVAL INTERNACIONAL DE ANIMAÇÃO DO BRASIL	14 A 23/07/2006
CINEMA/VÍDEO	ENCONTRO COM O CINEMA BRASILEIRO 2006 - O TEATRO NO CINEMA - ADAPTAÇÕES	15 A 27/08/2006
CINEMA/VÍDEO	RIO 80 GRAUS - VERÃO CARIOCA ATRAVÉS DO CINEMA	17 A 22/01/2006
CINEMA/VÍDEO	ALEIJADINHO E SEUS CONTEMPORÂNEOS	17 A 29/10/2006
CINEMA/VÍDEO	JAPÃO - PAIXÃO, VIOLÊNCIA, FAMÍLIA E TRADIÇÃO	18 A 30/04/2006
CINEMA/VÍDEO	ENCONTRO COM O CINEMA BRASILEIRO 2006 - CINEMA DE ATITUDE	19 A 29/12/2006
CINEMA/VÍDEO	AS MUITAS FACES DE JECE VALADÃO	19/09 A 01/10/2006
CINEMA/VÍDEO	INÉDITOS NO RIO 2006	21/02 A 05/03/2006
CINEMA/VÍDEO	É TUDO VERDADE 2006 - 11º FESTIVAL INTERNACIONAL DE DOCUMENTÁRIO	21/03 A 02/04/2006
CINEMA/VÍDEO	MIX BRASIL 2006 - 14º FESTIVAL DE CINEMA E VÍDEO DA DIVERSIDADE SEXUAL	21/11 A 03/12/2006
CINEMA/VÍDEO	A REDONDA NO RETÂNGULO	23 A 28/05/2006
CINEMA/VÍDEO	MOSTRA OS MELHORES FILMES DO ANO - ACCRJ 2006	24/01 A 05/02/2006
CINEMA/VÍDEO	OS IRLANDESES - A LITERATURA DE JAMES JOYCE E O CINEMA DE CONFLITO	25/07 A 06/08/2006

CINEMA/VÍDEO	HAY QUE REIRSE, Y LLORAR TAMBIÉN - A COMÉDIA E O MELODRAMA NO CINEMA CUBANO	27/06 A 13/07/2006
CINEMA/VÍDEO	MOSTRA MAURICE CAPOVILLA	29/08 A 10/09/2006
CINEMA/VÍDEO	11º FESTIVAL BRASILEIRO DE CINEMA UNIVERSITÁRIO	30/05 A 11/06/2006
CINEMA/VÍDEO	FREUD 150 ANOS - O CINEMA NO DIVÃ	31/09 A 05/11/2006
CINEMA/VÍDEO	CINEMA NACIONAL LEGENDADO 2006	JAN A DEZ 2006
DANÇA	4 MOVIMENTOS - 2006	30/4/2006
EXPOSIÇÃO	ANISH KAPOOR - ASCENCION	01/08 A 17/09/2006
EXPOSIÇÃO	LUTA LIVRE - SEM LIMITES DE TEMPO	06/03 A 16/04/2006
EXPOSIÇÃO	LEONARDO KOSOY - DESORIENTE - O EU NÔMADE	07/02 A 16/04/2006
EXPOSIÇÃO	FUTEBOL - DESENHO SOBRE FUNDO VERDE	09/05 A 09/07/2006
EXPOSIÇÃO	DORA LONGO BAHIA - ESCALPO CARIOCA E OUTRAS CANÇÕES	14/02 A 23/04/2006
EXPOSIÇÃO	FRANZ ACKERMANN - ÁRVORES DOURADAS	14/02 A 23/04/2006
EXPOSIÇÃO	ALEIJADINHO E SEU TEMPO - FÉ, ENGENHO E ARTE	14/10/2006 A 11/02/2007
EXPOSIÇÃO	ARTE DE CUBA	16/05 A 26/07/2006
EXPOSIÇÃO	EROTICA - OS SENTIDOS NA ARTE	21/02 A 30/04/2006
EXPOSIÇÃO	CERÂMICA E PORCELANA DO JAPÃO - A GERAÇÃO EMERGENTE	25/04 A 21/05/2006
EXPOSIÇÃO	PRIMEIRO DE MARÇO, 66 - 100 ANOS	31/10/2006 A 18/02/2007
IDÉIAS	PALESTRA - ESCALPO CARIOCA E OUTRAS CANÇÕES	15/2/2006
IDÉIAS	SINTONIA MUSICAL	25/4/2006
IDÉIAS	LARS NORÉN: A FAMÍLIA E O TEATRO CONTEMPORÂNEO	11/8/2006
IDÉIAS	INTERPRETAÇÕES DO BRASIL	27/10/2006
IDÉIAS	6º PAINEL LEGENDA OCULTA NO BRASIL	8/11/2006
IDÉIAS	O RIO DE JANEIRO E A (RE)CONSTRUÇÃO DE LUGARES	9/11/2006
IDÉIAS	O CAPITALISMO COGNITIVO - COMUNICAÇÃO, LINGUAGEM, TRABALHO	7/12/2006
IDÉIAS	CAMINHOS DA MÚSICA - ENCONTRO DE FORMAÇÃO DE PLATÉIA	05 E 06/09 E 03 E 04/10/2006
IDÉIAS	LABORATÓRIO DO ESCRITOR 2006	06/04 A 05/10/2006
IDÉIAS	ENCONTRO ABERTO - DIÁLOGOS SOBRE A MÚSICA UNIVERSITÁRIA	14 A 16/12/2006
IDÉIAS	HISTÓRIA DA ARTE - EXPRESSÕES ATUAIS	16 A 26/05/2006
IDÉIAS	PARADIGMAS PARA AS ARTES VISUAIS NO SÉCULO XX - SEMINÁRIO INTERNACIONAL	17 A 21/05/2006
IDÉIAS	CICLO DE CONFERÊNCIAS "ARTE, CULTURA E EROTISMO"	21/02 A 24/03/2006
IDÉIAS	SEMINÁRIO HUTÚZ 2006	22 A 24/11/2006
IDÉIAS	PALESTRA - CERÂMICA E PORCELANA DO JAPÃO - A GERAÇÃO EMERGENTE	25 E 26/04/2006
IDÉIAS	PENSAMENTOS INSTIGANTES 2006 - FILOSOFIA E ARTE, PENSAMENTO E AÇÃO	25/01 A 29/11/2006
IDÉIAS	MOMENTOS DECISIVOS DO TEATRO BRASILEIRO	26/09 A 31/10/2006
IDÉIAS	CAMINHOS DA MÚSICA - ENCONTROS DE FORMAÇÃO DE PLATÉIA	28/06 A 04/10/2006
MÚSICA	GEOGRAFIA CARIOCA DO SAMBA	24/1/2006
MÚSICA	COPA-COZINHA	28/3/2006
MÚSICA	TRIO MOZART	13/5/2006
MÚSICA	HOUGAKU - MÚSICA CLÁSSICA TRADICIONAL JAPONESA	20/5/2006
MÚSICA	BAMBAMBÃS	30/5/2006
MÚSICA	SCHUMANN - 150 ANOS	28/6/2006
MÚSICA	JACKSON DO COCO, SAMBA, FORRÓ E PANDEIRO	25/7/2006
MÚSICA	RADAMÉS GNATALLI - 100 ANOS	29/8/2006

MÚSICA	ENCONTRO RIO ORLEANS	26/9/2006
MÚSICA	PEQUENO CADERNO DE MÚSICA POPULAR	19/11/2006
MÚSICA	HUTÚZ LATINO-AMERICANO 2006	28/11/2006
MÚSICA	YELLOW CAKE	9/12/2006
MÚSICA	MPBC - MÚSICA POPULAR BRASILEIRA CONTEMPORÂNEA	26/12/2006
MÚSICA	SUCESSOS DA ATLÂNTIDA	06/09 A 01/10/2006
MÚSICA	PASTORIL DA MATRIZ	14 A 30/12/2006
MÚSICA	MÚSICA DE CUBA	16/06 A 08/07/2006
MÚSICA	SAMBA GUARDADO	31/01 A 21/02/2006
TEATRO	INCIDENTE EM ANTARES	27/8/2006
TEATRO	VIDA DE BONECA	29/10/2006
TEATRO	AS TURCA	29/10/2006
TEATRO	ODIN TEATRET FESTIVAL	28/11/2006
TEATRO	HEDDA GABLER - WORK IN PROGRESS	17/12/2006
TEATRO	TODA NUDEZ SERÁ CASTIGADA	01/12/2005 A 26/02/2006
TEATRO	SAVINA	06/04 A 28/05/2006
TEATRO	MOLLY SWEENEY - UM RASTRO DE LUZ	07/09 A 29/10/2006
TEATRO	OUTONO E INVERNO	08/06 A 27/08/2006
TEATRO	O CÍRCULO DE GIZ CAUCASIANO	10/08 A 24/09/2006
TEATRO	SAUDADE EM TERRAS D'ÁGUA	12/01 A 12/02/2006
TEATRO	LEITOR POR HORAS	12/01 A 26/02/2006
TEATRO	COVA RASA	13/04 A 28/05/2006
TEATRO	CASSINO CORAÇÃO	15/06 A 30/07/2006
TEATRO	MOSTRA ESTUDANTIL DE TEATRO	16 A 26/03/2006

2007

Segmento	Título	Data
CINEMA/VÍDEO	CINEMA DE ASSALTO !	21/1/2007
CINEMA/VÍDEO	MOSTRA DO FILME LIVRE 2007	18/2/2007
CINEMA/VÍDEO	ROBERT BRESSON E O CINEMA CONTEMPORÂNEO	18/3/2007
CINEMA/VÍDEO	DREYER ESSENCIAL	18/3/2007
CINEMA/VÍDEO	MOSTRA ACIE 2007	15/4/2007
CINEMA/VÍDEO	BEM-VINDO SR. BERGMAN	13/5/2007
CINEMA/VÍDEO	CINESUL 2007 - FESTIVAL IBERO-AMERICANO DE CINEMA E VÍDEO	24/6/2007
CINEMA/VÍDEO	REVISÃO DO CINEMA CHINÊS CONTEMPORÂNEO	22/7/2007
CINEMA/VÍDEO	ASSIM VIVEMOS 2007 - FESTIVAL INTERNACIONAL DE FILMES SOBRE DEFICIÊNCIA	19/8/2007
CINEMA/VÍDEO	FESTIVAL CINECUFA - O CINEMA NA TELA DA FAVELA	16/9/2007
CINEMA/VÍDEO	VER CIÊNCIA 2007	14/10/2007
CINEMA/VÍDEO	CÂMERA, AÇÃO, JAPÃO !	16/12/2007
CINEMA/VÍDEO	FERNANDO TORRES - 80 ANOS	13 A 18/11/2007
CINEMA/VÍDEO	MOSTRA CINEMA NO CINEMA	13 A 18/12/2005
CINEMA/VÍDEO	HOMENAGEM A MARIO CARNEIRO	15 A 27/05/2007
CINEMA/VÍDEO	ARNALDO JABOR - 40 ANOS DE OPINIÃO PÚBLICA	16 A 28/10/2007
CINEMA/VÍDEO	ANALÓGICO DIGITAL	17 A 29/04/2007

CINEMA/VÍDEO	ROSSELLINI TV UTOPIA	18 A 30/09/2007
CINEMA/VÍDEO	FESTIVAL JODOROWSKY	20/11 A 02/12/2007
CINEMA/VÍDEO	INÉDITOS NO RIO 2007	21/02 A 04/03/2007
CINEMA/VÍDEO	A IDADE DA INOCÊNCIA	21/08 A 02/09/2007
CINEMA/VÍDEO	MOSTRA OS MELHORES FILMES DO ANO - ACCRJ 2007	23/01 A 04/02/2007
CINEMA/VÍDEO	É TUDO VERDADE 2007	23/03 A 01/04/2007
CINEMA/VÍDEO	ARTE EM MOVIMENTO - A FOTOGRAFIA NO CINEMA	24/07 A 05/08/2007
CINEMA/VÍDEO	MOSTRA TV GRANDES AUTORES	29/05 A 10/06/2007
CINEMA/VÍDEO	ANIMA MUNDI 2007 - 15º FESTIVAL INTERNACIONAL DE ANIMAÇÃO DO BRASIL	29/06 A 08/07/2006
CINEMA/VÍDEO	O BAÚ DE JIM JARMUSCH	30/10 A 11/11/2007
CINEMA/VÍDEO	CINEMA NACIONAL LEGENDADO 2007	JAN A DEZ 2007
DANÇA	4 MOVIMENTOS - 2007	29/4/2007
EDUCATIVO	FÉRIAS NO CCBB 2007	1/1/2007
EXPOSIÇÃO	SIRON FRANCO	05/03 A 06/05/2007
EXPOSIÇÃO	CHEMA MADOZ: POÉTICA	12/06 A 15/07/2007
EXPOSIÇÃO	LUSA - A MATRIZ PORTUGUESA	12/10/2007 A 10/02/2008
EXPOSIÇÃO	O BANCO DO BRASIL E SUA HISTÓRIA	13/02 A 04/03/2007
EXPOSIÇÃO	CHINA HOJE - COLEÇÃO ULI SIGG	15/05 A 15/07/2007
EXPOSIÇÃO	IMAGENS DO POVO: ESPORTE NA FAVELA	21/08 A 16/09/2007
EXPOSIÇÃO	MANIFESTO PORCO COM ARTE	21/08 A 16/09/2007
EXPOSIÇÃO	INSTANTÂNEOS DA FELICIDADE - FOTORIO 2007	22/05 A 15/07/2007
EXPOSIÇÃO	RETALHAR	24/07 A 16/09/2007
EXPOSIÇÃO	O BANCO DO BRASIL E AS ARTES GRÁFICAS	27/02 A 25/03/2007
EXPOSIÇÃO	IMPRESSÕES ORIGINAIS: A GRAVURA DESDE O SÉCULO XV	27/02 A 29/04/2007
EXPOSIÇÃO	AUTO-RETRATO FALADO	28/05 A 08/07/2007
EXPOSIÇÃO	BRASIL DESFOCUS [O OLHO DE FORA]	31/07 A 16/09/2007
IDÉIAS	LABORATÓRIO DO ESCRITOR 2007 - LYA LUFT	28/3/2007
IDÉIAS	PIRATAS DA CULTURA - COMUNICAÇÃO E CIDADANIA	24/4/2007
IDÉIAS	LABORATÓRIO DO ESCRITOR 2007 - PAULO LINS	9/5/2007
IDÉIAS	MARIO VARGAS LLOSA - ENCONTRO COM O ESCRITOR	12/6/2007
IDÉIAS	PALESTRA DA EXPOSIÇÃO AUTO-RETRATO FALADO	14/6/2007
IDÉIAS	LABORATÓRIO DO ESCRITOR - LUIS FERNANDO VERISSIMO	19/6/2007
IDÉIAS	MESA-REDONDA DA EXPOSIÇÃO FOTORIO "INSTANTÂNEO: O TEMPO INFINITO DA FOTOGRAFIA"	20/6/2007
IDÉIAS	IDEOGRAMAS E A CULTURA CHINESA	26/6/2007
IDÉIAS	ENCONTROS LITERÁRIOS: CÉSAR AIRA E GUILLERMO ARRIAGA	10/7/2007
IDÉIAS	PALESTRA COM CHEMA MADOZ	12/7/2007
IDÉIAS	LABORATÓRIO DO ESCRITOR 2007 - MARÇAL AQUINO	4/9/2007
IDÉIAS	ENCONTRO IMAGENS DO POVO - ESPORTE NA FAVELA	11/9/2007
IDÉIAS	LABORATÓRIO DO ESCRITOR 2007 - CARLOS HEITOR CONY	16/10/2007
IDÉIAS	LABORATÓRIO DO ESCRITOR 2007 - ANA MARIA MACHADO	16/10/2007
IDÉIAS	SEMINÁRIO HUTÚZ 2007	21/11/2007
IDÉIAS	MÚSICA EM CONVERSA 2007	04/08 A 08/11/2007
IDÉIAS	PENSAMENTOS INSTIGANTES 2007	07/02 A 28/11/2007
IDÉIAS	1000 PALAVRAS	16 A 19/10/2007

IDÉIAS	ENCONTROS RETALHAR	21 A 30/08/2007
IDÉIAS	REAÇÕES	23 A 26/10/2007
IDÉIAS	ERRÁTICA - POEMA AO VIVO	27/03 A 05/06/2007
IDÉIAS	LABORATÓRIO DO ESCRITOR 2007	MARÇO A NOVEMBRO
MÚSICA	ESCULTORES DO VENTO 1997	28/1/1997
MÚSICA	COROS E CORAIS - NATAL CCB 1998	27/12/1998
MÚSICA	CONCERTOS DE PÁSCOA 2004 - CAMERATA BACH	11/4/2004
MÚSICA	SEMENTES	23/1/2007
MÚSICA	SAMBA DE BREQUE E OUTRAS BOSSAS	25/2/2007
MÚSICA	ARMORIAL	27/3/2007
MÚSICA	BRAGUINHA - 100 ANOS DE MÚSICA	24/4/2007
MÚSICA	MARINA BRANDÃO - CONCERTO DE PIANO	20/5/2007
MÚSICA	2º FESTIVAL INTERNACIONAL DE HARPAS	26/5/2007
MÚSICA	NOVA CAPELA	29/5/2007
MÚSICA	SONS DA EUROPA	26/6/2007
MÚSICA	PIANÍSSIMO	31/7/2007
MÚSICA	PARA SEMPRE NOEL	28/8/2007
MÚSICA	ELECTRONÓIDE	22/9/2007
MÚSICA	UM PAINEL DA MÚSICA DE CÂMARA DE CAMARGO GUARNIERI	25/9/2007
MÚSICA	70 BÊNÇÃOS, BADEN POWELL	23/10/2007
MÚSICA	HUTÚZ LATINO-AMERICANO 2007	06A 27/11/2007
MÚSICA	O PESCADOR E SUA ALMA	08/03 A 01/04/2007
MÚSICA	MÚSICA DO PAN	08/06 A 01/07/2007
MÚSICA	TRÊS ÓPERAS EM UM ATO	08/11 A 02/12/2007
MÚSICA	MÚSICA NO MUSEU - 10 ANOS	17/11 A 01/12/2007
MÚSICA	LÍRICAS E POPULARES	30/01 A 27/02/2007
TEATRO	MOSTRA INTERNACIONAL DE TEATRO - CENA PORTUGUESA	14/10/2007
TEATRO	SELEÇÃO BRASIL EM CENA - A TRAGÉDIA DE ISMENE - A PRINCESA DE TEBAS	30/12/2007
TEATRO	SELEÇÃO BRASIL EM CENA - LEITURAS DRAMATIZADAS	30/12/2007
TEATRO	OS DEMÔNIOS	08/06 A 08/07/2007
TEATRO	ARIANO	11/05 A 15/07/2007
TEATRO	DÁ UM JEITINHO AÍ	12/01 A 25/02/2007
TEATRO	GRAPHIC	12/04 A 27/05/2007
TEATRO	VIGOR MORTIS - PROGAMA DUPLO - CAIXA COM UM BOTÃO E MOBY DICK E AHAB NA TERRA DO SOL	12/04 A 27/05/2007
TEATRO	DIÁLOGOS COM MOLLY BLOOM	12/07 A 26/08/2007
TEATRO	HOMEMÚSICA	13/09 A 28/10/2007
TEATRO	MÃE CORAGEM	13/12/2007 A 02/03/2008
TEATRO	MOSTRA ESTUDANTIL DE TEATRO 2007	15/03 A 01/04/2007
TEATRO	VALENTE !	15/11 A 23/12/2007
TEATRO	BESOURO CORDÃO DE OURO	15/12/2007 A 28/01/2007
TEATRO	CAROLINA	18/10 A 25/11/2007
TEATRO	HEDDA GABLER	21/12/2006 A 25/02/2007
TEATRO	O RELATO ÍNTIMO DE MADAME SHAKESPEARE	26/07 A 09/09/2007

ANEXO II – QUESTIONÁRIO PÚBLICO

PESQUISA – PÚBLICO CCBB – INCLUSÃO SOCIAL POR ATIVIDADES CULTURAIS

Informações Básicas:

1º nome: _____ Idade: _____ Ocupação/Profissão: _____ Bairro em que reside: _____

Perguntas:

1- Com que frequência você visita o CCBB?

() todo dia () uma vez por semana () uma vez por mês

() uma vez por semestre () raramente

2- O que mais o motiva você a visitar o CCBB?

3- O que você viu de mais marcante nos últimos 5 anos no CCBB?

4- Quais das exposições abaixo você visitou:

() Antes da Pré-História () África () Por Ti América () Lusa

5- As exposições acima trabalham a questão da identidade do povo brasileiro a partir de nossas origens. Você considera isto importante?

() Sim () Não

Porquê?

6- Alguma exposição, algo que você tenha assistido, no CCBB, modificou a sua forma de se relacionar com o mundo?

() Sim () Não

Caso sim exemplifique:

7- Você considera que as atividades culturais realizadas pelo CCBB que exponham e ou debatam problemas da realidade brasileira como a miséria, a violência etc, são capazes de melhorar a relação entre as pessoas na sociedade?

() Sim () Não

Por quê?

8- Você tem interesse por este tipo de atividade cultural ou busca no CCBB apenas entretenimento?

() sim () não, busco apenas entretenimento no espaço

9- Você acredita que a realização de atividades culturais, como as desenvolvidas no CCBB, são capazes de promover inclusão social na sociedade brasileira?

() sim () não

Por quê?

10- Você se considera um excluído social na atual sociedade brasileira?

() sim () não

Por quê?